



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – *CAMPUS I*
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE – PPGEDUC
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE**

IÊDA RODRIGUES DA SILVA BALOGH

**A ESPETACULARIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: O
bullying e o suicídio como efeito devastador na educação**

SALVADOR

2020

IÊDA RODRIGUES DA SILVA BALOGH

**A ESPETACULARIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: O
bullying e o suicídio como efeito devastador na educação**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade do Departamento de Educação, *Campus I*, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção do Título de Doutorado.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sueli Ribeiro Mota Souza.

SALVADOR

2020

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

BALOGH, IÉDA RODRIGUES DA SILVA

A ESPETACULARIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: O bullying e o suicídio como efeito devastador na educação / IÉDA RODRIGUES DA SILVA BALOGH.-- Salvador, 2020.

274 fls : il.

Orientador(a): SUELI RIBEIRO MOTA SOUZA.

Inclui Referências

Tese (Doutorado) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, Câmpus I. 2020.

1.Violência na escola. 2.Bullying. 3.Cyberbullying. 4.Suicídio. 5.Fenomenologia.

CDD: 370

FOLHA DE APROVAÇÃO

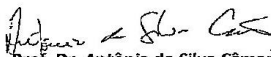
A ESPETACULARIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: O BULLYING E O SUICÍDIO COMO EFEITO DEVASTADOR NA EDUCAÇÃO

IÊDA RODRIGUES DA SILVA BALOGH

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc, em 12 de agosto de 2020, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



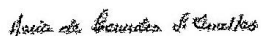
Profa. Dra. Sueli Ribeiro Mota Souza
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Doutorado em Ciências Sociais
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil



Prof. Dr. Antônio da Silva Câmara
Universidade Federal da Bahia - UFBA
Doutorado em Sociologia.
Université Paris Diderot, PARIS 7, França



Profa. Dra. Miriam Abramovay
Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais – FLACSO
Doutorado em Education Psychologie Information et Communication
Université Lumière Lyon2, UNIVLYON2, França



Profa. Dra. Maria de Lourdes Soares Omellas Farias
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Doutorado em Psicologia da Educação
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil



Profa. Dra. Patrícia Lessá Santos Costa
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Ciências Sociais
Universidade Federal da Bahia – UFBA, Brasil

À memória de todas as(os) jovens vítimas de suicídio ocasionado pelo *bullying* e *cyberbullying* mundo afora, que foram impedidas(os) de crescer.

In Memoriam: Megan Taylor Meier, Amanda Michelle Todd, Marion Fraise, Gianna Laura Fabi, Roliver de Jesus dos Santos e Vítor Augusto Gomes de Santana.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é um sentimento que faz parte da vida de todos aqueles que abrem o seu coração para o próximo: a gratidão faz parte da minha essência. Sou grata por ter conseguido chegar até este momento, e tenho consciência de que muitas mãos me impulsionaram. A elas sou muito grata, e agora, relaciono aqui as que estiveram mais presentes em minha jornada. Primeiro no plano espiritual, depois no plano terreno.

E por acreditar em uma força suprema que me move, acolhe e guia, agradeço a Deus, meu grande protetor, minha mais sincera gratidão.

Aquela que me cobre com seu manto, emanando boas energias para que eu me levante a cada queda, agradeço a Nossa Senhora de Fátima, pela sua intercessão na minha vida.

Aportando na terra, começo com uma pessoa extraordinária, minha orientadora, a Prof.^a Dr.^a Sueli Mota, exemplo de professora, de ser humano, de mentora. Obrigada pelos ensinamentos, pelo respeito, pela seriedade, pela força, por ter acreditado em mim. Minha chefe!

Aos membros da banca examinadora, pelas pertinentes considerações que enriqueceram minha pesquisa. À Prof.^a Dr.^a Patrícia Lessa, pelo incentivo em enfrentar um curso de doutorado, por acreditar que era possível. Ao Prof. Dr. Antônio Câmara, sempre com grandes ensinamentos, desde a graduação, esse ser humano especial, que tenho grande apreço. À Prof.^a Dr.^a Lourdinha Ornellas, que encanta e tranquiliza quando fala, e tive orgulho de ser aluna nesse curso. A Prof.^aDr.^a Miriam Abramovay, grande pesquisadora e contribuinte, que me fez entender muitas nuances da violência na escola.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação, que tive a honra de ser aluna. Obrigada pelos ensinamentos e pelas interrogações geradas!

A minha turma do doutorado, que felicidade ter feito parte desse grupo maravilhoso: Rita Magalhães, Maria Rita, Ivandilson, Lúcio, Walter, Cristina, Grazy, Ivete, Sílvia, Mary Galvão, Kátia, Lúcia, Mille, Michael, Dalva, Alcício, Marcus, Luciene, Danton e Laís. Sou feliz e agradeço por ter participado dessa turma!

Aos funcionários da secretaria do curso, em especial a querida Sônia, sempre disponível em ajudar nas questões burocráticas, que não foram poucas. Gratidão!

Agradeço a Diego Andrade, funcionário do setor de informática desse departamento, meu socorro nas questões de download e upload.

Ao amigo Valdélvio Silva e as amigas Carla Liane e Regina Vieira, pessoas que admiro e respeito. Sou grata por conviver com vocês. Tamo juntas!

Agradecimentos à família, que está sempre junta e misturada, gostando ou não das ausências necessárias, em especial ao companheiro Júnior e minha filha Mona. Podem se preparar porque eu tô voltando!

A minha mãe, Dona Mera, em memória, que apesar do pouco estudo, sabia da importância da educação na formação das suas filhas: mulheres, negras, e por isso, exigia tanto que todas nós estudássemos, uma defensora da educação. Gratidão além da vida.

Aos demais parentes, que não são serpentes, ao meu irmão Joca, pelo incentivo e apoio a minha vida escolar, as irmãs Sinneya, Estela e Ninha, expectadoras da minha jornada, a minha sogra Lourdinha, os cunha Charles, Tina e Baca, as sobrinhas estudiosas, Ananda, Clara e Vivi. Meu pessoal!

Aos amigos e amigas, que torcem por mim, destaque especial para Guigui, por sua reciprocidade e força, e Lucídia Ventim, uma amigona pra todas as horas, que nunca lhe deixa na mão, uma pessoa de coração imenso. Lú, gratidão pelo ser humano que é.

Agradeço à vida, agradeço a beleza de ser uma eterna aprendiz, como já dizia Gonzaguinha: eu sei, que a vida devia ser bem melhor e será, mas isso não impede que eu repita, é bonita, é bonita, e é bonita!!!

Mais Uma Vez

Mas é claro que o sol vai voltar amanhã
Mais uma vez, eu sei
Escuridão já vi pior, de endoidecer gente sã
Espera que o sol já vem

Tem gente que está do mesmo lado que você
Mas deveria estar do lado de lá
Tem gente que machuca os outros
Tem gente que não sabe amar
Tem gente enganando a gente
Veja a nossa vida como está
Mas eu sei que um dia a gente aprende
Se você quiser alguém em quem confiar
Confie em si mesmo
Quem acredita sempre alcança!

Mas é claro que o sol [...]
[...] já vem

Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena
Acreditar no sonho que se tem
Ou que seus planos nunca vão dar certo
Ou que você nunca vai ser alguém
Tem gente que machuca os outros
Tem gente que não sabe amar
Mas eu sei que um dia a gente aprende
Se você quiser alguém em quem confiar
Confie em si mesmo
Quem acredita sempre alcança!

Quem acredita sempre alcança!
Quem acredita sempre alcança!
Quem acredita sempre alcança!

(Renato Russo e Flávio Venturini, 1987)

RESUMO

Esta investigação é sobre o *bullying*, *cyberbullying* e suicídio na escola, descreve como esses fenômenos são constituídos em filmes ficcionais e em videorreportagens disponíveis na internet, assim como, demonstra a forma como essas histórias podem colaborar para o debate e prevenção desses fenômenos na escola. Questiona-se: como os fenômenos *bullying*, nas suas variadas manifestações e o suicídio, no contexto da violência na escola, foram constituídos nos filmes ficcionais e videorreportagens pesquisados e de que forma essas histórias podem ser utilizadas como estratégias de discussão e enfrentamento desses problemas no contexto educativo? Em termos mais específicos, apresenta como os personagens fictícios, as vítimas, as famílias e as escolas experienciaram as variadas formas de *bullying* e suicídio. Mostra como o *bullying* e *cyberbullying* instigam o suicídio egoísta de vítimas adolescentes nas escolas, expõe as ações de combate a esses fenômenos mostradas no material estudado e a ocorrência dessas ações no contexto real. Destaca também as contribuições do cinema ficcional para as discussões sobre essas temáticas com o público juvenil. O estudo foi realizado à luz da fenomenologia na pesquisa em educação, que permite retratar o fato como ele é. Nas discussões epistemológicas contamos com os diálogos traçados nos estudos de Husserl (2008), Schutz (1979), Bicudo (1994), etc. Sobre a metodologia adequada ao estudo, contamos com Amado (2014), Bogdan e Biklen (2013), Loizos (2003), Rose (2003), acrescentando as contribuições de Gardies (2007), Ramos (2003), etc., sobre o cinema e as imagens como material de pesquisa. Nas discussões sobre a violência, o *bullying* e o *cyberbullying* alguns trabalhos de Abramovay (2002, 2012, 2015), Olweus (1993, 2006, 2013), Fante (2008, 2012), etc. fundamentaram a discussão dessa pesquisa. Nos estudos de Durkheim (2000) e outros pesquisadores, fundamentamos a nossa discussão sobre o suicídio. Verificamos, então, que a escola ocupa, cada vez mais, lugar de produtora e reprodução da cultura da violência, e vem se destacando nas mídias encenando verdadeiros espetáculos. A convivência entre alunos é marcada pelo confronto e agressividade, e o *bullying* e *cyberbullying* têm se tornado um dos fenômenos mais inquietantes da realidade educacional, portanto, é urgente formular ações de combate a essas violências que atingem os adolescentes dentro e fora da escola, isso refletirá na incidência de suicídios ocasionados por esse problema nessa fase da vida, garantindo que eles tenham um futuro. Filmes ficcionais e videorreportagens disponíveis na internet permitem acessar dados e informações sobre esses fenômenos e favorecem a ampliação das discussões. A escola precisa ser vista enquanto espaço qualificado para a discussão sobre essas temáticas, ela não pode ser tomada como um campo isolado da sociedade. Os adolescentes, com o suicídio, pretendem eliminar o sofrimento do qual são vítimas, reconhecer o problema do *bullying* e *cyberbullying* sofrido por eles e falar do suicídio enquanto possibilidade de caminho trágico é uma realidade.

Palavras-chave: Violência na escola. *Bullying*. *Cyberbullying*. Suicídio. Fenomenologia.

ABSTRACT

This investigation is about bullying, cyberbullying and suicide at school, describing how these phenomena are depicted in the medium of cinema and in video reports available on the internet, as well as demonstrating how these stories can contribute to their debate and prevention. The question is: how bullying, in its various manifestations and suicide, in the context of violence at school, were portrayed in fictional films and video news researched? And how can these stories be used as strategies for discussing and facing these problems in an educational context? In more specific terms, it presents how fictional characters, victims, families and schools experienced the various forms of bullying and suicide. It shows how bullying and cyberbullying instigate the selfish suicide of adolescent victims in schools, exposes the actions to combat these phenomena shown in the material studied and the occurrence of these actions in the real context. It also highlights the contributions of fictional cinema to the discussions on these themes with the youth audience. The study was carried out in the light of phenomenology in educational research, which allows us to portray the fact as it is. In the epistemological discussions we rely on the dialogues outlined in the studies of Husserl (2008), Schutz (1979), Briceno (1994), etc. Regarding the appropriate methodology for the study, we have Amado (2014), Bogdan and Biklen (2013), Loizos (2003), Rose (2003), adding the contributions of Gardies (2007), Ramos (2003), etc., on the cinema and images as research material. In the discussions on violence, bullying and cyberbullying, some works by Abramovay (2002, 2012, 2015), Olweus (1993, 2006, 2013), Fante (2008, 2012), etc. justified the discussion of this research. In the studies by Durkheim (2000) and other researchers, we ground our discussion of suicide. We verified, then, that the school occupies, more and more, a place of producer and reproduction of the culture of violence, and has been standing out in the media staging real shows. The coexistence between students is marked by confrontation and aggressiveness, and bullying and cyberbullying have become one of the most disturbing phenomena of the educational reality, therefore, it is urgent to formulate actions to combat these violence that affect adolescents inside and outside the school, this it will reflect on the incidence of suicides caused by this problem at this stage of life, ensuring that they have a future. Fictional films and video reports available on the internet allow access to data and information about these phenomena and favor the expansion of discussions. The school needs to be seen as a qualified space for the discussion on these themes, it cannot be taken as an isolated field of society. Adolescents, with suicide, intend to eliminate the suffering of which they are victims, recognize the problem of bullying and cyberbullying suffered by them and talk about suicide as a possibility of a tragic path is a reality.

Keywords: Violence at school. Bullying. Cyberbullying. Suicide. Phenomenology.

RESUMEN

Esta investigación trata sobre el acoso escolar, el ciberacoso y el suicidio en la escuela, describe cómo estos fenómenos se constituyen en películas de ficción y en informes de video disponibles en Internet, y demuestra cómo estas historias pueden colaborar para el debate y la prevención de estos fenómenos en la escuela. Se cuestiona: cómo los fenómenos de intimidación, en sus diversas manifestaciones y suicidios, en el contexto de la violencia en la escuela, se constituyeron en las películas de ficción y en los informes de video investigados y cómo estas historias se pueden utilizar como estrategias para discutir y hacer frente a estos problemas en contexto educativo? En términos más específicos, presenta cómo los personajes de ficción, las víctimas, las familias y las escuelas experimentaron las diversas formas de intimidación y suicidio. Muestra cómo el acoso escolar y el acoso cibernético instigan el suicidio egoísta de las víctimas adolescentes en las escuelas, expone las acciones para combatir estos fenómenos mostrados en el material estudiado y la ocurrencia de estas acciones en el contexto real. También destaca las contribuciones del cine ficticio a las discusiones sobre estos temas con el público juvenil. El estudio se realizó a la luz de la fenomenología en la investigación educativa, lo que nos permite retratar el hecho tal como es. En las discusiones epistemológicas confiamos en los diálogos esbozados en los estudios de Husserl (2008), Schutz (1979), Briceno (1994), etc. En cuanto a la metodología apropiada para el estudio, tenemos a Amado (2014), Bogdan y Biklen (2013), Loizos (2003), Rose (2003), agregando las contribuciones de Gardies (2007), Ramos (2003), etc. cine e imágenes como material de investigación. En las discusiones sobre violencia, bullying y ciberacoso, algunos trabajos de Abramovay (2002, 2012, 2015), Olweus (1993, 2006, 2013), Fante (2008, 2012), etc. justificó la discusión de esta investigación. En los estudios de Durkheim (2000) y otros investigadores, fundamentamos nuestra discusión sobre el suicidio. Verificamos, entonces, que la escuela ocupa, cada vez más, un lugar de producción y reproducción de la cultura de la violencia, y se ha destacado en los medios de comunicación presentando espectáculos reales. La convivencia entre estudiantes está marcada por la confrontación y la agresividad, y el bullying y el cyberbullying se han convertido en uno de los fenómenos más perturbadores de la realidad educativa, por lo tanto, es urgente formular acciones para combatir estas violencias que afectan a los adolescentes dentro y fuera de la escuela, esto reflexionará sobre la incidencia de suicidios causados por este problema en esta etapa de la vida, asegurando que tengan futuro. Las películas ficticias y los informes de video disponibles en Internet permiten el acceso a datos e información sobre estos fenómenos y favorecen la expansión de las discusiones. La escuela necesita ser vista como un espacio calificado para la discusión sobre estos temas, no puede tomarse como un campo aislado de la sociedad. Los adolescentes, con suicidio, tienen la intención de eliminar el sufrimiento del que son víctimas, reconocen el problema del acoso y el ciberacoso que sufren y hablan del suicidio como una posibilidad de un camino trágico es una realidad.

Palabras clave: Violencia en la escuela. Intimidación. Cyberbullying. Suicidio. Fenomenología.

RÉSUMÉ

Cette enquête porte sur l'intimidation, la cyberintimidation et le suicide à l'école, décrit comment ces phénomènes sont constitués dans des films de fiction et des reportages vidéo disponibles sur Internet, ainsi que la démonstration de la manière dont ces histoires peuvent contribuer au débat et à la prévention de ces phénomènes à l'école. On s'interroge: comment les phénomènes de harcèlement, dans leurs diverses manifestations et le suicide, dans le contexte de la violence à l'école, se sont constitués dans les films de fiction et les reportages vidéo recherchés et comment ces histoires peuvent être utilisées comme stratégies pour discuter et affronter ces problèmes dans un contexte éducatif? Plus précisément, il présente comment les personnages fictifs, les victimes, les familles et les écoles ont vécu les différentes formes de harcèlement et de suicide. Il montre comment le harcèlement et la cyberintimidation provoquent le suicide égoïste des adolescents victimes dans les écoles, expose les actions de lutte contre ces phénomènes illustrées dans le matériel étudié et la survenue de ces actions dans le contexte réel. Il met également en lumière les contributions du cinéma fictif aux discussions sur ces thèmes avec le public des jeunes. L'étude a été réalisée à la lumière de la phénoménologie dans la recherche pédagogique, ce qui permet de dépeindre le fait tel qu'il est. Dans les discussions épistémologiques, nous nous appuyons sur les dialogues esquissés dans les études de Husserl (2008), Schutz (1979), Briceno (1994), etc. Concernant la méthodologie appropriée pour l'étude, nous avons Amado (2014), Bogdan et Biklen (2013), Loizos (2003), Rose (2003), en ajoutant les contributions de Gardies (2007), Ramos (2003), etc., sur le cinéma et les images comme matériel de recherche. Dans les discussions sur la violence, le harcèlement et la cyberintimidation, certains travaux d'Abramovay (2002, 2012, 2015), Olweus (1993, 2006, 2013), Fante (2008, 2012), etc. justifient la discussion de cette recherche. Dans les études de Durkheim (2000) et d'autres chercheurs, nous fondons notre discussion sur le suicide. On voit donc que l'école occupe de plus en plus la place de producteur et de reproduction de la culture de la violence, et s'est démarquée dans les médias mettant en scène de vrais spectacles. La coexistence entre élèves est marquée par la confrontation et l'agressivité, et le harcèlement et la cyberintimidation sont devenus l'un des phénomènes les plus inquiétants de la réalité éducative, il est donc urgent de formuler des actions pour lutter contre ces violences qui affectent les adolescents à l'intérieur et à l'extérieur de l'école, ce qui a conduit à l'incidence des suicides causés par ce problème à ce stade de la vie, en s'assurant qu'ils ont un avenir. Les films de fiction et les reportages vidéo disponibles sur Internet permettent d'accéder aux données et aux informations sur ces phénomènes et favorisent l'élargissement des discussions. L'école doit être vue comme un espace qualifié pour la discussion sur ces thèmes, elle ne peut pas être considérée comme un champ isolé de la société. Les adolescents, avec le suicide, entendent éliminer la souffrance dont ils sont victimes, reconnaissent le problème de l'intimidation et de la cyberintimidation dont ils souffrent et parlent du suicide comme une possibilité de chemin tragique est une réalité.

Mots clés: Violence à l'école. Harcèlement. Harcèlement sur internet. Suicide. Phénoménologie.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	- Filmes e evidências de bullying e suicídio	51
Quadro 2	- Ficha Técnica do filme 01	53
Quadro 3	- Ficha Técnica do filme 02	54
Quadro 4	- Videorreportagem e evidências de bullying e suicídio	57
Quadro 5	- Videorreportagem 1, a história de <i>Megan Taylor Meier</i>	58
Quadro 6	- Videorreportagem 2, a história de <i>Amanda Michelle Todd</i> ..	59
Quadro 7	- Videorreportagem 3, a história de <i>Marion Fraise</i>	59
Quadro 8	- Videorreportagem 4, a história de Roliver de Jesus dos Santos	60
Quadro 9	- Videorreportagem 5, a história de Gianna Laura Fabi	60
Quadro 10	- Videorreportagem 6, a história de Vítor Augusto Gomes de Santana	61
Quadro 11	- Pluralidade de termos	70
Quadro 12	- Estatística do Suicídio no Brasil – 2015 e 2016	109
Quadro 13	- Fases do <i>bullying</i> tradicional	181
Quadro 14	- Fases do cyberbullying	182
Quadro 15	- Filme Marion 13 ans pour toujours.....	227
Quadro 16	- Características psicopatológicas suicidas	246

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	- Interface do <i>site Google</i> , busca do filme por assunto	48
Imagem 2	- Interface do <i>site YouTube</i> , busca por filmes	49
Imagem 3	- Interface do <i>site Google</i> , busca por produções brasileiras..	52
Imagem 4	- Filme 01 - <i>Bullying</i> - Provocações Sem Limites	53
Imagem 5	- Filme 02 - Silêncio Rompido	54
Imagem 6	- Interface do <i>site Google</i> , busca por videorreportagens sobre <i>bullying</i> e suicídio	55
Imagem 7	- Interface do <i>site YouTube</i> , busca por videorreportagem I ..	56
Imagem 8	- Interface do <i>site YouTube</i> , busca por videorreportagem II ..	56
Imagem 9	- Interface do <i>site YouTube</i> , o suicídio de <i>Megan Taylor Meier</i>	59
Imagem 10	- Interface do <i>site YouTube</i> , o suicídio de <i>Amanda Michelle Todd</i>	59
Imagem 11	- Interface do <i>site YouTube</i> , o suicídio de <i>Marion Fraisse</i>	60
Imagem 12	- Interface do <i>site YouTube</i> , o suicídio de Roliver de Jesus dos Santos	60
Imagem 13	- Interface do <i>site YouTube</i> o suicídio de Gianna Laura Fabi61	
Imagem 14	- Interface do <i>site YouTube</i> , o suicídio de Vítor Augusto Gomes de Santana.....	61
Imagem 15	- The bullying circle de Dan Olweus.....	78
Imagem 16	- VR1 <i>Megan Taylor Meier</i>	140
Imagem 17	- VR2 <i>Amanda Michelle Todd</i>	147
Imagem 18	- Cartazes de Amanda Todd	151
Imagem 19	- <i>Amanda Todd</i> primeiro caso relacionado	154
Imagem 20	- VR3 <i>Marion Fraisse</i>	158
Imagem 21	- VR4 Roliver de Jesus dos Santos.....	163
Imagem 22	- Programa Sônia Abrão – Caso Roliver	166
Imagem 23	- Carta de Roliver para Gugu	167
Imagem 24	- VR5 Gianna Laura Fabi.....	170
Imagem 25	- Última mensagem de Gianna.....	172
Imagem 26	- VR6 Vítor Augusto Gomes de Santana.....	177
Imagem 27	- Caixa D'água de onde Vítor se jogou	178
Imagem 28	- Texto do Inquérito Policial.....	179
Imagem 29	- Fragmentos da carta de Marion	193
Imagem 30	- Automutilação de Amanda Todd	206
Imagem 31	- Filme Brasileiro Luna	215
Imagem 32	- Site da Fundação Megan Meyer	221
Imagem 33	- Caso mais visualizado do fenômeno.....	223
Imagem 34	- Associação Marion La Main Tendue	228
Imagem 35	- Busca por campanhas antibullying no mundo.....	231
Imagem 36	- A experiência com o Kiva	232
Imagem 37	- A busca por campanhas no Brasil.....	234
Imagem 38	- Companhia #édaminhaconta	235
Imagem 39	- Busca Por Campanhas na Bahia	236
Imagem 40	- #SejaBrother Campanha do MP Bahia	236
Imagem 41	- Site da CVV.....	238

Imagem 42 - Twitter da CVV	238
Imagem 43 - Facebook da CVV	238
Imagem 44 - Instagram da CVV	239
Imagem 45 - Origem do nome Setembro Amarelo.....	240
Imagem 46 - Mike Emme e o Ford amarelo	241
Imagem 47 - O Laço Amarelo do Setembro Amarelo	241
Imagem 48 - Site do Setembro Amarelo	242
Imagem 49 - Cristo Redentor (RJ/RJ) no Setembro Amarelo	243
Imagem 50 - Elevador Lacerda (SSA/BA) no Setembro Amarelo	243
Imagem 51 - Setembro Amarelo em municípios (RR).....	244
Imagem 52 - Setembro Amarelo em municípios (ES)	244
Imagem 53 - Setembro Amarelo Salvador-Ba.....	244
Imagem 54 - Setembro Amarelo em municípios (BA)	244
Imagem 55 - Setembro Amarelo 2019 Metrô I	245
Imagem 56 - Setembro Amarelo 2019 Metrô II	245
Imagem 57 - Setembro Amarelo 2019 Av.I	245
Imagem 58 - Setembro Amarelo 2019 Av.II	245

LISTA DE FOTOGRAMAS

Fotograma 01	- Cena tortura I – F1(1)	119
Fotograma 02	- Cena de tortura II– F1(2)	119
Fotograma 03	- Sexo forçado– F1(3)	121
Fotograma 04	- Agressão física I– F1(4).....	122
Fotograma 05	- Agressão física II– F1(5).....	122
Fotograma 06	- Sofrimento Profundo– F1(6)	123
Fotograma 07	- Desistência da vida– F1(7)	123
Fotograma 08	- Piadas e insultos – F2(1)	127
Fotograma 09	- Ridicularização F2(2).....	127
Fotograma 10	- Pichação F2(3)	127
Fotograma 11	- Humilhação F2(4)	127
Fotograma 12	- Vídeo de despedida F2(5)	127
Fotograma 13	- Suicídio F2(6)	127
Fotograma 14	- Mãe aconselha filha F2(7)	129
Fotograma 15	- Desistência da relação sexual F2(8).....	129
Fotograma 16	- Nudes F2(9).....	130
Fotograma 17	- Cena de despedida da mãe de Jordi – F1(8).....	186
Fotograma 18	- Contato com armas em casa F1(9).....	187
Fotograma 19	- Participação na vida cotidiana da filha – F2(10)	188
Fotograma 20	- Tentativa de diálogo com a filha F2(11).....	189

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	18
2	CAMINHOS PERCORRIDOS NA INVESTIGAÇÃO.....	29
2.1	Pressupostos epistemológicos dessa pesquisa	29
2.2	Sobre as técnicas e o <i>corpus</i> da pesquisa.....	38
2.3	Filmes ficcionais e videorreportagens como <i>corpus</i> da pesquisa.....	41
2.4	O Processo de seleção dos filmes ficcionais e videorreportagens	46
2.5	Videorreportagens de casos verdadeiros de <i>bullying</i> e suicídio na escola	54
2.6	Os jovens evidenciados na pesquisa	62
3	SOBRE A VIOLÊNCIA NA ESCOLA: O <i>BULLYING</i> E O <i>CYBERBULLYING</i>	65
3.1	O <i>bullying</i> protagonizando tragédias suicidas dentro e fora da escola	69
3.2	O medo como condição essencial para a ocorrência do <i>bullying</i>	73
3.3	Perfil da Vítima do <i>bullying</i>	78
3.4	Perfil do Agressor do <i>bullying</i>	79
3.5	Tipificação do <i>bullying</i>	80
3.6	A Especificidade do <i>Cyberbullying</i>	86
3.7	Instituição de leis para conter o <i>bullying</i> e o <i>cyberbullying</i> no Brasil.....	89
4	O FENÔMENO SUICÍDIO: UMA QUESTÃO SOCIAL	93
4.1	Algumas considerações sobre o suicídio em Émile Durkheim	93
4.2	Algumas considerações sobre o suicídio em Karl Marx.....	99
4.3	Falando um pouco sobre a história do suicídio.....	101
4.4	A morte como saída de um problema na escolar: algumas informações sobre o <i>bullying</i> e o suicídio de jovens.....	105
4.5	O sofrimento do “eu” no cenário do <i>bullying</i> e do suicídio.....	111
5	A EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES COM O <i>BULLYING</i> E O SUICÍDIO A PARTIR DE FILMES FICCIONAIS E VIDEORREPORTAGENS	116
5.1	Descrevendo o filme – <i>Bullying</i> , provocações sem limites	117
5.2	Como Jordi experienciou o <i>bullying</i> e o suicídio	123
5.3	Descrevendo o filme – <i>Silêncio Rompido</i>	126
5.4	Como Dina experienciou o <i>bullying</i> e o suicídio	137
5.5	Videorreportagem: descrevendo a história de Megan Taylor Meier ..	140
5.6	Como Megan experienciou o <i>bullying</i> e o suicídio.....	146
5.7	Videorreportagem: descrevendo a história de Amanda Michelle Todd.....	147
5.8	Como Amanda experienciou o <i>bullying</i> e o suicídio	154
5.9	Videorreportagem: descrevendo a história de Marion Fraise.....	158
5.10	Como Marion experienciou o <i>bullying</i> e o suicídio	162
5.11	Videorreportagem: descrevendo a história de Roliver de Jesus dos Santos	163
5.12	Como Roliver experienciou o <i>bullying</i> e o suicídio	168
5.13	Videorreportagem: descrevendo a história de Gianna Laura Fabi.....	170
5.14	Como Gianna experienciou o <i>bullying</i> e o suicídio	175
5.15	Videorreportagem: descrevendo a história de Vítor Augusto Gomes de Santana	177

5.16	Como Vítor experienciou o bullying e o suicídio	179
5.17	O Círculo do Bullying e do Cyberbullying	181
6	A EXPERIÊNCIA DA FAMÍLIA E DA ESCOLA COM O BULLYING, CYBERBULLYING E SUICÍDIO	183
6.1	A vivência da família com o bullying e o suicídio no filme <i>Bullying: Provocações sem limites</i>	184
6.2	A vivência da família com o cyberbullying e o suicídio no filme <i>Silêncio Roubado</i>	187
6.3	A vivência da família de Megan Taylor Meier com o bullying, cyberbullying e o suicídio	190
6.4	A vivência da família de Amanda Michelle Todd com o bullying, cyberbullying e o suicídio	192
6.5	A vivência da família de Marion Fraise com o bullying, cyberbullying e o suicídio.....	193
6.6	A vivência da família de Roliver de Jesus dos Santos com o bullying, cyberbullying e o suicídio	194
6.7	A vivência da família de Gianna Laura Fabi com o bullying, cyberbullying e o suicídio	195
6.8	A vivência da família de Vítor Augusto Gomes de Santana com o bullying, cyberbullying e o suicídio.....	196
6.9	A reação das escolas diante dos casos de bullying, cyberbullying e suicídio nos filmes e videorreportagens.....	197
6.9.1	As escolas retratadas nos filmes pesquisados	198
6.9.2	As escolas retratadas nas videorreportagens pesquisados.....	199
7	A RELAÇÃO ENTRE O BULLYING E O SUICÍDIO EXPERIENCIADOS PELOS ESTUDANTES	202
8	AÇÕES DE COMBATE AO <i>BULLYING</i>, <i>CYBERBULLYING</i> E AO SUICÍDIO	214
8.1	Sobre a divulgação do suicídio e a contribuição do cinema para prevenção	214
8.2	As medidas tomadas contra o <i>bullying</i> e o suicídio pelas famílias atingidas	221
8.3	Campanhas e programas de prevenção ao <i>bullying</i> e ao suicídio no contexto atual	230
8.4	Destacando algumas campanhas	231
8.5	A campanha da Unicef	234
8.6	A campanha antibullying do Ministério Público da Bahia.....	235
8.7	O trabalho da CVV: Como vai você?.....	237
8.8	Setembro Amarelo: Uma campanha de prevenção ao suicídio.....	240
	CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS PARA O MOMENTO	248
	REFERÊNCIAS.....	257
	ANEXOS	268

1 INTRODUÇÃO

Trata-se de um trabalho cujo objetivo principal é descrever como o *bullying* e o suicídio foram instituídos em filmes ficcionais e videorreportagens pesquisadas, assim como verificar de que forma essas histórias podem colaborar para o debate e prevenção desses fenômenos na escola.

Debruçar-me sobre o estudo do *bullying* e suicídio me remeteu à infância no interior da Bahia, na cidade de Potiraguá, sudoeste do Estado, distante cerca de 620km da capital, quando intrigas na escola eram resolvidas entre os pares e, poucas vezes, os pais eram chamados para tomar ciência de alguma atitude do filho na escola.

Das poucas coisas que me lembro do início da minha vida escolar, algumas ainda estão nas minhas lembranças, dentre elas as muitas intimidações que sofri de um colega, que havia me proibido de ser amiga da irmã dele, éramos da mesma sala, ele um pouco mais velho. Toda vez que brincava com sua irmã, ele puxava as minhas tranças, eu tinha muitas dores de cabeça da série de puxões que levava. Ele dizia para mim que eu não podia andar com a irmã dele porque eu era preta, eu até tentava obedecer, mas a sua irmã sempre me procurava para nós brincarmos no recreio. Eu também gostava de tê-la como amiga, mas tinha medo dele, eu era bem pequena e muito magra, ele ao contrário, forte e grande, eu não tinha condições de enfrentá-lo. Nunca houve a intervenção de adulto nenhum, também nunca contei a ninguém na minha casa. Lembro-me que eu mordida o meu próprio braço até marcar para descarregar a raiva.

Isso me acompanhou até iniciar o ginásio (hoje Fundamental II), ele continuava sendo meu colega de sala, no município, as escolas eram poucas e com poucas turmas da mesma série. Tinha muita raiva de como ele se referia a mim, e estava disposta a parar aquilo, aponteí um lápis com a ponta bem fina e firme, quando ele entrou esbaforido na sala, levou a mão nas minhas tranças para puxar, eu enfiei o lápis na mão dele e ficou preso. Foi um alvoroço, ele gritava, mas foi só a ponta do lápis que atingiu, mas pretendia me prejudicar da mesma forma, imagino que gritava mais do que doía. Era uma aula de OSPB e o professor, um senhorzinho, ao entrar, viu a confusão, chamou a direção. Bom, minha mãe foi chamada (ela não alisava filho, primeiro agia, depois perguntava o motivo), e é claro, levei uma surra

daquelas que minha mãe sabia dar (era conhecida na cidade por saber dar uma boa surra nos filhos).

Mas, enfim, librei-me dele, nunca mais fui intimidada na escola, aprendi na prática que enfrentar e não demonstrar medo nos livra de muitas situações, hoje seria *bullying*.

Já morando em Salvador, outra situação de agressão na escola que me chamou bastante a atenção, foi a tragédia acontecida no Colégio Sigma, situado na orla da capital, na Praia de Jaguaribe, onde um colega atirou em duas colegas dentro da sala de aula, matando as duas, em seguida, ameaçou tirar a própria vida. Eles se desentenderam na gincana da escola, porque ele não havia participado das tarefas com a equipe e elas não deram a mesma pontuação que o grupo para ele e outro colega. As notícias da época contaram que elas desdenhavam dele escondido e haviam-no ridicularizado publicamente no evento da escola, por isso, ele jurou vingança. Eu acompanhei todo o desenrolar do caso pelas reportagens de jornais impressos, fiquei muito intrigada, não conseguia compreender como estudantes vão à escola cheios de aspirações e sonhos e saem numa maca do carro funerário. Ficava pensando: Como ele entrou na escola armado? Como ninguém percebeu nada em sua casa e na escola? Houve toda uma mudança de comportamento e ninguém percebeu. Esse caso me deixava bastante triste¹.

Já sendo professora na Universidade do Estado da Bahia aqui em Salvador, passei a lecionar a disciplina “Educação e Violência”, no curso de Pedagogia e realizamos algumas oficinas em escolas públicas de Salvador. Nessa experiência, tivemos contatos com relatos de estudantes, ainda muito jovens, que sofriam com as intimidações de todas as formas na escola, fiquei chocada com o que ouvi, estava começando a perceber a gravidade que envolvia o *bullying* na escola.

Há alguns anos, conversando sobre o meu tema de pesquisa com um professor, colega na área de Sociologia, ele se apresentou como o juiz do caso do Colégio Sigma naquela época (ele é juiz e professor da instituição). Fiquei muito surpresa, e ele me relatou como tudo aconteceu, conheci o processo. Acho que nunca me esquecerei dessa história, todas as vezes em que passo em frente ao prédio onde funcionava a escola (moro nas imediações), lembro de tudo novamente.

¹ Essa história representa um típico caso de bullicídio, quando acontece alguma morte sendo de suicídio ou assassinato provocado por intimidações de bullying ou cyberbullying. Bullicide, termo utilizado a partir de 2001 por Neil Marr e Tim Field no livro *Bullicide: Death at Playtime*.

Passei a pesquisar casos parecidos postados na internet, ou seja, casos de *bullying* que culminaram em tragédias, para minha surpresa foram muitos, daí percebi a relação com o suicídio, adolescentes que em um processo de *bullying* intenso, cometem suicídio para parar o sofrimento. Passei a investigar casos com esse tipo de fenômeno. Como a história do Colégio Sigma não tinha muitas fontes para serem pesquisadas, não envolvia suicídio da vítima, ele não atendia a metodologia traçada.

Com muita clareza da dificuldade em aventar essa temática, optei em quebrar o silêncio de um assunto estigmatizado, inclusive no meio acadêmico. Lembro-me das primeiras aulas do doutorado, naquelas sondagens feitas pelos professores para saber o tema de pesquisa de cada doutorando, na minha vez, todos olhavam na minha cara e eu sempre ouvia: “Que pesado!”

Esta pesquisa, então, realiza uma investigação sobre o tema *bullying* nas suas variadas formas de manifestações e o suicídio na escola, a partir de análises de filmes ficcionais e videorreportagens sobre casos reais noticiados na internet, à luz da fenomenologia. Consideramos que a escola, além de produzir saberes e promover a socialização, também ocupa, cada vez mais, um lugar de produção e reprodução do fenômeno violência, que se manifesta das mais variadas formas. Há muita tensão nas relações entre aquilo que o sistema escolar defende como certo e adequado para o cotidiano escolar, e aquilo que, de fato, corresponde às expectativas dos jovens, suas normas e regras não dão conta das singularidades dos alunos. O sistema escolar segue com o planejamento unilateral, que não incorporam as demandas dos alunos, cujas vozes cada vez mais silenciadas.

Um estudo da Organização das Nações Unidas (ONU) mostrou que metade das crianças e jovens do mundo já sofreu *bullying*: no Brasil 43%, isso reflete negativamente ao longo de toda a vida desses jovens (ONU, 2017). E um em cada três jovens já sofreu *bullying* online no Brasil, principalmente via redes sociais nos aplicativos *Facebook*, *Instagram*, *Snapchat* e *Twitter*, esses dados foram colhidos através da *U-Report*² (ONU, 2019). Segundo a UNICEF (2019), mais de um terço dos jovens em 30 países relataram ser vítimas de *bullying* online, no Brasil 37% dos alunos consultados declararam ter sido vítimas do *cyberbullying* (UNICEF, 2019).

² U-Report é uma plataforma de consulta rápida para pesquisa com o público de 13 a 25 anos, funcionando via SMS e Twitter desenvolvido pela UNICEF para coletar dados. A participação é voluntária, basta enviar um SMS com a palavra “ENTREI” para o número 28428 ou seguir a conta no Twitter, @ureportbrasil.

No universo da escola, a cultura da violência vem cada vez mais se destacando nas mídias em todos os formatos, encenando verdadeiros espetáculos, a espetacularização massiva e apelativa utilizando recursos audiovisuais. A violência é algo que já é considerado rotineiro em vários noticiários, protagoniza espetáculos na vida real e sobre a vida real. A divulgação crescente de casos de *bullying* e suicídio mostrados no *cyberespaço* causa espanto, transforma algo trágico num espetáculo, numa espetacularização: é a cultura da violência cada dia mais viva nas escolas.

Tornando o que é rotineiro em espetáculo, a definição de espetacularização está ligada ao espetáculo, que visa provocar alguma emoção em quem assiste, mesmo de forma apelativa, utilizando o recurso da arte cinematográfica. Mostra o imediatismo, o momento final, ou seja, aquilo que foge ao comum, que sai dos padrões de normalidade, que se torna raro, portanto, vira notícia na mídia, sejam esses fatos que estimulem alegria ou tristeza, raiva ou compaixão. A comoção social, na realidade, sequer promove uma reflexão além do fato em si, o que seria necessário.

É a violência fazendo o *show*, na obra *Sociedade do Espetáculo*, *Guy Debord* (2003, p. 14) afirma que, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens”. Dessa forma, *Debord* (2003), apresenta o conceito de espetáculo como algo que está extremamente relacionado com a vida humana. As pessoas, nas suas peculiaridades, as atitudes das pessoas tendem a ser shows, espetáculos, que ocupam espaços que eram das artes, usam arte de fácil entendimento.

E o mundo da escola está cada vez mais protagonizando esses espetáculos, a convivência entre alunos na escola é marcada por muito confronto e muita agressividade, as ocorrências são banalizadas e até naturalizadas pela escola, como se fizessem parte do seu cotidiano. Dessa forma, as oportunidades educacionais estão sendo perdidas, a juventude está sendo ignorada, jovens vidas humanas estão sendo perdidas, e a escola, em estado de anomia³, permeada pela violência da sociedade, acaba por impulsionar, por atos e omissões, a ampliação da violência escolar.

³ Para Durkheim, o conceito de “anomia” representa “ausência ou desintegração das normas sociais, conceito que vai ter predominante no estudo do suicídio” (ARON, 2000, p. 297).

Como diversas pesquisas sobre violência apontam, existe uma diversidade conceitual em torno do fenômeno violência, nesta pesquisa percebemos a violência, como:

Violência é percebida como exercício da força física e da coação psíquica para obrigar alguém a fazer alguma coisa contrária a si, contrária aos seus interesses e desejos, contrária ao seu corpo e à sua consciência, causando-lhe danos profundos e irreparáveis, como a morte, a loucura, a autoagressão ou a agressão aos outros. (CHAUI, 2000, p. 432).

Uma pesquisa desenvolvida pelos pesquisadores da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), em parceria com o Ministério da Educação (MEC), e a Organização de Estudos Interamericanos (OEI) apontou que 42% dos alunos da rede pública (jan.- nov./2015) já sofreram violência física e verbal na escola⁴. Dentre as violências destacadas no estudo, além de xingamentos, discriminações e ameaças, foram também considerados os atos mais graves como homicídio e *cyberbullying*, revelando, ainda, que as ocorrências da violência acontecem dentro das dependências da escola, salas de aulas, pátios e corredores. (FLACSO, 2016).

O *bullying* escolar tem se tornado um dos fenômenos mais inquietantes da atualidade educacional, é uma preocupação crescente em vários países, pesquisadores buscam entender e combater a incidência do fenômeno. Mas, o fato é que, parte desses comportamentos e atos que hoje consideramos *bullying*, sempre estiveram presentes no cenário educacional, no entanto, tamanha é a gravidade e aumento de casos, que a intervenção precisa ser imediata, já que o suicídio pontua como uma das consequências mais graves do *bullying* escolar, pois, cada vez mais as estatísticas demonstram essa ampliação, o mundo noticia casos de jovens que optam por esse caminho para acabar com o sofrimento.

Entre 2000 e 2016 o suicídio aumentou consideravelmente no Brasil, passou de 6.780 casos para 11.736, representando um aumento de 73% entre jovens e idosos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o suicídio é a segunda causa de morte no mundo na faixa etária entre 15 a 29 anos. Em 2015 no Brasil, o suicídio representou a quarta causa de morte de jovens nessa mesma

⁴A pesquisa ouviu 6.709 estudantes, de 12 a 29 anos, em sete capitais brasileiras: Maceió, Fortaleza, Vitória, Salvador, São Luís, Belém e Belo Horizonte. Essas capitais apontaram taxa de homicídio maiores que a média das capitais.

faixa etária, portanto, em idade escolar, segundo dados do Ministério da Saúde. (FLACSO, 2018).

A Portaria Nº 1.876, de 14 de agosto de 2006, aprovada pelo Ministério da Saúde, instituiu Diretrizes Nacionais para prevenção ao problema do suicídio, passando a ser reconhecido como um problema de saúde pública de extrema gravidade, e atinge toda a sociedade, portanto, é preciso e possível trabalhar com prevenção. Esta portaria remete também à dificuldade de elaboração de meios de combate, já que não são todos os casos de ocorrência desse fenômeno que são registrados. A Revista Galileu (2017), reforça essa informação, corrobora que a taxa de suicídio divulgada pelos órgãos oficiais pode estar comprometida para algo em torno de 20% ou mais.

Já em 2019, tivemos a aprovação da Lei Nº13.819/2019, que Instituiu a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, que deve ser implementada pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios. Essa lei versa sobre medidas a serem adotadas diante de casos de tentativas de suicídios e automutilação, estabelece a notificação compulsória feita por estabelecimentos de saúde público ou privado, que devem notificar às autoridades sanitárias, e os estabelecimentos de ensino público ou privado, que devem notificar ao conselho tutelar. Cabe salientar que essa lei prevê o caráter sigilosa das notificações.

Soma-se a essa preocupação, a aprovação da lei nº 13.185/2015, sancionada em 09/11/2015, e da Lei nº 1.66, de 14 de maio de 2018, que obriga as escolas e clubes a tomarem medidas de prevenção e combate ao *bullying* e *cyberbullying*, tamanha é a gravidade da questão e da necessidade de intervenção com políticas públicas. Zaluar e Leal (2001, p. 160) defendem “a participação na vida pública em seus diversos canais, como princípio condutor e possivelmente redutor de situações de violência”.

É fato que a escola está em situação de vulnerabilidade, a mercê das mais variadas violências, enfraquecendo a sua legitimidade, seu lugar de promotora do saber. Ela é constantemente afetada por fatores e problemas sociais externos, desta forma a sua clientela já chega à escola, afetada por experiências negativas de exclusão. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2015 revela que o problema da violência é concreto e aflige a todos, sendo este, o principal problema da educação. Estudos direcionados para programas de intervenção no contexto escolar demarcam aumento da agressividade em todas as formas manifestadas do *bullying*.

Suas consequências podem aparecer a curto e longo prazo, desde fatos menores até casos graves que desembocam em tiroteios nas escolas promovidos por alunos ou ex-alunos e o suicídio. Dentre esses efeitos sobre a vida, há as questões de natureza individual, ligadas ao lado psicológico e às questões de natureza coletiva, ligadas ao processo de socialização, de relações interpessoais.

Muitas vezes, a escola coloca-se como um espaço isolado da sociedade, distante de seus problemas, desenvolvendo uma pedagogia que escamoteia o conflito, que impede que as contradições apareçam, uma pedagogia que nega a realidade e que prepara para um mundo que não existe, ou melhor, não prepara para o que existe. (ORNELLAS; RADEL, 2010, p. 38).

A escola precisa ser vista enquanto espaço qualificado para a discussão sobre os fenômenos *bullying* e suicídio, ela não pode ser vista como um campo isolado da sociedade. “A escola não é uma ilha separada do contexto social marca os indivíduos submetidos à educação de maneira inevitável e irreversível. (ARANHA, 2006, p. 252 apud ORNELLAS; RADEL, 2010, p. 38).

Sobre o que significa o fenômeno *bullying*, sabemos que este é um conceito ambíguo e de difícil entendimento pela sociedade em geral, inclusive a comunidade escolar, além disso é bastante deturpado, pois não é todo ato de violência ou tragédia ocorrido na escola que se configura *bullying*. Em relação ao termo, na nossa língua não existe nenhum vocábulo que sintetize tudo o que essa especificidade de violência significa, portanto, aqui no Brasil, passamos a utilizar o mais usual em muitos países, que é a palavra *bullying*, que remete a abuso de poder entre pares, operacionalizado por atos físicos e/ou psicológicos.

Nesta pesquisa, compreendemos o fenômeno *bullying* à luz da definição do pesquisador norueguês e pioneiro no estudo iniciado na década de 1970, *Dan Olweus* (2006) e da pesquisadora brasileira, Cléo Fante (2012), eles concordam ao dizer que o *bullying* pode ser expresso como um conjunto de comportamentos agressivos, repentinos e intencionais, realizado entre pares. “*Bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento”. (FANTE, 2012, p. 28-29).

É desse sofrimento, dessa dor que pode surgir uma das consequências mais terríveis da prática do *bullying* escolar, sendo um possível desencadeador de suicídio como uma forma de parar o *bullying*. Assim sendo, essa pesquisa está direcionada para discutir o problema do *bullying* na escola, e uma das suas

consequências mais danosas, o suicídio. Para estudar esses fenômenos, é preciso considerar o conjunto de fatores intraescolares e extraescolares que interferem e, mesmo, determinam a opção desses jovens pelo suicídio.

Sobre o suicídio, a nossa compreensão é a partir da definição de Émile *Durkheim*, quando diz que: “chama-se suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado”. (*DURKHEIM*, 2000, p. 14). Considerando que o sentido do suicídio é de fundamental importância para a compreensão desse ato.

Em cada contexto histórico social distinto, esse fenômeno possui um significado diferente, que está estreitamente relacionado com a forma como se compreende o ser humano naquele momento, que por sua vez, está submetida a como tal sociedade se organiza nesse momento histórico, que deriva das relações de produção material dadas. (*BERENCHTEIN NETTO*, 2007, p. 136).

Preocupando-se com a forma de abordagem desses fenômenos junto ao público adolescente nas escolas, enxergamos no cinema um caminho para discutir a profundidade e gravidade de questões que permeiam o mundo deles e são invisibilizados, considerando que a experiência com o cinema permite o exercício da alteridade, colocar-se no lugar do outro, questionar o seu lugar e o do outro nesse processo. O cinema possui em filmes fictícios, elementos que conseguimos identificar no mundo real, um vídeo fictício não é verdadeiro, mas é real, e sobre eles é possível discutir com esse público. Por conta disso, essa pesquisa abordará esses fenômenos a partir do cinema ficcional disponível na internet, mostrando as potencialidades dessa estratégia, em seguida discute os casos reais, acessados também via internet.

O estudo foi delimitado de forma a buscar responder a lacuna no conhecimento sobre as relações entre o *bullying* e o suicídio, à luz da fenomenologia na pesquisa em educação. “Propiciar a reflexão acerca da utilização do método fenomenológico na pesquisa educacional, no âmbito dos processos educacionais se faz necessário retratar o fato tal como é.” (*SOUZA*, 2012, p. 09). Essa pesquisa parte do seguinte questionamento: como os fenômenos *bullying*, nas suas variadas manifestações e o suicídio, no contexto da violência na escola, foram constituídos nos filmes ficcionais e videorreportagens pesquisados e de que forma essas histórias podem ser utilizadas como estratégias de discussão e enfrentamento desses problemas no contexto educativo?

No seu desenvolvimento, objetivando, mais especificamente, apresentar os filmes e as videorreportagens pesquisados, demonstrando como os personagens fictícios e as vítimas reais de *bullying* e suicídio vivenciaram a experiência com os fenômenos; verificar como as famílias e as escolas envolvidas nessas histórias, vivenciaram a manifestação do *bullying* e do suicídio nos seus filhos; descrever como o suicídio egoísta decorre de casos de *bullying* e *cyberbullying* que vitimam adolescentes nas escolas; apresentar as ações de combate ao *bullying* e ao suicídio evidenciadas nos filmes e nas videorreportagens, destacando as contribuições do cinema ficcional para alavancar as discussões com o público juvenil e, por fim, mostrar campanhas e programas de prevenção ao *bullying* e ao suicídio que vêm sendo praticadas, atualmente, como forma de combate à manifestação desses fenômenos.

Investigando a partir dos filmes: *Bullying – Provoações Sem Limites* e *Silêncio Rompido*, e das videorreportagens sobre as histórias de Megan Taylor Meier, Amanda Michelle Todd e Marion Fraise, vitimadas em outros países, e Roliver de Jesus dos Santos, Gianna Laura Fabi e Vítor Augusto Gomes de Santana, vitimados no Brasil, levanto a tese de que as ocorrências desses fenômenos podem demonstrar um processo de colapso da escola, considerando que a prática do *bullying* e do suicídio é aquilo que o aluno dispõe, desesperadamente, quando a sua vida dentro e fora da escola lhe parece insuportável e a saída da vida pode ser uma alternativa.

Nesse sentido, promover campanhas e desenvolver programas com ações de combate ao *bullying* e ao *cyberbullying* que atinge os adolescentes dentro e fora da escola, refletirá na incidência de suicídios ocasionados por esse problema nessa fase da vida, não apenas pelas escolas, mas enquanto política pública de combate ao problema. Agindo na causa provocadora do problema, é possível colher resultados positivos: o conhecimento e reconhecimento do problema pela sociedade e a redução da incidência do suicídio de adolescentes. Logo, as mortes praticadas por conta dessa violência podem ser evitadas. O não reconhecimento da relação do suicídio com as mais variadas formas de manifestação do *bullying*, além de aumentar o número de ocorrência, deixa o agressor impune, a conduta dele provoca

resultados na vida da vítima, o projeto de *bullying*⁵ aviado pelo agressor é fundamentado naquilo que ele valoriza e que tem interesse.

No processo de acesso aos dados, os filmes ficcionais (longa metragem) e as videorreportagens de casos reais, disponíveis na internet na Plataforma de distribuição de conteúdos da *Google*⁶, que é o *YouTube*⁷, considerando a multiplicidade de materiais e informações com caráter informativo, educativo e de denúncias de problemas sociais, neste caso, o *bullying* e o suicídio, e também por considerar a natureza da temática, que dificulta ou inviabiliza o contato real.

As produções selecionadas apresentam a escola como campo de ocorrência da violência, especificamente o *bullying* e o suicídio como temática, sendo condição para acessar esses dados e informações de como esses dois fenômenos são experienciados pelos alunos e pela comunidade escolar. Isso porque, compactuamos com a argumentação do professor doutor Amaury César Moraes⁸, da Faculdade de Educação da USP, que considera os filmes uma importante fonte de conhecimento da realidade, já que eles reconstroem a realidade de maneira realista, naturalista e alienante.

Dentre as várias formas que temos de recolher informações sobre esses fenômenos, optamos por esse caminho, não muito convencional em pesquisas socioeducacionais, mas válido e fecundo como qualquer outro, e são justamente esses filmes comuns, do circuito comercial, que são vistos por jovens espectadores comuns, que não são especialistas em arte cinematográfica. São esses filmes que representam o imaginário social, nos quais percebemos os conceitos, as categorias, os valores, as expectativas, os comportamentos, enfim, as experiências vividas pelos personagens. Estes filmes estão relacionados com a visão que é mostrada do *bullying* e do suicídio na escola, possuem elementos em que é possível estabelecer identificação da nossa vida com a vida dos personagens, como também a oposição de valores que temos com os personagens, além de conseguirmos identificar os valores que são socialmente recomendados. O filme será tomado neste estudo

⁵ Nessa pesquisa, quando falamos do termo *bullying*, referimo-nos às seus variados tipos, inclusive *cyberbullying*, este termo somente será grafado, quando necessário, evitando repetições.

⁶ Empresa multinacional de serviços online e software. Hospeda e desenvolve serviços e produtos baseados na internet.

⁷ Plataforma de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet. Significa “você transmite” ou “canal feito por você”.

⁸ Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo e professor nesta mesma universidade. Pesquisa na área do ensino das Ciências Sociais no Brasil e cinema enquanto recurso pedagógico.

como uma reconstrução da realidade, Moraes (2015, p. 02), à luz de Morin⁹ (1970), argumenta que “o filme pode ser uma reconstrução da realidade e o cinema aparece como uma “janela” que nos torna testemunhas da ação”.

Já as videorreportagens, considerando a era digital em que vivemos, tomamos a iniciativa de compreender os fenômenos a partir de uma mídia disponível, que permite continuidades e aprofundamentos dos fenômenos exibidos, possibilita discutir os dilemas do *bullying* e do suicídio pelo viés da internet, nos vídeos pelos diversos veículos de comunicação e pelos familiares dos suicidas. Esse material serve para entender como se desenvolve esse tipo de experiência trágica, além de perceber como uma vítima de *bullying* vivencia o suicídio. Optar por esse caminho, não significa rupturas, mas entender que há outras possibilidades de acessar dados, além das formas convencionais.

Na seção dois, são tratados os aspectos epistemológicos adotados nesta pesquisa, bem como as técnicas utilizadas, o *corpus* da pesquisa e os sujeitos pesquisados, enfim, os caminhos adotados nessa pesquisa.

A seção três apresenta a discussão acerca da violência na escola, destacando as variadas manifestações do *bullying* e *cyberbullying*.

Evidenciamos na seção quatro, o estudo do suicídio enquanto uma questão social e um problema de saúde pública.

Na seção cinco, descrevemos os filmes e os vídeos pesquisados, demonstramos como os adolescentes vivenciaram o *bullying* e o suicídio.

A seção seis, por sua vez, fala sobre as experiências que as famílias e as escolas vivenciaram com as tragédias acontecidas.

A seção sete, a preocupação foi evidenciar a relação entre o *bullying* e o suicídio experienciados pelos adolescentes.

As campanhas e programas de combate e prevenção ao *bullying* e ao suicídio presentes nos filmes, nas videorreportagens e no atual contexto social são abordadas na seção oito.

Finalmente, apresentamos as considerações possíveis para o momento, feitas acerca dessa pesquisa, fechando as questões apresentadas.

⁹ O filósofo Edgar Morin na obra: “O Cinema ou o homem imaginário – Ensaio de antropologia sociológica” (1970) apresenta a história da criação do cinema, buscando manter vivo o deslumbramento dos espectadores, se propõe a interrogar o cinema, considera-lo na sua totalidade humana, conforme expõe a sinopse do livro.

2 CAMINHOS PERCORRIDOS NA INVESTIGAÇÃO

Nesta seção, evidenciaremos os pressupostos epistemológicos que orientaram o ponto de vista da pesquisadora, a descrição das técnicas, bem como, as estratégias de ação usadas na pesquisa.

2.1 Pressupostos epistemológicos dessa pesquisa

Essa investigação se configura como sendo uma pesquisa de cunho eminentemente qualitativo, está no campo da educação, e, por isso, há especificidades que justificam o desenho metodológico adotado no seu desenvolvimento. Uma preocupação em compreender as intenções e os significados empreendidos pelos indivíduos no processo de interação e o contexto envolvido. A procura da objetividade própria das pesquisas qualitativas, passa pela escolha do fenômeno adequado e pelos questionamentos que sobre ele fazemos, em seguida, pela utilização de metodologias apropriadas (AMADO, 2014).

Sobre os pressupostos teóricos, epistemológicos que orientam a pesquisa, buscamos na fenomenologia as bases, por entender que o fenômeno pesquisado contém experiências de vida, a saber: o *bullying* e o suicídio na escola. Esse método permite enxergar o fenômeno como ele se manifesta, o sofrimento vivenciado pelos alunos por conta da incidência desses fenômenos representa uma experiência vivida, daí a necessidade da perspectiva metodológica hermenêutica de base fenomenológica.

Como conceito, a fenomenologia é a descrição daquilo que se manifesta, que aparece. Edmund Husserl (08/04/1859 – 26/04/1938) a apresenta como método de investigação, uma forma de apreender o fenômeno, qual seja, a aparição das coisas à consciência. Esse pesquisador defende a apreensão da essência do fenômeno, aquilo que o objeto realmente é. Dessa forma, busca uma análise compreensiva e não descritiva dos fenômenos: “toda consciência é consciente de algo” – Husserl – a intencionalidade aparece como sendo uma característica da consciência, é ser consciente de alguma coisa. Apesar disso, Husserl (2008) analisa os fenômenos no contexto da consciência, com a pretensão de captar as coisas em si mesmas, como elas são, conhecer como as coisas aparecem à consciência, para conhecer a sua essência, conhecer o que o objeto é em si

mesmo. No princípio da intencionalidade, a consciência só pode ser vista como consciência, caso for direcionada a algum objeto, que somente pode ser definido a partir da sua relação com a consciência. A noção de intencionalidade mostra a característica geral da consciência, ser consciência de alguma coisa.

O princípio de intencionalidade é que a consciência é sempre 'consciência de alguma coisa', que ela só é consciência estando dirigida a um objeto (sentido de *intentio*). Por sua vez, o objeto só pode ser definido em sua relação à consciência, ele é sempre objeto-para-um-sujeito. (...) isto não quer dizer que o objeto está contido na consciência como que dentro de uma caixa, mas que só tem seu sentido de objeto para uma consciência. (DARTIGUES, 2005, p. 212).

Husserl propõe a redução fenomenológica (*epoché*), o estranhamento, esta deve pôr em suspensão o juízo acerca das coisas, por entre parênteses. Com isso, pretende captar o fenômeno na sua originalidade. No *epoché*, o fenômeno passa por um refinamento para atingir o objeto com integral evidência.

O mundo se apresenta no nível da consciência para Husserl, esse método é uma proposta de encarar o mundo como se fosse a primeira vez, realizar uma suspensão momentânea do juízo que fazemos das coisas, fazer a redução fenomenológica (*epoché*), uma forma de purificar o fenômeno para atingir a sua evidência total, apreender a essência do fenômeno, sabendo que os objetos se apresentam sob diversas perspectivas, busca-se a essência. É preciso fazer uma suspensão dos conceitos preconcebidos sobre o fenômeno, captar como o indivíduo significa o fenômeno.

A fenomenologia surge como uma resposta à visão materialista e positivista de ciência, uma alternativa à crise nas ciências, deflagrada com o surgimento da Física, Química e Biologia. Busca integrar a mente com o mundo, logo, a consciência é intencional.

Husserl cria uma ontologia de mundo da vida, na tentativa de superar o antagonismo entre o subjetivo transcendental e o objetivo naturalista presente no pensamento moderno. Contrário ao paradigma científico vigente, aprofunda a explicação das ciências naturais e a compreensão dos valores culturais (HUSSERL, 1986). Ao propor a redução fenomenológica, Husserl pretende colocar em suspensão o mundo dos objetos e as impressões dos sujeitos, ou seja, pretende afastar da consciência o que não tem sentido.

Como metodologia, a fenomenologia tem na proposta da sua base o método compreensivo, ou seja, é um método compreensivo de base fenomenológica, almeja compreender como as pessoas que participam do fenômeno percebem, vivem, sentem e pensam esse fenômeno. O processo de coleta e análise de dados deve considerar as pessoas existentes no mundo e suas relações uns com os outros, requer que o contexto situacional e histórico seja conhecido (BERNARDES, 1991). O que interessa é a experiência vivida no mundo do dia a dia da pessoa.

O sociólogo e filósofo Alfred Schütz (13/04/1899 – 20/05/1959), faz uma inversão da *epoché* de Husserl, mesmo sendo influenciado por Husserl e por Max Weber (21/04/1864 – 14/06/1920), ao se preocupar com a atitude natural, ele busca essa atitude. Schütz (1979), afirma que as pessoas em atitude natural utilizam uma *epoché* específica, é a dúvida do mundo e o que seus objetos possam ser diferentes do que aparentam ser, que fica entre parênteses. Schütz (1979) toma a fenomenologia como ciência para construir a ciência do comportamento social, qual seja, a fenomenologia social da vida cotidiana. Com a fenomenologia social de Schütz (1979) é possível olhar a dimensão social através das relações intersubjetivas inscritas nas experiências cotidianas dos sujeitos.

Para Schütz (1979), as pessoas se defrontam entre si num mundo já construído, significativo e intersubjetivo. O mundo cotidiano é para elas a realidade suprema, logo, a postura de senso comum é uma atitude natural. Assumimos, na vida de senso comum, a reciprocidade de perspectivas com o outro, assim, a nossa experiência no outro acontece ao mesmo tempo que o outro faz a sua experiência em nós. De acordo com Schütz (1979), a interpretação da ação humana deve iniciar com uma descrição da realidade que se apresenta, onde a pessoa vive, o mundo social, o mundo da vida. Este se apresenta previamente estruturado, antes do seu nascimento.

A visão que a pessoa tem da realidade, o faz agir de maneira natural, considera o que lhe é mostrado como realidade social, pode intervir naturalmente nesse mundo, influenciando e sofrendo influências, promovendo modificações nas estruturas sociais, ou seja, essa é uma atitude natural. O mundo da vida é um mundo cultural e intersubjetivo, onde as pessoas convivem entre si, estabelecem diferentes relações sociais, onde compreendem e são compreendidos. A pessoa, para viver no mundo da vida, decodifica as possibilidades e encara os desafios, ou

seja, realiza o reconhecimento da realidade atual considerando a história construída nas suas próprias experiências subjetivas.

Nem tudo o que está presente numa situação é importante para as pessoas nela envolvidas. Na verdade, alguns dos fatores de uma situação impõem-se aos atores, constituindo assim “relevâncias impostas”. Outros são isolados pelo indivíduo, que os considera importantes para ele, no momento; esses assumem uma “relevância volitiva”. (SCHÜTZ, 1979, p. 22).

As orientações que as pessoas seguem vêm de tipificações, ou seja, os tipos ideais weberianos, em que eles desenvolvem interações significativas. Para Schütz (1979), o mundo da vida é a referência e o fundamento que dá sentido a toda a experiência humana, a sua fenomenologia social estuda os modos como os homens vivenciam o mundo cotidiano, dando significado as suas atividades. Defende ser importante também uma sociologia que leve em conta a ação humana, logo, a sociologia deve reconstruir as tipificações de que são constituídos o senso comum.

Schütz (1979) parte de *Husserl* para tentar encontrar o significado do que vem a ser fenomenologia da atitude natural, ou seja, a ontologia do mundo da vida. Para esse autor, a experiência e a ação não são resultantes de uma mente produtora de sentidos, mas da conexão de diversas mentes em interação social.

Ao utilizar a fenomenologia como método na pesquisa, ou seja, vislumbrar fazer a análise fenomenológica dos dados, é preciso conhecer como a fenomenologia mostra a significação, o fenômeno estudado. Esse método pretende saber o que é e como é o fenômeno, ou seja, como o fenômeno pesquisado é experienciado pelos sujeitos participantes. A fenomenologia busca romper o silêncio que cerca o fenômeno, descrevendo este enquanto experiência vivida, pretende-se compreender a essência da experiência vivida, assim como enxergar o fenômeno como ele se manifesta.

É dentro desse movimento, que investiga diretamente e descreve os fenômenos, que situamos essa pesquisa no olhar da fenomenologia, que se volta para descrever os fenômenos experienciados conscientemente, “sem teorias sobre a sua explicação causal e tão livre possível, de pressupostos e de preconceitos” (BICUDO, 1994, p. 15), como o mundo fenomenológico se mostra. Sendo assim, buscamos enxergar a clarificação do invisível, o invisível se mostrando, qual seja, o *bullying* em todas as suas formas manifestas e o suicídio no contexto da escola. A própria palavra “fenômeno” vem do grego *faínomenon* – verbo *faínestai*, o que se mostra, o que se manifesta, o que aparece.

Olhar um fenômeno com os olhos da fenomenologia é perceber a sua obscuridade, tomando os fenômenos *bullying* e suicídio como foco dessa pesquisa fenomenológica, é buscar a enxergar o que há além da aparência, o que existe de essencial nesses fenômenos, o que eles estão mostrando para as pessoas, a sua realidade, realidade esta, advinda da intencionalidade da consciência voltada para o fenômeno. A fenomenologia aceita o fenômeno e questiona-o, preocupa-se em conhecer o que o sujeito experienciou? O que se mostra? O que é revelado? Para perceber isso, é fundamental abandonar os pré-conceitos, esse abandono não significa desconsiderar as experiências prévias. É necessário perceber o que é para ser visto, que somente é possível se o pesquisador estiver atento para enxergá-lo. A realidade é o compreendido, o interpretado e o comunicado, e depende da perspectiva, que não é única, existem variadas interpretações e comunicações, sinaliza Bicudo (1994).

A fenomenologia relacionada com a prática educativa prescreve as contribuições necessárias de um método de pesquisa qualitativa que promova reflexões menos positivistas e que considere as subjetividades envolvidas no universo educativo. (SOUZA, 2012, p. 09).

O fenômeno não é visto de maneira isolada, ele deve ser considerado dentro de uma área de fenômenos copercebidos, aqueles que andam juntos. “A coparticipação de sujeitos em experiência vividas em comum permite-lhes partilhar compreensões, interpretações, comunicações, desvendar discursos, estabelecendo-se a esfera de intersubjetividade (BICUDO, 1994, p.19). Visto que, o que veicula através das palavras, não dá conta das experiências vividas, daí a necessidade de uma hermenêutica, ou seja, de uma interpretação dos sentidos e dos significados.

No ambiente do *bullying*, existe a necessidade da coparticipação para que ocorra o fenômeno, é necessário um coletivo de envolvidos, agregam os que comungam do mesmo pensamento, como dificuldade, pode-se sinalizar que o vivido não consegue ser referenciado apenas por palavras. Bicudo (1994) nos diz que os sujeitos coparticipantes, após suas compreensões e interpretações, interrogam o fenômeno. Logo, a verdade não se restringe a interpretações psicológicas, subjetivas e relativas. Na fenomenologia, a verdade é tirar o que está oculto, “desocultamento”, a “mostração” do que é essencial ao fenômeno.

É preciso romper com o tabu em torno do *bullying* e do suicídio para desocultá-los, para isso, é necessário encaixá-los nos momentos *epoché*, que é quando o fenômeno é colocado em suspensão, destacar o *bullying* e o suicídio dos demais fenômenos que ocorrem no ambiente escolar; e no momento da redução, quando mostramos o que tem de essencial nesses fenômenos, o que é visto do *bullying* e do suicídio. E, por fim, o momento da compreensão, onde ocorre a interpretação dos fenômenos estudados. Bicudo (1994), coloca que o pensar fenomenológico se mostra no fazer reflexivo, não prescinde da *práxis* experienciada no mundo da vida, “ao desvendar a essência, a consciência, em um movimento reflexivo, realiza a experiência de percebê-la, abraçando-a compreensivamente” (p. 21). A experiência vivida, qual seja, a *práxis*, o agir e o fazer criativo e crítico é diferente da experiência compreendida, informativa, uma vez que viver o fenômeno é ter o conhecimento direto dele, vivenciar a experiência, é experienciar antes e depois significar, refletir sobre o fenômeno.

Esta pesquisa apresenta o *bullying* e o suicídio não apenas em seus aspectos conceituais, isso outros pesquisadores já fizeram, mas como fruto de investigação em filmes (longa metragem) e videorreportagens, em que os sujeitos protagonizam suas experiências com esses fenômenos na escola. Dessa forma, consideramos que esse conteúdo audiovisual pode servir de material de alerta para deslançar as discussões sobre a ocorrência e caminhos de combate à incidência desse fenômeno. E, assim como Fante (2012) deixa claro em seus estudos que não tem a pretensão de apresentar soluções para determinados casos que são deslançados por transtornos psíquicos, reconhecendo que sua área de formação não dá conta disso, nesta pesquisa, de igual forma, não temos a pretensão de apresentar remédios para o fenômeno, mas, é uma tentativa de dialogar sobre eles, pensar em caminhos, à luz da fenomenologia na pesquisa em educação.

Buscando compreender a experiência que estudantes têm com o *bullying*, remetemos a Schütz (1979), quando coloca que, as interpretações da pessoa e a maneira como age no mundo são com base no estoque de conhecimento que tem como referência. As suas ações na vida cotidiana se fundamentam no estoque de conhecimento, construído através de suas experiências passadas e presentes, servindo de preparação para as antecipações futuras.

O homem em sua vida cotidiana encontra, a cada momento, um estoque de conhecimento à sua disposição, que lhe serve como um

esquema interpretativo de suas experiências passadas e presentes, e também determina sua antecipação das coisas que estão por vir. Esse estoque de conhecimento possui uma história particular. Ele foi constituído nas e pelas atividades vivenciadas por nossas consciências, cujo resultado agora se tornou nossa posse habitual. (SCHÜTZ, 2012, p.86).

O estoque de conhecimento seria para nós um código de referência, que nos orienta e que temos à mão. “Um estoque de conhecimento à mão que [...] serve como um código de interpretações de suas experiências passadas e presentes, e também determina sua antecipação das coisas que virão” (SCHÜTZ, 1979, p. 74). Eles representam esquemas para a vida, é um estoque particular, construído por nossos predecessores e que retemos e ajustamos como nosso. O estoque de conhecimento, “pertence o nosso conhecimento de que o mundo em que vivemos é um mundo de objetos bem delimitados, com qualidades definidas, objetos entre os quais nos movimentamos, que nos resistem, e em relação aos quais podemos agir” (SCHÜTZ, 1979, p. 72).

O estoque de conhecimento tem relação com o projeto, dispõe e condiciona o projeto da ação, seu sistema de interesse. Nas palavras de Schütz:

O projeto uma vez constituído modifica essa estrutura decisivamente: o objetivo a ser alcançado, o ato a ser realizado, o problema a ser resolvido torna-se, então, o interesse dominante, e passam a selecionar o que é e o que não é relevante nesse momento particular. É preciso ainda acrescentar que nem esse interesse dominante, nem o projeto que o originou, existem de maneira isolada. Ambos são elementos de *sistemas* de projetos, interesses, objetivos a serem atingidos, problemas a serem resolvidos, e são dispostos em uma hierarquia de preferências que são interdependentes em muitos aspectos. Na linguagem comum costuma-se chamar esses sistemas de planos, planos para o momento, planos para o dia, para o trabalho, para o lazer, para a vida. Esses próprios planos, que existem em um fluxo contínuo, determinam o interesse em foco no momento presente e, portanto, estruturam o estoque de conhecimento à disposição. (SCHÜTZ, 2012, p. 158).

O projeto de uma pessoa, então, é formado com base naquilo que ela se interessa e valoriza, o seu sistema de interesses, serve de recurso para interpretar as experiências e conseguir captar as intenções dos indivíduos guiadas por seu conhecimento. Em Schütz (1979), é preciso caracterizar os atos em um projeto que serve para orientar o ator. Esse projeto, quando realizado, sai da esfera da experiência para um acontecimento de fato, seria a orientação para a efetivação futura do evento. Schütz defende que é necessário experienciar, ou seja, viver o evento, para depois significar, refletir. O projeto seria a antecipação de um estado

futuro. É ele que estabelece o começo e o fim da ação, que dá finalidade a ação, ele antecipa os eventos.

Toda projeção consiste em uma antecipação da conduta futura a partir de uma fantasia. Mas projetar é mais do que simplesmente fantasiar. A projeção é uma fantasia motivada, motivada pela intenção prévia de realizar o projeto. (SCHÜTZ, 2012, p.156).

A pessoa, então, lança mão de um projeto criado com base nas experiências passadas, para desenvolver sua visão futura, esse projeto é realizado considerando as tipificações que vão permitir agir numa perspectiva futura, ou seja, a pessoa acessa seu estoque de conhecimento como código de interpretação para suas ações futuras e essas novas experiências vão sendo integradas ao seu estoque de conhecimento.

Situando essa discussão no cenário do *bullying*, percebemos que o agressor age no mundo da escola, mas as suas ações são guiadas por seu estoque de conhecimento criado ao longo de suas experiências na vida, por isso, muitas vezes os episódios negativos que tiveram no passado são usados para referendar suas atitudes de crueldade no presente, assim como a preparação do seu projeto para provocar tragédias, dor e sofrimento no outro.

A vítima, por sua vez, também busca no seu estoque de conhecimento, mecanismo para se defender, no entanto, como suas experiências não se aproximaram do que está vivenciando no cotidiano, não possui bagagem suficiente para fazer o enfrentamento necessário. Com a repetição das ações do agressor, a vítima consegue até formar algum estoque de conhecimento da situação que vivencia, consegue captar as intenções e motivações do agressor, e, com o tempo, arrisca coordenar algumas ações para se desvincular do agressor, dentre essas ações, pode recorrer ao suicídio, como forma de barrar ações futuras do agressor.

Teixeira (2002) coloca que a escola pode representar um local de risco, a escola, quase sempre, não conhece as experiências de vida dos estudantes e como estes são marcados pela violência, mas a escola pode também ser vista como um espaço ideal para a sua prevenção, principalmente nos casos de suicídio provocados pelo *bullying*.

A fenomenologia aplicada à pesquisa em educação considera as subjetividades envolvidas no processo educacional, “retrata” o fato como é, e o pesquisador se volta para a compreensão do fenômeno em que a pessoa é o sujeito da sua atuação no mundo vivido.

Compreende-se, portanto, a pesquisa fenomenológica como uma atitude que corrobora para experienciar as vivências humanas de caráter investigativos, no sentido de refletir sobre o fenômeno pesquisado, destacando os seus aspectos significativos, distanciados da influência de quaisquer análises reflexivas ou preconcebidas, ou seja, explica-se a essência do indivíduo no mundo vivido. (SOUZA, 2012, p. 31).

Na fenomenologia temos a possibilidade de compreender a realidade educacional, ela busca construir uma descrição própria do fenômeno tal qual ele aparece, para entender a sua essência, ela compreende e descreve a realidade estudada. “O mundo não é aquilo que penso, mas aquilo que eu vivo: eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 14). A fenomenologia busca descrever e não explicar a realidade.

Em Merleau-Ponty (1999), o corpo desempenha papel decisivo na percepção do mundo, ele se expressa. Dessa forma, para pensarmos na significação do corpo no campo do *bullying* é necessário refletirmos sobre o corpo na escola, é entender o corpo como receptor de tudo que acontece na escola, inclusive de *bullying*, é pensar o corpo dentro da dinâmica da escola, o corpo nas experiências de *bullying* é quem desenvolve a percepção. Como somos sujeito-corpo, este é a nossa identidade, é com ele que acessamos as coisas no mundo, as nossas ações, ou seja, as ações do nosso corpo estão numa dimensão biológica, psicológica e social, e o *bullying* consegue atingir todas elas. O corpo é, portanto, movimento, é transitório, não é algo estático, as ações têm intencionalidades, dirigem-se a algo ou alguém.

No contexto da violência na escola, o *bullying* pontua entre as principais questões, operando via intimidação tanto física, quanto verbal e psicológica, ele revela a diferenciação acentuada de poder de um corpo em relação a outro corpo, mostra um corpo provocando sofrimento no outro corpo, pela não aceitação das diferenças de qualquer natureza. Farah (2010, p. 406), questiona “quais apelos de um corpo ali representado num “espetáculo de horror” podem estar se fazendo visíveis?”

“Para Merleau-Ponty (1999), é o próprio corpo o sujeito da percepção que se caracteriza como experiência que se efetua dentro de um só ato: a experiência possibilita perceber o mundo e a si mesmo simultaneamente” (apud FARAH, 2010, p. 406). A experiência se constitui não apenas na dimensão mental, mas também na corporal, uma vez que a mente e o corpo não são coisas diferenciadas, são parte

de uma única dimensão de ser e estar na realidade, não devemos dissociar o corpo da consciência. Como o corpo desempenha papel fundamental e primordial no processo de experimentar o mundo, o corpo no processo do *bullying* reflete isso, ele é fundamental para a concretização da intimidação, o corpo e a mente do agressor agem dentro de uma intencionalidade, existe consciência ao provocar o sofrimento no corpo e na mente do outro, ou seja, da vítima.

As atitudes exteriores praticadas pelo agressor revelam aspectos do seu interior que são invisibilizados pela escola, da mesma forma que não percebe o sofrimento da vítima, a escola não demonstra domínio de compreensão sobre os gestos dos alunos, apenas domina o que é observável, questões no âmbito dos temores dos alunos, da solidão, do medo, da dor psíquica, do sofrimento são questões que perpassam pelos corpos dos alunos, revelando ou camuflando quem somos, entretanto a escola não consegue perceber. O corpo é condição de existência do *bullying*, é o corpo da vítima o receptáculo das ações praticadas pelo corpo do agressor.

2.2 Sobre as técnicas e o *corpus* da pesquisa

Quando Bogdan e Biklen (2013) destacam características da investigação qualitativa, evidenciam que a natureza dessa investigação é descritiva, “os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números” (p.4 8). Portanto, tanto filmes, vídeoreportagens, documentários, quanto fotografias representam riqueza de dados, da mesma forma que uma interação em sala de aula. Sobre isso, o sociólogo, José de Souza Martins, na obra: *Sociologia da Fotografia e da Imagem* (2014), afirma que, cada imagem narra ou cria uma história, e mesmo uma obra de ficção, não é menos real, é uma interpretação de uma realidade e que é possível estender sobre ela, a cada olhar, surgem novas significações e possibilidades de entender a sociedade.

Dessa forma, considerando que vivemos a consolidação de uma sociedade tecnológica, marcada pela hegemonia das tecnologias da informação e comunicação, a iniciativa de pesquisas que buscam compreender os fenômenos a partir de uma mídia disponível, permite continuidades e aprofundamentos dos fenômenos, não é uma ruptura com as consolidadas formas tradicionais de acesso

aos dados, mas um processo de explorar o não convencional, o que era invisível e sem credibilidade científica em pesquisas sociais, já pode e deve ser explorado.

O pesquisador e defensor do uso de tecnologias na sala de aula e nas pesquisas em educação, José Manuel Moran¹⁰ (2004) nos diz que, as mídias sempre foram utilizadas em salas de aulas na nossa sociedade contemporânea, no entanto, utilizadas como um complemento de conteúdo, uma exemplificação de algum assunto, seu aproveitamento sempre se deu de maneira secundária.

São muitos os recursos a nossa disposição para aprender e para ensinar. A chegada da Internet, dos programas que gerenciam grupos e possibilitam a publicação de materiais estão trazendo possibilidades inimagináveis vinte anos atrás. A resposta dada até agora ainda é muito tímida, deixada a critério de cada professor, sem uma política institucional mais ousada, corajosa, incentivadora de mudanças. (MORAN, 2004, p. 354).

Além dessas possibilidades de uso das tecnologias citadas por esse educador, acrescentamos que, esse material, muitas vezes, é utilizado para ocupar carga horária disponível e distrair alunos, o fato é que, no geral, ainda não foram incorporados como material didático e de pesquisa, apesar da sua riqueza de informações.

Mas, o que se percebe, é que os recursos visuais em pesquisas sociais vêm, cada vez mais, conquistando pesquisadores e mostrando quão rico é esse material. A nova configuração social em que vivemos, altamente vinculada às novas comunicações, favorece esses novos desdobramentos. E como qualquer dado de pesquisa, necessita de olhar criterioso, para que se perceba quando há uma tentativa de impor uma ideologia nesse material.

Tomando o filme ficcional e o vídeo enquanto material visual para pesquisas, Loizos (2000), argumenta que eles podem ser tratados com o mesmo direcionamento num corpus de pesquisa, ambos são visuais, mas é preciso a “criação de um sistema de anotações em que fique claro por que certas ações ou sequências de ações devam ser categorizadas de um modo específico; e finalmente, o processamento analítico da informação colhida” (p. 149). Nesta pesquisa, lançamos mão desses recursos, para refletir fenomenologicamente a questão do *bullying* e do suicídio. Os filmes expõem os fenômenos de maneira

¹⁰ Doutor em Comunicação pela USP, foi professor de Novas Tecnologias nesta universidade, hoje se encontra aposentado. Professor pesquisador de Novas Tecnologias no Senac-SP, Conferencista e Orientador de Projetos Educacionais Inovadores com metodologias ativas nas modalidades presencial e a distância.

ficcional, e as videorreportagens nos revelam os casos reais, tendo a clareza que o espectador está diante de histórias contadas, seja pelo diretor do um filme, seja pela família do suicida, através de reportagens.

Discutindo sobre imagens em movimento, Rose (2000), nos diz que trabalhar esse tipo de dado exige que sejamos bem criterioso, pois é um amálgama complexo, bastante difícil selecionar o que considerar e o que deve ficar de fora. O que deve ser considerado dessas imagens em movimento vai depender do olhar do pesquisador, não é possível captar uma verdade única, as próprias referências teóricas do pesquisador direcionarão a forma de como ver, como por exemplo, os filmes e vídeos nesta pesquisa serão enxergados à luz da fenomenologia. Rose (2000) remete ainda ao fato de não existir uma forma moldada de como coletar esses dados, ou seja, cada pesquisador vai dar o seu desenho metodológico, aquele que atenda às necessidades da pesquisa, mas é de suma importância ser bastante específico e claro no acesso aos dados. Essas mídias “são um amálgama complexo de texto escrito ou falado, imagens visuais, e as várias técnicas para modular e sequenciar a fala, as fotografias e a localização de ambas” (ROSE, 2000, p. 345).

Nesse processo de escolha do material visual, a autora chama a atenção para a necessidade de fazer uma varredura ampla no assunto pesquisado, daquilo que está disponível, e destacar a parte que será considerada, além disso, é preciso também indicar um período para fazer o corte necessário: o que entra e o que sai. Ainda sobre o corte necessário, Gardies (2007, p. 43) coloca que, “é necessário sugerir ao espectador a noção de tempo que decorre segundo uma lógica linear”. A partir dessa definição de período, ou seja, da questão temporal, de extrema relevância, já que, “no cinema, não posso ignorar a dimensão fenomenológica implicada no desenrolar temporal da imagem animada” (GARDIES. 2007, p. 85). A preocupação seguinte perpassa pela codificação das informações oriundas dos dados selecionados e o processo de transcrição, tendo ciência de que o audiovisual fornece uma gama muito grande de informações, mas é a teoria que orienta o estudo, direcionando para aquilo que deve ser enxergado.

Gardies (2007, p. 58), “das relações entre as imagens e sons mostra que cada análise audiovisual permite várias leituras”. Mas, o fundamental nesta fase da pesquisa é que o caminho traçado e os critérios definidos precisam estar bem

evidenciados, claros, explícitos. “Deve ficar teórica e empiricamente explícita a razão de certas escolhas terem sido feitas e não outras” (ROSE, 2000, p. 350).

2.3 Filmes ficcionais e videorreportagens como *corpus* da pesquisa

Nesta pesquisa, tomamos filmes ficcionais (longa produção) e videorreportagens hospedados no *YouTube* como possibilidade de representação da violência na escola, evidenciando o *bullying* e o suicídio. Além de reportagens tradicionais que complementam o material audiovisual, hospedadas no *Google*.

O uso dessas mídias como recurso de ensino-aprendizagem nos estudos da violência na escola pode ter grande significação, porque tanto o cinema tem a prerrogativa de influenciar o público, como pode ser tomado para além da sua dimensão encantadora ou técnica, buscando considerá-lo como espaço de provocações científicas, como as videorreportagens, possuem conteúdos em que a própria família da vítima fala da experiência com os fenômenos. Os vídeos possuem uma riqueza incalculável de dados para pesquisas em variadas áreas, Menegon (2013, p. 80) nos diz que “um vídeo, assim como uma fotografia, pode ser tomado como uma forma de documentação dotada de valor histórico e social”. Nesse sentido, concordando com essa pesquisadora, o que é visto e como é visto passa por uma formação cultural do observador.

Ao que pese associar a discussão de problemas existentes na escola com o cinema pode, à primeira vista, soar estranho, mas é preciso considerar sua potencialidade como veículo promotor de aprendizagem. O cinema pode ser tomado como recurso de aprendizagem, uma fonte de conhecimento da realidade: é possível apreender nos filmes ficcionais, percepções sobre educação, a escola e sua clientela.

Analisando um rol expressivo de produções cinematográficas e videorreportagens sobre os fenômenos estudados, o sofrimento provocado pelo *bullying* e as manifestações suicidas na vida de alunos são uma constante, daí, numa tentativa de entender a escola como meio de preparação para a vida, ela pode acabar, em alguns casos, preparando para a morte. A escola deve ser um ambiente de socialização ímpar, portanto, é imprescindível que esta desenvolva ações visando prevenção e redução desses fenômenos.

Vítima de *bullying* protagonizam tragédias nas escolas, as agressões não tiveram alvos específicos, sugerindo que o desejo era de “matar a escola”, local de intenso sofrimento e insegurança. (LOPES NETO, 2005 apud ALBUQUERQUE et al, 2013, p. 93).

Justificando a escolha por filmes nesta pesquisa, remetemos a Lukács¹¹ (1982), que via a arte fílmica como forma de reprodução da vida cotidiana, a estética seria uma consequência do processo histórico, uma referência. O filme tem a faculdade de unir o aparente ao sonoro, conseguindo promover diferentes possibilidades de captar e representar visualmente a realidade. “Falar de um entendimento através de imagens significa que nosso mundo, nossa realidade social, não é apenas representado por imagens, mas também constituído ou produzido por elas” (BOHNSACK, 2013, p. 115).

A arte é uma das possibilidades de ver o mundo, logo, apreender o mundo real através das representações imediatas não é a única maneira de percepção do real, utilizando-se da imaginação e da fantasia a arte incorpora a empiria reinterpretando-se por meio da subjetividade, argumentam Câmara et al (2009). Em Lukács (1982), o cinema é visto para além da imediatez da imagem, a aparência na arte não é uma ilusão do mundo, ao contrário, a partir da existência de indivíduos concretos ela nos leva à mediação histórico-social das pessoas com a estrutura social.

O marxismo também nos fornece as potencialidades para o estudo do cinema contemporâneo, Câmara e Jesus (2007) destacam que Marx (05/05/1818–14/03/1883) compreende a arte como um dos componentes da superestrutura, ou seja, uma forma de representação da vida cotidiana diferente da ciência e da religião. Dessa forma, pressupostos de Marx são retomados nos estudos do cinema, que vão evidenciar as potencialidades da forma fílmica. Nele, a arte é vista como uma criação humana libertadora no qual o artista expressa de modo singular, a universalidade. “A arte enquanto manifestação da superestrutura, dessa forma seria uma forma de acesso ao mundo distinta da ciência e da religião e por isso o seu próprio exercício deveria ser livre” (CÂMARA; JESUS, 2007, p. 01).

Fernão Ramos, reconhecido pesquisador do cinema, observa que a construção fílmica não apresenta fielmente a sociedade em um filme, é uma representação. “A imagem apresentada representa mais do que está visível, ela

¹¹ György Lukács (13/04/1885 – 04/06/1971), filósofo húngaro marxista, bastante reconhecido no século XX.

representa “aquilo que uma sociedade deseja que seja representado” (RAMOS, 2013, p. 05). Desta forma, nesta pesquisa, captamos nos filmes as experiências que os sujeitos vivenciaram com a violência na escola. “Todo filme é uma forma de discurso que fabrica seus próprios efeitos, impressões e pontos de vista” (NICHOLS, 2005, p. 50). Nesse processo de fabricação, o cinema cria estratégias de reflexividade que podem servir a objetivos sociais, políticos e científicos. Assim sendo, produções cinematográficas representam parte do corpus desta pesquisa.

Gardies (2007), ao escrever sobre as imagens, salienta que são criados elos narrativos em que as imagens e os sons são organizados no intuito de contar a história. É preciso estar atento à temporalidade que decorre no filme, observar a sequência linear lógica. A análise fílmica pode ser utilizada para estudar um ponto de vista social, permitindo várias leituras, para isso é necessário ver o que o filme mostra sobre determinado tema social. Nas imagens em movimento é imprescindível verificar o que aconteceu (o fato) e como. Este é o ponto fundamental, uma vez que mostra a experiência com o fenômeno. Um filme pode contar algo ocorrido ou ficcional.

No que diz respeito a tomar videorreportagens como objetos de pesquisa, isso nos permite trazer à luz relatos de famílias e de vítimas, perceber o que motiva atitudes dessa natureza, como essas ações violentas são construídas nas escolas, em quais contextos e as consequências. Produção de conteúdos em vídeos aparece como uma nova proposta, o uso de mídias digitais nas reportagens. No passado, apenas os veículos de comunicação produziam esses conteúdos, hoje, a maior parte do tráfego na internet utiliza vídeos. Esse tipo de comunicação segura a atenção dos expectadores.

Esses vídeos aparecem muito na atualidade como complemento de reportagens de texto nos mais variados portais de notícias, isso contribui para que o espectador passe a acompanhar essas redes sociais que apresentam conteúdos dessa forma. Dentro desse contexto, ainda aparecem os vídeos transmitidos ao vivo, que promovem a divulgação do acontecimento em tempo real, portanto, possuem maior abrangência e maior interação com os internautas que entram e manifestam suas opiniões como se fizessem parte do contexto, acontecem simultaneamente, as *lives*.

Além da projeção atingida pelas reportagens ao vivo, temos também a expansão do uso do celular com toda a evolução tecnológica atingida. A população

desenvolveu o hábito e o gosto pelas filmagens, situações do cotidiano, irregularidades e curiosidades, tudo é filmado e divulgado na internet, e tem muita audiência.

Destacamos também a simplicidade e facilidade de se criar um perfil em um aplicativo ou uma conta em plataformas. Dentre os preferidos, temos os aplicativos *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *Whatsapp* e a plataforma *YouTube*. É fato que a sociedade, em sua maioria, percebe os acontecimentos cotidianos pelos meios de comunicação de massa, e esses aplicativos passaram a cumprir um pouco dessa função.

A videorreportagem conta uma história similar ao que faz o documentário, tem princípio, meio e fim, e busca o aprofundamento da notícia, as causas e as consequências. Mas segue uma linha editorial, existe uma pauta previamente definida, e muitas vezes, está ligada a algum programa, tem relação com um assunto pontuado e em evidência na mídia. Este material deve ser desenvolvido com neutralidade, o objetivo é mostrar os fatos, responder as questões que compõem o roteiro, para dar conta daquilo que o telespectador espera que se tenha, é preciso satisfazer o telespectador.

As fontes que darão entrevistas (previamente selecionadas), além de fornecer informações primordiais, devem ser alocadas durante o vídeo com a finalidade de dar sintonia à estrutura que está em construção” (CARMO-ROLDÃO et al, 2007, p. 119).

Quando a videorreportagem trabalha com depoimentos, a utilização da imagem e da voz, sem a inclusão de textos, aproximam-se do formato utilizado nos documentários, são as entrevistas que darão credibilidade ao vídeo, logo, deve ser criteriosamente definida. A duração de tempo está subordinada à definição da linha editorial.

A videorreportagem representa uma mudança na maneira como se produz conteúdos audiovisuais para a TV e internet. No *YouTube* é possível acessar conteúdo novos, já exibidos na TV e produzidos de maneira autônoma. O público juvenil é agrado com essa forma de apresentar as notícias, vivenciam o mundo audiovisual e também produzem esse tipo de conteúdo, mesmo de maneira amadora. Comumente hospedam suas produções na plataforma do *YouTube*, por ser de fácil acesso e permitir a interação entre internautas, além de ser gratuito.

O interesse pelo outro ou a exibição de um eu são temáticas recorrentes ao longo da história social do homem. A grande novidade compreende, principalmente, as oportunidades ofertadas em

ambiente virtual que favorecem tanto o surgimento de novas formas e formatos de representação (blogs, vídeos e redes sociais, por exemplo), como a multiplicação de espaços em que os próprios indivíduos possuem autonomia para divulgarem os conteúdos que produzem (*YouTube*, por exemplo). (MENEGON, 2013, p. 30).

Cientes dessa possibilidade de autonomia nessas postagens, do alcance que conseguem atingir, o cidadão comum, vítima de *bullying*, movido pelo sofrimento constante e sem perspectivas de solução, busca nestes espaços virtuais, tornar público a sua dor, falar da sua experiência com o fenômeno. Já houve casos de adolescentes transmitirem ao vivo (*digital storytelling*), seu próprio suicídio.¹²

Considerando que o “faça você mesmo” faz parte do ideal de cultura defendido por sites hospedeiros de conteúdos de um modo em geral (tipo *YouTube*), essa prática cresceu tanto que fez surgir uma nova profissão oriunda dessas postagens, o *YouTuber*, que são pessoas comuns ou profissionais autônomos, que na web atingiram sucesso, fama e muito dinheiro, eles usam a web¹³ para fazer o que querem e gostam, não têm patrão, não têm contratante, e recebem por isso, a depender do alcance. Mas esse espaço é também utilizado por aqueles que visam apenas divulgação, denúncias, desabafos, é neste ponto que se encaixa os suicidas. As vítimas também produzem conteúdos nos seus vídeos, geralmente apresentam o ponto de partida para se pensar a relação do suicídio com a escola. Provocam comentários, compartilhamentos, baixa de conteúdo da comunidade interna e externa à escola, contribuindo para que a denúncia do suicida maior alcance.

Sobre esses sites hospedeiros, Menegon (2013) fala do uso do *YouTube* como plataforma que hospeda muito conteúdo, inclusive educa através de seus

¹² Em 26 de julho de 2006, um jovem de 16 anos em Porto Alegre transmite seu suicídio. No seu blog ele pediu informações de como executar seu plano e foi orientado até o final. Chegou a pedir socorro nos últimos momentos, mas, desta vez, seus seguidores não ajudaram. A polícia brasileira foi avisada pela polícia de Toronto, onde um estudante de antropologia que era seguidor do seu blog (sobre música), avisou a polícia canadense (<https://gauchazh.clicrbs.com.br/>). Em 27 de julho de 2017, Bruna Andressa Borges de 19 anos transmitiu sua morte pelo Instagram, dias que antecedeu ela fez uma série de postagens no Facebook com conteúdos depressivos. No dia seguinte, seus pais também cometeram suicídio por não suportar a dor do que a filha fez (<https://br.blastingnews.com/brasil/>).

¹³ Rede Mundial de Computadores (*World Wide Web*), também conhecida pelos termos em inglês *web* e *WWW*, é um sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na *Internet*. Os documentos podem estar na forma de vídeos, sons, hipertextos e figuras. Para consultar a informação, pode-se usar um programa de computador chamado navegador para descarregar informações de documentos ou páginas de servidores *web* (ou “sítios”) e mostrá-los na tela do usuário. O usuário pode seguir as hiperligações na página para outros documentos ou mesmo enviar informações de volta para o servidor para interagir com ele. O ato de seguir hiperligações é, comumente, chamado “navegar” ou “surf” na *Web*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/World_Wide_Web. Acesso em 02/05/2018

vídeos, nesta pesquisa ele passa a ser utilizado como um rico espaço virtual, oferecedor de inúmeras possibilidades de pesquisa, ainda pouco exploradas. Foi nesse campo virtual que os filmes e as videorreportagens foram selecionados, por este ser um site de compartilhamento de grande alcance, logo, o mais procurado por jovens de todas as idades e de toda parte, inclusive na faixa etária que corresponde à idade escolar considerada nesta pesquisa (10 a 17 anos).

O *YouTube* foi criado em 2005 por jovens que já exploravam espaços virtuais (ex-funcionários do *PayPal*¹⁴), aprimoraram a forma de disponibilização de conteúdo em rede-*upload*¹⁵, passando a utilizar a formatação *Adobe Flash Player*¹⁶ para disponibilizar os conteúdos, ou seja, o usuário tem a possibilidade de assistir ao conteúdo sem baixá-lo, desde que conectado à internet.

2.4 O processo de seleção dos filmes ficcionais e videorreportagens

Para o filme ficcional e a videorreportagem compor o *corpus* dessa pesquisa, foram considerados os testemunhos sobre a realidade estudada, ou seja, verificou-se no grupo de mídias com possibilidades de análise, o grupo alargado. “Se trabalharmos um grupo de filmes, é necessário justificar aquilo que permite constituirlos em *corpus* e definir os critérios de escolha: temática comum” (GARDIES, 2013, p. 97). Nesta pesquisa, os filmes e as videorreportagens sobre a temática da violência na escola, em que a trama se desenvolve em torno do *bullying* e do suicídio, e a parcela considerada, buscou-se identificar elementos que permitissem reconhecer os tipos e as características do *bullying* sofrido pelo aluno e o estopim gerador do suicídio, bem como, elementos que inserissem a escola e a família na discussão sobre os fenômenos e o papel que estas poderiam desempenhar para evitar a tomada de decisão e opção pelo suicídio, enfim, como os envolvidos experienciam esses fenômenos.

¹⁴ Empresa de pagamentos online situada em São José, na Califórnia, Estados Unidos. Fundada em 1998 opera internacionalmente e é uma das maiores do ramo de realizar pagamentos rápidos e auxiliar em envios de dinheiro. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/PayPal>. Acesso em 02/05/2018

¹⁵ O ato de enviar dados do servidor para o cliente é chamado de download. Já o caminho inverso, quando a máquina do usuário envia algum conteúdo para o “server” na internet, é chamado de upload. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/conexao/1148-o-que-e-upload-.htm>. Acesso em 02/05/2018

¹⁶ O Adobe Flash Player, ou apenas Flash Player, é um reprodutor de multimídia e aplicações. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Adobe_Flash_Player. Acesso em 02/05/2018

“A complexidade do objeto fílmico dificulta as seriações, que pressupõe critérios homogêneos, salvo no caso particular de um conjunto de filmes construídos segundo o mesmo modelo” (GARDIES, 2007, p. 98), daí a importância de nesta seleção, fazer escolhas representativas, mas pode-se também fazer escolhas aleatórias, que tenham relação com o fenômeno pesquisado dentro de um contexto social e cultural, ainda de acordo com Gardies (2007, p. 99), “uma pesquisa inicial permite descobrir, em muitos casos por período e por país, filmes que julgamos, pelos seus títulos ou sinopses, dignos de interesse.” Isso é possível quando buscamos em catálogos que dão acesso aos filmes.

Nesta pesquisa, foi feita uma sondagem inicialmente por temática, acessada via internet no site de busca *Google*¹⁷, em seguida, foi realizada a escolha do *streaming*¹⁸, ou seja, o site que hospeda vídeos na internet, em que, o hospedeiro selecionado foi o *YouTube*. Primeiramente por conta do primeiro resultado já direcionar para esse hospedeiro todos os resultados da dez primeiras páginas que agrupa esses resultados, deduzimos que, por ser o preferido pelos *webmasters*¹⁹, o público de uma maneira em geral, o mais popular da internet, logo, atrai um número grande de seguidores, dentre outras coisas, por apresentar divisão por conteúdos em *tags*²⁰. Facilita a navegação, por ter canais e bibliotecas, e por ser gratuito. Este *streaming* pertence a *Google*, que também ocupa a primeira posição no *ranking* das empresas desse sistema.

Salientamos que existem outros, como: *Dailymotion*, segundo em popularidade, similar ao primeiro, com diferencial que tem relação direta com o *Facebook*; o *Metacafe*, que é um portal mais amplo que os outros dois, hospedeiro de games, filmes *on-line*, *streaming* ao vivo, o que não tem nos outros, e os vídeos

¹⁷ A *Google* é uma empresa multinacional de serviços online e software dos Estados Unidos, hospeda e desenvolve uma série de serviços e produtos baseados na internet e gera lucro principalmente através da publicidade. É executado através de mais de um milhão de servidores ao redor do mundo e processa mais de um bilhão de solicitações de pesquisa e vinte petabytes de dados gerados por usuários todos os dias. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Google>. Acesso em 02/05/2018.

¹⁸ **Streaming** é uma tecnologia que envia informações multimídia, através da transferência de dados, utilizando redes de computadores, especialmente a Internet, e foi criada para tornar as conexões mais rápidas. Disponível em: <https://www.significados.com.br/streaming/>. Acesso em 02/05/2018.

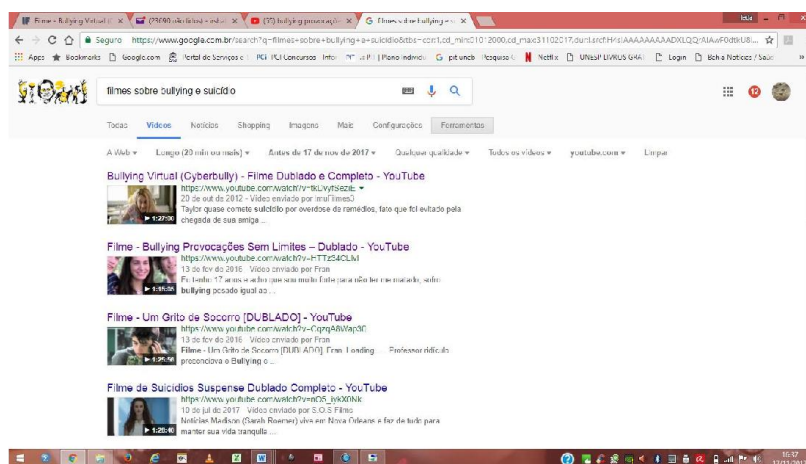
¹⁹ O Webmaster é um profissional capaz de gerenciar as tarefas tanto de um webdesigner (elaboração do projeto estético e funcional de um web site) quanto de um *web developer* (que faz a parte da programação, como sistemas de login, cadastro, área administrativa), ele é a pessoa responsável por tomar as decisões quanto aos trabalhos específicos desses dois profissionais. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Webmaster>. Acesso em 02/05/2018.

²⁰ *Tags* são etiquetas de informações que contém os códigos de *html* que são usados para guiar a transmissão de informações. Disponível em: <https://neilpatel.com/br/blog/tags-para-YouTube/>. Acesso em 02/05/2018.

postados por amadores, ultrapassando a meta de visualizações, o autor recebe pagamentos por conta de visualizações, portanto, muito utilizado para quem tem foco comercial nas suas postagens, o que não é o caso das postagens sobre o *bullying*, que seguem a linha de denúncia; há ainda o *Vimeo*, que é utilizado por artistas novatos para divulgarem suas produções, por possuir excelente qualidade nas imagens, no entanto, é cobrado taxas de acesso aos conteúdos. Existem outros menores e direcionados a público específico como: *Schooltube*, com conteúdo apenas educativo postado por estudantes e professores; e o *Sciencestage*, que hospeda conteúdo de ciências. Enfim, acessamos tanto os filmes, quanto as videoreportagens via *YouTube*.

No processo de seleção dos filmes, a busca foi realizada no site da *Google*, especificidade vídeos, considerando as produções cinematográficas de longa-metragem. Os *prints* das telas serão tomados como Imagens, e as cenas dos filmes como fotografias, tendo como marco temporal a partir dos anos 2001, ano em que as produções já utilizavam o termo *bullying* nos títulos ou sinopses, até 2019, ano em que devemos encerrar a pesquisa. O gênero selecionado foi drama, assim, todos os resultados de gêneros como comédia, terror e suspense, que apareceram na busca foram desconsiderados.

Imagem 1 – Interface do *site Google*, busca do filme por assunto



Fonte: www.google.com.br

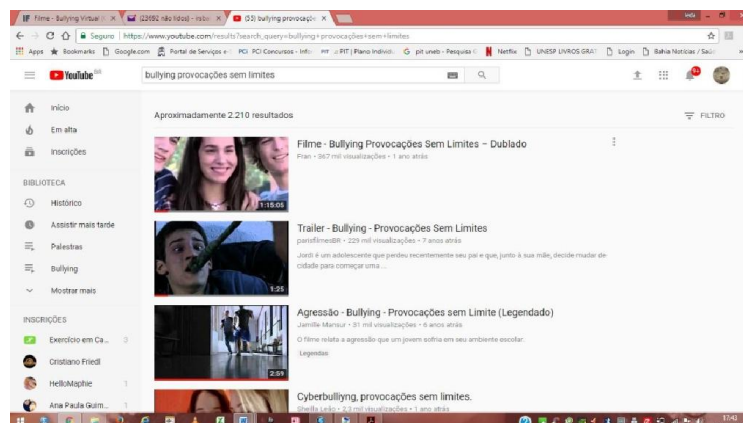
Acesso em: 17 nov. 2017.

O levantamento dos filmes foi realizado a partir dos catálogos do site hospedeiro de vídeos *YouTube*, disponíveis na internet, que listam essas produções sobre os fenômenos pesquisados, e que fazem referência ao discurso do *bullying*.

Vale salientar que as discussões sobre essa temática começaram a partir da década de 1970 na Suécia, mas no Brasil só se inicia a partir dos anos 90, quando ganha mais destaque, ou seja, o termo *bullying* começa a ser utilizado nos debates e eventos educacionais, mas somente localizamos produções cinematográficas tratando desse conceito a partir dos anos 2001.

De posse do resultado geral no Google, os filmes aparecem primeiramente hospedados no *YouTube*, realizamos a triagem por gênero (drama), período e tipo de produção (longa), em seguida, consultamos a Ficha Técnica de 40 (quarenta) desses filmes, para em seguida selecionar 10 (dez) a partir da leitura da sinopse, levando em consideração a temática da pesquisa, e que contassem histórias de adolescentes entre 10 e 17 anos. A partir dessa triagem, fizemos a busca de cada filme no site do *YouTube*, onde estão hospedados gratuitamente (Imagem 2), em seguida foram baixados para serem estudados enquanto material de pesquisa.

Imagem 2 – Interface do site *YouTube*, busca por filmes



Fonte: www.google.com.br
Acesso em: 17 nov. 2017.

Os filmes são tomados academicamente, passaram por análises, que é diferente de tecer crítica à obra (juízo de valor). Nesse processo de análise, o filme foi decomposto, não como uma metodologia já pronta para isto, neste procedimento, tivemos a primeira fase em que descrevemos o filme, em seguida, buscou-se compreender a relação entre os elementos decompostos, a interpretação desses elementos. Uma metodologia que podemos dizer que é separar e em seguida juntar, reconstruir para entender como os elementos foram associados, perceber a ligação entre os elementos (PENAFRIA, 2009).

Dessa forma, efetuamos a análise dos filmes, considerando a temática, no caso desta pesquisa, filmes sobre *bullying* e suicídio na escola. No momento de identificação, verificamos a ficha técnica, na sequência buscamos responder à questão: este filme é sobre... passamos, então, ao momento de decomposição, ou seja, separação das partes, será feito através de um arcabouço de questões: Qual o tema do filme? Qual a cena principal? Como a cena x se comunica com as demais? Questões inspiradas no Programa *Anti-bullying* de *Olweus*. Consideramos também diversificar a escolha do filme com base nos tipos de *bullying*, numa tentativa de abranger os diversos tipos de agressões que compõe o *bullying*. Dessa forma, selecionamos dois filmes, sendo um em que a história contada centrou no *bullying* tradicional e outro, no *cyberbullying*.

Sobre o programa *anti-bullying* de *Olweus*, desenvolvido pelo Centro de Pesquisa de Promoção da Saúde (HEMIL) da Universidade de Bergen, na Noruega, consistia em pesquisa e intervenção na realidade afetada pelo *bullying*. Na década de 1970, iniciou seu projeto em grande escala, sendo este, considerado por pesquisadores do tema, o estudo científico pioneiro no mundo, a partir dessa pesquisa, publicou em 1973 os resultados no livro: *Agressão nas Escolas: Bullies* (FRICK, 2016).

De posse dos resultados da pesquisa, foi realizado o primeiro estudo sistemático de intervenção contra o *bullying* no mundo, na década de 1980. Dessa intervenção, *Olweus* projetou o Programa de Prevenção *Olweus Bullying* (OBPP). Dentre as ações previstas nesse programa, tinha a criação da hora social, de maneira formal e institucionalizada, que consiste em um horário semanal de encontro de um professor tutor com as alunas e alunos para discutir questões ligadas à convivência, regras e penalidades quando alguém descumpria-as, acrescenta Frick (2016).

Uma ajuda importante para combater os problemas dos agressores e das vítimas e para criar um "clima" social melhor na sala de aula é o acordo entre o professor e os alunos sobre algumas regras simples sobre assédio e intimidação. (OLWEUS, 2006, p.103 – tradução nossa).²¹

²¹ Una ayuda importante para contrarrestar los problemas de agresores y de víctimas, y para crear un "clima" social mejor en el aula es el acuerdo del profesor y de los alumnos sobre unas cuantas normas sencillas acerca del acoso y la intimidación. (OLWEUS, 2006, p.103) – Citação original.

Para Frick (2016), essa atitude permite, “possibilitar que os próprios alunos, liderados pelo professor, analisem semanalmente os problemas que envolvem seu grupo, pode exercer uma pressão considerável nestes” (FRICK, 2016, p.55).

Voltando à questão da escolha dos filmes, Penafria (2009) apresenta possibilidades de buscar os pontos de análise do filme, considerando a natureza da pesquisa, entendemos ser este um caminho viável. “Um outro modo, menos sistemático para a análise de um filme é uma espécie de diálogo que o analista pode estabelecer com o filme, colocando-lhe questões” (p. 09).

Não existe um método específico para análise de filmes, o pesquisador é que define o que se pretende fazer com eles, nesta pesquisa, após decomposição, procedemos à análise temática das histórias nos filmes e vídeos, buscamos o assunto implícito no material audiovisual que possibilitasse as discussões, foram tomados enquanto relatos, neste caso, sobre suicídio de adolescentes provenientes de *bullying* ou *cyberbullying*.

Nesse processo, fizemos a descrição da história, em seguida, passamos ao procedimento de análise buscando conhecer o que os filmes dizem sobre o *bullying* e o suicídio, destacando as cenas mais marcantes para mostrar a experiência dos envolvidos com os fenômenos. Essas cenas foram destacadas em fotogramas e tomadas como dados da pesquisa, enumeradas por filme e sequência para compreender os filmes.

Quadro 1 – Filmes e evidências de *bullying* e suicídio

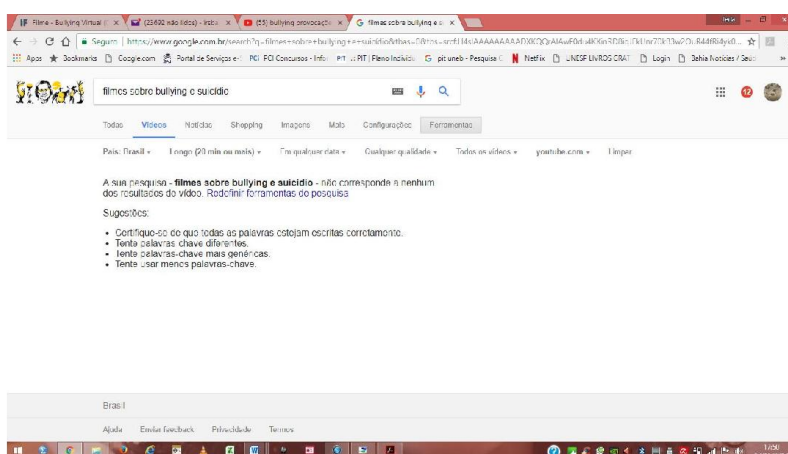
Identificação de Evidência de <i>Bullying</i> e Suicídio nos Filmes		
Filme 1	Evidência 1	F1(1)
Filme 2	Evidência 2	F2(2)
Filme 1	Evidência 5	F1(5)
Filme 2	Evidência 8	F2(8)...

Fonte: elaborada pela autora

Inicialmente, pretendia-se utilizar também produções brasileiras, no entanto, considerando que, numa busca pelo estado da arte dos filmes sobre a temática no Brasil, em sites, na Agência Nacional do Cinema-ANCINE, no Dicionário de Filmes Brasileiros, dentre outras possibilidades, não foi encontrada nenhuma produção brasileira que discutisse a especificidade dessa temática (*bullying* e suicídio na escola). Verificamos a existência de uma produção recente no Brasil, que aborda o

cyberbullying, e não está disponível em nenhuma plataforma (adiante falaremos um pouco dessa produção). Encontramos produções sobre a violência na escola, racismo na escola, questões relacionadas ao mundo da escola, exceto abordando as duas temáticas, conforme sinalizada abaixo:

Imagem 3 – Interface do *site Google*, busca por produções brasileiras



Fonte: www.google.com.br
Acesso em: 17 nov. 2017.

Outro ponto que deve estar evidenciado é a questão do espaço, no sentido de lugar, onde ocorreu o fato/história. A temporalidade, o tempo no centro das análises, de que tempo estamos falando, os acontecimentos sociais e políticos interferem em como o fenômeno é executado e na maneira como foi. Esses indivíduos dão testemunhos sobre a sociedade, sobre a escola e seus acontecimentos.

Dessa forma, tanto os filmes, quanto as videorreportagens que foram tomados enquanto documentos e analisados fenomenologicamente, passaram por uma análise e descrição das informações, num primeiro momento, para em seguida, estabelecer as relações entre esses elementos descritos, neste processo de análise e interpretação desses dados. Os critérios de seleção privilegiados ou rejeitados nas produções, foram pautados na essência das experiências vividas pelos adolescentes, suas famílias e por suas escolas. “Se trabalharmos um grupo de filmes, é necessário justificar aquilo que permite constituí-los em *corpus* e definir os critérios de escolha: temática comum, características estéticas ou problemas de gêneros” (GARDIES, 2007, p. 104).

Abaixo a ficha técnica dos dois filmes selecionados para compor a pesquisa, sendo o primeiro concentrado no *bullying* tradicional e o segundo no *cyberbullying*.

Imagem 4 - Filme 01 - *Bullying* - Provocações Sem Limites



Fonte: <http://www.interfilmes.com>

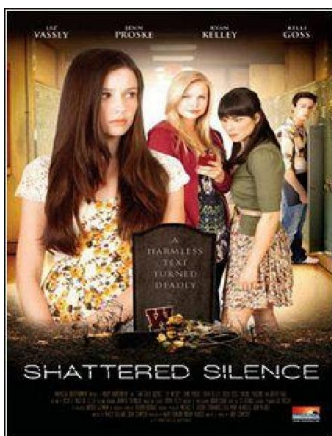
Sinopse: Jordi é um adolescente que perdeu recentemente seu pai e que, junto à sua mãe, decide mudar de cidade para começar uma nova vida. Em princípio tudo parece bem, mas o destino reservado para ele será uma terrível surpresa já que quando Jordi passar pelo portão da nova escola, cruzará sem saber a tenebrosa fronteira de um novo inferno.

Quadro 2 - Ficha Técnica do filme 01

Ficha Técnica	
Título Original	<i>Bullying</i>
Título em Português	<i>Bullying: Provocações sem limites</i>
Ano de Produção	2009
Direção	<i>Josetxo San Mateo</i>
Duração	93min.
Gênero	Drama
País de Origem	Espanha
Classificação	Não recomendado para menores de 16 anos
Elenco	
Albert Carbó – Jordi	David Ondategui – David
Joan Carles Suau – Nacho	Maria de la Pau Pigem - Diretora
Carlos Fuentes – Bruno	Marcos Aguilera – Marcus
Laura Conejero – Júlia	Daniel Casadella – Juan
Jian Itambé – Annia	Juli Fábregas – Tutor
Elsa Montanuy – Paula	

Fonte: Adaptado pela autora do site <http://www.interfilmes.com>

Imagem 5 - Filme 02 - Silêncio Rompido



Fonte: <http://www.interfilmes.com>

Sinopse Rachel fica arrasada quando sua filha Dina comete suicídio. Forçada a admitir que nunca foram muito próximas, Raquel tenta reconstituir os últimos dias de vida da filha e descobre que ela era alvo de *bullying*.

Quadro 3 – Ficha Técnica do filme 02

Ficha Técnica	
Título Original	Shattered Silence
Título em Português	Silêncio Rompido
Ano de Produção	2012
Direção	Jonh Stimpson
Duração	85min.
Gênero	Drama, Suspense, Thriller
País de Origem	Estados Unidos da América
Classificação	Não recomendado para menores de 12 anos
Elenco	
Liz Vassey	Rachel Van Cleve
Jenn Proske	Dina Van Cleve
Kelli Goss	Skylar Reid
Judith Hoag	Patrícia Reid
Ryan Kelley	Mark Carey
Rachel Delante	Claire Stevens
Celeste Oliva	Cathy
Tom Kemp	Diretor Brannigan
Adjovi Koene	Valerie

Fonte: Adaptado pela autora do site <http://www.interfilmes.com>

2.5 Videorreportagens de casos verdadeiros de *bullying* e suicídio na escola

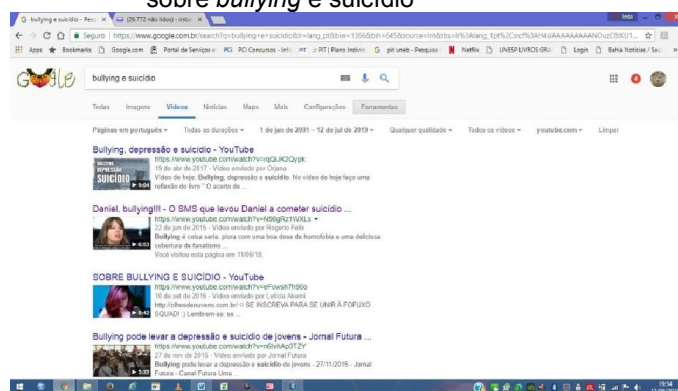
A busca das videorreportagens foi feita seguindo os mesmos passos utilizados na seleção dos filmes, consideramos as postagens de vídeos médios e

longos²² (conforme Imagem 6), tendo como marco temporal o mesmo utilizado nos filmes, de 2001 a 2019, inicialmente pela busca geral no *Google* sobre os fenômenos pesquisados, em que os primeiros resultados destacaram vídeos hospedados no *YouTube*, acessados gratuitamente. Passaram por um procedimento de seleção e coleta, considerando o mecanismo de busca pelo conteúdo (suicídio provocado pelo *bullying* na escola).

De posse dos primeiros resultados mostrados no *Google*, realizamos a triagem dos *links* atendendo ao critério de exclusão ou inclusão do vídeo, considerando a temática da pesquisa hospedada no site do *YouTube*. Em seguida, verificamos a existência de material complementar disponível sobre o caso na internet (postagens de meios de comunicação oficial, *blogs*²³, perfis de redes sociais, postagens feitas pelas famílias, etc.).

Observamos também a popularidade do conteúdo, os mais visualizados no período definido pela pesquisa, geralmente eles aparecem do mais visualizado para o menos na própria busca. Foram considerados os fatos extraordinários, que dizem respeito a flagrantes da realidade, eventos ocorridos em um determinado momento, em que não seria possível interferir ou modificar o episódio. São eventos que são noticiados pela mídia, justamente pelo seu perfil extraordinário.

Imagem 6 – Interface do site *Google*, busca por videorreportagens sobre *bullying* e suicídio



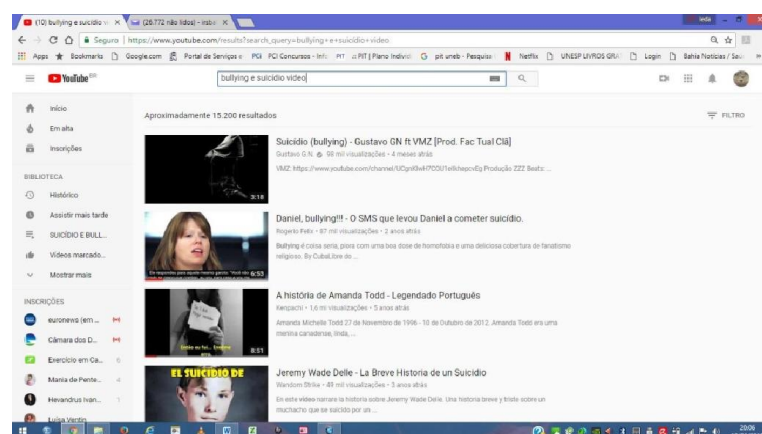
Fonte: www.google.com.br

²² No mecanismo de refinamento da busca, vídeos curtos são os que estão entre 0 – 4min, vídeos médios de 4 – 20min e longos, acima de 20 min.

²³ *Blog* – Diário de rede, um sítio eletrônico cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos, ou postagens ou publicações. Geralmente são organizados de forma cronológica inversa, tendo como foco a temática proposta no *blog*, podendo ser escrito por um número variável de pessoas. Muitos fornecem comentários ou notícias sobre um assunto em particular; outros funcionam mais como diários *online*. Combinam texto, imagens e hiperligações e os leitores podem interagir ou deixar mensagens com o autor do *blog*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/blog>. Acesso em 02/05/2018.

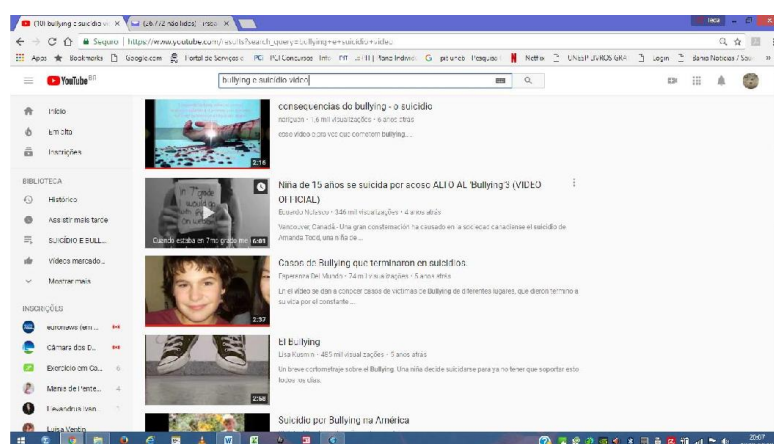
Do resultado apresentado no site da Google, os *links* são mostrados como hospedados na Plataforma *YouTube*. Dessa forma, uma nova busca foi realizada no site do *YouTube*, onde foram sinalizados 15.200 resultados (Imagens 7 e 8), verificamos por ordem de aparecimento, a partir do primeiro, conferindo os que, de fato, eram casos verdadeiros de *bullying* que desembocaram no suicídio, isso porque existem muitos *Youtuber* que encenam vídeos para mostrar como o suicídio é praticado ou tentam reproduzir esses casos. Essas práticas, na realidade, são utilizadas para ampliarem os acessos e curtidas, já que, a partir de um determinado número de acessos, eles são remunerados pela plataforma hospedeira, dramatizam a situação, mas que não trazem grandes contribuições para lidar com o problema, muitas vezes eles não têm noção da dimensão do problema.

Imagem 7 – Interface do *site YouTube*, busca por videorreportagem I



Fonte: www.youtube.com

Imagem 8 – Interface do *site YouTube*, busca por videorreportagem II



Fonte: www.youtube.com

Selecionamos os 20 primeiros resultados a partir do *YouTube*, e verificamos a existência de material complementar, as fontes secundárias, que irão favorecer o entendimento do caso específico, nesta mesma plataforma e no site da Google, dessa forma, fomos compondo a seleção dos dados para a pesquisa. Esse material traz dados relevantes que complementam as histórias relatadas nos vídeos. Consideramos as informações postadas por instituições de comunicação oficial, pela família e pela própria vítima, inclusive, aqueles que possuíam algum registro como cartas, bilhetes ou postagens em redes sociais.

Desses relacionados, selecionamos as 10 (dez) primeiras postagens de casos ocorridos em países diversos e que continham fontes secundárias disponíveis na internet. A partir disso, percebeu-se uma repetição na forma como as histórias aconteceram, e desse total, reduzimos para seis casos a serem trabalhados, sendo três estrangeiros e três brasileiros.

Em seguida, as videorreportagens foram baixadas para serem decompostas e analisadas para saber: como essas videorreportagens se comunicam com os filmes? Como o ciclo do *bullying* foi desenvolvido? Qual é o relato presente em cada um? O que contam e fizeram as famílias dessas vítimas sobre os episódios? Qual a justificativa dada pela escola sobre eles? Foi feita uma seleção dos dados secundários disponíveis desses casos.

Na sequência, descrevemos as histórias, com base no que foi contado nessas videorreportagens, para mostrar o que elas revelam do *bullying* e do suicídio de estudantes e como essas vítimas experienciaram os fenômenos. As videorreportagens foram enumeradas conforme quadro ilustrativo:

Quadro 4 – Videorreportagem e evidências de bullying e suicídio

Identificação do Videorreportagem	
Videorreportagem 1	VR1
Videorreportagem 2	VR2
Videorreportagem 3	VR3
Videorreportagem 4	VR4
Videorreportagem 5	VR5
Videorreportagem 6	VR6

Fonte: elaborada pela autora

As videorreportagens foram tomadas academicamente, passaram por análises, decomposição, descrição, em seguida, buscou-se compreender a relação entre os elementos decompostos, e a interpretação desses elementos. Conforme

Penafria (2009), separar e em seguida juntar os elementos presentes nas gravações, observar as ligações entre os elementos.

O conteúdo dessas videorreportagens contam histórias trágicas de adolescentes vitimados pelo *bullying*, que buscaram no suicídio a finalização do seu sofrimento. Em seus perfis de redes sociais, depoimentos de colegas e familiares, cartas ou outras mensagens de despedida estão contidas informações complementares para o entendimento dessas histórias. É muito comum os adolescentes hoje desabafarem na internet, o que não conseguem fazer no mundo real, muitas vezes são atitudes de denúncia e pedidos de socorro embrenhados nessas postagens. Lá não encontramos apenas a divulgação de ostentação, mas também tragédias pessoais, isso porque existe muito fascínio das pessoas em assistir imagens de outras pessoas. Menegon (2013) nos diz que isso nada mais é do que a representação de pessoas comuns em suas multiplicações de espaços virtuais.

O *YouTube* seja um irresistível local dessa enorme ágora virtual que, independentemente dos seus problemas e formatos, permite a cada um ser a própria mídia, celebridades do nosso cotidiano.” (BURGUESS; GREEN, 2009, p. 9, apud MENEGON, 2013, p. 28).

Podemos dizer que os indivíduos hoje têm autonomia para divulgar o que produzem, é uma prática cultural da juventude de hoje, e é nesses espaços virtuais que podemos ouvir vozes silenciadas de pessoas comuns do mundo real.

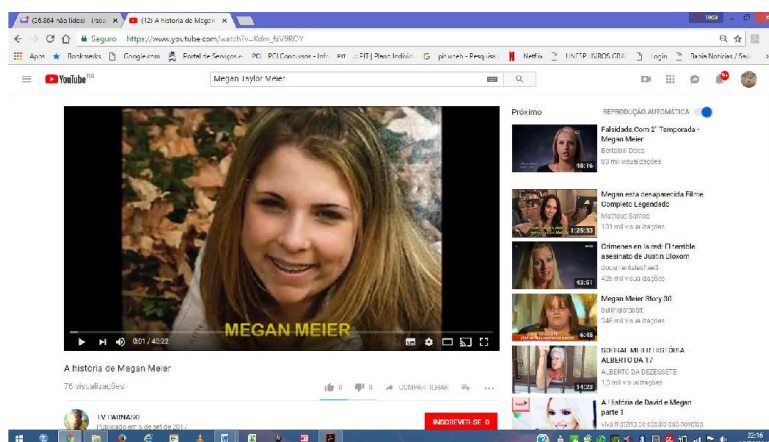
Apresentamos, a seguir, os casos pesquisados, sendo os três primeiros ocorridos em outros países, e na sequência, os três casos brasileiros. O último caso selecionado foi escolhido algum tempo depois dos cinco primeiros, a sua relevância deve-se ao fato de ter acontecido no interior de uma escola brasileira, algo inusitado, extraordinário.

Quadro 5 - Videorreportagem 1, a história de *Megan Taylor Meier*

Caso 01	
Vítima	Megan Taylor Meier
Idade	13 anos
Data da morte	17/10/2006
Local	<i>Dardenne Prairie, Missouri</i> – EUA
Tipo de <i>bullying</i> sofrido	Cyberbullying
Tipo de morte	Suicídio por enforcamento

Fonte: Adaptado pela autora do site <http://www.youtube.com>

Imagem 9 – Interface do site YouTube, o suicídio de Megan Taylor Meier



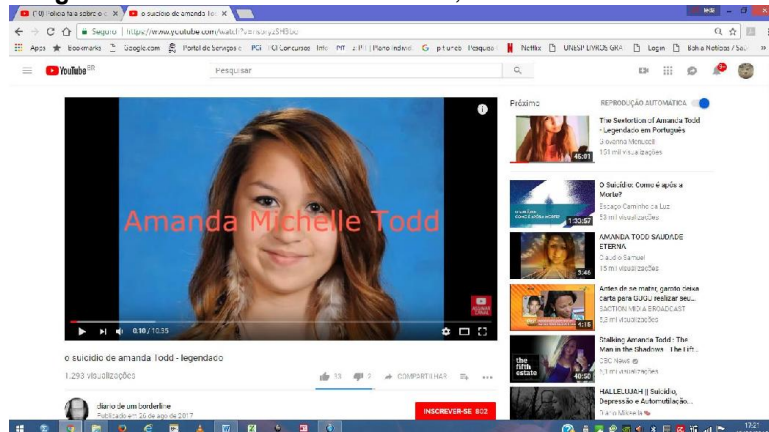
Fonte: www.youtube.com

Quadro 6 - Videoreportagem 2, a história de Amanda Michelle Todd

Caso 02	
Vítima	<i>Amanda Michelle Todd</i>
Idade	16 anos
Data da morte	10/10/2012
Local	Port Coquitlam – Canadá
Tipo de bullying sofrido	<i>Bullying e cyberbullying</i>
Tipo de morte	Suicídio por enforcamento

Fonte: Adaptado pela autora do site <http://www.youtube.com>

Imagem 10 – Interface do site YouTube, o suicídio de Amanda Michelle Todd



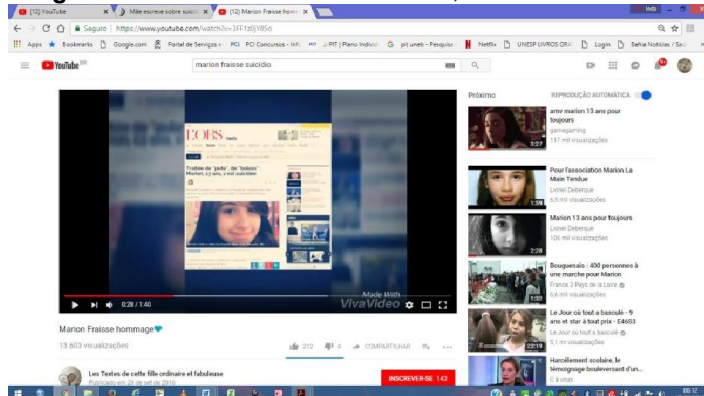
Fonte: www.youtube.com

Quadro 7 - Videoreportagem 3, a história de Marion Fraisse

Caso 03	
Vítima	<i>Marion Fraisse</i>
Idade	13 anos
Data da morte	13/02/2013
Local	Vaugrineseuse – Essonne/França
Tipo de bullying sofrido	<i>Bullying e cyberbullying</i>
Tipo de morte	Suicídio por enforcamento

Fonte: Adaptado pela autora do site <http://www.youtube.com>

Imagem 11 – Interface do site *YouTube*, o suicídio de *Marion Fraise*



Fonte: www.youtube.com

Quadro 8 - Videoreportagem 4, a história de Roliver de Jesus dos Santos

Caso 04	
Vítima	Roliver de Jesus dos Santos
Idade	12 anos
Data da morte	17/02/2012
Local	Vitória – ES/Brasil
Tipo de <i>bullying</i> sofrido	<i>Bullying</i> Homofóbico
Tipo de morte	Suicídio por enforcamento

Fonte: Adaptado pela autora do site <http://www.youtube.com>

Imagem 12 – Interface do site *YouTube*, o suicídio de Roliver de Jesus dos Santos



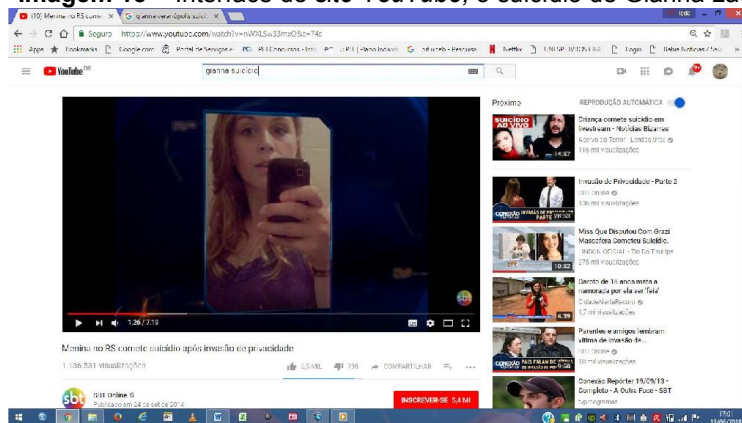
Fonte: www.youtube.com

Quadro 9 - Videoreportagem 5, a história de Gianna Laura Fabi

Caso 05	
Vítima	Gianna Laura Fabi
Idade	16 anos
Data da morte	20/11/2013
Local	Veranópolis – RS/Brasil
Tipo de <i>bullying</i> sofrido	<i>Cyberbullying</i>
Tipo de morte	Suicídio por enforcamento

Fonte: Adaptado pela autora do site <http://www.youtube.com>

Imagem 13 – Interface do site YouTube, o suicídio de Gianna Laura Fabi



Fonte: www.youtube.com

Quadro 10 - Videoreportagem 6, a história de Vítor Augusto Gomes de Santana

Caso 06	
Vítima	Vítor Augusto Gomes de Santana
Idade	14 anos
Data da morte	21/08/2019
Local	Guaianazes – Distrito de SP/Brasil
Tipo de <i>bullying</i> sofrido	<i>Bullying e cyberbullying</i>
Tipo de morte	Se projetou de altura

Fonte: Adaptado pela autora do site <http://www.youtube.com>

Imagem 14 – Interface do site YouTube, o suicídio de Vítor Augusto Gomes de Santana



Fonte: www.youtube.com

Os vídeos passaram pelo mesmo tipo de análise que os filmes, após a sua decomposição, foram tomados como um relato. Nesse processo, fizemos a descrição da história, para conhecer como aquela vítima experienciou o *bullying* que a levou ao suicídio. A análise segue a proposta destacada por Menegon (2013), devidamente adaptada, em seguida, os elementos reunidos que permitiram refletir

acerca das questões levantadas, possibilitou observar e compreender como as vítimas experienciaram esses fenômenos em suas vidas, as mensagens que pretendiam passar, a intenção de denunciar e acabar com o sofrimento, de punir o agressor.

Na pesquisa fenomenológica, “a observação estende-se também, no sentido de entender como o membro de uma comunidade estabelece relações cotidianas (públicas ou privadas) com seu contexto comunitário.” (SOUZA, 2012, p. 14). Daí a necessidade de perceber nos filmes e casos selecionados, como a comunidade escolar e as famílias se relacionavam com a vida cotidiana dos alunos, ao tomar conhecimento da ocorrência de *bullying*, para conhecer as características e problemas singulares de cada realidade, perceber o que é significativo. É preciso compreender como os alunos articulam as experiências sofridas com o *bullying* no mundo da vida.

Resultados de estudos realizados por órgãos oficiais sobre a temática e campanhas e ações tomadas visando a prevenção também serão relatadas nessa pesquisa, destacando a sua relevância.

2.6 Os jovens evidenciados nessa pesquisa

Os jovens envolvidos nos filmes e nos casos reais, mesmo estando em diferentes países, pertencem a um grupo específico, enfrentam as mesmas vulnerabilidades no contexto da escola. Do ponto de vista de conceito, de saber o que é o jovem, há uma série de debates acerca do termo “juventude”, não temos a pretensão de entrar nesse discurso, apenas ter um breve entendimento necessário a essa pesquisa.

Abramovay (2015) nos fala da necessidade de conhecer o perfil dos jovens que frequentam as escolas, para conhecermos quem são esses jovens e como eles se relacionam com a escola e sua comunidade. De início, sabemos do distanciamento da cultura juvenil com a cultura da escola, e da necessidade de conhecer qual é a importância que tem a internet na vida desses jovens.

Chama a atenção que as relações sociais entre os jovens incorporam “brincadeiras” sobre diferenças, que fazem parte do universo das violências e contribuem para a solidificação de desigualdades e classificações hierárquicas do outro. (ABRAMOVAY, 2015, p. 22).

O adolescente hoje, para se sentir incluído, faz uso de redes sociais em todas as classes sociais, é uma nova forma de se relacionar, agora os amigos podem estar próximos ou distantes, podem ser virtuais. O ambiente de troca, de intensificação da comunicação, é um espaço de vulnerabilidades, espaço em que formas específicas de violência podem ser operacionalizadas, como o *cyberbullying*. Esse adolescente que age nesse cenário evidencia características individualistas, não se preocupa com valores morais e éticos restritos, coloca-se como indignado com as determinações sociais, da escola, da família, cria espaços próprios, privados, em que poucos amigos e quase nenhum familiar pode acessar, enxerga o outro como opositor, prefere agressão ao diálogo.

Para Groppo (2000), a adolescência é vista como uma fase de preparação para entrar na idade adulta. Fase esta bastante marcada por conflitos de diferentes naturezas, distúrbios, impulsos, ações imprevisíveis, logo, uma fase que demanda muita vigilância e disciplina, nas suas vivências para que esses indivíduos construam suas juventudes. Não podemos ignorar a realidade de cada jovem, como essa realidade reflete nas suas ações, a classe social a que pertence, a convivência com a família, as coisas que têm acesso, enfim, a sua condição de vida.

A juventude pode ter várias representações, desde justificativas ligadas ao comportamento, a questões relacionadas a faixa etária, é uma categoria construída socialmente. Para Groppo (2000), a juventude contemporânea é advinda de um processo histórico social da própria modernidade, de uma cronologia dos ciclos da vida, a construção por faixas etárias. Mas essa é uma categoria que é afetada e afeta os diversos aspectos da vida social, cultural, política, o lazer, as relações entre os indivíduos, tudo isso é parte desse processo.

Groppo (2000) nos diz que com o avançar dos tempos, a concepção de juventude foi sendo criada nas diferentes ciências, mas que não são concepções isoladas, elas estabelecem um diálogo entre si. No caso da psicologia e pedagogia, adotaram a concepção de adolescência que está relacionada a mudanças de personalidade e comportamentos individuais antes de se tornarem adultos. Para a sociologia, a juventude é um intervalo entre a infância e a fase adulta.

A escola enquanto lugar que produz a juventude, não é apenas o universo escolar, na realidade, ela não consegue dar conta de todo o contexto que gira em torno da juventude, diversas transformações ocorrem e a escola não acompanha, Argumenta Dairell (2007). A adolescência enquanto fenômeno sociocultural, hoje

não respeita a existência do outro, nem se preocupa com o outro, não aceita ou questiona as regras e normas de convívio, não entende que o mundo não gira em torno de si.

Para essa pesquisa, limitamos a explicar como são os indivíduos jovens envolvidos, o perfil desses alunos que praticam e sofrem *bullying*. Não acreditamos caber aqui, uma discussão com pretensões de rediscutir a construção do conceito, assumimos a posição limitada de dizer como se comportam os jovens que aparecem nas produções ficcionais e reais que foram pesquisadas.

Para efeitos dessa seção, vamos assumir o entendimento de Charlot (2000), em que o sujeito é um ser humano que está aberto ao mundo que tem uma historicidade, ele possui desejos e os segue, e se relaciona com os outros seres humanos, que também são sujeitos. “Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais”. (p.161).

Cada sujeito possui uma história, ele é singular, interpreta o mundo a sua forma dando-lhe sentido, e dar sentido também à maneira como se relacionam com o outro.

O homem se constitui como ser biológico, social e cultural, dimensões totalmente interligadas, que se desenvolvem com base nas relações que estabelece com o outro, no meio social concreto em que se insere. (CHARLOT, 2000, p.162).

O homem é um sujeito que age no mundo e sobre o mundo, e ele vai se construindo no conjunto das relações sociais que participa. Os filmes expressam experiências de jovens cujas trajetórias podem fornecer elementos para compreender as histórias dos adolescentes elencados nas videorreportagens. Falam de momentos de vida e de mundos nessa fase da vida. Percebemos que, viver essa juventude para esses jovens não está relacionado a se prepararem para o futuro, pelo contrário, vivem o aqui e o agora. Eles se voltam para o prazer da diversão, a afetividade, as decepções, as angústias, a própria sobrevivência diária, eles estão focados no presente e se constroem nele.

3 SOBRE A VIOLÊNCIA NA ESCOLA: O *BULLYING* E O *CYBERBULLYING*

O tema violência, cada vez mais, está presente no nosso cotidiano, é um dos fenômenos que mais provoca inquietudes nas sociedades. Esse ato de provocar “constrangimento físico ou moral, uso da força, coação, torcer o sentido do que foi dito, estabelecer o contrário do direito à justiça (GAUER, 2011, p. 13), é o que chamamos de violência, essa é uma definição, por assim dizer, geral. Nesse sentido, podemos deduzir que é uma ausência da justiça, diante daqueles que não têm outro caminho, dos desprotegidos, dos que não têm quem os defenda. Mas, é fato que, no mundo atual, vivenciamos uma escalada da violência com uma maior sensibilização para o crescente sofrimento humano, conforme afirma essa pesquisadora: é o bem e o mal colocados frente a frente, há uma certa aceitação “tanto nos que aplicam a violência, direta ou indiretamente, como aqueles que a sofrem diuturnamente” (p. 15).

A violência enquanto conceito é um comportamento que causa dano ao outro, ou ao patrimônio público e privado. Quando direcionado à pessoa, é um processo que invade a autonomia, a integridade física ou psicológica, ou seja, a vida do outro. É o uso excessivo de força, além do necessário ou esperado, argumenta Porto (2010), acrescentando que a origem do termo vem do latim *violentia* – define a aplicação de força, vigor, contra qualquer coisa ou ser vivo. Dentre os vários desdobramentos do fenômeno, chamamos a atenção para a violência simbólica, sendo esta um ato sutil, que oculta relações de poder que alcançam não apenas as relações entre os gêneros, mas, toda a estrutura social (ELIAS, 2000), ou seja, são formas de coerção que se fundamentam em acordos não conscientes (BOURDIEU, 1999).

Existem várias maneiras de definir a violência, pesquisadores e instituições criam e recriam definição, a Organização Mundial da Saúde (OMS), por exemplo, adota a seguinte definição:

Uso intencional da força ou poder em uma forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa ou grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações. (OMS, 2002, p. 05).

Podemos inferir que o conceito de violência é de natureza polissêmica, portanto, utilizado em variados contextos sociais, exerce uma coerção ilegítima,

retira das pessoas a possibilidade de escolha. Tanto pode ser empregado para falar de assassinatos, como pode fazer referência aos maus-tratos físicos, emocionais ou verbais, submissão de pessoas ao isolamento social; acesso aos meios de saúde e educação garantido por lei; intimidação no ambiente profissional. Na luta pelo poder, a violência pode ser vista, ao mesmo tempo, como meio e um risco, cujo objetivo é legitimar a coerção, argumenta Bauman (2009). Dessa forma, a violência não é objeto privado de estudo de nenhuma área do conhecimento. Nas discussões de Arendt, ela fala do papel que a violência sempre desempenhou nas atividades humanas, mas que não recebe a mesma consideração nas discussões, “tornou-se a violência como algo corriqueiro e foram, portanto, negligenciadas; ninguém questiona ou examina aquilo que é óbvio para todos” (1970, p. 07).

Na definição do termo violência, não há consenso, Abramovay e Rua (2002) recorrem a Charlot²⁴ (1997) para elucidar um pouco mais sobre esse conceito, apresentando três níveis: violência (golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos; incivildades (humilhações, grosserias, desrespeito) e violência simbólica ou institucional (falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos, o desprazer em estudar, a violência das relações de poder nesse espaço, negação da identidade). Analisando também o conceito de violência adotado por Sposito (1998) e Hannah Arendt (1994), Abramovay e Rua (2002) afirmam que a violência é um ato que rompe com o nexos social pelo uso da força. Existindo aí uma negação da possibilidade de relação social, instalada pelo diálogo e pelo conflito.

O fato é que a violência se faz presente cada vez mais no contexto das instituições escolares, isso é consenso, assim como que a escola vivencia um cenário de vulnerabilidade negativa, considerando os atuais processos sociais, argumenta Abramovay (2003).

O conceito de violência é mutável, dinâmico, o significado depende das transformações que as sociedades passam ao longo da história. Por vivermos em uma sociedade sustentada na insegurança, este é um tempo que requer atenção espacial em suas mais variadas formas de manifestação. Chegamos a mudar nossos hábitos, a nossa forma de estar no mundo social, tudo isso por medos, nos quais a violência é ressignificada não se restringe a atos e práticas, afirma Abramovay (2002).

²⁴ CHARLOT, Bernard; ÉMIN, Jean-Claude (Coords.). *Violences à l'école . état des savoirs*. Paris: Masson & Armand Colin éditeurs, 1997.

Violência é todo ato que implica a ruptura de um nexos social pelo uso da força . Nega-se, assim, a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito. (SPOSITO, 1998, p. 60 apud ABRAMOVAY, 2003, p. 19).

Abramovay (2005) remete a Chesnais (1981), ainda no quesito, conceito de violência, para exemplificar que existe uma linha de autores que compreende esse conceito, apenas, na esfera física, aquela que causa danos irreparáveis ao sujeito, passível de punição pelo Estado, sendo esta uma conceituação, amparada no código penal. Essa autora chama à atenção para essa visão que exclui todas as outras formas de violência, ela não dá conta das demandas da violência que acontecem na escola, casos de *bullying* que agrupam violências de todas as ordens é um exemplo dessa realidade, portanto, esse conceito nos parece restrito, ao isolar a violência apenas como física. Abramovay (2005) cita o conceito de Michaud (1989) quando esse diz:

Há violência quando, em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, em suas posses ou em suas participações simbólicas e culturais. ” (MICHAUD, 1989, p. 10 e 11 apud ABRAMOVAY, 2006, p. 56).

Essa pesquisadora acrescenta que não apenas o conceito é importante, como também é fundamental considerar os condicionantes, já que, uma definição não dá conta de todos os casos, pois depende dos critérios de referências defendidos e do tempo histórico. Assim sendo, o termo violência assume significados variados pelos países afora, a operacionalização da violência passa por transformações, sai o diálogo e entram as armas de fogo. Acrescenta Bauman (2009), que vivemos em tempos de transição, numa época violenta, com a convicção de que o volume e a crueldade da violência estão aumentando. Nossos tempos são de transição, nos quais as velhas estruturas estão desmoronando e não há nenhuma estrutura institucional alternativa e semelhante para substituí-las.

A sociedade que não consegue desenvolver uma compreensão satisfatória sobre um sistema de valores que inclua reciprocidades que satisfaçam a arte da troca por si própria, desvinculada da compulsão consumista e cumulativa, não consegue evitar a violência (ou, pelo menos, algumas de suas manifestações) (GAUER, 2011, p. 22).

No contexto brasileiro, pensar a violência é um verdadeiro desafio, as manifestações de violência conduzem a muitas interpretações. Estas podendo ser vistas como diferentes representações, consumidas por variados segmentos sociais

que buscam por soluções, podendo, estes, serem causadores e sofrendores de violência, que consegue penetrar a quase totalidade do tecido social, não é um fenômeno singular, ramifica-se pelo conjunto social. Dessa forma, não existe violência no singular, mas violências, cujas raízes são múltiplas e cuja identificação é complexa (PORTO, 2010).

Ao fazer uma aproximação com a sociologia clássica, Porto (2010) destaca que se pensarmos a questão da violência na ótica de Durkheim²⁵ (1995), teremos como estopim o enfraquecimento da consciência coletiva; já do ponto de vista de Weber²⁶ (1982), temos o processo de desencantamento do mundo vivenciado pela sociedade; em Marx²⁷ (1998), acrescentamos a própria luta de classes. Deduzimos, então, que vivenciamos um mundo fragmentado, com pluralidade e multiplicidade sociais que atingem diferentes grupos, cuja violência é manifestada nos mais variados lugares, que antes não poderíamos permitir, como é o caso da escola. Porto (2010) enfatiza que a utilização da violência como forma de estruturação do social e como conteúdo de novas formas de sociabilidades praticadas pelos alunos, podem desfazer-se com enorme fugacidade, são sociabilidades fragmentadas.

Muito além de socialização, da convivência, do desenvolvimento de habilidades vive o sistema escolar, uma vez que na contemporaneidade, a escola é palco de produção e reprodução de violências, chama à atenção Abramovay (2005), afirmando que, o que a juventude busca não é necessariamente o que a escola tem a oferecer, a maneira como esta é organizada não corresponde nem responde às demandas dessa juventude, pode-se dizer que, a escola não conhece nem reconhece o potencial dos seus alunos, e estes, por sua vez, não estão interessados pelo pacote pronto que a escola insiste em oferecer, fruto de um planejamento unilateral.

A expectativa da escola é que os alunos tenham entre si, relações amistosas, mas, na prática, o que se vê são relações marcadas pela agressividade, pela naturalização da violência, o que, portanto, vai refletir no desenvolvimento da sua essência, que é o ensino-aprendizagem.

²⁵ Fundamentação da discussão: DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1995 1ª edição

²⁶ Fundamentação da discussão: WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1982. 5ª edição

²⁷ Fundamentação da discussão: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998

Diante desse contexto, certificamos que a incidência da violência na escola não é um fenômeno novo, no entanto, atualmente, a questão requer reflexões ampliadas, tornou-se um problema social gravíssimo. Abramovay (2002) pontua os primeiros estudos acerca do fenômeno por volta de 1950 nos EUA, mas, com o avançar dos anos, a questão vai incorporando novos elementos, passando a assumir uma gravidade não vista até então. Fenômenos como a presença de armas de fogo, uso de drogas e narcotráfico, gangues, *bullying*, suicídio, dentre outros, são recorrentes nas escolas brasileiras: a escola passa de um local seguro e protegido para a “arena” de acontecimentos violentos. Outro ponto destacado por essa autora é a mudança de foco de estudo, o que antes a discussão girava em torno da indisciplina, hoje a discussão é direcionada para casos de comportamento antissocial, a análise se volta para a violência das relações sociais entre jovens.

Abramovay (2002) enfatiza que não devemos reduzir a análise da violência à escola apenas como a modalidade de violência juvenil, porque existe uma intersecção de variáveis, do tipo: institucional, social e comportamental. Dentre a tipificação da violência, o *bullying* assume papel de destaque por conta dos prejuízos sociais e emocionais que ocasiona, as consequências que esse fenômeno provoca nos alunos vitimizados.

3.1 O *bullying* protagonizando tragédias suicidas dentro e fora da escola

A temática do *bullying* constitui uma questão crucial que desafia o universo da escola, que desde muitos anos atrás, sempre foi marcada por diversas ocorrências e situações de agressão, embora não tinha sido ainda nomeada com o termo *bullying*, basta escutar as histórias dos adultos, relacionados à escola, que o fenômeno da agressão entre pares vem à tona.

Bullying é uma palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e coloca-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e antissociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema a violência escolar. (FANTE, 2012, p. 27).

Levando em conta a definição universal, Fante argumenta que, cada pesquisador ao dar sua contribuição ao estudar o fenômeno, acaba por criar suas definições, que revela suas contribuições.

Bullying é compreendida como subconjunto de comportamentos agressivos, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder. Esses critérios nem sempre são aceitos universalmente, mesmo sendo largamente empregados. Alguns pesquisadores argumentam ser necessários no mínimo três ataques contra a mesma vítima durante o ano para sua classificação como *bullying*. (FANTE, 2012, p. 28).

Neste caso, esta autora apresenta a sua definição do fenômeno, chamando à atenção para o comportamento cruel existente nessas relações interpessoais, destacando que os indivíduos mais fortes transformam os mais frágeis em peças de diversão e prazer, e, com a falsa denominação de “brincadeiras”, executam o seu propósito final que nada mais é do que maltratar e intimidar o outro.

A denominação é tão vasta que Fante cita uma pesquisa realizada para identificar as palavras que são utilizadas para referenciar esse problema, totalizando 67 termos, mas enfatiza que nenhum deles consegue dar conta da abrangência do termo. Vejamos alguns utilizados mundo afora:

Quadro 11 – Pluralidade de termos

TERMO	PAÍS
<i>Mobbing</i>	Noruega e Dinamarca
<i>Mobbning</i>	Suécia e Finlândia
<i>Harcèlement quotidien</i>	França
<i>Prepotenza ou bullismo</i>	Itália
<i>Yjime</i>	Japão
<i>Acoso</i>	Espanha
<i>Aggressionen unter Schülern</i>	Alemanha
Maus-tratos entre pares	Portugal
<i>Bullying</i>	EUA, Inglaterra, Brasil (e demais países da América Latina)

Fonte: Construído a partir de Fante (2012, p.27 e 28)

O termo utilizado no Brasil é *bullying*, que é a palavra mais utilizada de uma maneira em geral, na maior parte dos países que discutem a questão. Esse termo sendo compreendido como “um subconjunto de comportamentos agressivos, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder” (FANTE, 2012, p. 28). Fante enfatiza que há uma vertente de pesquisadores que defende que, para ser considerado *bullying*, é preciso haver a repetição de no mínimo, três agressões no decorrer do ano, é isso que vai caracterizar o desequilíbrio de poder entre vítima e agressor, as situações ocorridas levam a vítima a não reagir, por uma série de razões (pequena estatura, medo, está em minoria, etc.).

No sentido mais universal, *bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um/uma ou mais alunos (as) contra outros (as), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *bullying* (FANTE, 2012).

Salientamos que, os estudos sobre esse fenômeno tiveram maior destaque em termos mundiais, a partir da década de 1980 e início da década de 1990, com histórias de intimidações fazendo vítimas em todos os cantos mundo. Foi com Dan Olweus, professor e pesquisador da Universidade da Noruega, que tivemos os primeiros estudos fazendo referência a esse termo, é uma palavra de origem inglesa, vem do verbo *to bully*, indica o ato de tyrannizar, oprimir, ameaçar ou amedrontar o outro pelos valentões da escola, com o intuito de intimidar e inferiorizar os colegas. Ele foi o pioneiro a relacionar o fenômeno a esse termo, ao final da década de 1970, quando estudou tendências suicidas entre adolescentes, chegando à conclusão de que muitos já tinham vivenciado experiências de ameaças, e que o *bullying* era um grande mal que deveria ser combatido. Esse pesquisador iniciou seus estudos sobre *bullying* após três alunos (entre 10 e 14 anos) cometerem suicídio depois de sofrerem intimidações na escola.

A partir desse fato, Olweus realizou um estudo com um número expressivo de estudantes, professores e pais em diferentes períodos de ensino, buscando conhecer a natureza da ocorrência do *bullying* neste amplo conjunto. Adotou o uso de questionários para verificar as características e expansão do fenômeno, além de avaliar os impactos de intervenções que já vinham sendo tomadas para reduzir a agressão entre pares na escola.

Olweus inaugura este termo na obra: *Aggression in the schools: Bullies and whipping boys* (Agressão nas escolas: valentões e vítimas) em 1978, falando do problema da agressão entre pares em idade escolar. Tanto Olweus (1991), como Albuquerque et al (2013) argumentam que o *bullying* é visto como os atos hostis, tanto sociais, quanto físicos praticados com intencionalidade, de maneira constante, por um longo período, por uma pessoa ou grupo, contra outro indivíduo sem

condições de se defender. O agressor exerce um poder, uma dominação sobre a vítima.

Ao pensarmos nos casos de *bullying* que são cada vez mais praticados dentro e fora dos espaços escolares, verificamos uma violência coercitiva, no momento em que prega a obediência de um indivíduo em relação aos outros, ou seja, mesmo odiando, submetem-se. No *bullying*, há uma relação de poder e dominação estabelecida.

A partir da década de 1980, Olweus começa a desenvolver um programa de intervenção, no intuito de tentar prevenir a incidência desse fenômeno na escola, fundou o *Olwues Bullying Prevention Program* (Programa Olweus de Prevenção ao *Bullying*), e passou a colocar em prática em vários países, numa busca para reduzir ou extinguir a ocorrência desse fenômeno nas escolas. Vale salientar, que quando falamos em combater a agressividade na escola, não estamos buscando alunas e alunos apáticos, teleguiados. Sabemos que numa fase da vida escolar, a criança exercita a superação de obstáculos para atingir um objetivo desejado, é um exercício de competitividade.

Olweus (1993) defende em seu programa *anti-bullying* a reestruturação do ambiente social, para isto, é necessário combinar esforços junto à comunidade escolar, sobretudo aos professores e aos pais, no sentido de serem firmes no enfrentamento aos comportamentos inaceitáveis dos seus filhos na escola e em casa.

No comportamento agressivo oriundo pela prática do *bullying* as ações tanto podem ser operacionalizadas por agressões físicas, como por xingamentos através de palavras ofensivas, gestos inapropriados, difamação e exclusão proposital de grupos. É um comportamento que tem por característica provocar dor e sofrimento na vítima, evidencia o desequilíbrio de forças. A vítima tanto pode ser mais fraca fisicamente, como pode se perceber como fraca, no sentido de ceder às pressões do agressor, inviabilizando a reação contra os agressores, mas a situação fica mais sofrida ainda, quando a identificação do agressor é desconhecida, como nos casos que envolvem as redes sociais, a execução do *cyberbullying*, voltaremos a essa modalidade adiante.

Determinadas situações que acontecem entre colegas precisam ser bem analisadas para verificar se são ocorrências de *bullying* ou brincadeiras, é preciso saber diferenciar os atos carregados de maldades, que provocam sofrimento

daqueles que são brincadeiras, como por exemplo, a zoação entre colegas. Zoar o outro é um comportamento comum e praticado pelos jovens, brincar com o outro, contar piadas, tirar sarro, enfim, atitudes sarcásticas, são usadas, na maioria das vezes, para alegrar, fazer rir e se divertir também, mas se essas atitudes promovem constrangimento, o outro não se sente bem com ela, pode ajudar a deslanchar casos de bullying. Olweus (1993) destaca três características básicas do *bullying*: ser intencional, repetitivo e ocorrer entre pares com desequilíbrio de poder. Em termos mais específicos, os atos nunca são isolados, quando nos referimos a atos que são repetitivos pelo agressor, estamos dizendo que há uma regularidade na frequência, se diária, semanal ou outra frequência obedecida, o que importa é a regularidade que o agressor se encontra para confrontar a vítima. Para ele, é quando um indivíduo é exposto de maneira repetitiva, negativa, por um ou mais colegas.

Outra característica extremamente importante é a intencionalidade do agressor em provocar danos na vítima (físico e/ou emocional), incomodar para confirmar que ele está em situação de mando na ação, por estar investido de poder e/ou força. Ter poder sobre a vítima não é necessariamente ser maior ou mais velho que ela, isso depende muito da percepção da vítima, se o agressor consegue causar medo ou não, intimida ou não, se se deixa levar pela ameaça. É uma situação de opressor e oprimido, quem manda e quem obedece.

Destacamos também outra característica do *bullying*, que é a ocorrência entre pares, logo, os envolvidos são conhecidos e/ou convivem juntos em algum contexto. Mas, vale ressaltar que, existem discussões sinalizando possíveis ocorrências de *bullying* entre professor e aluno, aluno e professor, chefe e subordinado, pais e filho, mas não avançaremos nesta pesquisa, acerca dessa discussão, portanto, não podemos confirmar essa existência.

3.2 O medo como condição central para a ocorrência de *bullying*

Nesse contexto da violência, o medo passa a imperar como valor chave para a prática do *bullying*, esse passa a demonstrar a fraqueza, para Gauer (2011), esse medo é um comportamento próprio dos fracos, que gerará a ânsia pelo poder, esta ânsia é provocada pela fraqueza, e não pela força.

Outro destaque, que é fundamental demarcar aqui, é a manipulação do medo que a vítima e o agressor vivenciam, ou seja, a vítima passa por uma verdadeira encruzilhada: medo do agressor, do desconhecido, dos espectadores (aqueles que assistem) e dos pais/responsáveis, para não ser descoberta que está sendo vítima; e o agressor, tem medo dos pais/responsável tanto dele, como da vítima, para não ser descoberto que é “valentão”, enfim, o medo está como condição para a ocorrência do *bullying*.

Já existem casos em que, para não se tornarem uma vítima de *bullying*, uma pessoa se torna um intimidador, monta o seu grupo de “defesa”, ou seja, seus apoiadores, que muitas vezes aderem pelo medo, não querem se tornar vítimas. Quando isso acontece, a união ocorreu pelo medo, como uma estratégia para se manter vivo.

Para Taussig (1993), é o prazer encontrado na tortura, como uma diversão, não é uma vingança ou punição, os maus tratos promovidos pelo (s) agressores têm motivações frívolas, são divertimentos, similar a práticas esportivas para eles. Mas que na realidade, são atos repletos de insensibilidade e extrema crueldade, que podem gerar na vítima um desejo de eliminar para sempre aquilo que ela não consegue combater, ou seja, se é aquela vida que é fundamental para a execução dos atos do agressor, acabando com ela, extingue com a possibilidade de o agressor manifestar a sua crueldade. Nesse sentido, Taussig acha fundamental a cultura do afeto como principal mecanismo de combate a essas práticas entre os jovens.

O medo, desde os contos de fadas que escutamos na infância, sempre foi um fenômeno bastante explorado, com o passar dos anos, isso evolui para outras esferas das nossas vidas. Habitamos um cenário que é fundamentado na cultura do medo e, na contemporaneidade, as sociedades nunca estiveram tão submetidas ao medo como agora, e nossas atitudes são manipuladas para aumentar a nossa percepção do medo.

Paulo Sérgio Pinheiro, Cientista Político, na introdução à edição brasileira do livro de Glassner (2003), “Cultura do Medo”, faz uma avaliação real do medo, nos diz que ele é instrumento que auxilia a fugir de situações de perigo, ou seja, o medo de arriscar impede que o indivíduo se envolva em situações incertas. Chama à atenção também para o falso medo, o que é gerado por situações irreais, mas que provoca igual sofrimento.

No contexto atual, uma das situações mais geradoras de medo é o fenômeno da violência, os altos índices em todas as suas configurações fazem os indivíduos sentirem as mais variadas experiências com o medo, isso porque, a causalidade da violência vem de diversos fatores e contextos. É medo de crimes de uma maneira em geral, tipo: homicídios, agressões físicas, tráfico, violências contra crianças, catástrofes da natureza, doenças, etc. E como atingimos tal situação que, na realidade, ilude quanto à verdadeira natureza? Essa é uma questão levantada na introdução, argumentando que a mídia tem grande interferência para atingirmos o estágio que nos encontramos, criando preconceitos, fazendo disseminar a cultura do medo. Por exemplo, em um noticiário, um homicida, primeiramente fala-se sua profissão e título, “o médico tal...”, agora se for alguém do segmento popular da sociedade, referem-se a “o elemento...”. Então, a maneira como o medo é disseminado é que vai mostrar a evolução da cultura do medo, que não opera apenas com o medo de maneira isolada, o combate requer políticas públicas decisivas, mudanças essas, que provocam transformações, dessa forma, a mudança também provoca medos, principalmente em sociedades tão desiguais como a nossa.

Diante de tantos medos que o indivíduo se depara na sua vida cotidiana, destacamos o que vem explodindo dentro das escolas mundo afora, o medo que torna alunos e alunas vítimas ou agressores no cenário do fenômeno *bullying*, que é um tipo provocador de muito medo no cenário da escola. Glassner (2003), evidencia em suas pesquisas a questão dos massacres ocorridos em escolas nos Estados Unidos (EUA), causados por adolescentes assassinos, superpredadores, com comportamentos hediondos, destacamos também igual prática ocorrida em escolas brasileiras, mas o que é preciso salientar, é que nesses eventos, que envolvem o medo, mas não há a prática do *bullying*, nessas situações, há violência escolar de outra natureza, mas que pode ter sido motivada por situações de *bullying* no passado.

Pensando em políticas de proteção a situações induzidas como promotoras de medo, muito é gasto em perigos irreais, ao passo que, na proporção, valores menos significativos são aplicados na saúde, moradia, alimentação e educação de crianças. Existe mais preocupação em proteger o que não está, de fato, em perigo. Sem menosprezar, mas existem políticas que transformam pequenos medos em verdadeiros pesadelos. “A jogada é habitual. Os produtores de programas de

reportagem normalmente deixam que os relatos emotivos passem por cima da informação objetiva.” (GLASSNER, 2003, p. 32).

Para analisar a cultura do medo é fundamental considerar a atuação da mídia, maior responsável pela sustentação do pânico na sociedade, mas que também, tem o poder de desmascarar os medos criados intencionalmente. Glassner (2003) recorre à reconhecida antropóloga Mary Douglas²⁸ (1992), que estudou, durante muitos anos, sobre pessoas que interpretam o risco, para reconhecer que é a sociedade que escolhe seus perigos, ou seja, há inúmeros perigos presentes na sociedade, é ela quem vai escolher o que merece atenção para ser trabalhado como um medo e, definitivamente, a nossa sociedade só dá o devido destaque ao *bullying*, quando algum caso é noticiado pela mídia, que só entra nos destaques, quando na finalização ocorre tentativa de suicídio, suicídio ou matança de alunos.

A cultura do medo vista como uma ritualidade, onde “[...] tudo se dá na ordem, uma espécie de repetição simbólica [...]” (ALMEIDA, 2004. p. 166). A cultura do medo pode ser utilizada, e é constantemente, para produzir novos e falsos medos, pois fundações, instituições, grupos investem nessa cultura, uma vez que produzir medo dá lucro. As crianças e jovens enfrentam comumente uma carga de medos que é bem difícil quantificar, de vítimas de predadores sexuais a predadores na escola, vão enfrentando seus medos que nem mesmo seus pais são conhecedores.

Glassner (2003), com base em um noticiário jornalístico, cita o caso de um estudante com boa aparência, excelentes notas, aceito em universidades renomadas, mas que cometeu suicídio antes de ingressar na vida universitária, engrossando as estatísticas do suicídio de jovens americanos, sendo esta a terceira causa mortis nessa idade. “O que é perturbador, afirmou um especialista em saúde pública citado na matéria, é que o suicídio cometido por jovens “é um problema nacional de saúde pública praticamente desconhecido” (p. 115). Mas que revela como a vida das crianças e adolescentes está carregada de muitos perigos, reais e imaginativos, novos e antigos. “A cultura do medo cresce e persiste: enquanto originam novos pânicos, os arautos do medo ressuscitam os antigos” (p. 124).

²⁸ Reconhecida antropóloga britânica, das mais famosas e produtivas da segunda metade do século XX, abrangeu em seus estudos temas como - Antigo Testamento, estudos ambientais e econômicos, estudo da sociedade de consumo, sempre dentro de perspectivas as mais controversas e ousadas, com importantes insights para o pensamento da atualidade. <https://www.emartinsfontes.com.br/mary-douglas-uma-biografia-intelectual>. Acessado em 28/05/2018.

Interessante quando Glassner (2003) discute a questão do produzir medo nas e das crianças e adolescentes, desconsiderando aqui os contos, fala da crença falsa de que toda criança está em constante risco, e ainda que qualquer uma pode vir a ser uma causadora de vítimas, porque a mídia, ao divulgar ataques sanguinários nas escolas, realizados por alunos ou ex-alunos, unifica a visão de que todos estão em riscos, que poderão se tornar agressor ou agredido. Ao pensarmos na situação de hoje em relação ao *bullying* nas escolas, o pânico vem desde o primeiro dia de aula, diante dos graves incidentes noticiados, as famílias vivem em pânico por conta desse gravíssimo problema, mas, de fato, não conhecem as estatísticas oficiais, seus medos e das crianças são produzidos por reportagens responsáveis por disseminar a cultura do medo. Podemos tomar como referência o caso do Japão, que tem uma estatística elevadíssima de suicídio no primeiro dia de aula.

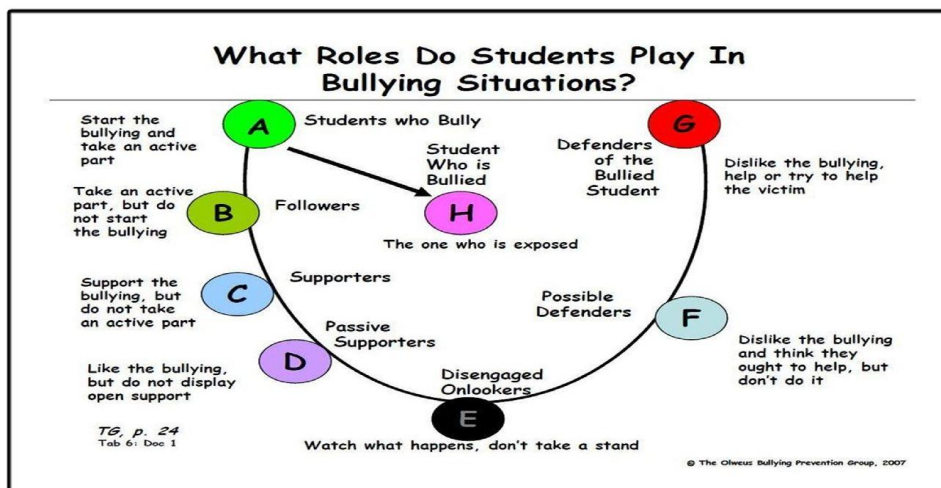
Se a cultura do medo funciona, (...) em vez disso, sobre uma base ampla e persistente, precisamos resistir aos métodos empregados pelos arautos do medo e despendar nossa riqueza coletiva na eliminação dos perigos genuínos e não dos imaginários. (GLASSNER, 2003, p.332).

Por isso que, podemos afirmar que a rotinização da violência na escola já está cristalizada como um fenômeno perverso de difícil controle. Gauer (2011, p. 26) chama para reflexão, com base nos estudos de Gilberto Velho, “os pais educam seus filhos no sentido de preservarem a vida, insistem para que não reajam aos assaltos, não resistam, não se arrisquem”, tudo isso para preservar a vida que é mais importante do que a honra. Mas no cenário do *bullying* há uma ruptura com esse tipo de orientação, primeiro porque não são todos os pais que educam os filhos dessa forma, alguns filhos são orientados, de fato, pela lógica da rua, outra questão é que para não se tornar uma vítima perfeita de *bullying*, a indicação é justamente, não ceder à primeira vez, contar aos adultos, não demonstrar medo, reagir. Dessa forma, uma estratégia para um tipo de violência, nem sempre deve ser aplicada para outros tipos, isso porque falamos de violências de caráter multifacetado.

3.3 O perfil da vítima de *bullying* na escola

Quanto ao perfil dos envolvidos, apresentamos o modelo proposto por Olweus (2013), no *Olweus Bullying Protection program: "The bullying circle"* (Círculo do *bullying*):

Imagem 15 - The bullying circle de Dan Olweus



Fonte: <https://antibullyingsabad.eu/wp-content/uploads/2019/02/Bullying-Circle-Exercise-Olweus.pdf>

*Legenda

H – Vítima	A – Intimidador
B – Seguidores	C – Apoiador
D – Apoiador passivo	E – Espectadores desengajados
F – Possíveis defensores	G – Defensores da vítima

Esse modelo mostra como se inicia e desdobra o processo de intimidação e agressão do bullying, e a função que cada participante desenvolve no círculo. Sendo o agressor com a função principal de intimidar, maltratar a vítima e dirigir os seus apoiadores, apresenta-se como o mais forte do círculo. Em relação à vítima, é escolhida pelo agressor e sofre todas as ações dele, os demais envolvidos, também de grande importância, são os seguidores, apoiadores e espectadores, que sustentam a existência desse processo, representam o público necessário à sustentação do círculo, e ainda temos os que estão do lado da vítima, sempre em menor número, aparentemente frágeis como ela, mas que são esperança da vítima. Dessa forma, é fundamental desenvolver estratégias para romper com esse círculo.

Especificamente sobre o perfil da vítima, são crianças ou adolescentes que demonstram insegurança, ansiedade, timidez, muita sensibilidade, baixa autoestima,

visão negativa da própria imagem. São os indivíduos que vivem mais isolados na escola, têm dificuldades de fazer amizades, sentem vergonha diante dos colegas e, diante do agressor demonstram muito medo, passividade, submissão, fragilidade, ausência de autodefesa, essas são características comportamentais. Quanto às características físicas, qualquer traço que saia da média definida pelo grupo, que reforça estereótipos, o indivíduo se torna uma possível vítima, características físicas como: ser gordo, ter um tom de pele mais escura do que o grupo, ser muito alto, muito baixo, ter opções religiosas, ter deficiências físicas e/ou mentais, dentre outras.

Fante e Pedra (2008) acrescentam ao perfil das vítimas características como passividade e submissão. Além disso, elas possuem, na maioria das vezes, um aspecto físico frágil, dificuldades de autodefesa e de expressão e pertencem a grupos com características específicas (de cunho religioso, étnico, sexual etc.). (FANTE; PEDRA, 2008 apud MEYER; ROLIM, 2013, p. 41).

Em termos atuais, destacamos que além dessas características sinalizadas acima, o fenômeno vem sofrendo modificações, alguns traços que excluía o sujeito do contexto de *bullying* começam a representar justamente o contrário. O fato é que está nos extremos, acima da média do grupo como: muito inteligente (CDF), muito bonito/bonita, muito popular, sujeitos que foram superprotegidos pelos pais (têm mais dificuldades de reagir, não foram habituados a isso), passam também a fazer parte do grupo que se encontra em risco.

3.4 O perfil do agressor do *bullying* na escola

É mito acreditar que *bullying* só acontece com alunos que possuem características que os destacam dos demais, houve um tempo em que funcionava dessa forma, em tempos atuais, as escolhas do agressor não são justificadas, qualquer estudante pode se tornar uma vítima. A figura da vítima e do agressor pode ser encontrada em qualquer escola, e a competição existente entre alunos reforça a atmosfera favorável à ocorrência do fenômeno. Ser agressor é diferente de ser violento, a agressão nasce com a pessoa, a violência é construída, é social, na relação entre pares do *bullying*, estamos falando de agressor.

O agressor tem um comportamento hostil e impulsivo, e necessidade de dominar a vítima, “é comum a rejeição social, tanto dos agressores, quanto das vítimas, mas os agressores são percebidos como fortes, enquanto as vítimas são

vistas como covardes.” (CEREZO; ATO, 2010, apud ALBUQUERQUE et al, 2013, p. 92), a escola para esses indivíduos são espaços de hostilidade e isolamento, os dois lados sofrem com a rejeição social, e as consequências são gravíssimas. É como se a prática do *bullying* fosse capaz de sarar ou amenizar as feridas que atingiu o indivíduo. Arendt (1994) leva a crer que, pensando dessa forma, a vingança serviria de remédio para grande parte dos males, seria, exatamente, a cura.

No contexto do *bullying*, “ser cruel é uma das maneiras mais legítimas de se tornar humano.” (FREUD apud GAUER, 2011, p. 20), o agressor necessita provocar medo na vítima e nos espectadores, visando adquirir respeito dos envolvidos. Gauer defende que a violência, independentemente do tipo de manifestação, deve ser reprimida pelo Estado e pela sociedade, e que todo delinquente sabe, sem sombra de dúvidas, que a sua integridade está em constante risco.

3.5 Tipificação do *bullying*

Quanto aos tipos de *bullying*, Orpinas e Horne (2006), apresentam quatro categorias: físico; verbal; relacional e sexual; e o *cyberbullying*. Sabe-se, independentemente do tipo, que os índices a nível mundial, vêm ampliando de maneira considerável e preocupante, e mesmo os estudos sobre o fenômeno no exterior já tenham um tempo significativo de pesquisas, no Brasil, os estudos são relativamente recentes, apontam para situações que provocam medo e raiva nas vítimas, aliada à vontade de não comparecer mais às aulas.

Fante (2012), em seus estudos sobre o *bullying* no Brasil, apresenta resultados de suas experiências desenvolvidas em escolas, no sentido de trabalhar com prevenção e redutores de violência, implantando programas com ações mobilizadoras envolvendo toda a comunidade da escola, visando erradicar, sobretudo, o *bullying* na escola. Ao analisar casos de massacres que são protagonizados por alunos na escola, busca conhecer e entender as causas que desencadeiam esses fenômenos, já que, a princípio, deduz-se que são frutos de situações de violência explícita na escola, como briga entre pares. Vale salientar aqui que, não é todo caso de massacre na escola que são oriundos de *bullying*,

como foi o caso acontecido na cidade de Remanso (Bahia)²⁹, dentre muitos outros que a autora cita no seu livro, “houve frieza no planejamento e na execução das ações catastróficas, como na busca de um desfecho suicida” (FANTE, 2012, p. 23).

Essa diferença de poder é que demarcará a fragilidade da vítima em não conseguir se defender por conta de diversos fatores, e daí se configurar o *bullying*. Essa fragilidade perpassa por: pouca força física, baixa estatura, ser minoria, não ter habilidade de defesa, autoconfiança baixa e pouca agilidade psicológica diante do agressor.

O *bullying* tem um efeito devastador na vida dos alunos, as consequências vão além de socioeducacionais, atinge a essência da vítima, causando traumas e situações mais graves, o que Fante (2012) considerou uma síndrome – Síndrome de Maus Tratos Repetitivos (SMAR). Essas consequências podem desembocar numa grande interferência no processo de aprendizagem e socialização que deveria ser bem vivenciado na escola, passa a representar um perigo para a vida toda, inclusive ser motivador de tragédias. “O fenômeno *bullying* é hoje o principal inimigo a ser combatido nas escolas e a cooperação é a chave para combatê-lo” (FANTE, 2012, p. 11).

Dentro desse universo de discussões sobre o fenômeno *bullying*, há um questionamento sempre presente, levando-nos a questionar se estamos diante de um novo fenômeno ou velho, já que, ao remetermos a história de ocorrências agressões em sala de aula, os filmes são bons *remakes*, percebemos situações que hoje denominamos como sendo *bullying*, mas que naquela época não tínhamos essa denominação. Concordando com Fante (2012), arriscamos dizer que estamos diante de um fenômeno novo e antigo, novo quando evidenciamos que o fenômeno vem sendo cada vez mais tema de pesquisas em várias áreas, pela ocorrência de fatos que chamam a atenção da sociedade, principalmente no que diz respeito às consequências danosas, e antigo, quando verificamos que situações em que o agressor oprime a vítima sempre existiu nas escolas, por motivações banais, usando de muita perversidade. Mas, o fato é que, novo ou antigo, os profissionais de educação, de uma maneira em geral, não estão preparados para identificar e lidar

²⁹ Em fevereiro de 2005, um estudante de 17 anos na cidade de Remanso-Ba., matou duas pessoas e feriu outras duas, alegando ser simpatizante de terroristas islâmicos e que pretendia matar algo em torno de cem pessoas. O estudante pegou motoboy e se dirigiu ao centro da cidade, atirou e matou a primeira pessoa que viu pela frente, um estudante de 13 anos. Na sequência, forçou o motoboy, com a arma apontada para a cabeça, se dirigir para uma escola de informática, subiu a escada de acesso atirou a armo, matando uma jovem e ferindo gravemente outras duas.

com a manifestação desse fenômeno na escola, muito menos com as suas consequências.

As consequências dos maus tratos são tão profundas que causam cicatrizes profundas na essência das vítimas, são os traumas no psiquismo dessas vítimas. Fante (2012), acrescenta que o indivíduo, após passar por diversas agressões vitimados pelo *bullying*, além de desencadear elevado índice de estresse, a sua autodefesa e o seu desenvolvimento socioeducacional são comprometidos. As situações de medo a que são submetidos prejudica, inclusive, qualquer reação contrária, além do desenvolvimento mental, somamos a isso, problemas físicos como dores em várias partes do corpo, além das questões emocionais. O medo, nesse sentido, funcionará como a base para que a investida do agressor tenha sucesso.

Outro ponto que deve ser considerado é que este fenômeno não está restrito à esfera pública, “o *bullying* está presente em todas as escolas, sejam públicas municipais, estaduais ou federais, sejam particulares, ricas ou pobres” (FANTE, 2012, p. 11).

Acompanhamos a evolução do fenômeno invadindo o mundo da escola e ultrapassando os muros desta, os meios de comunicação revelam, o tempo todo, novas tragédias em escolas de todo o mundo, tornando o aluno preso a uma destruição social e psíquica, um verdadeiro aprisionamento.

Poderão aprisionar sua mente a construções inconscientes de cadeias de pensamentos, que resultarão em dinâmicas psíquicas destrutivas de si mesma e da sociedade, como por exemplo, a instalação do desejo de matar, por vingança, o maior número possível de pessoas, seguido de suicídio. (FANTE, 2012, p. 12).

Essa autora ao descrever a situação das escolas hoje, sinaliza para a crescente violência que há entre os jovens em idade escolar, de variadas faixas etárias e diferentes níveis de escolaridade. Buscando combater a ampliação da violência dentro da escola, diversas medidas são tomadas, “muros e grades altas, detectores de metais e câmeras de vídeo para monitoramento, blitz, cães farejadores e aparelhos de raio x” Fante (2012), todo esse arsenal, aparentemente utilizado nos quartéis, hoje são utilizados pelas e nas escolas demonstrando, assim, a violência explícita na escola.

Nessa mesma trajetória, não como coadjuvante, temos a protagonização de uma violência que chega de forma velada, atuando com muita crueldade,

intimidação, destruição, de maneira contínua, na qual a vítima é massacrada, em todas as instâncias, e a comunidade escolar, é, muitas vezes, apática, negando a sua existência ou simplificando e normalizando a sua ocorrência como algo pequeno. “O que antes ocorria de forma esporádica, após a década de 1990, transformou-se numa sequência de trágicos assassinatos e suicídios no interior da escola (FANTE, 2012, p. 21). Diversos foram os massacres noticiados pelas redes de comunicação nesta década, em que, quase sempre, a culminância, é o suicídio do executor, mas, sabe-se, que a maioria dos casos são ações premeditadas, de maneira minuciosa, e com a ajuda de algum (a) amigo (a), ou seja, conhecedor da intenção, mas não revela, por medo de se tornar uma vítima, ou por admirar tal atitude, compondo o quadro de espectadores de tragédias anunciadas. Peter Langman, estudioso de tragédias ocorridas na escola, desde 1999, depois do massacre em Columbine³⁰, no Colorado, com um saldo de 15 mortos, contando com os causadores da tragédia, fala do efeito imitação em que novos atiradores buscam atingir a fama mais expressiva do que os anteriores (BBC BRASIL, 2018).

Esse pesquisador também desmistifica o estereótipo de que esses atiradores foram vítimas ou agressores de *bullying* no seu passado estudantil, para ele, não necessariamente isso acontece, considera que muitos jovens já sofreram alguma intimidação em algum momento da sua vida estudantil, esses atiradores não passaram por mais provocações que outros, seus estudos revelaram isto. Esses massacres ocorridos em escolas são diferentes das tragédias oriundas do *bullying*, a configuração é outra, não são todos os casos de matança na escola que são consequências do *bullying* sofrido pelo executor, assim como, não são todos as vítimas de *bullying* que vão cometer massacres. Há casos em que o executor se encontrava em instabilidade mental³¹, ou passava por problemas psicológicos, ou estava imitando outra tragédia que ficou famosa na mídia, as motivações são variadas.

Na busca por compreender a complexidade do fenômeno *bullying*, Fante (2012) argumenta que é fundamental conhecer as causas que fazem desencadear as atitudes e ações de *bullying* e assinala que além das hipóteses corriqueiras, que

³⁰ Dois adolescentes, Harris e Klebold mataram 13 pessoas e em seguida cometem suicídio no suburbano Colégio Columbine de Denver.

³¹ O massacre na Escola Ikeda ocorrido no Japão em 08 de junho de 2001, um ex-zelador da escola fez 15 vítimas, a maioria tinha entre 7 e 8 anos (<https://super.abril.com.br/blog/superlistas/8-massacres-em-escolas-que-chocaram-o-mundo/>).

são próprias das violências explícitas, como os desentendimentos entre pares, brigas, etc., há ainda os fatores institucionais, familiares, sociais, e as inúmeras variáveis de natureza psicológica, relacionadas às diferenças individuais. Descreve didaticamente o que ocorre com as vítimas de *bullying* ao se referir a reações biológicas e situações psíquicas.

Soma-se a essas reações todos os sentimentos e as emoções descontroladas, que, associados, podem promover construções de pensamentos destrutivos, ideias de vingança e de suicídio, que se expressam como resposta violenta contra a própria instituição escolar, palco dos seus sucessivos sofrimentos. (FANTE, 2012, p. 25).

Deve ser considerada outra situação que provoca estranhamento nesse contexto, a omissão daqueles que eram conhecedores dos planos trágicos, o que Fante (2012) chamará de solidariedade negativa, que seria quando os colegas se calam por alguma motivação, supostamente por medo de represália ou por atender à sensação de vingança, por não ter coragem de praticar, mas se sente contemplado com aquele que o faz, demonstrando um perfil negativo de grupo. Ocorre que isso pode ter efeito desencadeador, pois pode provocar uma mudança em que o que era apenas espectador, torne-se agressor, ou seja, a gravidade dos fatos pode sim desencadear transtorno psíquico e vir a ser o causador de tragédias sociais, sendo o *bullying* uma verdadeira tragédia social que se abateu sobre a escola.

A escola pode representar um local de risco, quando marcada pela violência, palco por exemplo do *bullying*, mas pode também ser vista como um espaço de extrema importância para a sua prevenção, bem como dos casos de suicídio provocados por essa modalidade de violência. O educador tem papel extremamente importante no que se refere à identificação dos fatores de risco. Um ambiente escolar agressivo pode ocasionar consequências de extrema gravidade.

Meier e Rolim (2013) nas pesquisas sobre *bullying*, argumentam que é fundamental estabelecer, antes de qualquer coisa, o que é e o que não é *bullying*, já que, não é tudo que acontece entre alunos e alunas na escola que deve ser denominado *bullying*, daí a necessidade de identificar as características básicas desse fenômeno. Após a identificação dessas características, é preciso revelar as principais causas geradoras de *bullying*, que estão intramuros e extramuros da escola, acrescenta a isso o agravante da acelerada banalização da violência em

todas as suas esferas, a maneira como os meios de comunicação, em geral, transmitem e induzem comportamentos favoráveis à popularização desse fenômeno.

O enfraquecimento dos laços de afetividade, o afrouxamento da consciência coletiva, da solidariedade humana, do respeito mútuo, a falta de tolerância, leva ao caos que vivenciamos hoje. A sociedade nesse cenário, refletirá todas essas relações deterioradas que encontramos no universo da escola, inviabilizando uma cultura que seria a inversão dessa realidade, que prezasse por tolerância às diferenças, honestidade, solidariedade e afeição para com o outro, sabendo que o outro é diferente de mim, mas que devemos conviver e construir juntos.

Meier e Rolim (2013, p. 32) enfatizam que “a prática do *bullying* materializa a desobediência aos valores dos pais”, e Tognetta (2005) associou o fenômeno também como um problema moral, evidenciando a falta de sensibilidade e moral do agressor para com a vítima, falam da difícil tarefa do agressor em se colocar no lugar do outro, da vítima, de sentir a dor da vítima. Então, uma questão que não pode ser perdida de vista em qualquer estudo, é que as preocupações com a vítima devem ser estendidas ao agressor, que também demanda ajuda, já que é fato em estudos do fenômeno, que punir apenas não resolve.

Ao contrário do que se propaga, falar de *bullying* não é modismo, tampouco algo para ser considerado uma prática normal que acontece nas escolas. “Há vários casos no mundo de crianças e adolescentes que cometeram assassinatos ou até mesmo suicídio devido a essa prática doentia” (MEIER E ROLIM, 2013, p. 12). É fundamental fortalecer os laços de solidariedade humana entre esses jovens, resgatar valores perdidos, para atuar em um espaço onde o *bullying* é utilizado para acessar o reconhecimento dos pares e tornam-se uma liderança nesses contextos.

Analisando em que contexto o *bullying* acontece, Meier e Rolim (2013) informam que é preciso considerar que o ser humano vive agregado por semelhança, então, as “panelinhas” vistas nas escolas são justificadas. Nesse contexto, remetemos o desenvolvimento de grupos, que opera a consciência de si e do outro, justificando comportamentos similares. “Aquilo que é diferente se distingue quase que instantaneamente dos nossos padrões de comportamento, podendo gerar estranheza e desconforto” (MEIER E ROLIM, 2013, p. 16). Dessa forma, o *bullying* pode ser visto como um desrespeito às diferenças.

O fato é que, conhecer as causas e consequências, identificar o perfil tanto das vítimas como dos agressores, deve fazer parte do início da caminhada. Quando

falamos que essa discussão não é um modismo, vale demarcar aqui que o fenômeno vem se perpetuando ao longo da história, o que representa a novidade, ou seja, o que tem de mais recente, é a definição do termo. Para Meier e Rolim (2013), o conceito de *bullying* nos seus trabalhos é tido como “um conjunto de agressões intencionais e repetidas provocadas por um agressor de maior poder ou força, que causa na vítima dor física ou emocional” (p. 22).

Em termos de classificação, remetemos a essa súmula adaptada dos estudos de Meier e Rolim (2013), que identificam que o *bullying* ocorre de maneira direta e indireta:

Direta: ocorre a identificação do agressor, a ação é direta, podendo ser física, moral, sexual, psicológica, material ou virtual, mais especificamente, a vítima conhece a autoria das agressões, ela identifica o agressor;

Indireta: ocorre a ridicularização da vítima, as ações são praticadas por pessoas sob as ordens do agressor, ele é um mandante, dirige o que deve ser feito. Nessa modalidade, destacamos o *cyberbullying*, prática virtual em que é difícil identificar a autoria das agressões, até porque, muitas vezes são criados perfis falsos que visam garantir o anonimato.

3.6 A Especificidade do *Cyberbullying*

Cyberbullying é visto como o assédio virtual ocorrido via meios eletrônicos, Olweus (2016) chama à atenção para a ampliação dada pela internet na proliferação do fenômeno, ela potencializa o *bullying* na modalidade *cyberbullying*, em que o foco perpassa por ridicularização e intimidação, realizada por um agressor que geralmente não se identifica ou utiliza um perfil falso, ocorre a invasão de e-mail, a manipulação de imagens, inclusive com conteúdos pornográficos, etc. Nessa modalidade, Olweus (2016) destaca o estresse que a vítima passa a sofrer no processo de busca por identificação do agressor e a facilidade de acesso ao alvo, por conta da ausência de barreiras no quesito tempo e espaço. Alerta para a desinibição do agressor, já que está no *cyberespaço*, este é embebido de uma coragem que não teria, estando na presença física da vítima. Isso reflete a má utilização das tecnologias da comunicação, uso sem orientação coerente e sinalização dos riscos e perigos, assim como a falta de orientações em relação aos aspectos éticos, morais e legais.

No contexto de Brasil, este termo passa a ser utilizado nos estudos da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), que passou a considerar as atitudes agressivas entre pares, ocorridas intencionalmente e de maneira repetidas, sem nenhuma justificativa plausível, que causam dor, sofrimento e angústia, uma relação de poder desigual, como *bullying* (ARRUDA, 2005). Em seguida, a pesquisadora Fante (2012) passa a utilizar o termo, divulgando e propagando em seus estudos acerca da violência nas escolas brasileiras sobre o fenômeno *bullying*.

A tecnologia, nessa modalidade de *bullying*, é a condição de existência, ela perpetua pelas redes sócias, a internet disponível e o celular são as ferramentas mais utilizadas para promover difamações de toda natureza, exacerbar comportamentos hostis do agressor, que opera no anonimato, mas que tem também um poder de encorajar outros sujeitos a fazer o mesmo ou serem apenas espectadores.

Outro recurso bastante utilizado na atualidade são as micro câmeras de filmagem, permitem filmar de maneira oculta, são fáceis de serem adquiridas em sites de compras, não exigem maiores conhecimentos para serem utilizadas, logo, as vítimas não imaginam que estão sendo gravadas. Além do uso do celular, o *cyberbullying* lança mão de muitos outros recursos tecnológicos para montar a estratégia de ação contra a vítima, em bonés, canetas, chaveiros, botões, porta-retratos, relógios, etc., é possível gravar a vítima, em sua intimidade e em atitudes do cotidiano, sem a sua permissão.

Neste ponto, chamamos à atenção para outra prática bastante usual para os praticantes do *cyberbullying*, que são os recursos de edição de imagem e legenda, possível de ser feito por aplicativos gratuitos e de fácil acesso, chegam a manipular a realidade, colocam a vítima em outros contextos, estas correm perigo até dentro dos seus lares, e o agressor, de posse de um *nickname* (nome fictício), experimenta uma liberdade para promover sofrimento, praticar crueldade, tortura mental, com a falsa certeza que nunca será pego.

A vítima, por sua vez, cada vez mais acuada, no seu mundo alienado, pautado na crença de que não existe caminho, que se encontra só, pode recorrer a estratégias trágicas para acabar o seu sofrimento, inclusive o suicídio, porque não é possível recuperar o que foi disponibilizado no ciberespaço. Essa maneira de estar no mundo contemporâneo, leva os jovens às relações interpessoais alienadas,

superficiais, que visam colher sempre algum proveito, as aproximações não são por afeto. No *bullying* isso é bem comum, o agressor se passar por amigo, sociável, para conhecer o perfil da vítima e saber como agir para atingi-la profundamente.

O *ciberbullying* é um reflexo perfeito dessa cultura embasada na insensibilidade interpessoal e na total ausência de responsabilidade e solidariedade coletiva. Nesse contexto, o *bullying* virtual encontra fatores bastante propícios para se proliferar de forma sombriamente imprevisível. Dentre eles podemos citar: a inexistência de padrões legais e éticos para a utilização dos recursos tecnológicos da informação e da comunicação; a falta de empatia, de sensibilidade e de responsabilidade nas relações interpessoais; a certeza do anonimato, da impunidade e do silêncio acuado das vítimas. (SILVA, 2010, p. 133).

Diante dessa realidade constatada, reconhecer que este é um problema complexo, que demanda intervenção não apenas dos atores que vivenciam a história, já é o primeiro passo. A escola ainda não consegue lidar com um fenômeno que extrapola as suas paredes, na realidade, ela ainda não dá conta do *bullying* que ocorre nas suas dependências. É preciso agir, no sentido de evitar que essa juventude desista de viver ou saia da escola acreditando que os problemas são resolvidos com a imposição da força, com a dominação do forte sobre o fraco.

Agir de forma rápida e coesa tem o objetivo nobre de evitar que os jovens envolvidos com os comportamentos *bullying* assimilem uma mensagem social equivocada de que os problemas podem ser resolvidos com violência ou com a anulação moral dos mais fracos." (SILVA, 2010, p. 156).

A velocidade de um ataque depende da repercussão da notícia e, portanto, impede a vítima de eliminar a notícia, podendo atingir milhões de pessoas em segundos, em várias partes do mundo. É muito difícil conseguir apagar todos os rastros digitais deixados por uma postagem, hoje em dia, é muito comum os internautas baixarem conteúdos e guardarem para posterior uso, usam também o recurso do *printscreem*, e também alguns conteúdos só são possíveis de serem excluídos via solicitação judicial, como no caso de fotos íntimas. Isso porque quando uma pessoa adere a uma plataforma, aceita os termos e condições, que quase sempre exige o direito de usar o que é postado. Situações de crimes são excluídas com mais rapidez, mas independentemente da situação, sempre é possível alguém copiar antes que ocorra a exclusão, o rastro digital (*Internet Protocol – IP*) só é acessível por pessoas especializadas, conseguem identificar de qual máquina partiram as agressões.

Mesmo o internauta realizando o “suicídio digital”³², apagando todos os perfis, não está liberto, apenas não visualiza mais, mas pessoas conhecidas continuam visualizando e comentando. Na realidade, para o mundo de hoje, o adequado não seria apagar todos os perfis, mas usar de maneira equilibrada, o nosso momento requer alguma participação com comunicação via internet, é ilusão acreditar que o “suicídio digital” resolveria todos os problemas acontecidos nas redes sociais, mesmo voltando com novos perfis, o risco de ser vinculado com o anterior é real, sinalizou o psiquiatra Rodrigo Leite do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP).

Ainda sobre a ampliação dos ataques favorecidos pela ampliação do incremento tecnológico, destacamos uma prática surgida no Reino Unido por volta de 2004 e não muito popularizada no Brasil, o “Happy Slapping”, que significa: bofetada divertida/feliz. Também podemos associar a uma prática de bullying, que consiste em provocar ataques a uma vítima, filmar a agressão, publicar na internet com o recurso de compartilhamento disponível. A sua popularização se deu a partir de 2005, com a publicação de uma série de reportagens do jornal The Time, falando desses ataques ocorridos no âmbito da escola e de maneira repetitiva. Mas na realidade, ao observar a maneira de ocorrência, acreditamos ser uma especificidade do cyberbullying. (PORTAL EDUCAÇÃO, 2013).

3.7 Instituição de leis para conter o *bullying* e o *cyberbullying* no Brasil

As situações de *bullying* nas escolas do nosso país atingiram tamanha gravidade, que mesmo não tendo uma estatística real para quantificar os casos, considerando também que nem todos os episódios são de conhecimento público, muitas vítimas não relatam para ninguém suas experiências, as informações

³² Numa sondagem sobre essa terminologia, verificamos que ela começou a ser utilizada a cerca de 10 anos atrás em reportagens da área de tecnologias, sobre o uso de redes sociais, mas não identificamos o termo em estudos acadêmicos (<https://canaltech.com.br/>). Em relação a isso, em 2010, por conta das inúmeras pessoas querendo sair das redes de comunicação via internet, por motivações variadas, uma Startup Euthanasia Officer criou o aplicativo “*Suicide machine*”, que prometia trazer a vida real de volta e apagar todos os perfis em menos de 1h, já que o processo de exclusão normalmente leva mais de 9h para ser concretizado e é feito manualmente, inclusive a carta de despedida que deve ser encaminhada para todos os contatos. Mas o Facebook na época conseguiu bloquear judicialmente o uso do aplicativo, porque estava perdendo usuários em massa. Tomamos aqui o “Suicídio Digital” como a morte virtual, realizada pelo internauta que não está mais feliz com o uso de redes sociais, que se sente invadido na sua vida real. <https://tecnoblog.net/13532/facebook-bloqueia-ferramenta-de-suicidio-virtual/>

conhecidas são fruto de estudos desenvolvidos por instituições e alguns órgãos públicos (alguns já citados na introdução dessa pesquisa), as informações acabam por ficar pulverizadas, dificultando o entendimento da extensão do problema no Brasil.

Mas, o fato é que em 06 de novembro de 2015 foi aprovada a Lei *Antibullying* 13.185/2015, entrando em vigor a partir de 06 de fevereiro de 2016. Essa lei instituiu um Programa de Combate à Intimidação Sistemática, conhecido como *bullying* para todo o território nacional (Anexo 1).

Poucos anos depois, tivemos outra lei aprovada e em vigor a Lei 13.663/2018, que versa sobre o combate ao bullying, fruto de um Projeto de Lei da Câmara (PLC) 171/2017, proposta pela deputada Keiko Ota (PSB-SP). Essa lei incluiu dois incisos ao art. 12 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB-Lei 9.394/1996), em que a escola passa a ter como atribuição, o combate a diversas formas de violência, principalmente o *bullying*, além de promover a conscientização e a cultura da paz. Essa lei serviu para reforçar a Lei 1.185/2015 em vigor (Anexo 2).

Essa intimidação sistêmica, ou seja, o *bullying* vai além das relações com o outro, isso é potencializado pelos padrões sociais adotados pela juventude hoje, a mídia influenciando o consumismo e ditando os padrões de beleza, e exercendo pressão, angústia, estresse, deixando os sujeitos vulneráveis e impotentes diante das intimidações. Essa lei garante que os estabelecimentos de ensino, os clubes e agremiações recreativas devem assegurar medidas de conscientização, prevenção, e combate à violência e ao *bullying*.

É fato que a criação de uma lei não resolverá o problema do *bullying* nas escolas brasileiras, mas, ao fazer isto, reconhece a existência de um grave problema. Outra questão é que vivemos em um país que temos pouca eficácia na prática das leis, entre a existência de uma lei e a prática desta, há um verdadeiro abismo. Vale destacar também que “a Constituição Federal estabelece direitos, e o Código Civil obriga o agressor ou seus responsáveis a indenizar os danos causados à vítima” (MEYER; ROLIM, 2013, p. 44). Nesse contexto, podemos citar os casos em que as escolas foram responsabilizadas a indenizar as vítimas que sofreram *bullying* em suas dependências e não coibiram as ações.

Destacamos alguns casos para exemplificar: em 2018, o Colégio Adventista, em Salvador, foi condenado a indenizar uma estudante em R\$ 12 mil, por sofrer

bullying. A escola não adotou medidas para combater a prática³³. Outro caso de condenação foi o de Porto Alegre: em 2017, a Justiça do Rio Grande do Sul condenou um colégio de Porto Alegre a pagar indenização no valor de R\$ 6 mil a um aluno que foi vítima de *bullying*. O colégio também teve que arcar com gastos referentes à mudança de escola e tratamento psicológico da criança, na época, com 10 anos, os fatos ocorreram em 2013³⁴. E também o caso de Belo Horizonte: Em 2013, a Justiça de Minas Gerais condenou o Colégio Cavalieri, em Belo Horizonte, a pagar uma indenização por danos morais de R\$ 10 mil a um ex-aluno, vítima de *bullying* na escola³⁵.

Mas, o fato é que, passaram-se alguns anos da aprovação das mesmas e não temos conhecimento de sua utilidade com mais otimização, exceto quando a mídia noticia algum caso grave, aí ela é lembrada e novamente colocada em desuso. O fato é que essa lei ainda não faz parte da realidade escolar brasileira, nem no ensino público nem no ensino privado.

Mas o fato é que, até hoje, as instituições de ensino não capacitaram adequadamente o seu quadro docente, as campanhas se resumem a cartazes com frases de chavões descontextualizadas das realidades escolares, o apoio psicológico à vítima e ao agressor é inexistente e as famílias não são incluídas como parte desse processo. Na realidade, há silenciamento e omissão por parte da escola, preferem declarar que: “nesta escola não tem *bullying*”, do que enxergar o problema real, até porque, admitir isso, pode implicar nas demandas dos novos alunos, pois, possivelmente nenhuma família preferirá uma escola em que se têm notícias de ocorrência de casos de *bullying*.

E os relatórios que deveriam ser produzidos com certa regularidade (a lei diz bimestralmente) pelas unidades escolares, para fins de fundamentar os municípios e estados na elaboração de estratégias de intervenção, não são elaborados, não são cobrados. Por isso que falamos de um abismo entre uma lei ser aprovada e a sua operacionalidade na prática.

Considerando tudo isso, uma instituição escolar não pode simplesmente esperar que um caso de *bullying* aconteça para poder

³³Disponível em: <https://www.bahianoticias.com.br/justica/noticia/58892-colegio-adventista-e-condenado-a-indenizar-aluna-em-r-12-mil-por-pratica-de-bullying.html> Acesso: 28/05/2018

³⁴ Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2017-08-04/bullying.htm> Acesso: 28/05/2018

³⁵ Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/de-belo-horizonte.htm> Acesso: 28/05/2018

agir por meio de punições, reuniões com pais ou “lições de moral” nas salas de aula. A escola precisa ser proativa e atuar de forma que atos de *bullying* jamais aconteçam. Escolas são instituições educativas, e não punitivas. Cadeias e presídios punem, escolas educam. (MEYER; ROLIM, 2013, p, 45).

Pensando na realidade vivenciada hoje nas escolas, os temas polêmicos dos debates que envolvem a educação e a sociedade, a tentativa de silenciar grupos com pensamentos contrários, demarcação de território, intolerância, a inexistência de um programa de convivência escolar nas esferas públicas (escola, município, estado e país), inexistência de programa de capacitação docente específico para o problema, entre outros. Tudo isso contribui para potencializar a ocorrência de casos de *bullying*, que, possivelmente, continuam ocorrendo de forma velada, fazendo suas vítimas silenciosas, exceto nos casos de tragédias que ocupam os noticiários.

4 O FENÔMENO SUICÍDIO: UMA QUESTÃO SOCIAL

Nesta seção, apresentaremos algumas considerações sociológicas acerca do suicídio, com base nos escritos de Émile Durkheim (2000) e Karl Marx (2006), exporemos algumas passagens históricas sobre a prática desse fenômeno, como a história registra isso. Acessaremos alguns dados sobre o suicídio, oriundos de estudos desse fenômeno e apresentaremos uma discussão sobre o sofrimento do “eu” neste cenário.

4.1 Algumas considerações sobre o suicídio em Émile Durkheim

Durkheim (15/04/1858 – 15/11/1917), na sua obra clássica “Suicídio: estudo sociológico” (1897), considerou que a origem desse fenômeno, encontra-se fundamentalmente na sociedade. Ao afirmar isso, não está negando o fator psicológico, mas defende a necessidade e possibilidade de se fazer um estudo mais ampliado, considerando as imposições da sociedade ao indivíduo. Uma vez que, para ele, esse fenômeno está presente na sociedade e atinge os indivíduos que se distanciam, por algum motivo, do centro do equilíbrio da sociedade.

Considera característico do suicídio, as mortes provocadas pela própria vítima, independente da forma, acrescentando que tanto o ato praticado por forma brutal, de maneira violenta, que choca, quanto a pessoa decidir por algo, que sabe que terá como consequência a morte, tais como, parar de comer, suspender o uso de uma medicação de uso contínuo, portanto, todas são mortes voluntárias, o que as diferencia são os detalhes da execução.

Sendo o suicídio um fato social, a Sociologia se preocupa com o entendimento desse fenômeno, tecendo suas análises a partir de motivações coletivas, e não privadas, como comumente se faz. A luz de Durkheim, toda sociedade tem predisposição para oferecer um número determinado de indivíduos para as mortes voluntárias. Nesse sentido, a Sociologia estuda todo o processo social em torno do fenômeno, analisa os fatores sociais, não de forma individual, mas a ação desses fatores sobre um conjunto da sociedade. O entendimento do fenômeno requer a análise da sociedade em cada momento histórico.

Na análise sociológica desse fenômeno, a primeira dificuldade seria uma definição que consiga dar conta da sua complexidade, mas qualquer causa pode ser

a motivação de um suicídio. Outra questão intrigante é que não é possível saber se ao tomar a atitude de praticar suicídio, o indivíduo tenha de fato a intenção, pois são inúmeras situações que podem ser determinantes para a adoção do suicídio.

Considerar esse fenômeno um fato social foi também uma barreira que Durkheim teve que romper, considerando que a própria literatura da época somente sinalizava o viés psicológico, portanto, individual. Durkheim não concordou com essa restrição, limitar o estudo do fenômeno ao psiquismo, caso fosse assim, esse ato afetaria exclusivamente ao indivíduo. Ao indagar se é pelo caráter, pelos antecedentes, pela vida privada, que a opção pelo suicídio pode ser explicada, portanto apenas pelos fatores psicológicos, a sociedade estaria isenta, não sendo responsável por ele. No entanto, nem todos que passam por situações adversas cometem suicídio, caso isso ocorra, a sociedade tem condições de responder, por isso, Durkheim trata esse fenômeno como sendo de caráter eminentemente social, sem negar o papel da Psicologia.

Argumentando que a primeira impressão que temos é considerar o fenômeno de cunho individual, apresenta o suicídio como sendo de motivações coletivas. É desta premissa que ele esboça a primeira definição: “Chama-se suicídio toda morte que resulta mediata ou imediatamente de um ato positivo ou negativo, realizado pela própria vítima” (DURKHEIM, 2000, p. 11).

Essa definição aparece para ele como incompleta, pois não separa as mortes praticadas pelo indivíduo com distúrbios psiquiátricos e as praticadas pelos indivíduos que têm consciência do que estão fazendo. Ao considerar que a vítima ao agir conhece o resultado do seu ato, independente da razão ou motivação, ele consegue delimitar o grupo definitivo de mortes que são chamadas de suicídio.

“Chama-se suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado” (DURKHEIM, 2000, p. 14). Essa é a definição final esboçada por Durkheim do suicídio humano, considerando que ele não teve a pretensão de ampliar o estudo para o cerne da discussão acerca de suicídios de animais. “Com efeito, o que sabemos da inteligência animal não nos permite atribuir aos animais uma representação antecipada de sua morte nem, sobretudo, dos meios capazes de produzi-la” (DURKHEIM, 2000, p. 14).

Reafirma, ainda, o campo do estudo do fenômeno pela Sociologia, mesmo reconhecendo os fatores individuais, mas atesta que estes são da esfera da

Psicologia, voltada para a história privada do indivíduo. Durkheim não teve a pretensão de realizar o estudo de particularidades, mas para o conjunto dos suicídios ocorridos numa sociedade em determinado período.

As razões geralmente utilizadas para justificar o suicídio não se sustentam, são, na realidade, na maioria das vezes, a causa aparente, o que tem de frágil no indivíduo, e é a partir daí que as interferências externas o atingem. A taxa do suicídio, para Durkheim, só pode ser explicada sociologicamente, pois, para ele, o contingente social dos que optam pelo suicídio é determinado pela moral da sociedade, em cada povo isso é definido pela força coletiva, cada grupo tem sua propensão.

Ao tomar o suicídio como fato social, é preciso esclarecer, qual o lugar que ocupa no contexto dos fenômenos sociais e verificar se este é um ato aceito ou condenado pela sociedade. Ao voltarmos à história, verificamos que há escritos que mostram como este fenômeno foi criminalizado e que famílias de suicidas foram punidas, desde as sociedades cristãs (ano de 450) nas cidades greco-latinas, até entre os povos primitivos. Nas sociedades modernas “a partir do momento em que a pessoa humana é e deve ser considerada sagrada, de que nem o indivíduo nem o grupo podem dispor livremente, todo atentado contra ela deve ser proscrito” (DURKHEIM, 2000, p. 334). É inaceitável assim, qualquer ato que destrua a vida humana, mesmo sendo o indivíduo, vítima e culpado, simultaneamente, pois pode ser visto como um sacrilégio, portanto, intolerável. Durkheim classifica os suicídios como atos imorais, a falta de dignidade moral do indivíduo acaba ao cometer o ato. “O assassino e o suicida seriam, ambos, degenerados e fracos. Incapazes de desempenhar um papel útil na sociedade, eles estariam, por conseguinte, fadados a ser vencidos” (p. 337).

Durkheim (2000) aborda a interferência da idade no gráfico do suicídio, afirma que tanto o homicídio quanto o suicídio aumentam, à medida que o homem adquire mais idade.

Durkheim (2000) assegura que as motivações que desembocam no suicídio são de cunho coletivo, refletindo a coesão existente entre os grupos sociais, ou seja, a interação, a solidariedade, a influência da sociedade, portanto, as normas que regulam as condutas são fatores que servem para explicar sociologicamente o suicídio. Dessa forma, ele trata o suicídio como um fato social e, desta forma, as

suas taxas devem ser explicadas considerando características da sociedade em que vivem os indivíduos, não em termos psicológicos e biológicos.

Constataremos que o total assim obtido não é uma simples soma de unidades independentes, uma coleção, mas que se constitui por si mesmo um fato novo e *sui generis*, que tem sua unidade e sua individualidade, por conseguinte sua natureza própria, e que, além do mais, essa natureza é eminentemente social. (DURKHEIM, 2000, p. 17).

Para ele, a causa provocadora do suicídio não é algo isolado, ela é externa ao indivíduo, advém de correntes suicidogêneas, e cada grupo social tem uma tendência coletiva para o suicídio, a partir daí é que temos as inclinações individuais. As causas do suicídio são exteriores ao indivíduo, são “tendências coletivas”, o grau de solidariedade que manifesta no grupo, a intensidade da coesão da sociedade, os laços familiares firmes, tudo isso servirá de base para que o indivíduo não cometa tal ato, caso esses condicionantes sejam frouxos, o indivíduo tem mais probabilidade de optar pelo ato suicida. A falta de integração dos membros do grupo é o que favorecerá a concretização do ato.

Em seu estudo, Durkheim (2000), identifica os tipos de suicídio: egoísta, altruísta, anômico e fatalista.

A sensação de estar só, sem amparo, é resultante de um processo de individualização exacerbado, por conta da desintegração social, neste caso, temos o suicídio egoísta, marcado por uma carência extrema da vida social, isolamento extremo do grupo social, um afrouxamento dos laços sociais, ou seja, os laços que unem o indivíduo à sociedade se enfraquecem. É quando o sujeito tem uma afirmação individual, essa se sobrepõe ao social. Logo, os laços entre indivíduos e a sociedade são frouxos, a vida para ele perde o sentido, perde a razão.

De maneira contrária, o outro tipo identificado por Durkheim, é quando o suicídio vem como uma obrigação, nos casos em que algo não foi atingido pelo indivíduo, a sua honra é atingida, afetada publicamente, ou seja, ele é tão absorvido pelo grupo social, que ele não se pertence, a individualização é fraca, a sua existência perde o valor em relação aos ideais coletivos, morre pela causa, o suicídio passa a ser um dever, daí temos o suicídio altruísta, a vida para o indivíduo torna-se insuportável, por isso, acredita que deve encerrá-la, o ego não o pertence mais, é algo que está fora de si mesmo.

Quando analisa o desagregamento da sociedade, onde regras e normas são desconsideradas, deixa de ter aderência à sociedade, esta, perde o sentido, apresenta-se deteriorada, em situação de desordem social, os valores e tradições foram atingidos, quebrados, o indivíduo passa a viver completa individualização, essa é para Durkheim, a modelagem do suicídio anômico, imperando num cenário em que as questões coletivas são vagas, a sociedade vive um estado de anomia. Em situações de anomia social, ausência de regras sociais, inexistência de normalidade social, o caos leva o indivíduo a tirar a própria vida, tais como situações de crise econômica na sociedade, perda de riquezas, poder e status.

Quando identifica situações em que a sociedade tem o absoluto controle sobre as emoções dos seus membros, sobre as motivações dos indivíduos, como é o caso dos suicídios ligados a seitas, caracteriza o tipo fatalista.

O suicídio acompanha o indivíduo da infância até a velhice, já o homicídio atinge o ápice na maturidade. Em relação à elevação da taxa de suicídio, Durkheim (2000) salienta que o tipo que mais cresce é o egoísta. “O indivíduo já não dá valor à vida, porque já não dá valor suficiente ao único intermediário que o liga ao real, isto é, à sociedade” (p. 354), a sua vida perde o sentido.

A frequência ocorre de acordo com a tendência de hábitos e costumes da sociedade, demarcando a intensidade da ocorrência. Enfim, podemos sinalizar que, caso o indivíduo esteja pouco integrado à sociedade, o individualismo dominante tem possibilidades de praticar o suicídio egoísta. Quando se encontra muito integrado, é totalmente absorvido por ela, tende ao suicídio altruísta; entretanto, quando não consegue conviver com as perdas, os desequilíbrios econômicos e políticos da sociedade, surge o suicídio anômico, com a perda de referenciais, dificuldade de encerrar a queda no tipo de vida.

Para Durkheim, é normal a ocorrência do fenômeno suicídio na sociedade, ele é um fenômeno social, portanto, deve ser estudado e explicado pela compreensão da sociedade. Esse fenômeno tanto esteve presente na história da humanidade como no momento contemporâneo, há uma ampliação no número de casos, na taxa, como nunca foi visto.

Para ele, a sociedade é determinante para o suicídio, pois através de suas regras e constrangimentos, ela é capaz de decidir se alguém deve viver ou morrer, o indivíduo sente-se esmagado pela sociedade, é frágil diante dela, não tem forças

para enfrentá-la. Assim sendo, a sociedade não consegue entender e ajudar os indivíduos, logo, é responsável por suas escolhas.

Durkheim recomenda que é preciso entender quais os estados dos diferentes meios sociais (credos religiosos, família, sociedade, grupos profissionais etc.), em função dos quais o suicídio varia, para compreendermos o fenômeno, para em seguida, voltarmos ao indivíduo e compreendermos a forma como as causas gerais respondem nos indivíduos, causando as mortes por suicídios provocados por elas (NUNES, 1998). Pensar em meios de reduzir os suicídios não seria lançar mão de dispositivos legais, porque eles não conseguem despertar nos indivíduos a sensibilidade moral.

Mesmo uma grande obra, está passível de levantar críticas e defesas de pontos de vista, com Durkheim não foi diferente, mas o fato é que após a publicação da obra “O Suicídio”, não houve nenhum trabalho sociológico com relevância que superasse a sua obra. Na crítica destacamos os argumentos de Giddens (1981), para ele Durkheim não demonstrou que os fatos não sociais não interferem nas taxas de suicídio e que ele tinha plena confiança nas estatísticas oficiais como forma de distribuição do suicídio. Outra questão sinalizada por Giddens, foi o fato de Durkheim não ter considerado em seu estudo as tentativas de suicídio, que para ele seria algo fundamental para o entendimento dos atos concretizados (NUNES, 1998).

Nunes (1998), diz que a pretensão de Durkheim era especificar teoricamente as três causas sociais que estavam relacionadas ao crescimento das taxas de suicídio: egoísmo, altruísmo e anomia. Aron (1982) relaciona os tipos de suicídios a correntes suicidógenas, cuja origem está na coletividade, e que são a causa do suicídio. Em seu esquema teórico, Durkheim relaciona a concepção de moralidade e solidariedade social, o suicídio era a antítese da solidariedade social. “As causas reais dos suicídios são, em suma, forças sociais que variam de sociedade para sociedade, de grupo para grupo e de religião para religião. Emanam do grupo em não dos indivíduos isoladamente (ARON, 1982, p. 315).

Douglas (1970 apud NUNES, 1998), argumenta que nem sempre é evidente o significado do modo de vida, ele vê como se fosse a cultura hoje, os significados são transmitidos, mas eles não chegam a formar representações coletivas. A crítica desse autor nos estudos sobre suicídio, realizados por Durkheim, é que o enfoque teórico da hipótese estatística levou Durkheim a criar uma abordagem teórica das ações suicidas como ações sociais, mas Douglas acredita que o importante é

distinguir as situações significadas e as abstratas. O significado das situações é fundamental para apresentar formas de ação social necessárias para o estudo do suicídio.

Outra crítica dirigida à obra de Durkheim é no sentido de perceber a relação entre o suicídio e doença mental, Berrios e Mohanna (1990 apud NUNES, 1998) argumentam que Durkheim foi muito seletivo e idiossincrático na seleção do material e na terminologia usada e que, além disso, Durkheim distorceu a história das ideias psiquiátricas sobre o suicídio no século XIX.

Lloyd (1990) critica esses autores, “o desejo positivista de estudar as taxas, as regras e tipos do fenômeno social do que inquirir sobre (desconhecida) intencionalidade individual” (LLOYD, 1990, p. 594 apud NUNES, 1998, p. 11). Outro pesquisador que defende Durkheim é Youssef (1990), para ele, quando Durkheim escreveu “O Suicídio”, ele não escrevia um texto psiquiátrico, mas uma obra teórica sociológica.

O fato é que sempre houve e haverá discussões entre suicídio e doença mental, Mello (1992 apud NUNES, 1998), com base em um levantamento bibliográfico sobre a temática que realizou, informa que o volume de autores que adotam o suicídio de maneira isolada como critério de doença mental é tão significativo quanto os que pensam o contrário. Em relação à doença mental, podemos perceber uma correspondência entre o egoísta, a apatia e a melancolia; o altruísta com passional e sentimento de dever; o anômico como irritação, desgosto, queixas contra a vida, mas é possível um tipo misto combinando as três correspondências.

4.2 Algumas considerações sobre o suicídio em Karl Marx

Ainda sobre o estudo do fenômeno suicídio na Sociologia, Marx (05/05/1818–14/03/1883) escreveu um texto: “Sobre o suicídio” em 1846, mesmo não sendo o seu foco de pesquisa principal, mas o fez, para tecer uma crítica à sociedade burguesa, argumentando que esta promove uma vida antinatural, e que o suicídio é uma comprovação de que essa sociedade é doente, portanto, requer mudança radical.

As pessoas agem entre si como estranhas, numa relação de hostilidade mútua: nessa sociedade de luta e competição

impiedosas, de guerra de todos contra todos, somente resta ao indivíduo é ser vítima ou carrasco. Eis, portanto, o contexto social que explica o desespero e o suicídio. (MARX, 2006, p. 16).

Dessa argumentação é possível fazer uma aproximação com a questão da crescente violência na escola através do *bullying*, muitos jovens, para não serem vítimas das agressões dos colegas, escolhem ser o carrasco, como se fosse uma espécie de precaução.

Marx (2006), reconhece a existência de uma classificação das causas dos suicídios, assim como na obra de Durkheim, mas, se restringe a mencionar as questões provocadas pelo sistema capitalista – desemprego, salários baixos, miséria, dentre outros – tudo isso representa o caráter desumano dessa sociedade, são manifestações de injustiças sociais, não são questões unicamente economicistas.

Nesse contexto, ao criticar a sociedade burguesa, Marx (2006) enfatiza que não se pode restringir a crítica à questão da exploração econômica, mas sim, ter um caráter social e ético, focando nos aspectos múltiplos de opressão. “A natureza desumana da sociedade capitalista fere os indivíduos das mais diversas origens sociais” (p. 18).

No seu ensaio sobre a temática, questiona quem são as vítimas dessa sociedade que buscam o suicídio, no caso, dar ênfase às mulheres. Em relação ao universo escolar, são crianças e jovens que vivenciam, habitualmente, a covardia dos colegas, são na realidade, vítimas, vitimizando os mais fracos que eles. Marx (2006) reafirma que o suicídio é encontrado em todas as classes sociais, pois há inúmeras razões que impulsionam uma pessoa a “livrar-se de uma existência detestável” (p. 24). Para ele, o suicídio é um ato antinatural, não é uma demonstração de coragem tirar a própria vida, pelo contrário. Apoiado em Madame de Staël³⁶, sustenta a ideia, já defendida por ela, que “é mais digno lutar contra o desespero do que a ele sucumbir” (p. 24).

Marx (2006) diz que está presente na natureza da sociedade burguesa gerar muitos casos de suicídios, que isso não é da mesma forma em outras formas de sociedade, isso porque, não está na natureza das sociedades gerarem os mesmos produtos. E, fundamentado neste argumento, demanda por mudança na nossa

³⁶ Anne-Louise-Germaine Necker (1766 - 1817), mais conhecida como **Madame de Staël**, foi uma crítica literária, filósofa política e escritora francesa do iluminismo, poeta, ativista e feminista, grande influenciadora da literatura francesa, confrontou Napoleão e contribuiu para uma revolução no comportamento e ideologia da sociedade francesa no século XIX.

sociedade, para ele, “não é com insultos aos mortos que se enfrenta uma questão tão controversa” (p. 25). Além disso, não aceita como explicação os desígnios da Providência, “a própria existência do suicídio é um notório protesto contra esses desígnios ininteligíveis” (p. 25). Critica a sociedade argumentando que esta toma o “suicídio como um ato de covardia, um crime contra as leis, a sociedade e a honra” (p. 25).

Nesse contexto, questiona o que leva então o homem a se matar? Sendo esta a maior interrogação. Mas, sabe-se que, o sangue corre de maneira diferente nas veias de um desesperado, do que a sangue frio. “Vê-se que, na ausência de algo melhor, o suicídio é o último recurso contra os males da vida privada (MARX, 2006, p. 48). Para ele, o suicídio é um mal que corrói indivíduos de todas as classes sociais, o homem é um mistério para o próprio homem.

Chama a atenção para casos de mortes tidas como natural ou acidental, quando na realidade são casos de suicídios, daí a dificuldade de se ter uma real estatística dessa questão social, toma como exemplo, casos de afogamentos no século XVIII, por exemplo, que camuflava a vergonha da família. “A classificação das diferentes causas do suicídio deveria ser a classificação dos próprios defeitos de nossa sociedade” (MARX, 2006, p. 44). “Uma pessoa não se mata pelo simples fato de querer morrer” (p. 47), o suicídio aparece como sendo o último caminho viável contra os males da própria vida, que atingem todas as classes sociais. “Os governos representativos não tratam dessa questão com o devido cuidado; ocupam-se apenas com a economia por atacado, e tanto pior para os acontecimentos que se dão no varejo” (p. 49).

4.3 Falando um pouco sobre a história do suicídio

O suicídio é carregado de diversas questões sociais, ele não é um fenômeno que se encerra com o cometimento do ato, é preciso buscar entender os determinantes sociais. Por isso, acreditamos ser de extrema importância fazer um breve passeio sobre a história desse fenômeno.

Do ponto de vista dos registros históricos, o suicídio vem sendo registrado desde a antiguidade e é eminentemente humano. Tomando como aporte as dissertações de mestrado de Silva (1992), intitulada: “Suicídio – Trama da Comunicação”, e Berenchtein Neto, “Suicídio: uma análise psicossocial a partir do

materialismo histórico dialético” (2007). Esses pesquisadores fazem um breve relato da ocorrência desse fenômeno ao longo dos tempos. Mas, cabe salientar que “o suicídio de pessoas famosas foi sendo registrado, porém a história oficial ignorou os inúmeros cidadãos comuns suicidados” (SILVA, 1992, p. 10), o que dificulta estabelecer, com exatidão, o marco histórico.

Para traçar um breve histórico do fenômeno suicídio, o relato mais antigo encontrado data de 2.500 a.c., onde há registros de suicídio como ato concreto na cidade de Ur, na Mesopotâmia, quando doze pessoas ingeriram uma bebida envenenada e se deitaram para aguardar a morte. (BERENCHTEIN NETO, 2007, p. 12).

Na antiguidade, segundo seus sistemas religiosos, povos do ocidente acreditavam ser a velhice muito penosa, eram bem vistos os idosos que optavam pelo suicídio. Como acrescenta Silva (1992), o ancião deveria cometer suicídio para não promover a debilitação do espírito no corpo envelhecido. Outro aspecto em que a morte era bem vista, era quando acontecia em batalhas ou suicídio, visto como morte violenta, e que por isso, o pós-morte reserva um lugar especial para os adeptos.

Um breve relato sobre suicídio nas histórias bíblicas, temos a história de Sansão, que viveu por volta de 1.200 a.C., e ainda é motivo de discussão. Até hoje estudiosos questionam se Sansão, no ato de derrubar as colunas para matar os filisteus, cometeu suicídio, já que tinha a consciência que iria morrer. Reza a história que Sansão nasceu de uma mulher estéril, como um enviado de Deus para lutar e salvar seu povo. Mas, caiu em desgraça ao se apaixonar por Dalila, uma prostituta a serviço dos filisteus, que o enganou ao seduzi-lo e o entregou aos seus inimigos. Sansão foi escravizado, torturado e como consequência ficou cego, sendo submetido a zoações e zombarias. Numa ocasião, os filisteus fizeram uma comemoração e sacrifício ao deus por ter capturado Sansão, não perceberam que seu cabelo tinha voltado a crescer e, foi aí, nesse local, que Sansão invocou a Deus, pedindo que lhe concedesse força pela última vez, para que ele se vingasse dos filisteus. Desta forma, empurrou as colunas de sustentação do templo, inclinando-as, e toda a edificação desmoronou, as pessoas foram soterradas e mortas, inclusive ele (JUÍZES, 13-16). Ao que tudo indica ele, Sansão, é considerado um dos salvos na Bíblia, como se pode observar na carta aos hebreus 11:(32-34).

32 E que mais direi? Pois me faltará o tempo, se eu contar de Gideão, de Baraque, de Sansão, de Jefté, de Davi, de Samuel e dos profetas;

33 os quais por meio da fé venceram reinos, praticaram a justiça,

alcançaram promessas, fecharam a boca dos leões;
34 apagaram a força do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram forças, tornaram-se poderosos na guerra, puseram em fuga exércitos estrangeiros.

Na Grécia antiga, o suicídio era tolerado, mas, para isso, precisava seguir determinados critérios determinados de acordo à política e a ética daquele local e tempo.

Na Antiga Grécia, um indivíduo não podia se matar sem prévio consenso da comunidade porque o suicídio constituía um atentado contra a estrutura comunitária. O suicídio era condenado politicamente ou juridicamente. Eram recusadas as honras de sepultura regular ao suicidado clandestino e a mão do cadáver era amputada e enterrada a parte. Por sua vez, o Estado tinha poder para vetar ou autorizar um suicídio bem como induzi-lo. (SILVA, 1992, p. 09).

Segundo Silva (1992), cabia ao Estado proibir ou autorizar o suicídio, além de induzir, caso isso fosse do seu interesse, como por exemplo, o caso de Sócrates, 399 a.C. que segundo relatos históricos, foi induzido a tomar veneno.

Silva (1992), argumenta que na Idade Média o suicídio era condenado, a Europa não separava mais suicídio permitido do suicídio proibido, considerando que a vida era um dom divino, portanto, não poderia ser tirada por si, só Deus poderia tirar. O suicida não poderia ter nenhum ritual religioso, o cadáver poderia ser exposto ou queimado, e a família não poderia dispor dos bens materiais do suicidado. Tanto o Estado, quanto a Igreja, combatiam os suicídios, chegando a comparar tal ato com os mesmos praticados pelos ladrões e assassinos.

Na Grécia Antiga, segundo Berenchtein Neto (2007), existiam muitas opiniões sobre o suicídio, mas era um fenômeno tolerado, no entanto, era preciso seguir alguns critérios políticos e éticos, de acordo com o local e a época. Ele acrescenta que houve um tempo em que os gregos não admitiam, sob qualquer justificativa, esse ato, que era considerado assassinato, e cujo corpo do suicida era submetido a várias penalidades: a sua mão era decepada e, na maioria das vezes, enterrada em outro local diferente do corpo, sendo esta considerada a causadora do mal. Com o passar dos anos, os gregos passaram a admitir que o suicídio era algo natural, tanto que, em cidades como Atenas, Marselha e Cea, produziam o veneno cicuta³⁷, e o

³⁷ *Cicuta* - é um género de plantas apiáceas que compreende quatro espécies muito venenosas, nativas das regiões temperadas do Hemisfério Norte. São herbáceas perenes, que crescem até 1-2 metros. É também o nome comum do veneno extremamente poderoso produzido pela planta conhecida por *Conium maculatum* (cicuta), nativa da Europa, do Médio Oriente e da bacia mediterrânica. A principal causa de sua toxicidade é a presença da substância cicutoxina. Este

senado mantinha porções para serem doadas aos que conseguiam convencer e adquirir a permissão do senado quanto as suas motivações para escolherem o suicídio, ao invés de viver.

Berenchtein Neto (2007) confirma, também, que para os romanos, com base no Código Justiniano, o cidadão podia cometer suicídio, informando o motivo, tais como: doença, fastio da vida, loucura, desonras, etc., mas caso não houvesse justificativa, ou seja, morte irracional, o suicídio passava a ser visto como crime. Esse código permitia que o cidadão dispusesse da sua vida sem sofrer nenhuma pena. Cabe salientar que os soldados e os escravos não eram vistos como cidadãos. Os primeiros pertenciam ao Estado, logo, o Estado não podia assumir essa culpa, e o segundo era um bem particular, que podia ser devolvido até passado seis meses da compra, caso tentasse o suicídio ou cometesse esse ato, isso anulava a transação, mesmo se a devolução fosse o cadáver.

Outro fato interessante apontado por Berenchtein Neto (2007) é que cidadãos que foram incriminados e levados ao suicídio, os parentes, na luta pelos bens, tentavam comprovar a inocência, única forma de ter acesso à herança, caso contrário, o Estado confiscava tudo, sendo o suicídio um crime econômico e não de ordem moral religiosa.

Em Silva (1992), vemos que em Roma e em Atenas, o homem livre tinha o direito próprio de se matar, era amparado pela lei política e pela condição de ser livre, já o escravo não gozava dessa prerrogativa, não tinha permissão para se matar, por conta de tal ato provocar a redução do poder e do capital do seu senhor.

Se quatro séculos antes e quatro séculos d. C. o suicídio era ora tolerado ora reprimido, sua repressão vai se reforçando durante os primeiros séculos da era cristã, até que seja totalmente condenado no século V por Santo Agostinho e pelo Concílio de Artes (452 d. C.), seguindo depois pelos concílios de Orleans, Brega, Toledo, Auxerre, Troyes, Nîmes e culminando com a condenação expressa de todas as formas de suicídio "*Decret de Gratreen*", um compêndio de direito canônico do século XIII. (SILVA, 1992, p. 12).

Em meados do século XVIII, temos a consolidação do termo, após a Revolução Industrial, não são mais passíveis de grandes punições as famílias dos suicidas, começou a existir uma certa liberação em relação a esses atos por conta da separação entre Estado e Igreja. Para o Estado, desde que o ato fosse isolado e

veneno ficou conhecido como «veneno de Sócrates» porquanto que o filósofo grego o tomou num processo de auto-venenamento da época por ser acusado de ateísmo e corrupção dos jovens gregos. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cicuta>. Acesso em: 28/05/2018.

não trouxesse prejuízos, não teria grandes problemas, mas para a Igreja, tal ato continuaria a ser repudiado, inclusive com retaliações à família do suicida.

Silva (1992) argumenta que, na época da Revolução Francesa (1799), as medidas severas de repressão ao suicídio foram abolidas, considerando que tal ato não interferia mais na conduta e estabilidade do Estado, passou a ser um gesto isolado. A autora coloca que o estudo de Durkheim, sobre o suicídio no século anterior, chama à atenção para o significado social do suicídio cometido pelo indivíduo, “o suicídio é uma denúncia individual de uma crise coletiva” (SILVA, 1992, p. 13).

O suicídio é um gesto de comunicação, visa ampliar a compreensão do relacionamento entre o suicidado e a sociedade. O indivíduo se mata para relacionar-se com os outros e não para ficar só ou desaparecer. A morte é o único meio que o sujeito encontrou para restabelecer o elo de comunicação com os outros. (SILVA, 1992, p. 14-15).

A morte, nesses casos, revela pelo ato do indivíduo, um problema que está na coletividade, denuncia o fracasso dessa sociedade. E, tanto a morte fictícia mostrada nos filmes sobre a temática, como a divulgada pelo próprio suicida ou familiares nas redes sociais, é um ato de comunicação, é o elo entre quem se mata e a sociedade, portanto, a morte não encerra a história de um suicida, ela revela, no mínimo, a necessidade de discussão, considerando que a sociedade tem poderes e age sobre o indivíduo.

4.4 A morte como saída de um problema escolar: algumas informações sobre *bullying* e suicídio de jovens

Dados do Sistema de Informações de Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde, mostraram que em 12 anos, na faixa etária de 15 a 29 anos, a taxa de suicídio em 2002 passou de 5,1 por 100 mil habitantes para 5,6 em 2014, considerando aí um aumento de cerca de 10% (BBN BRASIL, 2017). Diante desse cenário, tanto o suicídio como as tentativas devem fazer parte da discussão global, o suicídio representa desde 2012, segundo a OMS, a segunda *causa mortis* de jovens em todo o mundo, ao lado dos homicídios, ou seja, ocupa as primeiras posições das mortes mais violentas nessa faixa etária. Mas, qual a relação disso com o mundo escolar? Essa faixa etária corresponde, justamente, à idade escolar e ao ambiente

escolar, que vem protagonizando variadas manifestação de *bullying*, um dos principais elementos de contribuição para o aumento de ocorrências de suicídios relacionados ao contexto escolar.

É nesse ambiente, marcado pela prática da agressividade, intolerância e desrespeito com outro, onde os alunos que não seguem ou se encaixam num determinado padrão, são transformados em desviantes de um grupo, portanto, tornam-se as vítimas perfeitas, levando em conta suas características biológicas, rendimento escolar, estilo de ser e o que usam, dentre outras questões. Mas o fato é que, pensar numa intervenção, é preciso considerar as situações externas e internas que envolvem seus alunos, estes, já chegam à escola afetados por atitudes de exclusão, inclusive no contexto familiar.

Essa é uma situação que assombra o mundo escolar em todo o mundo, para se ter uma ideia da dimensão do problema, no Japão, esse representa um dos piores problemas para as escolas, o *Ijime*, nome dado ao *bullying* nesse país. Diversas crianças abandonam as escolas e um número expressivo busca no suicídio a solução para acabar com o *bullying* escolar, a cada ano no Japão, as estatísticas se elevam, registrando milhares de casos.

O Ministério da Educação do Japão expressa essa dramática situação vivenciada pela sociedade japonesa, de abril de 2016 a março de 2017, portanto, um ano, houve um significativo aumento no número de casos de suicídio entre crianças e adolescentes, foram 250 casos, maior número já pontuado desde 1986, e alega o *bullying* como sendo uma das principais causas (BBC, 2018).

Ainda de acordo o ministério, a taxa foi reduzida na população em geral, mas entre os jovens, ela foi elevada, sendo os adolescentes do ensino médio os mais atingidos. Por conta do período conturbado que é essa fase, muita pressão familiar e da sociedade sofrida por eles, que os levam a viverem situações de imediatismo e descontrole dos impulsos, além das questões biológicas próprias dessa fase.

De acordo com a Revista Galileu (2017), a taxa de suicídio divulgada pelos órgãos oficiais pode ser muito maior, chegando a mais de 20%. Em entrevista com o Psiquiatra Neury Botega³⁸, da Unicamp, ele fala de muitas *causas mortis* atestadas como acidentes, afogamentos, quedas, que podem ser números de suicídios

³⁸ É Professor Titular na Unicamp, nas áreas da Psiquiatria e outras especialidades médicas, transtornos afetivos, prevenção do comportamento suicida. É graduado em Medicina, fez Residência Médica em Psiquiatria, tem Doutorado em Saúde Mental pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Pós-doutorado na Universidade de Londres, tem também título de Livre-Docência.

camuflados. Ele acrescenta que se deve ao fato de que não é toda localidade que existe serviço de óbito, aliado ao fato de que mesmo tendo esse serviço, é muito difícil chegar a essa conclusão, que requer o conhecimento de que o indivíduo já havia demonstrado alguma intenção de cometer suicídio. Cabe salientar, que essas informações são referentes ao suicídio de uma maneira em geral, não é um dado específico dos casos provenientes do *bullying*, aqui envolve os casos relacionados às doenças mentais.

Para especialistas da área médica, 90% dos casos de suicídios podem ser evitados, no entanto, só conseguem situar o problema na esfera da doença, nunca como um problema de origem social, ou seja, há os casos que são oriundos de transtornos mentais de fato, mas há os que tem sua origem nas relações sociais. Segundo a Revista Galileu (2017), esses especialistas reconhecem que é um fenômeno extremamente complexo, que não tem causalidade simples e única, mas estudam os condicionados biológicos e genéticos, em que os genes que são ativados ou desativados interferirão nos sistemas de regulação do humor e da impulsividade do indivíduo. Mas, o fato é que, sendo oriundo de transtorno mental ou de consequência do *bullying*, o suicida demonstra uma enorme dor existencial, que a morte aparece como única saída para curar aquela ferida.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), apresentou no final de 2017 um novo relatório situando a violência contra as crianças como algo universal, profundamente enraizada nas sociedades, mas que é invisibilizada. Esse relatório apresenta que um quinto das vítimas de homicídio no mundo são, geralmente, crianças e adolescentes menores de 20 anos, portanto, em idade escolar. Outro ponto, destacado também no relatório, foi que a cada três estudantes, entre 12 e 13 anos, um sofre *bullying* na escola.

A OMS (2017), com base em um estudo realizado com dados de 2014 sobre mortes de adolescentes, informa que mais mata os adolescentes brasileiros entre 15 e 19 anos compreende: violência interpessoal, acidentes de trânsito, suicídio, afogamento e infecções respiratórias.

No Atlas da Violência de 2017, falando das mortes violentas, reconhece que nossas estatísticas representam uma tragédia diária, mas essa publicação, que é fundamentada nos dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde, não traz informações individualizadas sobre as lesões

autoprovocadas. Sendo essa apenas uma das dificuldades de lidar com a temática e trabalhar com estatísticas oficiais.

A dificuldade de acessar dados oficiais no quesito mortes violentas de jovens no Brasil representa uma realidade, porque eles não são sistematizados como deveria. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública, de 2017, sinaliza que o próprio anuário utilizou microdados do Ministério da Saúde, dados compilados de registros policiais sobre a criminalidade em geral, além de sinalizar dados em relação a gastos com segurança pública, dentre outros. Diante da dificuldade já relatada em conhecer as estatísticas do suicídio, resumimos na tabela a seguir, algumas estatísticas por estado brasileiro, considerando a qualidade dos registros estatísticos oficiais, dos quatro grupos em destaque no anuário. Vale salientar que, a classificação dos estados em grupos remete à qualidade e periodicidade dos dados enviados, é sabido que alguns estados não se interessam, possivelmente por não querer aparecer numa estatística em que suas fragilidades são reveladas.

Grupo 1: maior qualidade das informações;

Grupo 2: qualidade intermediária das informações;

Grupo 3: menor qualidade das informações;

Grupo 4: não há como atestar a qualidade dos dados, pois a UF optou por não responder o questionário de avaliação.

Quadro 12 – Estatística do Suicídio no Brasil – 2015 e 2016

GRUPO	UNID. FEDERAÇÃO	SUICÍDIOS			
		Nº ABSOLUTOS		TAXAS%	
		2015	2016	2015	2016
1	AL	158	146	4,7	4,3
	AM	121	105	3,1	2,6
	CE	533	562	6,0	6,3
	ES	196	211	5,0	5,3
	MT	109	145	3,3	4,4
	MG	1.279	1.286	6,1	6,1
	PA	270	269	3,3	3,2
	PB	194	185	4,9	4,6
	PR	322	332	2,9	3,0
	PE	375	450	4,0	4,8
	PI	92	120	2,9	3,7
	RJ	383	398	2,3	2,4
	RN
SC	631	685	9,3	9,9	
2	AC	30	24	3,7	2,9
	DF	120	149	4,1	5,0
	GO	271	405	4,1	6,0
	MA	114	159	1,7	2,3
	MS	159	147	6,0	5,5
	RS	936	1.085	8,3	9,6
	SP
	SE	28	22	1,2	1,0
3	AP	23	18	3,0	2,3
	RO	98	86	5,5	4,8
	RR	19	19	3,8	3,7
	TO	43	41	2,8	2,7
4	BA	371	329	2,4	2,2
BRASIL		6.875	7.378	3,4	3,6

Fonte: Adaptado pela autora - Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2017

Observa-se que, considerando o ano de 2016, os estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Ceará pontuam entre os quatro com maior incidência do fenômeno, enquanto que os estados de Amapá, Roraima, Sergipe e Acre pontuam com estatísticas mais baixas, como esses estados fazem parte dos menos favorecidos da unidade federativa, portanto mais pobres, talvez a população consiga lidar melhor com situações de dificuldade e, portanto, buscam menos no suicídio a solução para os obstáculos enfrentados..

Em relação ao nosso estado, a Bahia, mesmo não estando nos extremos, apresentou um número bastante expressivo. Outra questão a ser pontuada é a classificação dos grupos, isso revela a importância que os estados dão a esse problema, ou desconhecem, ou não querem revelar essa dura realidade, a Bahia apareceu em destaque na omissão das informações. Mas o fato é que, mesmo reconhecendo o esforço do anuário em revelar com clareza, os números do suicídio no Brasil, não temos nenhum mecanismo para identificar o percentual dos casos que foram originários de problemas escolares como o *bullying*, por isso que continuamos a afirmar que a relação do fenômeno com o mundo da escola ainda representa uma grande interrogação.

Reconhecendo que o problema do suicídio no Brasil é de extrema gravidade, o Ministério da Saúde aprovou a Portaria Nº 1.876, de 14 de agosto de 2006, instituindo Diretrizes Nacionais para prevenção do problema. Esta portaria passou a considerar o suicídio um problema de saúde pública grave, e que acomete a toda sociedade, mas que pode ser prevenido. Considera, também, de extrema importância o registro dos casos e das tentativas para elaborar estratégias de combate.

Art. 2º Estabelecer que as Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio sejam organizadas de forma articulada entre o Ministério da Saúde, as Secretarias de Estado de Saúde, as Secretarias Municipais de Saúde, as instituições acadêmicas, as organizações da sociedade civil, os organismos governamentais e os não-governamentais, nacionais e internacionais.

As escolas têm dificuldades em lidar com as relações sociais entre os alunos e entre outros membros da comunidade escolar, os episódios de violência, que tomamos conhecimento pelos noticiários, sinaliza essa deficiência, há algo errado no mundo da escola, ela não consegue garantir aos estudantes o cumprimento da sua função de maneira segura, pois é afetada pelas violências externas e produz também as suas próprias, marcadas por muitos conflitos.

A falta de segurança, os conflitos entre os diversos sujeitos, as agressões verbais, as discriminações, as ameaças e as agressões físicas, entre outros eventos, deterioram o clima escolar e, por conseguinte, as relações sociais, impedindo que a escola cumpra sua função. (ABRAMOVAY, 2012, p. 46).

A escola, que tem o papel de promover saberes e socializações, está sendo palco de tragédias anunciadas protagonizadas pelos alunos, vítimas de *bullying*. A

omissão, o não falar sobre o assunto, é não querer entender a cadeia de relações que envolvem o fenômeno.

Profissionais da educação e da saúde, familiares, precisam lidar com a questão do suicídio como algo real, evitando entrar na cumplicidade do silêncio que conduz à negação ou minimização do problema. Contrariamente, podem ser coconstrutores de programas para o restabelecimento do adolescente que, num determinado momento, quis dizer adeus à existência. E se assim o fizesse, deixaria de continuar descobrindo as belezas de ser adolescente. (TEIXEIRA,2002, p. 6).

A adolescência é uma fase de muitas mudanças, visto que os adolescentes ficam vulneráveis diante dos conflitos com os pares e podem chegar a finalizar a vida por questões que eles potencializam em seus universos. Isso aliado à internet com fácil acesso a conteúdos que podem contribuir para aumentar a mortalidade pelo suicídio.

4.5 O sofrimento do “eu” no cenário do *bullying* e do suicídio

Segundo Giddens (2002), o “eu” na modernidade é fonte de grandes perturbações, vivemos numa cultura secular de risco e isso nos causa inquietação e muita ansiedade, mas isso não significa que corremos, cotidianamente, mais riscos que no passado, pois estimar o risco já provoca ansiedade. Se o indivíduo for frágil em relação ao enfrentamento do risco, por menor que este represente, já provoca uma grande intolerância. É nesse cenário que situamos as vítimas do *bullying*, ser frágil e viver constantemente na ansiedade. Segundo o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), o relatório de 2015 indicou que um a cada 10 estudantes no Brasil já foi vítima de *bullying*, e isso fez crescer a ansiedade e depressão entre esses alunos (AGÊNCIA BRASIL, 2017).

“As dificuldades de viver numa cultura secular de risco são aumentadas pela importância da escolha dos estilos de vida” (GIDDENS, 2002, p. 169). O indivíduo, ao fazer sua escolha, não anula as demais opções, mesmo que a escolha ofereça um caminho que reduz sua ansiedade, mas não pode negar a existência de outras opções, isso não pode ser negado.

Giddens (2002), acredita que o indivíduo, nesse mundo de grande modernidade, precisa reconhecer a possibilidade de riscos catastróficos, mas colocá-los em suspensão, já que, viver considerando essas catástrofes

constantemente, o tornaria normal, então, mesmo considerando essas possibilidades, deve seguir sua vida. Entretanto, isso é possível porque podemos avaliar que o elemento real do risco acontecer, é bem reduzido (por exemplo: a devastação da humanidade). Um caminho utilizado é afastar esses pensamentos, e se por acaso isso for efetivado, ter na consciência que alguma instituição fará o enfrentamento.

Giddens (2002), argumenta que “em certo sentido, todos devemos conviver com esses riscos, mesmo quando fazemos esforços reais para ajudar a combater os perigos envolvidos – como participar de grupos de pressão ou de movimentos sociais” (2002, p. 170). Vejamos no caso do *bullying*, por exemplo, o agressor sabe dos riscos que corre caso venha a ser descoberto, ele se prepara para esses riscos, ao passo que a vítima, por viver um tipo de vida mais reclusa, não tem a mesma bagagem para lidar com esses riscos, por isso muitos se entregam ao suicídio, por não conseguir sobreviver aos riscos impostos pelo agressor.

Giddens (2002) ressalta que conseguir sobreviver às adversidades desse mundo dá ao indivíduo sensação de sobrevivência, sobreviver é negociar os problemas da vida. Nesse mundo de altos riscos, prevalecem os medos inconscientes do “fim de tudo” em muitos setores da sociedade (são os medos presentes no mundo das crianças).

“O processo de morrer, por outro lado, não pode ser visto senão como uma perda eminentemente do controle – a morte é ininteligível exatamente porque é o ponto zero em que o controle cessa” (GIDDENS, 2002, p. 188). Nesse sentido, o fenômeno morte deve ser levado para o debate público, nas sociedades modernas faltam essas discussões, que falem do início e fim da vida, preocupar-se com o fim da vida é inquietar-se com as consequências dos atos que levam à morte, atos além das doenças, como é o caso do suicídio enquanto problema social. “A morte só é um problema, quando é prematura, quando a pessoa não viveu aquilo que, dados certos riscos, a tabela de expectativa de vida sugere” (p. 189).

Na sociedade moderna, o indivíduo experiencia sentimento de impotência diante de um universo que lhe é amplo e alheio, diferente das sociedades tradicionais em que o indivíduo controlaria muitas influências sobre sua existência. No mundo da escola, as vítimas do *bullying* experienciam esse sentimento de impotência diante do agressor, essa é uma condição de existência do fenômeno. Além das crises que vivencia, a sua própria existência entra em crise, a incerteza de

seguir adiante sofrendo ou acabando com o sofrimento, lançando mão da morte de maneira precoce, é parte do mundo das vítimas.

Giddens (2002) pondera que no contexto da modernidade, as crises são suscetíveis em todos os momentos, é como se elas fossem “normais” na vida cotidiana, mas salienta que não devem se transformar em rotina. As crises afetam em cheio a vida dos indivíduos. “Mas muitas dessas crises afetam diretamente as próprias atividades e capacidades dessa pessoa, como quando levam as dificuldades econômicas, ao alto desemprego ou a dificuldade no mercado habitacional” (2002, p. 171). As crises na educação refletem no cotidiano dos alunos, promovem novos comportamentos agressivos, como consequência ou como defesa. As crises são geradoras de incertezas e expõem a população a riscos variados, provocam ameaças à identidade (autoidentidade) dos indivíduos.

No mundo fenomênico dos indivíduos, mesmo sendo local, eles vivem também mundos globais, os indivíduos incorporam, conscientes ou não, elementos transmitidos pela mídia na sua vida diária. Para *Giddens* (2002), os indivíduos vivem diferentes contextos e cada um age com comportamentos específico. Remete a Goffman quando diz que o indivíduo sai de um contexto e entra em outro, o indivíduo tem vários “eus” para interagir em diferentes contextos que não provoca necessariamente, a fragmentação dos “eus”, “eus” multiplus, mas o indivíduo pode agregar diferentes elementos de maneira integrada, e consegue se colocar bem numa variedade e contextos. Dentro dessa perspectiva, o autor do *bullying* impõe sua própria ordem, agrega vários “eus”.

O falso eu supera e encobre os atos originais de pensamento, sentimento e vontade que representam as verdadeiras motivações do indivíduo. O que sobra do verdadeiro eu, é experimentado como vazio e inautêntico; e esse vácuo não pode ser preenchido pelos “pseudo-eus” exibidos pelo indivíduo em diferentes contextos. (GIDDENS, 2002, p. 177).

Portanto, para esse autor, o indivíduo precisa ter o seu comportamento reconhecido, como admissível e razoável, pelos seus pares para que se sinta psicologicamente seguro na sua autoidentidade.

Acrescentamos que as motivações que levam uma pessoa³⁹ ao suicídio são construídas ao longo das suas histórias, e sabemos que o suicídio é multifatorial, logo, não podemos afirmar que foi provocado por uma causa única. Mas arriscamos

³⁹ Não estamos nos referindo a pessoas que sofrem de doenças mentais, para essas, as explicações são de outra ordem.

dizer que o mundo social é responsável é responsável pela angustia que experiencializa uma pessoa com ideação suicida, ele pode promover sofrimentos que levam uma pessoa ao suicídio.

O sofrimento físico e emocional intenso leva a pessoa a não conseguir lidar com o peso da angustia que a vida lhe apresenta, seu corpo e alma sofrem e padecem nesse mundo. O indivíduo se faz presente no mundo através da sua corporeidade e ação: não é possível a existência no mundo sem um corpo, desta forma, a morte é a ruptura do homem com seu corpo, existir no mundo é pelo corpo.

Le Breton (2013) nos diz que o sofrimento é oriundo da combinação corpo e significação, num contexto próprio, cultural e histórico, da subjetividade da pessoa. A dor do corpo é significação, não está relacionada com o corpo biológico. Quem vivencia o sofrimento é o indivíduo, não é o corpo. Em cada dor existe um sofrimento particular de cada pessoa, ela pode ser tolerável, o sofrimento não necessariamente.

Numa situação de bullying tradicional, o agressor não consegue se identificar com a dor sentida pelo outro, sente prazer ao imaginar o sofrimento que passa o corpo físico e psíquico do outro. Já no cyberbullying, a ausência do corpo físico, sofrendor das agressões e violências físicas, não impede o agressor de atingir os seus propósitos, é uma agressão projetada para um corpo virtual, mas as dores são sentidas no corpo biológico, vivido, o que sofre. Essa modalidade de bullying não pode ser executada diretamente em um corpo biológico, ele não é necessário para a ocorrência da ação, mas sim para sofrer, na vida real, os efeitos produzidos pelas ações virtuais, as consequências dessas ações.

Quando um adolescente busca na automutilação um amparo, vemos que o corte pode ser para a dor no corpo físico sobrepor a dor no corpo psíquico, é uma substituição da dor na dimensão do corpo. Atacar o próprio corpo revela o desespero e a desorientação que se encontra a pessoa, a dor do corte, faz ela se sentir viva, rompe com a sensação de anestesiamiento que estava por vivenciar.

As tentativas de suicídio podem ser vistas como tentativas de viver, só que sem o problema que atormenta essa existência, é uma busca por nascer para outra existência, numa vida sem aquele sofrimento.

A comunicação corporal do suicida é o cadáver espetacularizado, é um corpo produzido, e o corpo é a matéria-prima do suicídio, não é um acessório, é a sua condição de existência. O cadáver representa a materialização da morte. O indivíduo vivo é um corpo, morto, torna-se cadáver, conforme os estudos de Le Breton (2003).

O sofrimento vivenciado pelo bullying é secreto, essa é uma condição de existência do problema, mas a morte provocada por ele via suicídio é espetacularizada, as formas escolhidas representam essa espetacularização.

5 A EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES COM O *BULLYING* E O SUICÍDIO A PARTIR DE FILMES FICCIONAIS E VIDEORREPORTAGENS

Temos assistido, nos últimos anos, à ampliação significativa de reportagens midiáticas sobre casos de *bullying* em escolas no Brasil e outros países, que desembocam em suicídios. Pesquisadores mundo afora têm se reunido para discutir o tema e alertar sobre essas tragédias cada vez mais frequentes nas escolas. Essas relações de intolerância e crueldade que se estabelecem entre os jovens, são relações de imposição de poder, manifestadas por um ou mais estudantes, sobre a vítima. Por muitas vezes, temos acesso a essas notícias que nos tiram o chão, cujo ambiente escolar, a convivência entre os alunos, passam a ser tóxicas. Mas o fato é que, os casos de *bullying* ocorrem de maneira silenciosa, e, muitas vezes, só são percebidos quando já é tarde demais.

Assistimos à escola sendo palco de múltiplas violências, sem exercer a função primordial de formar cidadão, sem conseguir, também, responder a esses novos desdobramentos que lhes são atribuídos no cenário da violência na escola, nem saber lidar com os novos desdobramentos, tampouco consegue lidar com a incapacidade dos alunos de exercerem a alteridade. As práticas de exclusão e a busca pela eliminação dos mais fracos, são os aprendizados corriqueiros.

Nesta seção da pesquisa, descreveremos dois filmes ficcionais de longa-metragem, que abordam todo o círculo do *bullying*, e seis casos reais que foram noticiados em videoreportagens postadas na internet sobre esse tema.

Ao vivenciar experiências com o cinema, podemos exercer a alteridade, ser o outro, colocar-se naquele lugar. Em conexão com as histórias contadas nos filmes, apresentaremos os casos reais de adolescentes que foram submetidos a diversas formas de *bullying* e encerraram suas histórias cometendo suicídio. Para as pessoas da família que relataram as histórias, falar sobre elas foi difícil, sofrido e delicado, pois reviver esses fatos, revisitar escritos deixados por alguns deles, foram experiências extremamente dolorosas, mas escolher falar sobre eles, contar essas histórias, pode ajudar jovens, famílias e escolas a conhecer mais a fundo o problema, e, dessa forma, evitar as trágicas consequências.

5.1 Descrevendo o filme - *Bullying*, provocações sem limites

Esse filme foi construído em narrativa audiovisual linear, o seu planejamento segue fases que passam pelo ingresso no ambiente; apresentação dos personagens; o conflito; as consequências do conflito e a resolução. É uma narrativa simples que possui apenas um fio condutor da história de um personagem.

O filme mostra o cotidiano de uma escola frequentada por adolescentes, que recebe como aluno novo, o jovem Jordi. Inicia com a diretora falando para mãe de Jordi que acredita que ele terá dificuldades de integração, porque ingressava numa escola nova com o ano letivo já em curso, mas que, por ele ter um excelente histórico escolar, ela resolveu aceitá-lo na escola. Essa era uma das preocupações da sua mãe, que também começa em um emprego novo, ela está tentando recomeçar.

Jordi é conduzido por um professor até sua sala de aula, e é apresentado aos demais colegas, todos o observam calados e trocam olhares entre si. O professor indica o lugar em que ele deve se sentar. Jordi se sai muito bem no seu primeiro dia de aula, ao responder todas as perguntas que o professor faz para a classe, ele é bastante notado pelos presentes.

Na saída da escola, ele conversa com uma colega, e é interrompido por Nacho, seu colega de classe, que o apresenta para outros dois colegas, o Juan e o Marcos. Em seguida, Nacho, Juan e Marcos começam a fumar um cigarro e oferecem a Jordi, que recusa, Nacho então oferece a ele um baseado (cigarro de maconha), ele também não aceita. Os colegas dão risada dele.

No dia seguinte, o professor de Educação Física se dirige à quadra de esportes, convoca Jordi para jogar basquete e avisa que viu sua ficha e sabe que ele é bom, Nacho observa os comentários do professor, fica visivelmente enciumado. Durante o jogo, ele derruba Jordi insistentemente, e é expulso, fica muito irritado, enquanto Jordi é aceito no time.

De volta ao seu apartamento, Jordi cruza no elevador com um morador vizinho de porta, que reclama dos latidos do cachorro. Jordi conversa com sua mãe sobre toda essa mudança nas suas vidas, ao se dirigir até a sacada do apartamento, vê Nacho na sacada do apartamento do lado, observando-o. Em seguida, a sua cadela foge para o terraço do prédio e ele vai busca-la, chegando lá, vê Nacho mirar

uma arma para sua cabeça, do apartamento próximo, fingindo que vai atirar. Ele fica assustado e volta para casa, mas nada comenta com sua mãe.

A companhia toca, é o vizinho, que diz que vai transformar a vida deles num inferno, ao reclamar de marteladas, latidos e da música que ouvem. Jordi fica aterrorizado diante dele, e diz para a mãe que o vizinho se parece com Freddie Krueger⁴⁰.

Na escola, a turma está fazendo uma prova, Nacho coloca laxante em uma garrafa com água e oferece a Jordi, que aceita, acreditando ser uma gentileza, sem saber que está com laxante, e bebe. Após sair da prova, começa a se sentir mal, corre para o banheiro, lá Nacho e sua turma já estava aguardando.

Jordi não consegue acessar o box com os vasos sanitários, a turma tratou de fechá-los. Ele não consegue se segurar, defeca nas suas calças, em seguida, um colega puxa sua calça suja para baixo, e tira fotos de Jordi nu e sujo de fezes. Ele é bastante humilhado pelos colegas, fica muito apavorado com tudo que aconteceu. Quando chega em casa, esconde suas roupas para a mãe não descobrir e age com naturalidade, não contando nada. Ele experimentou o primeiro episódio de *bullying* físico na sua nova escola.

Num outro dia, ao passear com sua cadelinha no parque, Jordi vê Nacho conversando com uma colega, observa e ouve algo da conversa e descobre que ele é agredido pelo pai. O seu vizinho Bruno, que estava de passagem, cumprimenta os garotos e informa a Nacho que mora no apartamento ao lado de Jordi. Nacho é hostil com ele.

Novamente na escola, durante a saída da aula, Jordi conversa com alguns colegas, Nacho aparece pilotando uma moto, fingindo arrependimento, pede desculpas a Jordi pelo ocorrido e oferece carona para casa. Ele acredita no arrependimento de Nacho e aceita a carona. Ao deixá-lo em casa, ele o convida para sua festa de aniversário, e diz que será no sábado próximo, Jordi agradece.

Jordi chega à festa, levando um DVD que gravou e dá de presente a Nacho, nesse momento descobre que era mentira, foi um pretexto de Nacho para atraí-lo para a festa, não era aniversário de ninguém. Mais uma vez, ele é submetido às mais severas humilhações e agressões. Forçaram-no a beber, colocando um funil na

⁴⁰ Freddy Krueger é um personagem fictício da série de filmes de terror, "A hora do pesadelo", dirigido Samuel Bayer. Ele tinha o rosto deformado pelas queimaduras que sofrera por conta de ser um assassino de crianças e os pais das crianças atearam fogo nele, em seguida ele passa a atacar adolescentes em seus sonhos, matando-as no mundo real.

sua boca e prendendo o nariz para força-lo a engolir, a fumar baseado e dançar. Também o submeteram a tortura psicológica, Nacho aponta uma arma para a sua cabeça, ameaçando atirar. Jordi ficou desesperado.

Fotograma 01 – Cena tortura I - F1(1)



Fonte: *Bullying*: Provoações sem limites

Fotograma 02 – Cena de tortura II - F1(2)



Fonte: *Bullying*: Provoações sem limites

Ao chegar em casa, passando muito mal por conta da bebida ingerida contra a sua vontade, vomita muito e sua mãe fica bastante preocupada com o estado dele, mas acredita que é por conta da festa de jovens, esses excessos que sempre acontecem.

A semana recomeça e Jordi está de volta à escola, após a aula de basquete, ele é perseguido pela turma de Nacho, que o leva ao banheiro. Nacho urina no seu rosto, e os colegas o afogam na latrina, ele está aterrorizado, os garotos só param quando ouvem pessoas se aproximando. São algumas garotas, elas o vêem naquele estado deplorável, e comentam que talvez ele merecesse tudo aquilo, porque nunca reage. Jordi volta para casa arrasado humilhado e muito triste.

No dia seguinte, ele passeia com sua cadela na praça, conversa rapidamente com o seu vizinho, e prossegue o seu passeio. Adiante se deparam com Nacho e David, que aproveitam para intimidá-lo. Nacho pega seu cachorro e quebra a pata, com muita frieza, e diz a ele que é um aviso, como forma de demonstração de poder e para mostrar até onde ele tem coragem de ir. Jordi fica atordoado com o que acabara de presenciar, fica muito assustado e com medo.

Ele busca socorro para a sua cadela e é ajudado pelo vizinho Bruno, que acha muito estranho as condições em que a fratura aconteceu. Jordi inventa uma desculpa para justificar o machucado do cachorro. Durante esse bate papo, Jordi tenta saber algo sobre a família do vizinho, mas este desconversa. Jordi e sua mãe

levam a cadela ao veterinário. Ele não contou a ninguém em que circunstâncias a cadelinha se machucou.

A escola promove uma palestra sobre *bullying*, o palestrante fala que durante a situação de assédio a vítima sofre muito, chegando a achar que tem culpa por a situação estar acontecendo. Após essa palestra, Nacho fala com Jordi que não vai mais fazer os tipos de brincadeira que vinha fazendo. E ele acredita novamente.

Pouco tempo depois, Nacho vai até o apartamento de Jordi, se apresenta a mãe dele como um amigo da escola, é muito bem tratado e ela permite que ele vá até o quarto de Jordi. Ele não acredita na tamanha audácia do colega, que novamente ameaça quebrar todas as patas da cadela, caso ele não faça o que ele mandar. Jordi fica angustiado, triste e preocupado, mas nada comenta em casa.

Ele começa a pesquisar na internet sites sobre *bullying*, e conhece a história de uma adolescente chamada Annia, que é bem parecida com a sua, de muito sofrimento por conta do *bullying* na escola. Ele combina um encontro com a garota, no encontro, ela conta para pra ele que é assediada e agredida por conta da sua cor de pele, seus cabelos e por ela ser descendente de imigrantes. Ele ouve toda a história, mas não menciona a sua situação.

Em casa, Jordi recebe uma mensagem de Nacho, marcando para conversar, argumentando que não gostou da lição que Jordi fez para ele, que não estava como ele queria. Jordi era obrigado a fazer todas as atividades escolares para Nacho, para não sofrer represálias. Jordi está tão abalado com as agressões, que não consegue mais ir à escola, finge para sua mãe eu estar indo, faz isso por muitos dias. Nesse período, continua a falar com Annia sobre o *bullying* que ela sofre. Ele comenta com Bruno sobre o que está acontecendo na sua vida e seus encontros com Annia.

Jordi continua sem frequentar a escola, e é surpreendido em casa pela sua mãe, que descobre as motivações das ausências dele e o repreende. Pega Jordi e o leva até a escola. Lá conversa sobre o que vem acontecendo com o filho, diz ao orientador que o motivo das suas faltas do filho é o medo do *bullying* que ele vem sofrendo. O orientador não admite, nega a existência do *bullying*.

Com o retorno de Jordi, Nacho o obriga a fazer suas lições de casa novamente, mas agora exige também metade da sua mesada e diz que vai fazer uma surpresa para ele. Jordi não comenta com a mãe sobre os novos assédios.

Nacho e seu grupo contratam uma garota de programa e exige que Jordi tenha relações sexuais com ela na frente do grupo, ele se recusa, é chamado de

“viado”, que não gosta de mulher. A garota fica assustada com a cena, sai chocada. Os garotos batem nele e colocam um saco plástico envolto na cabeça para asfixiá-lo. Jordi entra em pânico, seu vizinho aparece, salva ele e agride Nacho, a turma foge. Jordi, caído no chão, após se livrar do saco plástico que o asfixiava, chora muito por conta do martírio que é sua vida.

Fotograma 03 – Sexo forçado – F1(3)



Fonte: *Bullying*: Provocações sem limites

Jordi e Bruno conversam na praça, ele descobre os machucados de Jordi e informa a sua mãe sobre os abusos que o filho dela vem sofrendo na escola. Ela leva o filho para ser examinado por um médico, que confirma as agressões ao analisar os machucados do garoto, informa ainda que precisará notificar o caso à polícia. A mãe de Jordi vai reclamar novamente na escola e fala com a diretora sobre o *bullying* que o filho vem sofrendo, além de exigir providencias. A diretora nega a existência de tal situação na escola. Jordi novamente se encontra com Annia, dessa vez ele conta sobre o *bullying* que sofre, ela fica comovida.

Após as reclamações da mãe de Jordi, a diretora passa a conversar um a um com os alunos querendo saber se algum deles tem conhecimento de casos de assédio na escola, todos negam, até mesmo Jordi. Ele estava acuado com as mensagens e vídeos com ameaças mandadas por Nacho.

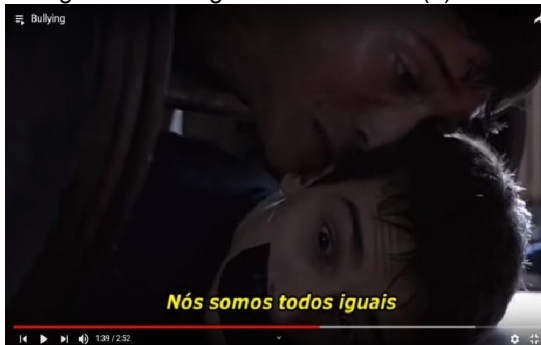
Ao andar pelo parque, Bruno vê Jordi sendo intimidado pelos colegas novamente e conversa com ele, informa que se mudará e diz saber das agressões que ele sofre. Jordi pede a ele para não comentar com ninguém. Bruno, revoltado com a situação, ameaça Nacho. Ele fica com muita raiva com a ameaça, e novamente intimida Jordi na escola, derruba este no chão, coloca um altere sobre seu pescoço, lacra sua boca com fita adesiva e vai embora.

Fotograma 04 – Agressão física I F1(4)



Fonte: *Bullying*: Provocações sem limites

Fotograma 05 – Agressão física II F1(5)



Fonte: *Bullying*: Provocações sem limites

Depois que ele parte, Jordi consegue se soltar e vai para casa humilhado, arrasado, absolutamente destruído. Lá, através de um noticiário na televisão, descobre que Annia foi espancada na escola e está hospitalizada, em estado grave. Jordi fica desesperado e vai até o hospital.

No hospital, Annia tem uma parada cardíaca e os médicos retiram todos para fazer os procedimentos de ressuscitação, ele sai desesperado e atordoado, muito triste e acreditando que ela morreu. Acredita que tem culpa porque não conseguiu ajudá-la, nem sequer contou para os pais dela. Como ele estava namorando Annia, já conhecia seus pais.

Jordi fica bastante tempo sem dar notícias, sua mãe e Bruno procuram por ele em vários lugares, vão à escola falar com a diretora e, novamente, falar do *bullying* que ele vinha sofrendo. O vizinho relata os episódios que presenciou, fala dos inúmeros assédios e que eles têm como comprovar. A diretora volta a falar com os alunos e convoca o grupo de Nacho para uma conversa, nesta conversa, um dos garotos assume que o grupo perturbava Jordi.

A mãe de Jordi tenta desesperadamente localizá-lo, mas ele não atende o celular, ela não sabia que ele estava sentado no terraço do prédio, de tanto ligar pra ele, Bruno que estava na parte externa do edifício, percebeu um celular tocando e, imediatamente, imagina que seja Jordi, já que sabia que sua mãe estava a sua procura. Ele corre até o terraço, tenta convencê-lo de todas as formas a sair dali, mas Jordi, visivelmente destruído, não é convencido por Bruno, nada do que ele fala, faz sentido para ele. E, em um instante em que Bruno desvia o olhar, Jordi se joga do prédio e morre.

Fotograma 06 – Sofrimento profundo - F1(6)



Fonte: *Bullying: Provocações sem limites*

Fotograma 07 – Desistência da vida - F1(7)



Fonte: *Bullying: Provocações sem limites*

Todos ficam arrasados, a comunidade escolar e seu vizinho comparecem ao velório, Júlia, a sua mãe, está destruída. Depois do sepultamento, Bruno se despede de Júlia e diz que vai procurar seu filho, que foi aconselhado por Jordi a fazer isso.

Na escola, o professor fala da morte de Jordi, do que motivou a tragédia e que ela deve servir de lição para evitar novos casos. Mostra as estatísticas do *bullying* na Europa, e informa que o Reino Unido é o campeão em número de casos e, que na Espanha, um a cada quatro alunos sofre assédio na escola, o que representa cerca de 25% da população estudantil. Algumas cadeiras da classe estão vazias, a de Jordi, com uma rosa branca sobre a carteira e as demais, eram dos agressores. O filme encerra deixando nas entrelinhas se houve a punição dos agressores.

5.2 Como Jordi experienciou o *bullying* e o suicídio

O filme mostra como aconteceu todo o círculo do *bullying* com Jordi, vítima de Nachos e sua turma, e como ele vivenciou todas as fases desse processo. Jordi foi escolhido por ser novato na classe, e ao se destacar no seu primeiro contato na escola nova, acabou chamando a atenção do outro garoto, que se transformou em seu agressor. Ele era um garoto extremamente educado, aplicado nos estudos e de aparência frágil e tímido, muito ingênuo, passou a ser a vítima perfeita. Isso acontece com muita frequência em casos de *bullying*, ser um novato e ainda estudioso, são condições que acabam por jogar o jovem na condição de vítima de *bullying*.

O sofrimento de Jordi começa como, geralmente, acontece em casos de *bullying* na escola, uma sequência de brincadeiras com conteúdos ou práticas

depreciativas, aproximação de falsas amizades para ter a confiança da vítima, em seguida, estímulo ao medo através de ameaças, violência física, violência psicológica com depreciação da pessoa, humilhação, ameaça ao cyberbullyng e incitação ao suicídio. O primeiro contato dele com a turma foi crucial, ele ficou exposto ao demonstrar seus conhecimentos, isso chamou a atenção da classe.

Quando indagamos sobre o que leva um jovem a cometer tamanha violência com outro jovem, é preocupante as alegações e justificativas que motivam essas ações. Para o agressor se manter popular, poderoso e criar uma imagem de destemido, que não se preocupa com o sofrimento do outro, pelo contrário, visa provocar muita dor e sofrimento, sente prazer com isso.

Jordi viveu todos esses episódios na sua experiência com o *bullying*, quanto mais o tempo passava, mais grave as agressões ficavam, maior era a sua tristeza. Uma tristeza muito profunda se abateu sobre ele. Ele era um garoto frágil, facilmente convencido dos arrependimentos do agressor, com uma enorme capacidade de perdoar, de acreditar na resignação do outro, era bem aplicado na escola, um bom filho, mas que, por acreditar na mudança do outro, sofreu calado as terríveis agressões. Em determinado momento, passa a ser ouvidor do caso de *bullying* de sua namorada, e sofre por não conseguir ajudá-la, por se achar incompetente, totalmente indefeso.

Ele vivia apenas com a sua mãe, o pai havia morrido e esse foi o motivo da mudança de cidade, ela trabalhava fora muito tempo, e ele não fez nenhum amigo que pudesse desabafar, falar sobre o assunto, não teve ajuda profissional, não teve acolhimento. O que aconteceu com Jordi, está previsto no círculo do *bullying* destacado por Olweus

Inicialmente, ele teve vergonha de contar sua história para seu vizinho, e medo de sua mãe achar que isso dificultaria a tentativa deles se reerguerem. Ele nunca pediu ajuda, nem quando a situação se tornou grave. Chegando a um momento em que ele não acreditava mais em si, sua autoestima estava muito baixa, não conseguia mais ter nenhuma reação diante das agressões, não conseguia superar a situação. Sentia vergonha de ser visto como fraco e covarde, isso impedia que ele buscasse ajuda. Ele foi tomado por um estado de tristeza profunda, muito sofrimento físico e psíquico, representando um risco, já que vítimas de *bullying*, em um estágio de profunda de tristeza, em situações graves, podem cometer um suicídio.

No início das discussões sobre *bullying*, para uma pessoa se tornar uma vítima, era necessário que ela apresentasse características diferentes dos demais alunos, como: ser gordo, magro, alto, baixo, negro, albino, portador de necessidades especiais ou algum problema físico. Na atualidade, as vítimas do *bullying* não seguem um padrão, não significa dizer que essas características não são mais relevantes, elas continuam valendo, porém, agora essa seleção passa a considerar coisas que não eram evidenciadas, tipo: ser inteligente, educado, prestativo, solidário, ter uma beleza acima dos padrões estabelecidos, enfim, qualquer coisa que seja destacada. No caso de Jordi, a sua educação e inteligência desagradou ou ameaçou o espaço de Nachos. Por isso, ele se tornou a vítima perfeita.

Numa situação de *bullying* a vítima se cala, o filme mostrou muito bem isso, é algo mais forte, falar pode passar a ideia de ser fraco ou covarde, daí a maioria não compartilhar sobre as ocorrências, por ter vergonha. Jordi não compartilhou com ninguém, exceto Annia, que também era uma vítima, logo, suas histórias se cruzaram, mas um não conseguiu ajudar o outro.

O seu vizinho, após observar e intervir em algumas situações, descobriu que ele sofria agressões, tentou ajudar intimidando o agressor, mas não surtiu efeito, inclusive, nos momentos finais de Jordi, ele tentou ajudar, mas ele se apresentava frágil demais, bastante depressivo, pois apenas conversar, no estado em que ele se encontrava, não resolveria, ele precisava, urgentemente, de ajuda médica especializada.

O agressor escolhe suas vítimas considerando, justamente, o que relacionamos acima, qualquer característica que ameace o seu “poder, a sua liderança”. Geralmente são pessoas frágeis, aparentemente inocentes, que não oferecem nenhuma possibilidade de reação. Com base nisso, o agressor teve coragem de comparecer e ter contato com a mãe da vítima, tamanha era a sua autoestima e certeza de não haver reação.

O círculo é feito de tal maneira, que a vítima se cala, passa até a acreditar que tem culpa, a cena em que as colegas reclamam com Jordi porque ele não reage, a maneira como ele se comportou quando pensou que a sua namorada Annia tinha morrido e ele nada tinha feito para ajudá-la, levou Jordi a acreditar que também tivesse parte da culpa.

Nachos não mandou diretamente Jordi cometer suicídio, no entanto, ele torna a vida de Jordi insustentável, como se não houvesse outro caminho. Os jovens precisam saber que comportamentos assim levam muitas vítimas ao suicídio.

Jordi era, aparentemente, um garoto comum, estava passando por mudanças por conta da morte repentina de seu pai, portanto, estava abalado, frágil, precisava ser acolhido. Ele não tinha histórico de problemas psicológicos ou psiquiátricos, estava reagindo bem ao falecimento do seu pai. Ele só queria parar aquele sofrimento, ter uma vida normal.

Jordi sempre observou a cidade do alto, seu prédio era favorável a isso, ele também sabia que uma queda dali teria poucas chances de sobrevivência. Poderia ser uma forma de acabar com seu estado de angústia. O acesso a essa área do prédio era um facilitador. Sua conversa com Bruno não tirou dele o sofrimento e a vontade de parar aquilo, foi como se ele estivesse anestesiado e nada mais conseguiria processar, apenas o desejo de parar o sofrimento.

A forma escolhida também remete a pensar em algo espetacularizado, que chamasse à atenção, que chocasse, que os seus agressores cravassem aquela imagem nas suas cabeças e se sentissem responsáveis pelo resto da vida. O filme não mostra se Jordi deixou algum documento para relatar as agressões que sofria, mas as carteiras vazias mostradas na última cena demonstraram que houve punição para os culpados.

5.3 Descrevendo o filme - Silêncio Rompido

Este filme foi construído em narrativa audiovisual de inserção, em que há uma justaposição temporal, intercalando cenas de flashback com o presente para elucidar cenas da história da personagem, possui um entrelaçar temporal.

O filme inicia com a imagem de Dina Van Clever andando cabisbaixa pelo corredor da escola, sendo alvo de piadinhas dos colegas, e no momento em que abre seu armário, cai um monte de preservativos, chamando a atenção de todos. Alguém colocou lá como forma de ridicularizá-la, por conta de fotos íntimas que Dina havia enviado para o namorado e foram vazadas na internet, sem o seu consentimento. Nesse momento, chega o namorado e tenta ajudá-la, ela recusa, ele a chama para conversar, ela novamente recusa e diz para ele não se preocupar com ela e sai apressada cabisbaixa.

Fotograma 08 – Piadas e insultos – F2(1)



Fonte: Silêncio Rompido

Fotograma 09 - Ridicularização – F2(2)



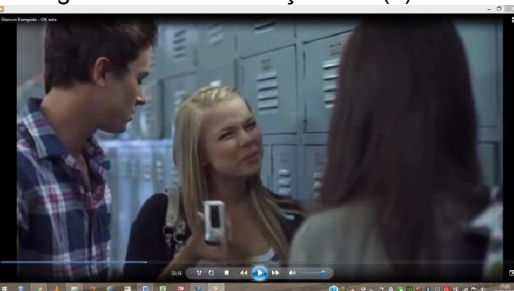
Fonte: Silêncio Rompido

Fotograma 10 – Pichação – F2(3)



Fonte: Silêncio Rompido

Fotograma 11 - Humilhação – F2(4)

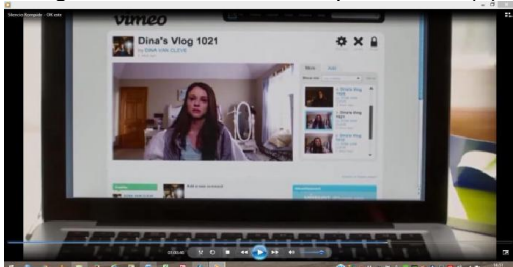


Fonte: Silêncio Rompido

Em seguida, o filme exibe Rachel Van Clever, mãe de Dina, corretora de imóveis, mostrando um imóvel para um casal cliente, tentando realizar uma venda. Fala da tranquilidade do bairro e da excelente escola, aonde, inclusive, sua filha estuda, é bolsista e jogadora do time de basquete da escola.

Elas moravam em uma casa bem confortável e estruturada, em um bairro de classe média-alta. Em casa, Dina está em seu quarto gravando o vídeo de despedida e diz: “eu só queria dar um salto na minha vida, que isso passasse...”. Ela hesita da ideia, momentaneamente. Após algum tempo, sua mãe chega em casa chamando por ela, toda animada, gritando que está com fome e fará a comida, mas se ela tiver sorte, poderá pedir de um restaurante. O quarto de Dina fica no andar de cima, como ela não responde, Rachel sobe as escadas e vai até o quarto, ao abrir a porta, depara-se com Dina enforcada.

Fotograma 12 – Vídeo de despedida – F2(5)



Fonte: Silêncio Rompido

Fotograma 13 – Suicídio – F2(6)



Fonte: Silêncio Rompido

O filme retrocede seis semanas antes do ocorrido, para mostrar todos os fatos implicados no suicídio de Dina, sua relação com a escola e as (os) colegas. Ela e suas colegas jogam beisebol na escola, Dina demonstra excelente desempenho.

O filme atualiza e mostra uma cerimônia de entrega de Cartas de Aceites em universidades. A direção da escola fala do sucesso do grupo, destaca o desempenho de Skylar e a parabeniza por ter sido aceita em uma universidade renomada. Em seguida, entrega as cartas de acesso às outras estudantes. Elas sussurram ao observar a presença de Rachel, e esta percebe a inquietude do grupo. Ela é convidada para receber uma Carta Póstuma em homenagem a Dina.

Rachel fica emocionada e triste com o ato, sai chorando, Patrícia, mãe de Skylar, que é sua amiga, vai atrás dela e entrega uma lembrança do grupo: um bastão de beisebol do time, assinado pelas colegas. Ela recebe e segue para o túmulo de Dina, colocar as homenagens recebidas.

Rachel está muito triste e fica lembrando os momentos felizes que tivera com Dina. Acessa o notebook da filha e passa a rever arquivos de mídia feitos pela filha, e percebe que algo não estava normal com Dina e as amigas.

Recebe um telefonema de alguém procurando por Dina, é a Valerie, antiga amiga de sua filha, ela estava fazendo intercâmbio, não sabia do suicídio da amiga. Rachel marca um encontro com ela.

Rachel conta a Valerie que achava que Dina estava sendo assediada na escola, pergunta se ela sabe de algo, ela nega, por estar fora do país, mas a orienta olhar na internet, sinalizando que, nos tempos de hoje, tudo é discutido lá, e se tivesse acontecido algo entre Dina e as amigas, lá teria pista. Ela indaga se mesmo com o tempo transcorrido, ainda acharia algo, Valerie diz a ela que, a internet nunca esquece, e pergunta quando ela notou algo, ela diz que no final das férias.

O filme retrocede, mostra o grupo se preparando para o Baile de Formatura do Colegial. Rachel e Patrícia tiram fotos do grupo, em seguida, Rachel orienta a filha sobre as coisas que podem acontecer nessas festas, da pressão dos meninos, sobre bebidas e relações sexuais, e que ela deve fazer nada se não se sentir absolutamente confortável.

Fotograma 14 – Mãe aconselha filha – F2(7)

Fonte: Silêncio Rompido

Dina e Mark fogem da festa, estão em quarto de motel, ela desiste de ter relações sexuais com ele, está assustada, e diz não estar preparada. Mark fica chateado e decepcionado, argumenta que combinaram, que foi caro o aluguel do quarto. Ela pede desculpas e solicita que ele a leve para casa. Ele diz que não era para ser algo tão especial assim, e Dina diz a ele que talvez devesse ser.

Fotograma 15 – Desistência da relação sexual – F2(8)

Fonte: Silêncio Rompido

Em casa, Rachel estranha a filha retornar cedo da festa, ela diz que a dança acabou às 22h e sua mãe vê a coroa sobre a cama, parabeniza a filha por ter sido a Rainha do Baile. Tenta conversar, mas ela desconversa e pede para ficar sozinha. Antes de sair, Rachel diz à filha que está e sempre estará à disposição dela.

Mark então, retorna à festa e namora Skylar, a garota já havia se insinuado para ele. Claire, melhor amiga de Dina, os vê, sem ser notada. Dina, em casa angustiada com o desentendimento que tiveram, passa mensagens para Mark, mas ele não responde, ela então pensa em pedir desculpas sensualizando. Pega o celular e vai ao banheiro, tira as roupas, faz algumas fotos nuas (nudes) e envia para ele como pedido de desculpas.

Fotograma 16 – Nudes – F2(9)



Fonte: Silêncio Rompido

No dia seguinte na escola, todos comentam a foto, riem quando Dina chega, ela ainda sem entender, pergunta a Claire o que está acontecendo, e Claire fala sobre a foto que foi postada nas redes sociais. Dina fica desesperada, as duas vão conversar no banheiro, lá ela vê rabiscos na parede com seu nome e xingamentos, Claire tenta acalmá-la. Quando saem do banheiro, Dina parte em direção a Mark, acusando ele de divulgar uma foto íntima que ela havia mandado apenas para ele. Mark nega e diz que viu porque um colega mostrou, nesse momento chega Skylar fazendo chacota e ironizando ela, por conta da foto. Ela sai correndo desesperada.

No presente, Rachel procura a administração da escola e solicita falar com os alunos que criaram uma página na internet para difamar Dina. A direção se recusa e informa a ela que são perfis falsos, comuns no *cyberbullying*. O diretor tenta convencê-la de que a morte de Dina foi uma tragédia, e avisa que não vai permitir que ela faça arruaças na escola.

Rachel sai revoltada, no caminho encontra Mark, ela pergunta se ele sabe algo sobre a página criada para difamar Dina, ele diz nada saber. O filme, nesse momento, mostra um cartaz colado na parede da escola de combate ao *bullying*. Mark diz que não enviou a foto, Rachel questiona como vazou, ele diz não saber.

Rachel tenta falar com Claire, para entender porque a filha suicidou-se, e diz a Claire que encontrou um vídeo gravado por Dina com insinuações de que sofria abusos na escola. Era uma espécie de diário *on-line*. Claire diz que Dina tirou a página do ar antes de morrer. Rachel suplica a sua ajuda para descobrir o que aconteceu antes do suicídio, e diz que acredita que ela não contou nada, para protegê-la. Claire se nega, e Rachel quer saber porque elas não estavam se falando ultimamente. Claire diz que foi uma coisa boba, encerra a conversa e vai embora.

No caminho encontra Skylar, conta sobre a conversa com Rachel, Skilar diz pra ela ser firme, sugere que finja ajuda-la com os vídeos. Claire vai à casa de Rachel para ajudá-la a encontrar no notebook da filha, os últimos vídeos postados. Assistem ao último vídeo de Dina, nele, ela insinua algo sobre a traição da amiga, a mãe quer saber do que a filha estava falando e Claire diz não saber.

Raquel liga para um jornalista e fala de um artigo que ele escreveu sobre *bullying* que a escola nega a existência. Ele agenda um horário com ela.

Em nova busca no *notebook* de Dina, Claire diz a Rachel que nada encontrou. Raquel se encontra novamente com Valerie, ela fala que também recebeu a foto e relata como foi no acampamento nas últimas férias, após o episódio das fotos. Ela contou que a foto virou um viral novamente, já tinha se passado algum tempo da primeira visualização, e essas postagens tendem a ficar obsoletas, mas as fotos de Dina voltaram, e ela ficou muito triste e isolou-se no acampamento. Rachel conta a Valerie que no retorno da filha, havia notado que algo não estava bem, que ela estava muito cabisbaixa, o tempo todo.

Na escola, uma equipe de televisão tenta saber mais notícias sobre a publicação de artigo sobre *bullying*, escrito por Rachel, denunciando o descaso da escola. A polícia investiga as circunstâncias da morte de Dina, os alunos ficam apreensivos e os pais exigindo providências da escola.

Skylar comenta com a mãe sobre o clima tenso e desagradável que está na escola, por conta da investigação da morte de Dina, e confessa que já fez algumas brincadeiras com ela, mas nada grave.

Raquel segue com suas investigações, tenta falar com os alunos, mas a escola proíbe alunos e professores de falarem com ela. Um professor comenta com ela sobre a proibição, e diz que lá ela não encontrará respostas, enfatizando que os pais têm excesso de zelo com seus filhos e que fariam qualquer coisa para protegê-los. A conselheira da escola aparece e a chama para conversar, diz a ela para desistir de investigar, e fala da companhia que a escola está fazendo para combater o *bullying*: “Questão de Gentileza!” Onde os alunos poderão falar sobre o que vêm sentindo. Raquel a acusa de tentar distraí-la, para fazê-la desistir e vai embora.

Novamente na escola, Raquel vê escrito nas paredes do banheiro um monte de insultos e acusações contra Dina. Ela está obstinada para falar com os alunos, mas é interrompida pelo diretor, informando que ele não vai permitir que ela fique assediando os alunos. Rachel se revolta e pergunta se ele já viu os escritos na

parede do banheiro e o acusa de incompetente, avisando que não vai parar até alguém ser responsabilizado pela morte da filha.

De volta ao seu trabalho, ela perde a venda de uma propriedade por falta de tempo de se dedicar às suas funções, a imobiliária avisa a ela transferiu o imóvel para outro corretor. Em casa, Raquel recebe várias cartas com ameaças para ela parar a investigação, as mensagens são escritas com letras de revistas recortadas, para não identificar a autoria. Ela fica surpresa e tensa.

Rachel vai até a casa de Patrícia, mãe de Skylar, mostra as cartas e pergunta se ela notou algum movimento suspeito nas imediações, já que são vizinhas. Ela nega. Rachel recebe um telefonema do cemitério informando que o túmulo de Dina havia sido violado. Ela sai desesperada e chora muito ao ver o túmulo pinchado com a frase: "Dina é uma cadela!" As homenagens recebidas e colocadas no túmulo, foram quebradas.

Mark chega, ele havia ido visitar o túmulo. Rachel o acusa de violar o túmulo, ele nega, e diz também que não espalhou a mensagem com a foto, e que não foi apenas ela que perdeu Dina. Rachel pede para ele contar o que houve, mas ele nada diz e ela o chama de covarde.

Rachel volta para casa bastante triste, ouve barulhos estranhos, observa e não vê nada. De repente, alguém joga pela sua janela uma pedra com um bilhete enrolado, nele constam ameaças para ela parar de investigar.

No dia seguinte, a polícia prende Mark, sob suspeita de ter postado as fotos. A orientadora da escola vai até a casa de Rachel atualizá-la dos acontecimentos e avisa que ele foi preso sob a acusação de distribuir pornografia. Ela diz a orientadora que acredita que os alunos estão encobrindo quem fez tudo, que se não foi Mark, ele sabe quem foi, já que a foto saiu do celular dele. A orientadora suplica que ela pare as investigações, diz que mesmo descobrindo quem enviou a mensagem, ninguém pode ser responsabilizado pela escolha de Dina, que ela não poderia acusar ninguém pelo ato de sua filha, fala que a escola está sendo pressionada pelas outras famílias e isso precisa parar. Rachel reafirma que não vai parar e solicita que a escola entregue os registros dos celulares dos alunos.

Rachel tenta falar com Claire, que diz a ela que não pode ser vista falando com ela, ela suplica e pergunta o que houve no último dia depois da festa, Claire se mostra surpresa. Ela a indaga se Skylar ficou com Mark, que é importante saber isso, Claire diz nada saber, mas acaba contando.

O filme retrocede e mostra flash da festa (remete às memórias de Claire), Claire ver Mark saindo para uma parte reservada com Skylar. Rachel indaga se Skylar mandou a mensagem do celular de Mark. Claire fica tensa. Novamente ela recorda esse dia, em que Dina suplica a Mark para falar com as pessoas para pararem de zoar com ela e que aquelas fotos só dizem respeito aos dois, e ele diz não ser tão simples assim.

Dina o acusa de estar ficando com a Skylar e ela manipulando ele para não ajudá-la. Mark diz que não mandou a mensagem, mas ela diz não acreditar e que ele está muito estranho após se envolver com Skylar. Nesse momento, Skylar chega, abraça Marx, a xinga e diz que isso a seguirá para sempre. Dina vai embora chorando, Mark também sai chateado e Skylar diz para ele que Dina merece tudo isso. Mark acusa Skylar de ter publicado a foto, ela confessa que mandou apenas para uma pessoa, ele sai revoltado, deixando ela sozinha. Voltando ao presente, Claire diz a Rachel que foi isso que aconteceu antes do suicídio de Dina.

Mark vai até a casa de Rachel, ela diz a ele que sabe que não foi ele quem publicou a foto, eles se desculpam. Mark lamenta o ocorrido e diz não entender como as pessoas são capazes de tamanha desumanidade, lamenta não ter ajudado.

Novamente no passado, Rachel lembra dela motivando Dina a esquecer tudo que houve ao levar a filha na escola e perceber que ela estava bastante triste e isso se agravava quando reencontrava Mark. A mãe tenta encorajá-la e diz que ela merecia alguém melhor, que a amasse. A mãe já sabia da postagem da foto. Dina entra na escola completamente deslocada e cabisbaixa, fugindo das provocações.

No presente, Mark conta a Rachel que Dina estava faltando às aulas, tirando notas baixas e faltando ao esporte.

Regressa no tempo, Claire e Skylar conversam no vestiário sobre o ocorrido com Dina. Claire propõe esquecer o que houve, porque já havia três semanas do episódio, Skylar discorda, acha que Dina merece passar por tudo aquilo porque feriu a regra da sedução ao mostrar o rosto na foto, logo, não poderá mais ficar no grupo, manchou a imagem do time, e que a treinadora precisava saber. Pressiona Claire a mostrar à foto para a treinadora e contar o que aconteceu.

No presente, Rachel conversa com Patrícia, desabafa, fala do propósito de descobrir quem fez aquilo com a filha, que às vezes pensa em desistir, mas algo a faz seguir adiante. Patrícia tenta desencorajá-la, mas ela diz que já sabe que foi a

Skylar porque ela sempre teve inveja da Dina. Patrícia diz que a filha não fez isso e a chama para confirmar.

Skylar diz a Raquel que não encaminhou a mensagem com a foto e volta ao seu quarto. Rachel pede a Patrícia para ver o celular da filha, ela se nega e diz a Rachel que elas têm uma amizade de 17 anos e que ela merece alguma consideração da amiga. Patrícia oferece uma bebida a Raquel, que está chorando muito, ela aceita e pede para ir ao banheiro, lá descobre revistas com letras recortadas, lembra das ameaças que recebeu, os textos eram com letras recortadas.

Após a saída de Rachel, Skylar e sua mãe conversam e ela diz que só encaminhou a foto para Claire, para mostrar que Dina não era uma santa como demonstrava. Diz que está com medo porque Mark já tinha sido preso, possivelmente, a próxima seria ela. Sua mãe a despreocupa dizendo que o que aconteceu com Dina as magoou também, mas elas não botaram a corda no pescoço de Dina e sabe que a filha não é culpada de nada.

Na delegacia, Rachel retira as acusações contra Mark, acusa Skylar e fala das revistas recortadas encontradas. A polícia diz que as revistas não são provas, mas Rachel diz que se associar as revistas com a análise do celular de Skylar, poderão descobrir. A polícia diz que já investigou o celular de Skylar e ela só enviou para a Claire. Rachel fica surpresa. A polícia mostra a ela a lista com os números que receberam a foto do celular de Claire, que ela enviou para mais de 40 destinatários, que eles ainda estão identificando todos. Ela fica arrasada.

Ao voltar para casa, surpreende Claire mexendo no notebook de Dina (ela tinha acesso a casa), Rachel diz já saber de tudo, ela sai cabisbaixa. Ela, na realidade, já tinha conseguido localizar o diário on-line de Dina e não tinha falado a Rachel, ela estava vendo o último vídeo postado por Dina, contando tudo o que aconteceu, desde o envio da foto para Mark. Rachel passa a assistir ao vídeo e o filme retrocede aos momentos contados por Dina.

A treinadora comunica a Dina que ela viu a foto e que precisou excluí-la do time já que, o que ela fez, feria as regras e também que não poderia mais ser indicada para concorrer a bolsa para universidades, e se põe à disposição para conversar, caso ela queira. Dina fica arrasada e segue para o vestiário para recolher seus pertences.

Lá encontra Skylar, que faz ironia com ela, perguntando sobre os acontecimentos no acampamento e diz a ela que isso nunca vai passar. Dina reage

e as duas brigam até Dina ferir o nariz de Skylar com o taco de hóquei. Dina acusa Skylar de ter viralizado a foto, ela se defende e diz que só encaminhou para Claire, no exato momento em que Claire chega ao vestuário.

Dina indaga Claire se ela fez isso, ela fica calada, Dina entende que o silêncio foi uma confirmação, passa a dizer um monte de coisas a Claire, tenta saber o motivo e diz saber que deve ter sido por inveja, pergunta se ela acredita que com esse ato as pessoas iam gostar mais dela, chama Claire de covarde. Skylar diz que Claire não é covarde, pois ela que denunciou Dina. Claire diz a Dina que então não é covarde. Dina sai chocada e revoltada.

O filme volta a mostrar o vídeo de Dina, Rachel está assistindo, a mãe percebe que ela está visivelmente sofrida e desesperada, acreditando que não há nenhum caminho para sua vida, fala do futuro incerto e interrompido, que já tinha perdido tudo que amava e apenas por ter tido um ato estúpido de mandar uma foto estúpida para seu namorado, fala também de como se decepcionou com Claire, sua melhor amiga e que gostaria de ver a cara dela após tudo isso acabar. Dina declara que desiste de tudo chorando muito, diz que está desistindo da vida.

Claire, na realidade, não havia ido embora, estava escutando e volta ao quarto chorando e pede perdão a Rachel, diz estar arrependida de tudo, que só fez isso para Skylar gostar dela e a equipe não ser desclassificada, se culpa por não ter ajudado Dina naquele momento e por isso a perdeu. Raquel ouve tudo e apenas questiona como ela pode enviar a foto para tantas pessoas. Claire nega e conta que no dia da festa esqueceu o celular na limusine que a turma usou para ir ao baile e a empresa entregou na casa de Skylar e ela só pegou no dia seguinte, por isso achava que tinha sido Skylar que havia enviado a foto. Raquel fica pasma e imagina que se não foi Skailar, só poderia ser a mãe dela, sua amiga Patrícia.

O filme mostra o momento em que o motorista devolve para a mãe de Skylar o celular de Claire, encontrado na limusine.

No tempo presente, Skylar chega em casa, sua mãe está no banho e avisa que irão se encontrar com o pai dela, eles são separados, diz para ela se preparar. O celular de sua mãe toca, ela avisa, e a mãe pede para deixar cair na caixa de mensagem. Skylar avisa que pode ser o pai e enviará uma mensagem de retorno para ele. Ao acessar essa opção, ver uma mensagem de Claire para sua mãe com a foto de Dina. Skylar fica horrorizada e decifra tudo, ela sabia que o celular de Claire tinha ficado com sua mãe.

Sua mãe chega e ela pergunta revoltada e chorando, porque a mãe fez aquilo, ela justifica que foi para tirar Dina do caminho da filha, para ela ganhar a bolsa da faculdade no lugar de Dina, que ela sempre tirou tudo da filha e que um dia, quando ela tivesse seus próprios filhos, saberia o que uma mãe é capaz de fazer por uma filha, diz também que elas não são responsáveis pela morte de Dina, que ela fez tudo como uma brincadeira boba, mas não sabia que Dina era desequilibrada.

Skylar ouve tudo estarecida, diz a ela que agora sabe que tudo que houve com Rachel, desde as cartas com ameaças até a violação do túmulo, sua mãe foi a responsável. Muito decepcionada e fora de si, diz à mãe que não aceita as alegações dela, que não vai perdoá-la nunca.

Sai correndo porta afora, entra no carro e dirige em alta velocidade, muito desesperada, chorando e nervosa. Ela tenta passar uma mensagem para a mãe, dizendo, novamente, que nunca a perdoaria, quando bate violentamente o carro.

No hospital, Rachel visita Skylar, a mãe dela pergunta se ela foi zombar da sua cara, por tudo que aconteceu. Ela pergunta a Patrícia porque achava que Dina era uma barreira para a sua filha e diz que vai rezar para Skylar ficar bem, mas que a encontrará no tribunal.

Skylar fica parálitica e sua mãe condenada por ter espalhado pornografia infantil. Em casa, Rachel conversa com Claire e diz que no início ela fez tudo que fez, acreditando que assim encontraria a paz, mas depois de tudo desvendado, ela tem dúvidas se fez alguma diferença.

Claire pede para Rachel ir com ela até a escola onde acontecerá um evento especial. Ela vai, lá a comunidade escolar representada por Claire, lança um projeto de combate ao *bullying* na escola: “Questão de Gentileza! ”. Ao falar do projeto, Claire antes fala sobre tudo que aconteceu com Dina e propõe que todos assumam suas responsabilidades no caso.

“O *bullying* é venenoso, ele invade nossas escolas e nossa sociedade de maneiras terríveis, e hoje, com a comunicação anônima que temos pela tecnologia, o assédio moral ficou muito mais fácil. Eu vou dizer agora e ninguém nesse auditório pode negar: Dina Van Clever sofreu *bullying* até a morte, ela não foi responsável, todo mundo foi responsável, todo mundo nessa sala foi responsável, todo mundo que viu a mensagem e repassou, todos os que xingaram, todos os que riram dela quando ela passava nos corredores, todos aqueles que não fizeram nada para

impedir a crueldade que Dina teve que suportar, e eu sou tão culpada quanto vocês, talvez até mais, porque eu era a melhor amiga de Dina. ”

Em seguida, Claire pede para cada um chamar a responsabilidade para si e abrir mão do uso do celular até o final do semestre. Um ato simbólico em homenagem a Dina, e inicia colocando o seu próprio celular em uma caixa preparada para receber e guardar os demais aparelhos. Em seguida, Mark repete o gesto de Claire, e faz sinal para a turma. Todos se dirigem até a caixa e depositam seus aparelhos. Rachel assiste tudo muito emocionada.

Em casa, Rachel assiste vídeos de Dina muito feliz, falando coisas específicas de adolescentes, fazendo declarações de amor para os amigos, sua melhor amiga Claire e sua mãe, como fazem jovens naquela idade.

5.4 Como Dina Van Cleve experienciou o *bullying* e o suicídio

O filme *Silêncio Rompido*, por ser um thriller⁴¹ de suspense, é um gênero que agrada aos jovens, eles se identificam com os personagens. Nele, é mostrado todas as etapas que acontecem no *cyberbullying*, assim como as consequências que atos dessa natureza provocam. Essa modalidade de *bullying* não ocorre como nos casos tradicionais, o artifício utilizado pode se apresentar muito mais perverso, dispensa a presença física, não se restringe à escola, pois no mundo virtual não há barreiras, a vítima não sabe de onde vêm as difamações e logo, não consegue se defender. É uma lógica bastante perversa vivenciada pela personagem.

Dina era extremamente feliz ao lado da mãe, tinha sonhos de adolescentes e de futuro, contava tudo a sua mãe, esta sabia que somente algo muito grave tiraria a sua alegria de viver.

Dina era uma aluna que estava no último ano do ensino médio e foi vítima de *cyberbullying*, cujos espectadores do seu sofrimento foram todos os seus colegas da escola e os desconhecidos, mundo afora, que comentaram e compartilharam suas fotos, todos os que a humilharam e xingaram nos últimos tempos. A vítima do *cyberbullying* nem sempre possui características incomuns a um grupo, para despertar um agressor: Dina era uma adolescente comum, estudiosa, comunicativa,

⁴¹ Thriller - é um gênero de filme que causa agitação e suspense no espectador, provoca muita tensão, apresenta situações ameaçadoras, o personagem protagonista trilha sempre por situações perigosas, sua vida está sempre ameaçada.

bem relacionada na escola, boa relação com a mãe e com os amigos, ela era muito feliz e estava numa fase de descobrimento, tinha um namorado, gostava muito dele e era correspondida.

O ciclo do *cyberbullying* de Dina começou quando ela, inocentemente, encaminhou para o namorado foto íntima, sensualizando, foi uma atitude inocente, carregava a culpa por não ter tido relações sexuais com o namorado, frustrada por ter decepcionado ele. Mesmo sendo uma menina esclarecida, cometeu o deslize de fazer a foto, queria agradar, estava apaixonada e agiu por impulso.

O seu primeiro contato, com as consequências do seu ato, foi ser alvo de piadas e xingamentos depreciativos na escola, e foi nesse momento que tomou conhecimento do que estava acontecendo. Dina se desesperou, estava atordoada, e ao ver no banheiro xingamentos relacionados ao seu nome, fica transtornada, quer saber o que aconteceu, mas não sabe por onde começar. A angústia e o desespero tomam conta dela. As vítimas de *cyberbullying*, geralmente, têm esse comportamento, as agressões se espalham via internet e ela não sabe aonde encontrar um culpado.

Dina passa a sofrer com a viralização da sua imagem, revolta-se com o namorado e o culpa. Ela percebe a gravidade da situação. Isso é um comportamento típico do *cyberbullying*, a busca pelo culpado desgasta bastante a vítima, ela sente muita vergonha das fotos terem sido vistas por todos.

Ao suplicar para o ex-namorado ajuda para que os colegas parassem de zoar dela, revela Dina ainda tentando resolver a situação, acreditando que tinha um caminho e que Mark poderia ajudá-la. Mas a decepção só aumenta com a negativa dele, ela estava abalada, mas não desistia de encontrar o culpado. Dessa forma, passa a ficar obstinada com isso, esse é um comportamento esperado de quem sofre o *cyberbullying*, buscar o responsável por ter espalhado o viral. Mesmo abalada, Dina estava reagindo, estava tentando resolver de alguma forma a sua situação. Ela sofre, mas consegue reagir.

Encarar a mãe após o ocorrido também pode ter sido bastante difícil, como elas tinham uma boa relação, havia muita confiança envolvida, sua mãe esclarecia muita coisa para ela. O envio da foto quebrou a confiança que tinha com a mãe com a mãe. É comum esse tipo de vítima sentir vergonha e medo de encarar os pais. Mesmo com isso, a sua mãe não a recrimina, tenta encorajá-la a enfrentar de cabeça erguida os seus colegas. Dina finge entender, mas por dentro está com

vergonha, triste, decepcionada e com medo, e ao entrar na escola, vivencia tudo novamente, as gozações e humilhações não cessaram.

As consequências que se seguem, já são previstas numa situação como essa: ela se recusa a ficar na escola, seus colegas lhe causam sofrimento. Ela se isola, cai o seu rendimento escolar, e deixa de frequentar também o esporte. Essas eram as coisas que Dina tinha muito prazer em fazer, agora, não consegue mais. Ela, aos poucos ia se deprimindo, entristecendo.

Talvez a maior decepção e perda que Dina experimentou foi quando a treinadora a exclui do time de hóquei, e também de ser indicada para concorrer à bolsa de estudos para universidades renomadas. Não foi esse o fato responsável pelo seu suicídio, mas o estopim, pois ela já vinha, pouco a pouco, morrendo, sua vida havia perdido o brilho. Naquele momento, o pouco do que restava do mundo de Dina, desabou. É um momento de revolta, desespero, arrependimento, sentiu-se derrotada. A decepção foi muito grande para ela, uma vez que ela se preparou, durante todo o ensino médio, para conseguir acessar essas universidades, ela reconheceu que seu ato foi impensado, que destruiu tudo, que ele destruiu em segundos tudo que ela se preparou por anos. Tomar a culpa para si também é esperado, essas vítimas sofrem duas vezes, pelo ato em si e pelas consequências dos atos, que na realidade foram vítimas.

Todo o constrangimento sofrido, tudo que aconteceu devido ao viral, passar a ser vista pelas colegas como uma garota “vadia” e “depravada”, ela havia tomado para si como culpa pelo seu ato, em nenhum momento ela cogitou ser uma vítima. Ela vivia uma dor psicológica muito intensa, sentia uma dura solidão.

Saber a identidade da agressora não lhe deu nenhum conforto, ao contrário, saber que a agressora era uma pessoa conhecida, do seu círculo de amizade, motivada por inveja, doeu muito mais.

Ver o seu futuro e sua vida destruída pela sua melhor amiga levou Dina a acreditar que o único caminho viável seria o suicídio. No *cyberbullying* as ações não voltam atrás, não há a quem pedir perdão, desculpas, não há como apagar, pois o rastro estará sempre na rede, e Dina sabia disso, ela experimentou isso no acampamento, quando a foto voltou a circular, ela sabia que seu ato não tinha volta. Acreditava que era o seu fim, e mesmo sendo muito amiga da sua mãe, ela não procurou seu apoio, não contou a gravidade dos acontecimentos, talvez tivesse vergonha de encará-la, de tê-la decepcionado.

Ao revelar no vídeo todo o seu sofrendo, intimidações, humilhações, a vergonha de ter sido exposta de maneira vexatória, a raiva de ter sido perseguida, caluniada e difamada on-line e presencialmente, ela acreditou também não existir mais nenhuma forma de consertar aquilo. Deixa claro que tudo que aconteceu na sua vida foi fatal, ao tomar a decisão de cometer suicídio, ela revela um sofrimento profundo, fala de tudo que passou, fala das decepções, principalmente com o namorado e a melhor amiga, porque ela morreu antes de saber a verdade. Ao acreditar que a responsável foi sua melhor amiga, ela diz desejar ver a cara da sua amiga quando ela tomar conhecimento do que aconteceu. Isso representa uma vingança, uma punição, para que a amiga se sentisse responsável e amargurada pelo que fez.

Fica óbvio que Dina não queria morrer, ela queria parar seu sofrimento, tentou muito resolver, foi forte muitas vezes, conseguiu reagir em determinadas situações, até ser tomada pela baixa autoestima e depressão, acreditou que o suicídio fosse a única opção que restou para ela.

O filme retrata toda a agonia e desespero que passam as vítimas do *cyberbullying*, essa violência extrapola os muros da escola, não há barreiras físicas, não há apenas um culpado, são vários os agressores, e é possível identificar, apenas, onde tudo começou, porque todos os que curtem, comentam negativamente e compartilham são tão agressores quanto quem iniciou o assédio.

Dina morreu acreditando que conhecia a responsável pela disseminação das imagens, mas foi somente após a sua morte, com a investigação da sua mãe, que a verdadeira culpada foi descoberta. Dina foi vítima de uma adulta, conhecida, alguém do seu círculo de convivência, uma amiga da família, uma vizinha, a mãe de uma das colegas, justamente aquela que mais a assediava.

5.5 Videoreportagem: descrevendo a história de *Megan Taylor Meier*

Imagem 16 - VR1 *Megan Taylor Meier*



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=5g_GUw25CFs

Megan Taylor Meier foi uma adolescente de 13 anos que cometeu suicídio por conta de *cyberbullying*. Nascida em 06 de novembro de 1992, se enforcou em 17 de outubro de 2006, portanto, prestes a fazer 14 anos. Ela morava na cidade de Dardenne Prairie, estado de Missouri nos Estados Unidos. *Megan* foi vítima de *cyberbullying* numa rede social, a *MySpace*⁴². A pessoa que assediava *Megan* tinha um perfil nessa rede e respondia pelo nome de Josh Evans, dizia que era um adolescente de 16 anos. Ela, tragicamente, tirou a própria vida após esse garoto divulgar boatos e difamá-la, on-line, nas redes sociais.

A história de vida de *Megan* sempre foi marcada por episódios de *bullying* e *cyberbullying* na escola, durante um longo período da sua infância e adolescência. As inúmeras importunações culminaram no desespero emocional que a levou ao suicídio.

Tudo começou quando *Megan*, que tinha um perfil na rede social *MySpace*, aceitou o convite de amizade de Josh Evans, um outro adolescente como ela, apenas poucos anos mais velho. No início da amizade, eles se achavam bastante parecidos e firmaram um grande vínculo, ao ponto de *Megan* acreditar que ele era o seu namorado virtual. Durante esse período, eles nunca estabeleceram contato físico, mesmo *Megan* fazendo diversas tentativas, o namoro sempre aconteceu de forma on-line. Josh sempre arrumava alguma justificativa para fugir dos encontros presenciais, dava desculpas, uma delas inclusive, foi dizer que tinha se mudado há pouco tempo e o telefone ainda não tido sido instalado na sua casa, evitando qualquer contato físico com *Megan*. Como ela já estava emocionalmente envolvida, acabava aceitando as desculpas.

O fato é que Josh Evans nunca existiu, ele nada mais foi do que um perfil falso, criado para enganar *Megan*. E os planos deram certo, ela se apaixonou por Josh. Tática que, infelizmente, é bem usual por pessoas que agem via internet, para fazerem coisas reprováveis, com a intenção de não serem descobertos, principalmente em redes sociais, elas contam com a ingenuidade dos jovens que desconhecem ou ignoram os perigos do mundo virtual.

Megan, pelo seu perfil e histórico de vida, tornou-se uma presa fácil, era bastante ingênua, com baixa autoestima, e já havia sofrido muito *bullying* ao longo

⁴² *MySpace* é uma rede social criada nos Estados Unidos em 2003, que promove a interação entre amigos através dos perfis de cada um, usam blogs, grupos, permite postagens de fotos, músicas e vídeos enviados pelos usuários.

da sua vida escolar, motivado pelo seu peso, que sempre foi acima dos padrões aceitos para as meninas daquela época. Mas essa questão de aceitação para *Megan* já estava relativamente contornada, ela era acompanhada por profissionais, tomava a medicação para tratar o problema. Poderíamos dizer que era uma depressão controlada, ocasionada pela não aceitação do seu peso.

Ao longo da sua vida escolar, por várias vezes, foi mudada de escolas pelos seus pais, como medida para parar o problema do assédio que sofria. E, na época do suicídio, *Megan* estava bem contente, havia emagrecido, fazia esportes, chegou a integrar o time de vôlei da escola. Todas essas atividades saudáveis foram motivadas para fugir do *bullying* que sempre foi vítima.

No dia 15 de outubro de 2006, portanto, dois dias antes do seu suicídio, em seus encontros on-line, Josh diz para *Megan* que não quer mais ser seu amigo, alegando que ela não trata bem as amizades. Isso funcionou como uma bomba para ela, um grande choque.

No dia seguinte, Josh postou mensagens com comentários bem ofensivos para *Megan*, mas, dessa vez, não mais no modo privado, gerando uma série de comentários ofensivos e muitos xingamentos com palavras depreciativas, feitas por internautas que eram seguidores do perfil. Nessas ofensas, volta à tona, as ofensas relacionadas a seu peso, justamente em um momento que *Megan* estava com o peso bastante equilibrado e sentindo-se bem e aceitando seu corpo.

A mãe de *Megan*, Tina Meier, percebendo que ela chorava muito, tomou conhecimento do ocorrido no *MySpace*, ficou muito preocupada e tentou interceder, sugerindo que a filha desligasse o computador, que não visse mais aquelas mensagens. No entanto, *Megan* não conseguia simplesmente desligar o computador, leu todos os comentários depreciativos e ofensivos que os seguidores postaram na publicação de Josh sobre ela no *MySpace* e no *AOL Instant Messenger*⁴³, outro software mais popular na época, também utilizado por ele. As últimas mensagens de Josh para *Megan* neste site diziam: "todos sabem quem você é. Você é má e todos te odeiam. Tenha uma porcaria de vida". Em outra ele

⁴³ AOL Instant Messenger foi um mensageiro instantâneo da American On Line (AOL) que permitia aos internautas registrados, a comunicação em tempo real por texto, voz ou vídeo pela Internet. Foi bastante famoso nos anos 90, mas desativado em 15 de dezembro de 1997 porque, com a popularização das redes sociais, principalmente as acessadas via celular, o público perdeu o interesse nesse tipo de software.

escreveu: "O mundo será um lugar melhor sem você". Salientamos que essas mensagens foram descobertas durante a investigação.

Após ficar extremamente chocada e decepcionada com todas as mensagens e comentários de Josh e demais internautas, em 17 de outubro de 2006, *Megan* comete suicídio em seu quarto. Ela se enforcou com um cinto dentro do seu closet. Tina, sua mãe, ainda consegue chamar por socorro médico, mas, infelizmente, eles não conseguem reanimá-la, e *Megan* morreu sem saber que Josh nunca existiu e que ela foi vítima de uma farsa montada por pessoas cruéis para atingi-la.

Após a tragédia que se abateu sobre a família de *Megan*, os seus pais tentaram localizar o perfil de Josh, mas este já havia sido deletado. Após algumas semanas do suicídio de *Megan*, uma vizinha comovida com o sofrimento de Tina, conta a ela que tudo foi arquitetado por Lori Drew, mãe de Sarah Drew, uma ex-amiga de *Megan*. Lori, sua filha e Ashley Grills, uma funcionária sua de 18 anos, arquitetaram tudo, considerando que elas conheciam toda a rotina de *Megan*, porque as famílias eram amigas, chegaram, inclusive, a fazer viagens de férias juntas, e as filhas andavam juntas, mesmo brigando as vezes, foi relativamente fácil colocar em prática tudo que planejaram, elas conheciam os problemas, a rotina, a vida de *Megan* e da sua família. A vizinha ainda contou a Tina que Lori orientou a filha para nada comentar no dia da tragédia.

Após tomar conhecimento do envolvimento de Lori no caso do suicídio de *Megan*, conforme relatou uma outra vizinha, Tina quebrou um presente que Lori havia comprado e guardado na sua casa, para entregar a seu filho, possivelmente no aniversário, isso demonstra como era a intimidade das duas famílias, de quão próximas eram, o presente era uma mesa de pebolim. Tina pegou os pedaços do presente e deixou na porta da casa de Lori. Esta, por sua vez, ficou muito irritada, procurou a polícia e registrou queixa contra Tina. Nesse contexto, Lori ficou sabendo que os pais de *Megan* a havia denunciado como responsável pelo suicídio da filha.

As investigações mostraram que Josh foi perfil falso criado intencionalmente para atingir *Megan*, inicialmente seduzi-la em seguida, rejeitá-la e humilhá-la nas redes sociais. E foi exatamente o que aconteceu, *Megan* se apaixonou por alguém que nunca existiu, em seguida passou a sofrer rejeição e humilhação desse alguém. Além de descobrir que o perfil era falso, a polícia também descobriu que o perfil foi acessado por diversos seguidores, que postaram comentários depreciativos sobre *Megan*, entre eles, estava Lori Drew.

A investigação buscou saber as motivações para uma atitude tão cruel, tendo em mente que, se há um perfil falso, alguém real o criou e com alguma intenção. E, de fato, veio à tona todo plano de vingança orquestrada para atingir *Megan*. Josh lhe enviava mensagens carinhosas, ela correspondia de igual forma, após demonstrar que estava apaixonada, entrou em cena a segunda parte do plano, ela passou a ser desprezada por Josh, em seguida ofendida e humilhada. *Megan* não conseguia entender tamanha mudança e crueldade, o que antes era um momento feliz ao acessar a rede social para trocar mensagens com Josh, passou a ser um verdadeiro inferno que a levou a ter dias bem sofridos antes da sua morte, conforme revelaram as investigações.

No avançar do processo investigatório, deduziram que as ofensas tinham grandes possibilidades de terem partido de alguém que conhecia bem a história e o cotidiano de *Megan*, e que, portanto, sabia do sofrimento dela quando o assunto era a balança, sabia que seria atingida ao tocar no seu ponto fraco. As investigações fizeram um mapeamento dos jovens que eram amigos de *Megan*, verificaram que ela tinha desfeito uma amizade com uma garota vizinha sua, a Sarah Drew, que mesmo sendo amigas e vizinhas, constantemente se desentendiam, elas estudavam na mesma escola em St. Louis, no Estado do Missouri. Sarah era a filha de Lori.

Lori foi chamada a depor, durante o depoimento ela admitiu a criação do perfil falso, e que contou com a ajuda da sua funcionária, ela justificou que fez por vingança, por achar que *Megan* falava negativamente da sua filha. Assumiu que seu ato pode ter interferido no suicídio, mas que não se achava culpada, inclusive porque soube que *Megan* já havia tentado suicídio outra vez. História que foi negada por Tina, esta mencionou para os investigadores que a filha havia falado em suicídio, mas que nunca tinha feito nenhuma tentativa e que nem o seu psiquiatra a considerava com perfil suicida.

Muitas pessoas foram testemunhas e prestaram depoimento, elas afirmaram que Lori acreditava mesmo que *Megan* havia difundido difamações sobre sua filha e havia jurado se vingar, por isso, elaborou o plano e o executou com sucesso. Lori era uma mulher de 47 anos e o seu plano era para atingir uma adolescente de 13 anos.

Esse foi o primeiro caso relacionado a *cyberbullying* no Estado de Missouri, gerou muita comoção social, mobilização da mídia, protestos contra a impunidade devido ao fato de Lori não ter sido acusada criminalmente. Isso porque, para as

autoridades do condado, o que Lori fez não podia ser considerado crime, não estava previsto na lei, apesar de ser bastante cruel. As denúncias não foram acatadas no processo, os promotores alegaram que não encontraram leis que enquadrassem os atos de Lori, logo, não justificaria o seu prosseguimento. Mas as autoridades decidiram processar Lori da mesma forma como que agem com crimes praticados por *hackers*. Infelizmente, o ato mais grave de Lori ficou inocentado, por ter provocado um estresse emocional em *Megan*, que a levou ao suicídio.

Em 15 de março de 2008 ela foi processada, mas não pela morte de *Megan*, mas pelas acusações de: acesso a computadores sem ter autorização para verificar informações de cunho privado e pessoais; uso dessas informações para depreciar emocionalmente *Megan* e também por ter cometido crime de conspiração. Em 26 de novembro de 2008, Lori foi condenada por esses três crimes, mas no ano seguinte já estava liberada. A população ficou perplexa com a liberação de Lori, por isso, ela passou a sofrer assédio da população local, sua residência sofreu com a ação de vândalos, tanto que ele precisou mudar de bairro para fugir da ira da população, indignada com a falta de justiça.

O caso do suicídio de *Megan Meier* não foi concluído, mas serviu para que diversas autoridades de variadas partes dos Estados Unidos começassem a se mobilizar para criar leis de combate ao *cyberbullying*. E na cidade de Dardenne Prairie, onde *Megan* morava, foi aprovado um decreto (22/11/2007), que tornava o assédio cometido via internet ou por qualquer meio eletrônico, como um delito, sujeito à multa de até \$500 e até 90 dias de prisão. Não foi muito, mas um primeiro passo. Tanto que algumas outras cidades americanas passaram a criar leis para coibir e punir assédios, a partir desse caso. Em algumas dessa cidades as determinações foram mais abrangentes do que em Dardenne, as leis criadas foram para punir casos de *cyberbullying* e *cyberstalking*⁴⁴, tudo isso motivado após a tragédia do caso de *Megan*.

Depois do suicídio de *Megan*, Tina Meier, em 2007, criou a Fundação *Megan Meier* (*Megan Meier Foundation*), cuja sede foi montada na cidade de Chesterfield, Missouri (EUA), para lutar contra o *cyberbullying* e o suicídio.

⁴⁴ *Cyberstalking* expressão originada da palavra em inglês *stalk*, significa perseguir e assediar alguém, de maneira sistemática, com uso de ferramentas tecnológicas.

5.6 Como *Megan Meier* experienciou o *bullying* e o suicídio

Megan foi sistematicamente agredida no espaço virtual, diferente do *bullying* tradicional, essa forma de *bullying* não está restrita ao ambiente escolar, mas este pode ser afetado, no momento em que desestrutura toda a vida da vítima, inclusive escolar. Essa forma de *bullying* produz novos agressores, os colegas que passam a compartilhar e comentar negativamente o conteúdo, eles se configuram novos apoiadores, e quase nunca aparecem defensores da vítima, até porque, nem ela própria tem possibilidades de resistir aos ataques.

A história de *Megan Meier* é uma história real de como pode ser devastador as consequências do *cyberbullying*. Ela cumpriu todos os ciclos dos casos do *cyberbullying*. As intimidações sofridas por *Megan* foram praticadas por uma pessoa adulta, que convivia com a família, uma vizinha, uma mãe de uma colega, mas ela morreu antes de descobrir. A criação de perfis falso em redes sociais é uma prática bastante comum, usada por criminosos para acessar o mundo dos jovens. O de *Megan* sofrimento começou quando o falso garoto, que se correspondia com ela, a desprezou, porém ela não foi escolhida ao acaso.

Megan já havia experimentado situações de *bullying* na escola, durante a infância, por ter um pouco mais de peso do que as outras colegas, ela sempre lutou contra a balança durante toda sua vida, ter sobrepeso a deixava triste, não se aceitava, ao ponto de precisar ser acompanhada por um profissional e, nos últimos tempos, estava feliz, seguia firme nos seus propósitos, e mais feliz ficou quando começou a se corresponder com o garoto, ela se achava acolhida.

Ao contrário de muitos casos de *cyberbullying*, *Megan* não teve imagem íntima divulgada, mas ela foi envolvida emocionalmente, seduzida e em seguida, descartada. O *hater*⁴⁵ que a atacou, foi o garoto que ela gostava, que na realidade nunca existiu, por ser um perfil falso, ele usou de comentários grosseiros e ofensivos por reiteradas vezes, tudo foi feito de maneira proposital, para que ela ficasse bastante humilhada e triste. Nunca exigiu que ela fizesse nada, mas o fato de ser humilhada e depreciada no mundo virtual, fez com que surgissem os apoiadores,

⁴⁵ Hater é um termo inglês, usado para identificar pessoas que praticam o *cyberbullying*, é o equivalente ao agressor do *bullying* tradicional. Age apenas para criticar, desvalorizar, humilhar e intimidar a vítima, o seu pagamento, é o sofrimento da vítima.

aqueles que impulsionam ainda mais as agressões, através dos seus comentários, inclusive com incitação ao suicídio. *Megan* sofria muito com tudo isso.

Megan ficou destruída, além do desprezo de uma pessoa que ela estava apaixonada, aquilo que assombrou a sua vida escolar na infância, foi novamente evidenciado nas postagens, as questões relacionadas ao seu peso. Ela não conseguiu pedir ajuda, ela não tinha amigas verdadeiras em que pudesse contar sobre o que acontecia, a sua família não percebeu a gravidade do que estava acontecendo. Ela se calou e se isolou, viveu uma confusão mental tão intensa, que ela acreditou que a sua existência não era mais importante, era insignificante. Ela buscou no suicídio um caminho para parar a sua dor.

5.7 Videorreportagem: descrevendo a história de *Amanda Michelle Todd*



Amanda Michelle Todd foi uma adolescente de 15 anos de idade que cometeu suicídio motivado por *cyberbullying*. Nascida em Vancouver, uma cidade no oeste do Canadá, província da Colúmbia Britânica, em 27 de novembro de 1996, e se enforcou em 10 de outubro de 2012 em Port Coquitlam, cidade situada na mesma província canadense, distante 30km de onde nasceu. Ela tirou a própria vida, após uma sequência de abusos psicológicos e físicos provocados desde que tinha 13 anos.

Desde muito cedo Amanda experimentou a crueldade dos abusos por conta do *cyberbullying* que sofreu, com o passar dos tempos, a situação foi se agravando. A sua história ficou conhecida mundo afora quando, em 07 de setembro de 2012, Amanda fez um vídeo de menos de 10 minutos, intitulado de *My Story*:

Struggling, bullying, suicide, self harm (Minha história: Luta, *bullying*, suicídio, automutilação) e postou no *YouTube*, na projeção ela mostra pequenos cartazes com um resumo de sua história de intimidação e agressão por conta do *bullying* psicológico e físico. Esse vídeo virou um viral, repercutindo internacionalmente, após a sua morte, tanto que em 13 de outubro de 2012, ele atingiu mais de um milhão e meio de visualizações, foi amplamente compartilhado e noticiado por várias mídias, algumas reportagens apresentavam o link para o vídeo.

Antes de toda essa tragédia, a vida de Amanda era bem típica de uma garota da sua idade, aos 13 anos cursava a 7ª série, gostava de desenhar, escrever e amava cantar. Mas demonstrava baixa autoestima e por isso, precisava da aprovação de outras pessoas para se sentir bem. Tinha um perfil na internet no site Blogtv que conversava on-line com suas amigas, ficavam ao vivo e internautas faziam comentários. Ela adorava receber elogios nos comentários. O cyberspaço era o seu lugar favorito, onde se sentia bem, mas foi lá que aconteceu o seu infortúnio.

Dentre muitos elogios recebidos, um desconhecido fazia referência a sua beleza e a elogiava com base nisso. Após algumas postagens, um internauta fazia muitos elogios durante a exibição on-line e após, ele percebeu que ela gostava de ser elogiada e passou a conduzir as conversas com ela. Amanda se achava especial, e pensava que o jovem com quem conversava na internet era alguém da sua faixa etária. Mas na realidade era um homem de 38 anos, holandês, chamado Eidy (descoberta posterior a sua morte), que percebeu a ingenuidade de Amanda e passou a pressioná-la para que ela ficasse nua diante da webcam, ela se negou várias vezes, ele então a convenceu a mostrar apenas os seios e ela suspendeu a blusa, nesse momento, ele faz o prints da sua tela com imagens de Amanda mostrando os seios para a webcam.

Tempos depois, ao navegar pelo Facebook, Amanda recebe uma mensagem de um desconhecido, essa mensagem contém ameaças e a foto dos seus seios. Nas ameaças, o desconhecido exige que faça um show privê para ele, caso contrário, enviaria a foto para todos os conhecidos de Amanda, que ele tinha o contato dos seus amigos, professores e familiares. Ela entra em pânico e resolve ignorar as ameaças do desconhecido, achando que ele desistiria. Este, por sua vez, concretizou suas ameaças, enviou as fotos de Amanda para todos os seus amigos

do Facebook, professores e um link para um site pornô, dando a entender que ela seria uma das garotas do catálogo.

A escola, ao receber a mensagem, chama a polícia, que vai até a casa de Amanda informar à família sobre a circulação das fotos na internet, recomendando apenas que ela deletasse o seu perfil do *Facebook*.

Amanda, muito constrangida e triste, entra em pânico ao chegar na escola, onde passa a ser assediada constantemente, seus colegas passam a chamá-la de “prostituta da webcan” e “vadia”. Amanda ficou arrasada, isolada, ninguém mais quer ter amizade com ela, temem sofrer o mesmo *bullying* ou serem difamados por estarem com ela. Amanda se recolhe em casa, foge de qualquer contato com a escola, desenvolveu ansiedade, depressão e síndrome do pânico. Ela teme que Eidy continue a postar sua foto.

A família de Amanda resolveu se mudar de bairro para ela começar uma vida nova em outra escola. Mas Eidy já esperava que isso fosse acontecer, novamente cria um perfil falso no Facebook com a foto de Amanda e encaminha aos colegas seus nudes. Ela passa a sofrer novamente o mesmo tipo de *bullying* da antiga escola.

Muito desesperada por ver todo o seu pesadelo voltar, ela passa a usar drogas e álcool, para fugir da realidade. Teve que mudar novamente de escola, para fugir dos assédios. Estava bastante retraída, com medo que Eidy fizesse novas investidas. Ela se isolou, não conversava com ninguém na escola e ficava muito na biblioteca sozinha durante os intervalos.

Nesse ínterim, Amanda recebe o contato de um antigo amigo, ela se sentiu bem, depois de tempos sem se relacionar com ninguém, era o único que se chegou até ela, que acreditava que ele gostava dela. Ele então a convenceu a se encontrar com ele na casa dele, e nesse encontro se envolveram emocionalmente e tiveram relações sexuais. Mas, na semana seguinte Amanda é surpreendida por uma garota, namorada do “falso” amigo, e seu grupo na escola, que havia descoberto tudo. Ela recebe uma mensagem dizendo para deixar a escola, o que é ignorado por ela.

Amanda então é confrontada por duas garotas, que se aproximam e mandam ela olhar em volta para ver se alguém ali gosta dela. Em seguida, forma-se um grupo de cerca de 15 colegas e o seu namorado, que passam a atacar Amanda. Eles desferiram muitos socos e chutes até ela vir ao chão, e gritaram xingando ela aos berros durante o ataque, muitos outros jovens que assistiam, gritavam ao redor e

filmaram, enquanto o garoto dizia para a namorada bater mais em Amanda. Ela foi derrubada no chão e violentamente socada inúmeras vezes, depois de muito apanhar, conseguiu fugir e esconder-se em uma vala, sendo posteriormente encontrada por seu pai.

Ela percebeu que o contato do garoto tinha sido uma farsa, que ela não tinha amigos. Ao voltar pra casa, ainda se depara com os comentários das colegas que a agrediram, do tipo: “Ela mereceu!”, “Espero que morra!”, “Você tirou a lama do cabelo?”. Ela, então, muito desesperada, bebe uma garrafa de alvejante, com a intenção de se matar, acreditando que essa seria a única forma de se livrar daquele pesadelo. Mas foi levada ao hospital e sobreviveu. Ao voltar para casa, vê as mensagens de colegas marcando ela, novamente é agredida e insultada nas redes sociais, com mensagens reclamando porque ela sobreviveu, uma delas chega a dizer: “tomara que ela use um alvejante diferente e morra desta vez”!

Depois desse episódio, a família resolve se mudar de cidade, tentando recomeçar, mas 6 meses depois, novamente mensagens foram postados em sites de relacionamento com fotos de Amanda. Aconteceu uma piora significativa em seu estado mental, ela passou a se automutilar, mesmo tomando antidepressivos.

Amanda passa a se questionar sobre o motivo dela ainda continua viva. Novamente Eidy descobriu e torna a fazer um perfil falso no Facebook se passando por um aluno novato na escola, recolhe informações pessoais e endereços dos alunos e professores, e novamente encaminha a foto de Amanda com os seios à mostra para todos da escola.

Amanda tenta suicídio novamente, dessa vez, ingere uma quantidade grande de remédios e tem uma overdose. Foi socorrida e hospitalizada, passou dois dias internada. Seus pais então decidem fazer um tratamento psicológico e psiquiátrico com Amanda, os colegas descobrem e acrescentam no rol de xingamentos as palavras “louca” e “psicose” (possível referência ao filme de terror com esse nome). Nessa nova tentativa de mudança da família, Amanda passou a frequentar uma escola especializada em alunos que tiveram problemas sociais diversos.

Após as duas tentativas de suicídio, não conseguindo conviver com tanto sofrimento sozinha, Amanda resolve ter um ato de coragem e provar para si mesma que é capaz de reagir. Ela resolveu gravar um vídeo de cerca de nove minutos contando sua história de *bullying*. No vídeo, seu rosto não aparece, ela também não

fala, apenas exhibe cartazes com resumos de sua história de abusos e crueldade, ela mostra lentamente um a um.

Esse vídeo foi postado no YouTube, nas cenas finais, ela escreve questionamentos como: “Por que recebo essas coisas? “Eu errei, mas por que continuar me seguindo? ” “Por que ainda estou aqui? ” Na sequência aparecem os braços de Amanda com vários cortes proveniente da automutilação. Ela informa que aquele vídeo é para incentivar outras crianças, mundo afora, a fazer o mesmo para contar suas histórias de *bullying*. Amanda se sentiu fortalecida com essa ação, volta a cantar, coisa que mais amava fazer.

Imagem 18 – Cartazes de Amanda Todd



Fonte: <https://umrelatobullying.wixsite.com/meusite/single-post/2016/03/17/RIP-Amanda-Todd-1>

No entanto, alguma coisa aconteceu nesse período após a postagem do vídeo, que não foi esclarecido em nenhuma reportagem, mas o fato é que Amanda diz a mãe que se sente um pouco adoecida e não vai à escola, no dia seguinte falta novamente e, sua mãe ao chegar do trabalho, encontra Amanda enforcada, morta.

O vídeo gravado por Amanda é visto por milhões de pessoas, sua morte causou muita comoção e houve muita pressão para que fosse investigada. A família criou uma página no *Facebook* para homenageá-la e recebeu mais de 800 mil acessos, mensagens de apoio, mas recebeu também mensagens ofensivas. A polícia resolveu investigar após várias queixas recebidas e rastreou o computador e perfis de redes sociais de Amanda, descobre que Eidy era um pedófilo, ele foi preso em janeiro de 2014 sob a acusação de ter assediado 34 mulheres jovens e 05 homens gays, em países como a Noruega, Inglaterra, Estados Unidos e Canadá. Foi

julgado e condenado pelo crime de chantagem com mulheres jovens para forçar realizar atos sexuais em frente a webcam, inclusive pelo caso de Amanda Todd.

Somente após todos esses episódios passados por Amanda que, a Real Polícia Montada do Canadá e a British Columbia Coroners Service abriram investigações sobre esse suicídio. Considerando que, como o vídeo postado por Amanda viralizou, a sua história passou a ser conhecida no mundo. Até a primeira-ministra da Columbia Britânica, Christy Clark, fez declarações on-line, prestando condolências à família e chamando a atenção para a necessidade urgente do debate sobre a criminalização do *cyberbullying*. A Câmara dos Comuns do Canadá fez uma moção pedindo que fossem desenvolvidas pesquisas no âmbito de *bullying* no Canadá, para que fossem destinadas mais verbas para as organizações que trabalham no combate a todas as formas de *bullying*.

Na investigação preliminar, o Serviço Médico de Colúmbia Britânica declara que a morte de Amanda Todd foi por suicídio e a mídia relata que o tipo foi o enforcamento. Na sequência das investigações, a Real Polícia Montada do Canadá e a *British Columbia Service Coroners* juntamente com 20 investigadores trabalharam assiduamente no caso. Contaram com o apoio da equipe que investiga crimes graves, a *Coquitlam* e a *Ridge Meadows*. Toda a equipe se debruçou nessa investigação, na tentativa de identificar os possíveis fatores que contribuíram para levar Amanda ao suicídio.

O Grupo Anonymous⁴⁶ também passou a investigar o caso, fizeram um intenso monitoramento nas redes sociais de Amanda, já que são *hackers*, e identificaram um homem, o Kody Maxson, de 32 anos de idade, ex-funcionário do *Facebook*, que já havia sido envolvido em postagens em sites de pornografia infantil, como sendo o possível chantagista que perseguiu Amanda na web.

Eles publicaram a informação na internet, mesmo omitindo o nome, mas deixou visível o possível endereço do pedófilo. Ele morava numa região próxima, e passou a sofrer ameaças após a publicação do Anonymous. Mas ao prestar depoimento, nega qualquer relação com o crime. O homem suspeito teve, de fato, acusações sobre assédio sexual a menor de idade, mas disse que era um amigo de

⁴⁶ Grupo hack ativista internacional, formado por membros anônimos, que atua em diversas frentes, geralmente em situações que julga ser injustiças sociais, se colocando do lado do oprimido. Nas suas formas de agir, invade páginas na Internet e tira sites do ar, que são práticas consideradas ilegais.

Amanda e que o responsável pelo *cyberbullying* era um homem que residia na cidade de Nova York.

Em declarações prestadas a uma emissora de TV, o Anonymous disse não gostar de trabalhar junto com a polícia, mas a história de Amanda era muito triste, e o grupo se sentiu na obrigação de colocar seus conhecimentos à disposição, como uma ação de proteção às crianças.

A família de Amanda informou que não tinha certeza que o homem, apontado pelo Anonymous, fosse o responsável pela perseguição on-line sofrida por Amanda, não acreditaram que fosse de fato o assediador, mas acrescentou que a polícia já tinha localizado uma pessoa que, possivelmente, estaria envolvida no caso. Com o avançar das investigações, a polícia descarta essas suspeitas apontadas pelo Anonymous.

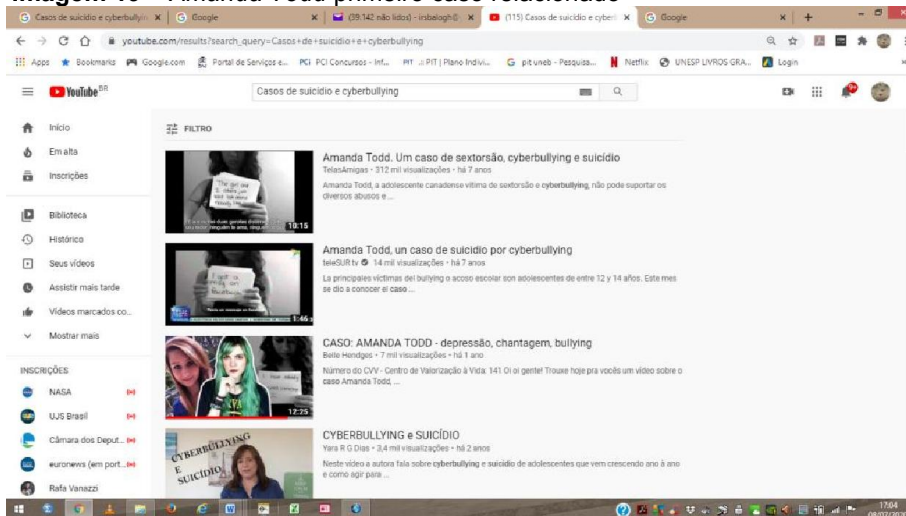
Ainda durante as investigações, a Organização Canadense *Cybertip.ca* revela à polícia que a cerca de um ano antes do suicídio de Amanda, eles foram notificados sobre a circulação das fotos de Amanda na internet, e um grupo contra exploração infantil, informou à polícia que em novembro de 2012 uma pessoa avisou da circulação das imagens de Amanda em determinados sites. A polícia relatou que recebeu mais de 400 mensagens quatro horas após a morte de Amanda, eram informações verídicas e falsas, porém houve muita postagem de informações falsas, cujas pessoas tentavam extorquir a família de Amanda.

A sua mãe, Carl Todd, passou a atuar buscando a conscientização da sociedade, assim como programas para ajudar jovens que passaram pelo mesmo que sua filha, cria o Amanda Todd Trust para receber doações e apoiar as ações anti-*bullying*. Diversas vigílias e manifestações foram realizadas no Canadá e em algumas cidades dos Estados Unidos, para lembrar a tragédia passada por Amanda e por outras vítimas de *bullying*, as pessoas pediam que fossem implementadas políticas mais duras e firmes contra o *bullying*. Já no Parlamento canadense, os deputados tentavam aprovar uma moção que permitisse espaço para a criação de estratégias para evitar a ocorrência do *bullying*.

Uma emissora de TV, a CTV informou à família Todd, sobre um projeto apresentado pelo deputado Dany Morin, para criar um comitê com diversos partidos para estudar o problema do *bullying* no país. O pai de Amanda diz que não vê isso como uma grande ação, ele diz que o país não precisa de mais estudos sobre o *bullying*, mas sim de mais ação.

Mais atos foram realizados em outros países, em Toronto, estudantes da Toronto District School Board prestam homenagem com um minuto de silêncio. Ainda nesse dia, Carol Todd foi convidada para receber as homenagens a sua filha, o "We Day 2012", em Vancouver, e assistir uma palestra proferida por Magic Johnson, Demi Lovato, e a primeira ministra da Colúmbia Britânica, a Christy Clark, cujo tema foi sobre assédio e intimidação na escola. O caso de Amanda chocou muitos países, e, até hoje, quando fazemos uma busca no *YouTube* pelo tema: "Casos de suicídio e *cyberbullying*", é o primeiro caso listado, devido ao número de visualizações da sua história.

Imagem 19 – Amanda Todd primeiro caso relacionado



Fonte: https://www.youtube.com/results?search_query=Casos+de+suic%C3%ADdio+e+cyberbullying

Acreditamos ser este o caso mais complexo e impactante dos que conseguimos acessar, bem como, com vasto material disponível na internet.

5.8 Como Amanda Michelle Todd experienciou o *bullying* e o suicídio

A história de Amanda Todd provocou uma série de ações e debates pelo mundo, aconteceu no Canadá, mas poderia ter acontecido em qualquer lugar. Ela foi submetida ao *cyberbullying*, *bullying* físico e psicológico por variadas vezes. Foi assediada por um *hater* (adulto) e pelos colegas da escola. A história de Amanda é

contada por ela mesma, e o resultado de todas essas agressões culminou no seu suicídio.

Amanda era uma garota comum, cantava e se alegrava, fazia coisas próprias para a sua idade, era feliz, mas apresentava uma baixa autoestima e por isso se sentia bem ao ser elogiada, algo nada fora do comum.

Essa dependência por elogios demonstrava uma fraqueza de Amanda, e acabou por atrair o seu principal algoz. Ela gostou de ser elogiada e confiou em estranho, por isso, mostrou seus seios numa conversa via internet. Dessa atitude imatura, gerou todo o seu sofrimento. Interessante é que, mesmo tendo pouca idade, ela resistiu muito, sabia que aquele pedido era incomum, mas não tinha noção da gravidade. Ela atendeu ao pedido, e não comentou com ninguém, provavelmente, foi orientada por ele, que acreditava ser um garoto da sua faixa etária. Ela não sabia que estava sendo enganada por um adulto.

Amanda foi destemida, não imaginou que foi tempo suficiente para a imagem ser capturada. Então, tudo aquilo que ela vivia e gostava de fazer, que era conversar nas redes sociais, tornou-se o seu maior pesadelo.

O novo pedido do estranho, com as ameaças, foi o primeiro choque que ela tomou. Ela, mesmo desesperada, não cedeu, ignorou, não porque não se importava com as ameaças, achava que era blefe, mas ela sabia que aquele pedido não podia ser atendido, que a sua situação só pioraria. Amanda foi forte, é bem comum assediadores na internet fazerem ameaças como essa.

Quando as ameaças foram concretizadas, Amanda se desesperou, todos da sua escola e sua família souberam. O desespero e a vergonha deixaram ela arrasada, a sua saúde mental ficou abalada, foi como se o seu corpo fosse violado. Ela sentiu vergonha dos colegas e professores na escola, e passa a sofrer os desdobramentos da postagem, foi hostilizada, humilhada e difamada na escola, o seu sofrimento levou ao desenvolvimento de doenças psicológicas.

Sofrendo de depressão, transtorno de ansiedade, síndrome do pânico, Amanda busca o isolamento, perdeu todas as amigas que tinha, foi excluída por todos os alunos da escola, passa a viver na solidão, sente-se rejeitada e envergonhada, vive apreensiva com medo de novas postagens, não tem com quem conversar e ninguém na escola procurou saber o que aconteceu para ela fazer o que fez, quais foram as circunstâncias em que as fotos foram tiradas, nem os professores, nem a direção da escola.

A opção por mudar de escola e bairro foi um caminho encontrado pela família, numa tentativa de ajudar Amanda a retomar a sua vida. Ao ser novamente surpreendida com as postagens, Amanda busca nas drogas e álcool o alívio para o seu sofrimento emocional. Como ela já sofria de distúrbios psicológicos, já existia essa propensão a tentar aliviar a sua dor emocional dessa forma. O que não resolve os seus problemas, pelo contrário, sua depressão se agravou.

A família mudou novamente Amanda de escola pensando estar ajudando, e ela com medo do que aconteceu na última, resolve continuar isolada da turma, buscando refúgio para a sua solidão na biblioteca, lá ela se esconde de todos durante os intervalos. Ao ser procurada um antigo conhecido, ela viu aquilo como uma nova chance para ela ser uma garota normal, já fazia muito tempo que vivia na mais completa solidão. Voltou a sorrir, ele fez bem a ela naquele momento, a ponto dela se encontrar com ele fora da escola, passaram a paquerar e teve relações sexuais consensual com ele. Ele representou para Amanda uma nova esperança de ter novamente uma vida.

Sofrer uma nova decepção, ao ser indagada por uma garota namorada garoto que tinha ficado foi muito humilhante, foi constrangida e xingada na frente de todos, agredida fisicamente e viveu cenas de incitação a violência, inclusive por parte do garoto que havia ficado. Ela descobriu, naquele momento, que foi novamente enganada e usada, ela experimentava o *bullying* físico e psicológico, ela apanhou muito, não teve como reagir, eram muitas meninas e meninos, elas batiam e eles incitavam a violência.

O desespero deu a ela força para fugir e se esconder, nenhum adulto intercedeu, ela se sentiu completamente só. Ser acolhida pelo pai tempos depois não melhorou o que estava sentindo, estava machucada fisicamente e emocionalmente. Depois de tudo, ainda vê inúmeras ofensas nas redes sociais, saber que aquelas garotas não se contentaram com o que fizeram, postaram comentários horríveis com incitação ao suicídio, elas demonstravam um apreço mórbido pela desgraça de Amanda, ela acreditou que esse era o único caminho.

Teve sua primeira tentativa de suicídio, não estava mais aguentando viver o martírio que se tornou sua vida, o sofrimento era maior do que a vontade de viver. Foi socorrida, e ao voltar para casa, ainda fragilizada, vê novamente postagens das colegas ironizando o seu triste ato.

Ela não se recusava a mudar de escola, mas o sofrimento acompanhava ela, que demonstrava medo, toda nova experiência. Aceitava a tentativa da família para ajudá-la. Mas, todo novo recomeço, os velhos problemas, as postagens do *hater* voltavam, e o sofrimento ficava mais grave.

Amanda passa a experienciar a automutilação, significa que a dor que ela sentia era muito grande, seu sofrimento emocional era incalculável, ela buscou na dor provocada pelos cortes uma amenização para a dor emocional. Os medicamentos que tomava para tratar a depressão não estavam mais cumprindo a sua função. Ela declara desgosto por estar viva e vivencia nova tentativa de suicídio.

Ser novamente socorrida, fazer um tratamento psiquiátrico, inicialmente amenizou a sua situação. Mas os insultos dos colegas voltam a acontecer, e agora é chamada de louca por estar frequentando um psiquiatra, ou seja, a sua doença mental ainda serviu de elemento para novas gozações. Amanda vivia a mais completa solidão em uma fase que precisaria estar rodeada de amigos.

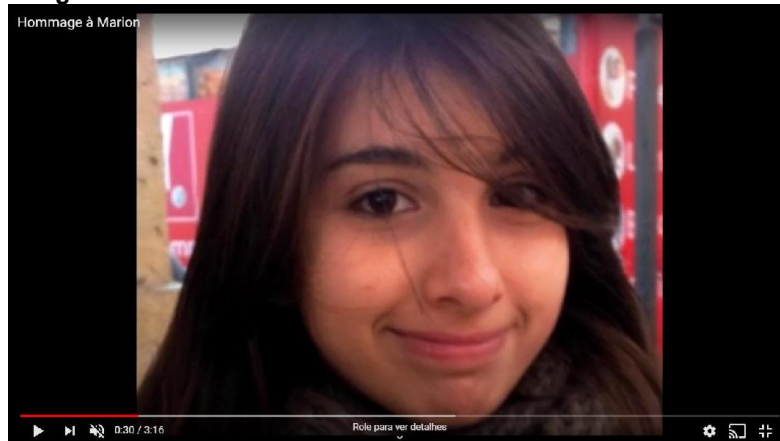
Ao reunir suas forças para fazer uma ação em que ela pretendia contar a sua história e ajudar pessoas que sofriam da mesma forma que ela, na realidade, ali está o mais claro pedido de socorro, dentre tantos que não foram identificados ao longo da sua via. A ausência de amigos, a sua história de intimidações, tudo é contado ao publicar o vídeo, ela diz ao mundo que não aguenta mais.

Amanda novamente resolve findar a sua vida e dessa vez, comete o suicídio usando o enforcamento, forma que, é a mais utilizada pelos suicidas e muito raramente, falha. Considerando que Amanda já havia tentado outras duas vezes.

As intimidações sofridas por Amanda, que desencadearam o processo de *cyberbullying*, foram praticadas por uma pessoa adulta, ela não sabia, mas estava sendo vítima de um pedófilo. Ela foi vítima também dos seus colegas, que fizeram novos atos de *cyberbullying* e de *bullying* tradicional, ninguém teve compaixão dela, somente a família, que tentou ajuda-la.

5.9 Videorreportagem: descrevendo a história de *Marion Fraisse*

Imagem 20 – VR3 *Marion Fraisse*



Fonte: www.youtube.com

Marion Fraisse foi uma adolescente de 13 anos que cometeu suicídio no dia 13 de fevereiro de 2013, na cidade francesa de Vaugrigneuse na Essonne, por enforcamento, por consequência do intenso *bullying* e *cyberbullying* que sofreu na escola, praticado por seus colegas de classe. Sua história foi contada pela sua mãe.

Marion era uma adolescente que gostava das coisas que adolescentes gostam, ouvir música, dançar e acessar redes sociais. Viviam com sua família, seus pais e mais uma irmã e um irmão crianças, ela era a mais velha dos três filhos de Nora. Pertencia a uma família de classe média alta, tinha uma boa convivência com seus pais e gostava muito dos irmãozinhos.

A classe que *Marion* pertencia na escola era uma das mais problemáticas, os pais chegaram a solicitar, por várias vezes, à direção da escola a mudança da menina de turma, justificavam que a filha era boa aluna, que aquela turma estava sendo prejudicial a seus estudos. No entanto, a escola sempre ignorou as solicitações feitas pelos pais.

Nessa época da adolescência é comum iniciar o processo das paqueras e sedução, na escola, *Marion* não se sentia acolhida na turma, era uma classe muito indisciplinada, muitas cenas de desrespeito aos professores e colegas aconteciam na classe. Mesmo percebendo que a turma não a queria por perto, ela frequentava as aulas e tentava ignorar. Num certo episódio, um colega é chamado atenção por uma professora, por conta do mau comportamento, e este a agride com um livro, o grupinho, do qual o garoto pertencia, dá risada. O diretor indaga aos alunos o que

houve, ninguém fala nada, alguns ficam com medo. O diretor se dirige a *Marion* e pede para ela relatar o que houve, ela relata e passa a sofrer muito com os assédios da turma.

Os colegas passam a ignorá-la em diversas situações, tudo é dirigido por uma das meninas que parece dirigir o grupo de meninos. *Marion* passa a receber mensagens por SMS⁴⁷ com xingamentos e ameaças, ela mostra à mãe, que liga imediatamente para escola, a direção da escola ignora. Ela é ridicularizada no ônibus.

Marion só tinha um amigo, que por várias vezes tentou ajudá-la, mas os garotos sempre retiravam ele das cenas de agressões a *Marion*, assim como uma outra colega que conversava com ela às vezes e passava mensagens para ela. No mais, ela ficava sozinha e por muitas vezes almoçava sozinha no refeitório ou em companhia de Romain, seu amigo.

Um dos garotos finge que está gostando dela e se aproxima, chega a dar um beijo nela no transporte escolar, ela fica surpresa, mas é tudo um plano, ela passa a ser zoada por isso. *Marion* é perseguida na escola pelos garotos, eles a colocam numa “rodinha” e empurram de um lado para o outro, puxam seu cabelo, derrubam ela e seguram seus braços e pernas, tiram os sapatos dela e jogam pelo corredor e depois correm. Ela fica no chão chorando e desesperada.

Ela começa a demonstrar que algo não vai bem, só anda cabisbaixa, triste e come muito pouco. Não canta e nem dança mais pelo quarto, não brinca com os irmãos, sua mãe percebe, tenta conversar, mas ela resiste. No início do assédio, ela contava à mãe, que tentava orientar como ela deveria agir, a mãe fazia reclamações na escola, mas nada mudava. Quanto mais a situação se agravava, mais *Marion* ficava reclusa.

Em outro episódio de assédio, dentre tantos, mas esse foi determinante, *Marion* vai até o vestiário e seu armário havia sido desocupado por uma colega, suas coisas estão espalhadas pelo chão, ela procura outro armário vago, as garotas cercam ela e começam uma sessão de espancamento, como ela grita para pararem, um funcionário interfere, e uma das alunas mostra uma foto dele conversando com uma aluna, ameaçando-o, dizendo que o acusará caso continue tentando se

⁴⁷ SMS é a sigla de *Short Message Service*, que em português significa Serviço de Mensagens Curtas. SMS é um serviço muito utilizado para o envio de mensagens de texto curtos, através de telefones celulares.

intrometer. Ele fica acuado e volta, em seguida elas recomeçam a sessão de agressões físicas a *Marion*, elas tentam rasgar a sua roupa, mas *Marion* consegue resistir, em seguida, as garotas saem correndo.

Marion fica ali, no chão, humilhada, arrasada, revoltada. Volta para casa mais cedo e não conta nada, está muito triste e febril, fica no seu quarto. Recebe mensagens de uma amiga da escola, dizendo que ela foi certa de ficar em casa e não ir para aula, ela questiona porque, a colega diz que há muitos rumores sobre o ocorrido no vestiário, falam que foi agredida e chamada de “puta”.

A mãe entra no seu quarto e questiona porque está tudo escuro, checka a sua temperatura, como está baixa, diz a ela que vai até a casa da amiga Zahia, levar umas roupas de doação, como é perto, avisa que não demoraria. Deixa o telefone fixo com ela, caso precise ligar para a mãe. *Marion* observa a família se afastar pela janela do seu quarto. Na casa da amiga, suas crianças se divertem com as crianças da amiga, eles estavam almoçando e os seus foram servidos também.

Em casa, *Marion* passa mensagem para Romain, ela diz a ele que está doente, ele diz a ela que está preocupado com ela, ela diz que ele precisa parar de tentar ajudar senão eles o machucarão também. Ela desliga o celular e fica chorando.

Nora está angustiada, não consegue parar de pensar em *Marion*. Tenta falar com ela no celular e no telefone fixo por várias vezes, ela não atende. Ela fica muito preocupada, tem um pressentimento que deve voltar, e assim o faz, no caminho, dirige apressadamente e continua tentando falar com a filha. Ao chegar em casa, deixa as crianças no carro, entra e sobe a escada chamando por *Marion*, tenta abrir o quarto dela, está travado com a cadeira da escrivaninha, mas depois de muitas tentativas, ela consegue desobstruir a entrada e depara-se com o que ela chamou de “a pior das piores cenas que uma mãe pode ver na vida”: *Marion* se enforcou com um lenço e da mesma forma, prendeu seu celular, com um arame, na extremidade da cama, simbolizando o enforcamento do aparelho.

Possivelmente, a sua morte tinha algo relacionado com aquele aparelho, que durante muito tempo, fez chegar até ela, insultos, xingamentos e perseguições dos colegas da escola via SMS. Portanto, este seria uma peça chave para as investigações.

Nora tenta soltar a filha, não consegue, pega uma tesoura e corta o lenço que a prende, faz massagem cardíaca, respiração boca a boca, até a chegada da

ambulância, os médicos assumem e ela é confortada pela amiga que acabara de chegar, em seguida chega o pai de *Marion* e ele não consegue acreditar. O socorrista desce e avisa aos pais que não há mais sinais vitais, eles se desesperam, choram desesperadamente.

Como o suicídio acabou sendo noticiado, a escola tomou conhecimento, ninguém compareceu ao velório, nenhum professor, ninguém da administração escolar, nem da direção, nem colegas. Nora percebeu isso, mas na realidade, a direção da escola reuniu os professores e proibiram qualquer contato com a família de *Marion*.

Um dia após o velório de *Marion*, um jornal francês noticia uma carta que a polícia encontrou, deixada pela jovem, contando sobre o *bullying* e do *cyberbullying* do qual era vítima, lá ela pede perdão aos pais. E foi dessa forma que seus pais tomaram conhecimento de como eram graves as intimidações que a filha vivenciava, do *bullying* e do *cyberbullying* que *Marion* vinha sendo vítima. Eles ficaram horrorizados com tamanha crueldade. Eles ficaram muito emocionados e choram muito.

No período das investigações, a polícia ouve seu amigo Romain, que confirma tudo que foi escrito na carta. Nora tenta falar com a escola, mas não é recebida inicialmente, quando resolvem recebê-la, ela acusa a escola, e esta nega qualquer responsabilidade no suicídio de *Marion*.

Nora escreve ao Presidente da França e ao Secretário de Educação pedindo políticas de combate ao *bullying* e ao *cyberbullying* na escola, para que a morte da sua filha não tenha sido em vão.

Nora tenta falar com os jovens que assediavam *Marion*, mas a escola a adverte. Numa outra oportunidade em que ela os encontra fora da escola, ela os interpela sobre o que faziam com *Marion*. Eles se irritam, destratam ela, depois ficam amedrontados e saem rapidamente.

Ela continua buscando informações com professores, que se negam a falar, e é procurada por uma mãe, que disse que as famílias que procuraram a escola para prestar solidariedade à família de *Marion*, foram desencorajados. Nora fica sabendo que a escola, um dia após o suicídio de *Marion*, criou uma ala de atendimento psicológico para os alunos. Uma outra mãe convence a filha a contar para Nora o que acontecia na escola, essa jovem pertencia ao grupo agressor.

5.10 Como *Marion Fraisse* experienciou o *bullying* e o suicídio

Marion vivenciou agressões físicas e psicológicas, foi vítima de *bullying* e *cyberbullying*, e isso destruiu a vida dela. Seus agressores estavam o tempo todo no seu convívio escolar, e as intimidações, ao atingirem o cyberspaço, agregam os apoiadores, potenciadores dessas agressões.

O sofrimento de *Marion* começou, como a maioria dos casos de *bullying* praticado pelos colegas, com zoações na sala de aula, ela deixava claro que não gostava, inicialmente tentou ignorar, mas quando não foi mais possível, tentava reagir, mesmo contra muitos. Aquilo a deixava muito irritada, ela não contou à mãe sobre o que acontecia na escola.

Marion não foi, inicialmente, uma vítima típica, ao contrário, ela era uma adolescente sociável, não demonstrava insegurança, não era tímida, nem apresentava baixa autoestima, também não tinha aparência física que a destacasse fora dos padrões da turma, ela não tinha nenhuma característica que a fizesse diferente, e acrescentamos que, ela sempre reagiu desde o início das intimidações. Em casa ela vivia feliz, curtia seus irmãozinhos, seus olhos brilhavam quando cantava e dançava, rodopiando, em seu quarto. Mas ela foi escolhida por uma aluna da escola, talvez por ciúme, já que o garoto que ela gostava conversava às vezes com *Marion*, ou por inveja, ou por *Marion* tentar ignorar as primeiras investidas.

Marion se sente constantemente ameaçada e aos poucos vai mergulhando numa baixa autoestima, passa a se isolar na escola e em casa, só mantém algum diálogo, com seu amigo Ramien e uma outra colega. Chorar passa a ser o seu consolo, além demonstrar muita irritação e raiva. Demonstra desconfiança em determinadas áreas da escola, já que foi agredida várias vezes e ninguém viu.

Observa-se uma mudança muito brusca no comportamento de *Marion*, e, mesmo a família não tendo procurado ajuda profissional, percebeu as intimidações. Ela demonstrava estar depressiva e era visível a sua tristeza.

Marion experimentou situações de *bullying* na escola e *cyberbullying* via aplicativo de mensagens, ela não teve imagem íntima divulgada, mas frases ofensivas, xingamentos variados, muitos insultos, até ameaças de morte foram encontradas nas mensagens, tudo isso provocou a deterioração rápida da vida feliz que ela tinha, foi como se ela murchasse. Ela deitava em sua cama, lia aquele monte de SMS, e apenas chorava, sofria em silêncio.

Marion se sentia destruída, não conseguiu mais contar para mãe, como fazia antes, sua mãe não percebeu que a situação tinha se agravado. *Marion* quase não conversava em casa, e na escola, apenas com as duas únicas pessoas que ainda tinha contato: Ramien e Lea. Ela ainda se comunicava por mensagens com eles, mas não conseguia pedir ajuda, também tinha medo que Ramien, ao tentar ajudá-la, sofresse as mesmas coisas, ela pediu a ele para se afastar, se cuidar. A vida de *Marion* acumulava diversos fatores que provocavam nela uma tristeza imensa.

Marion estava tomada pela desesperança, não se via mais vinculada à vida que tinha, estava motivada a morrer, devido a eventos negativos que estavam acontecendo na sua vida, via o suicídio como solução para a sua dor, ela não conseguia encontrar um caminho diferente, não suportava mais viver com tudo que estava acontecendo e não enxergava outra saída que não fosse o suicídio.

Ao deixar simbolicamente seu celular também enforcado, ela mostrou que muito do seu sofrimento vinha dali, era a conexão entre as agressões e sua vida. Na sua carta, ela expõe as suas justificativas para fazer o que fez e conta da sua história de muito sofrimento e dor.

5.11 Vidorreportagem: descrevendo a história de Roliver de Jesus dos Santos

Imagem 21 – VR4 Roliver de Jesus dos Santos



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=OdMo0tcFe_k&t=42s

Roliver de Jesus dos Santos foi um jovem adolescente, de 12 anos de idade, que cometeu suicídio por conta do *bullying* que sofria na escola. Ele morava em

Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, e em 17 de fevereiro de 2012, enforcou-se em sua casa, usando um cinto da mãe.

Filho de Josélia Ferreira de Jesus e Marco Antônio Rocha Santos, Roliver era o terceiro filho, tinha uma irmã de 15 anos, Luana, e um irmão de 18 anos, Lucas. Eles formavam uma família muito carente financeiramente, humilde, seus pais tinham pouca escolarização, mas ele foi criado com muito amor pelos pais e irmãos. Estudava em uma escola pública, a mesma que seus irmãos. Nesta escola, sua irmã já havia sofrido muitas agressões, tendo inclusive, seu rosto cortado num desses episódios, e seu irmão mais velho, também já havia sido vítima de muitas agressões. A mãe deixou Roliver estudar lá porque, como os irmãos já estavam crescidos, eles protegeriam o irmão menor. A mãe chegou a pedir a transferência dos filhos, mas como não foi possível uma mesma escola para todos, ela não aceitou.

A Secretaria de Educação de Vitória disponibilizou as vagas para escolas diferenciadas, ou seja, cada filho estudaria em uma escola, por isso, a mãe não concretizou a transferência, não aceitou a solução proposta pela secretaria, seria inviável cada filho estudar em uma escola. A Secretaria Municipal de Educação de Vitória confirmou que disponibilizaram as vagas, de fato, em escolas diferentes, e que a mãe não aceitou, não efetivando, dessa forma, as transferências.

A sua mãe conta que, naquele ano, o seu irmão mais velho fizera 18 anos, foi para uma escola noturna, e sua irmã, havia participado de uma seleção para um colégio melhor, e foi aprovada, ficando apenas Roliver, e agora, sem a proteção dos irmãos.

Seu pai assume que ele deve ter falhado em algum momento, mesmo sendo carinhoso com o filho, as questões relacionadas à escola ficavam a cargo da mãe, ele trabalhava demais para não deixar a família passar necessidades. Às vezes estava em casa, triste, preocupado e revoltado com alguma coisa e Roliver dizia para ele não esquentar, porque era assim mesmo, aquilo ia passar, um dia a gente está triste e no outro alegre. E depois de uns dias ele voltava ao assunto e dizia: Não falei que ia dar tudo certo! Para o pai, Roliver foi um presente na vida deles, que na família nunca faltou amor, que a mãe ia a loucura pelos filhos. E isso que aconteceu, ninguém imagina que vai acontecer com um filho seu.

A mãe percebeu que Roliver passou a chegar em casa mais nervoso, constantemente reclamando dos insultos. Ele chegou a ser trocado de classe, mas nada adiantou. Às vezes ela dizia a ele para não revidar, porque poderia ser pior e

ele só pioraria a situação, ele, sempre que podia, revidava, ele nunca foi de se isolar, ele enfrentava a situação.

Roliver é descrito pelos pais como um garoto ativo, inteligente, esperto, adorava desenhar e fazia isso muito bem, fazia desenhos de Naruto, um personagem de mangá⁴⁸. Na sua cartinha de despedida, ele deixou lá sua marca, seus desenhos.

A mãe conta que nessa fase da idade passou a comer um pouco mais e engordou um pouco, mas nada que fosse de chamar a atenção. Os garotos da escola o chamavam de baleia, gordo, elefante, orelha de Dumbo e Roligay, esse último era o apelido que ele mais odiava.

Um dia antes da tragédia, era a semana que antecedia o carnaval, a escola faria um bailinho com os alunos, para todos irem fantasiados. A festa seria na sexta-feira e na quinta-feira à noite, Roliver pede à mãe para fazer uma fantasia para ele, que quer ir de pirata, a mãe improvisa tudo e no dia seguinte ele está pronto e muito feliz. Pede à mãe para tirar uma foto, depois desiste, diz que tira depois, que vai vestir aquela fantasia muitas vezes.

A mãe contou que soube como se deu as últimas agressões por um jornal, após o sepultamento do filho. A reportagem descrevia, baseada nas informações dos colegas, que os alunos fizeram uma rodinha, colocaram Roliver no meio, e empurravam de um lado para outro gritando “Roligay, Roligay...”. Ele foi hostilizado e agredido. A mãe chora ao imaginar a cena e diz que não estava lá para socorrê-lo, que o filho sofreu e ninguém ajudou.

Segundo relatos de colegas, o garoto era constantemente humilhado e xingado com palavras homofóbicas como: Roligay, bicha, viado e também, era vítima de gordofobia, sofria muita violência física praticada pelos colegas. Sempre que era intimidado e agredido, Roliver saía da escola chorando muito.

Naquele dia, quando conseguiu se livrar das intimidações dos colegas, Roliver retornou a sua casa, pegou um cinto da sua mãe, e se enforcou.

O seu pai ainda o encontrou com sinais vitais, sem consciência, tentou socorrê-lo, mas ele não resistiu, vindo a falecer nesse mesmo dia em que foi hostilizado e espancado na roda pelos colegas na escola. Roliver deixou uma carta pedindo desculpas aos seus pais, nessa carta, ele questionava porque todos

⁴⁸ Mangá é o nome dado às histórias em quadrinhos de origem japonesa.

aqueles abusos, não entendia o motivo de seus colegas fazerem aquilo com ele, que ele estava cansado de sofrer tantas humilhações. Ele ainda fez um desenho do seu caixão com as informações de como queria ser enterrado.

Na época, o caso ficou com a Delegacia de Homicídios de Vitória, sob a responsabilidade do delegado Josemar Antonio Sperandio, segundo ele, como a investigação estava no início, não poderia afirmar que a motivação do suicídio foi o sofrimento pelo *bullying*, mesmo tendo acessado documentos que denunciavam isso.

A história de Roliver somente ficou conhecida, porque alguns meses antes de morrer, ele escreveu uma carta, em 12 de dezembro de 2011, para o apresentador Gugu Liberato, pedindo ajuda para sua família conseguir terminar de construir a casa, pois ainda faltava muita coisa, e ele sofria e ficava triste com a situação financeira da família.

Foi somente no dia 09 de janeiro de 2013 que sua carta foi lida por uma apresentadora da RedeTV, a Sônia Abrão, no Programa: “A tarde é sua”, quase um ano depois do seu suicídio.

Imagem 22 – Programa Sônia Abrão – Caso Roliver



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=OdMo0tcFe_k&t=42s

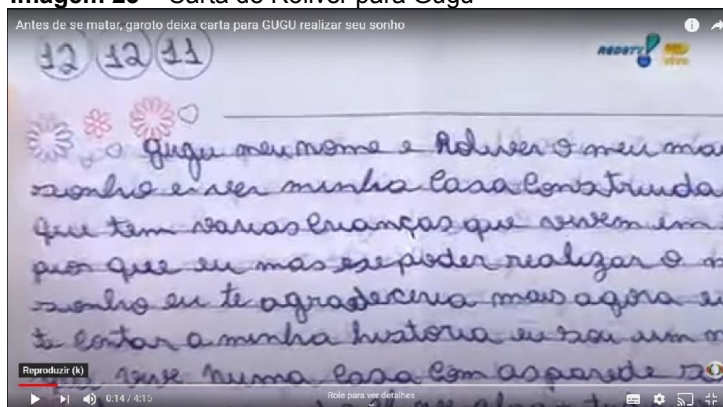
A história de Roliver estava silenciada, a tragédia aconteceu em um período de prévias dos festejos carnavalescos, não teve destaque na mídia, não foi reportada e foi pouco discutida. Somente depois de meses da sua morte, que sua mãe, Joselia Ferreira de Jesus, e seu pai foram convidados para irem à TV contar a história de Roliver. Vejamos algumas passagens dessa carta:

Eu sei que tem várias crianças que vive em situação pior que eu, mas se puder realizar meu sonho, eu te agradeceria. Mas agora vou te contar minha história, sou um menino que vive em uma casa com as paredes sem reboco e quando chove, alaga tudo.

Eu já presenciei várias coisas que não deveria para um menino de 12 anos, tiroteio próximo da minha casa tem uma casa abandonada que era utilizada como ponto de drogas, a família pensou até em se mudar com medo, mas a polícia vem muitas rondas no local e os traficantes fugiram.

Eu te agradeço e desejo em feliz natal!

Imagem 23 – Carta de Roliver para Gugu



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=OdMo0tcFe_k&t=42s

Nesse programa, a apresentadora informa que na semana seguinte será exibida a entrevista dos pais de Roliver, a Secretaria de Educação de Vitória foi convidada a comparecer e falar sobre o caso. A apresentadora justificou que não tinha a intenção de fazer acareação e que seria desagradável colocar as duas partes em um mesmo programa, então, o convite foi feito para a semana seguinte. Ela acreditava que as explicações institucionais causariam muito mais dor à família, já bastante sofrida com o suicídio do filho.

Após a leitura da carta e considerações dos pais, um convidado, especialista no tema, comenta a história, fala da falta de humanidade de todos aqueles que viram Roliver ser intimidado e nada fizeram, nem pediram ajuda, inclusive a comunidade escolar, sobretudo os dirigentes e professores, não houve acolhimento humano. Que é inadmissível que numa escola, uma professora, uma pedagoga, uma orientadora pedagógica, diversos profissionais de educação, ninguém tenha visto o que acontecia com Roliver, ninguém viu ele ser posto na roda e hostilizado. Que isso aconteceu porque as escolas estão cheias de profissionais que fazem a Educação de bico, desconhecem os requisitos para serem profissionais de educação, são malformados.

Ao final do programa, os pais de Roliver entregaram à apresentadora, um documento comprovando que eles, mesmo em um momento extremamente

doloroso, fizeram a doação dos órgãos de seu filho. A apresentadora fica emocionada e fala da grandiosidade daquele ato num momento de tanta dor.

No primeiro dia das mães que Josélia passou sem seu filho, ela deu uma entrevista a um site de notícias: “Olhardireto”, numa reportagem sobre mães que perderam seus filhos jovens em tragédias, ela fala que o crime que vitimou seu filho ocorreu dentro da escola. Roliver sofreu muito *bullying* na escola.

Não há nada que possa suprir a necessidade de estar com um filho que se perdeu. É uma dor muito forte e que nunca acaba. Muito pelo contrário: ela cresce a cada segundo. Preciso acreditar que ele está vivo, não nessa dimensão, mas em outra. E que realmente nós ainda vamos nos encontrar”. O meu bebê não estará comigo fisicamente, mas espiritualmente ele está sempre aqui, em tudo o que faço e em tudo o que vejo (JOSÉLIA, 13/05/2012) .

Não conseguimos acessar nenhuma outra informação sobre esse caso, não houve divulgação sobre se houve a responsabilização da secretaria, ou mesmo se teve alguma ação da escola com os demais alunos e para com a família, ou se o pedido de Roliver foi atendido, na época, pelo apresentador Gugu Liberato, hoje já falecido. A última notícia que encontramos na internet sobre sua família, foi o nome da sua mãe numa relação de pessoas para receber benefícios sociais do governo, onde deduzimos que a família continua em situação financeira bastante delicada. E, após a divulgação da sua história na TV, o caso de Roliver fez parte de uma questão de prova de concurso para docente na cidade de Palmeirais no Estado do Piauí.

Infelizmente, a história de Roliver serviu apenas para aumentar as estatísticas, nada foi feito, ninguém foi responsabilizado, sequer o nome da escola foi revelado, para servir de alerta para outras famílias. Numa das reportagens consultadas, uma mãe de uma aluna informou que sua filha de 10 anos estuda nessa escola, sofre *bullying* há muito tempo, ela já conversou com a escola inúmeras vezes, mas a direção nunca resolve nada. Ela contou que muitas outras alunas sofrem *bullying* psicológico lá. Uma colega e amiga de Roliver contou que ele era um menino alegre e sonhador, que está difícil de acreditar no que ele fez, que ele sonhava em ser um grande artista.

5.12 Como Roliver de Jesus dos Santos experienciou o *bullying* e o suicídio

Roliver foi um adolescente brasileiro que sofreu *bullying* homofóbico, passou por muita agressão psicológica e física em uma escola pública, a sua história foi

relatada pelos seus pais em um programa de televisão, tempos depois da sua morte. As agressões sofridas na escola em que estudava, culminaram no seu suicídio.

Na carta escrita para o apresentador, fica evidente a consciência do que significava ser pobre e morar em uma casa em construção, mas ele sabia, também, que existiam pessoas em situações muito pior que a da sua família e, de certa forma, conformava-se. Roliver era preocupado com a situação da família e buscava ajudar, pedir ajuda a um apresentador de TV foi uma tentativa de realizar um sonho. Talvez, porque muitos programas vendem essa imagem de fazer caridade aos mais pobres e miseráveis, Roliver se viu nessa situação, a história da sua família era parecida com aquelas contadas nesses programas, ele acreditou que isso poderia acontecer, ele tinha esperança.

O seu sofrimento vinha da escola e não da sua situação de pobreza, ele era feliz com a sua família, o mesmo não podemos dizer da sua escola. O *bullying* sofrido por Roliver foi, inicialmente, verbal, evoluindo para psicológico, e por fim, físico. Na sua história não há relato de *cyberbullying*.

Não podemos dizer que existia um aluno específico que coordenava o grupo de agressores, não houve nenhuma menção aos alunos que agrediam Roliver, não há, em nenhuma reportagem, a voz da escola, nenhum professor, ninguém da comunidade escolar. Os seus pais não conheceram os seus agressores.

Roliver não demonstrou para a família muita mudança no seu comportamento, apenas sua mãe percebeu que ele falava muito em revidar aquilo que faziam com ele, e demonstrava estar com muita raiva dos colegas. Sua mãe orientava para ele não revidar, porque sentia medo da situação piorar. Aqueles apelidos, as intimidações, em nenhum momento ele demonstrou para a família que estava infeliz, estava com raiva, não se isolou. Não demonstrou tristeza profunda, baixa autoestima, não se recusava ir à escola, só demonstrava estar com muita raiva e pretendia descontar. Seus pais não tinham conhecimento sobre *bullying* e suas consequências, eram pessoas muito humildes, não demonstravam conhecer a gravidade do *bullying* que assola as escolas em tempos atuais.

Roliver demonstrava que não gostava daquilo que acontecia com ele, mas não contou a ninguém ou ninguém soube perceber o quanto aquilo o fazia sofrer, ele não deixava transparecer o tamanho do seu sofrimento. Isso poderia ser uma preocupação a mais para sua família. A sua tristeza e sofrimento era traduzida em raiva.

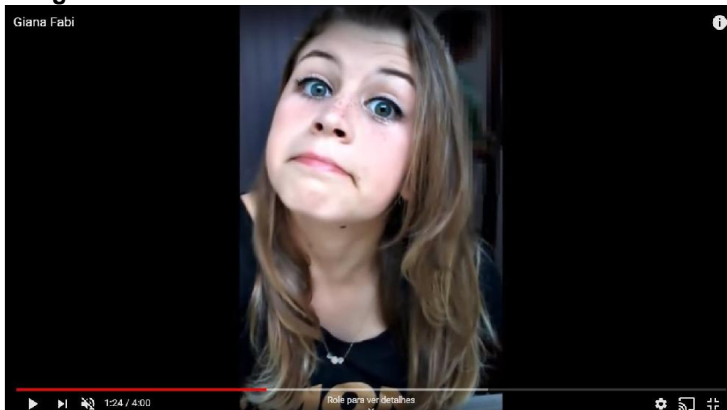
Não foi relatado o que aconteceu antes dos alunos colocarem Roliver na “rodinha”, como a situação chegou a aquele ponto. Como ele estava sendo ridicularizado na festa, qual foi a motivação? Foi a fantasia que ele usava? O que despertou a ira dos agressores? Por que ele não retornou para casa ao começar as zoações? Roliver jamais fugiria, ele sabia que não estava fazendo nada errado, que tinha direito de participar da festinha igual a qualquer um.

Roliver, mesmo estando cercado, porque na realidade essa “rodinha” nada mais é do que uma barreira humana, mesmo se sentindo humilhado, visto por todos os presentes, ele resistiu enquanto pode, mas precisou encontrar o momento certo para escapar, para fugir daquelas agressões. E como de outras vezes, ele seguiu chorando para sua casa. Não há relatos da intercessão de nenhum adulto para coibir aqueles atos de maus-tratos na escola.

A mãe relatou que ele nunca havia falado em suicídio, mas como Roliver amava desenhar, possivelmente ele tenha deixado pistas nos seus desenhos, mas que, apenas, profissionais conhecedores do tema teriam condições de reconhecer, seus desenhos eram a sua fuga, prova disso foram os que fizera na sua carta de despedida, onde ele desenhou seu caixão e dicas de como deveria ser enterrado. Nessa carta, ele revelou todo o seu sofrimento provocado pelos colegas, e se entristeceu por não conhecer as motivações das agressões. Na realidade, Roliver não queria morrer, ele só queria parar de sofrer, ele tinha sonhos como qualquer garoto da sua idade.

5.13 Videorreportagem: descrevendo a história de Gianna Laura Fabi

Imagem 24 – VR5 Gianna Laura Fabi



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=vmCZecVQv-E&t=1s>

Gianna Laura Fabi foi uma adolescente de 16 anos que cometeu suicídio por conta de *cyberbullying*. Ela vivia em Veranópolis, no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, sua cidade natal, e se enforcou em 14 de novembro de 2013. O que motivou o seu suicídio foi a divulgação de uma foto sua, seminua, tirada por um colega via *PRINT SCREEN*⁴⁹. Gianna foi vítima de *cyberbullying*, ela era uma garota sem nenhum problema aparente, muito brincalhona, alegre, comunicativa, era conhecida pelos seus amigos como Giih, ela era muito querida.

Tudo começou quando Gianna conversava com um colega de 17 anos, on-line via *Skype*, do seu computador. No decorrer da conversa, ele pede para ela mostrar os seios, ela se nega, mas, após o garoto convencê-la, por impulso, ela suspende a blusa rapidamente, nesse momento, o garoto faz o print da tela do seu computador, ela não percebe, ele não comenta o que fez, mas grava sua imagem em formato de foto e reserva por um período. Cerca de seis meses depois, esse garoto envia a foto para uma amiga e dois amigos, que por sua vez, enviam para várias pessoas e a foto viraliza na cidade em pouco tempo.

Sua prima e amiga Charline, ao chegar na escola pela manhã, recebe a foto, fica apavorada e avisa a Gianna sobre o que está acontecendo, informa a ela que todos na escola já viram e estão comentando. Ela fica apavorada, em pânico, desesperada, transtornada, fora de si. Os comentários nas redes sociais são inevitáveis, e como ela era bem ativa nas redes, isso também populariza.

Na tarde daquele dia, Charline, que já estava preocupada com a prima, viu postagens dela falando em desistir da vida para se livrar daquele estorvo que virou a sua vida. Como a foto tinha viralizado, os comentários eram os mais variados possíveis, às vezes, mais agressivos do que o próprio fato. Ela tenta falar com Gianna, trocam mensagens. Charline não podia ligar, ela estava em sala de aula, mesmo assim, tentava tirar aquela ideia da cabeça de Gianna, ela implora, pede pelo amor de Deus, declara que a ama, mas a prima apenas diz que só está esperando o pai sair de casa para concretizar o que tinha em mente. Enfim, o pai de Gianna sai, ela avisa a prima e se despede. Ela não atende aos apelos desesperados da prima.

Charline fica muito preocupada, sai da sala e telefona inúmeras vezes para a casa da prima, mas ninguém atendeu. Liga então para o seu pai, conta o que está

⁴⁹ *Print screen*: comando que copia a imagem da tela do computador, se resume ao apertar da tecla específica para esse fim.

acontecendo e pede para alguém ir lá, fazer alguma coisa. O seu pai é colega de trabalho de um tio de Gianna, ele fala com o colega o que está acontecendo e este ao irmão, pai dela, que vão desesperados para casa, ao chegar, tudo está trancado, o irmão arromba a porta, todos entram e se deparam com Gianna enforcada com um fio de seda em um lugar da casa, que tem uma portinhola no forro do teto da casa.

Ela tinha publicado no *Twitter* um pouco antes, a sua mensagem de despedida: *"hoje de tarde dou um jeito nisso. Não vou ser mais estorvo pra ninguém"*.

Imagem 25 – Última mensagem de Gianna



Fonte: https://twitter.com/giih_fabi

Quando encontraram Gianna, ela não tinha mais sinais vitais. Foi um verdadeiro choque na cidade, a família desolada, jamais imaginaram que um dia Gianna fizesse uma coisa dessas, a mãe custou acreditar, parentes, vizinhos e amigos ficaram chocados.

Aos poucos, a família tomou conhecimento da história da foto e, portanto, do motivo que levou Gianna do suicídio, ela não deixou nenhuma carta para os pais, apenas informou nas redes sócias, a sua pretensão, o significado da mensagem ficou nas entrelinhas.

Passados os primeiros dias da morte de Gianna, sua família procurou a polícia cinco dias depois, para as investigações preliminares, relacionando a postagem da foto com o suicídio, o delegado Marcelo Ferrugem ficou responsável pelo caso. Ele descobre que a foto foi repassada por um adolescente de 17 anos no modo privado para uma amiga, ao prestar esclarecimento, esse jovem conta a polícia que fez a *printscreen* da foto a cerca de 6 (seis) meses atrás e havia

repassado há poucos dias para quatro amigos, e esses, por sua vez, compartilharam e publicaram na internet, fazendo a foto viralizar, principalmente na cidade.

A família soube que o suicídio de Gianna foi motivado pela invasão de privacidade feita por um colega e posteriormente divulgada na internet, tornando-se um viral. A polícia recebeu da família da vítima o computador e o celular da jovem para deslançar o processo das investigações. O delegado Marcelo dos Santos Ferragem, diz que mesmo o adolescente sendo o principal suspeito, os demais envolvidos também serão investigados, inclusive quem compartilhou a foto.

O adolescente que repassou as fotos, segundo o delegado, dificilmente seria internado, mas poderia responder com alguma medida socioeducativa, como prestação de serviço à comunidade, caso fosse comprovado a sua culpa. Maiores de idade que divulgam e repassam imagem, fotos ou vídeos de crianças e adolescentes em situação de sexo pornográfica, é considerado crime grave, passível de responder pelo crime previsto no artigo 241 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) - divulgar cenas impróprias envolvendo menores de idade. A pena varia de três a seis anos de prisão. Mas os envolvidos eram menores.

A família não encerrou os perfis de Gianna nas redes sócias, até hoje é possível acessá-los, são abertos, qualquer pessoa pode acessar, e lá nada tem de reprovável, ela era uma garota comum, torcia pelo Grêmio, era fã da cantora Avril Lavigne (cantora canadense querida por adolescentes), seus amigos eram da mesma faixa etária, falava a linguagem jovial com todos os códigos dessa fase, postava fotos com poses do look, com as colegas na escola, dando língua, com os familiares, com cachorros, fotos de artistas, enfim, tudo que uma adolescente dessa idade faz. Gianna estava muito longe de ser vista como uma “menina depravada”, como tentaram insinuar na circulação da foto, ela foi uma vítima de *cyberbullying*, teve a sua privacidade invadida por um amigo.

O pai de Gianna declarou em uma entrevista, que a filha não tinha nenhum problema psicológico, não tinha depressão, era extremamente alegre. Ao contrário de muitos casos de suicídio nessa fase, ela nunca havia sofrido *bullying*, essa foi a única vez que foi vítima de *cyberbullying*. Gianna vivia rodeada de amigos, era decidida. A família não consegue entender porque ela fez o ato que permitiu o roubo da imagem, mas o colega já estava intencionalmente preparado para fazer o que fez. Mas como ele se recusou a falar, a família nunca vai saber. Gianna era amiga

dele, confiava nele, mas ele nunca foi o que ela imaginava, ele desencadeou o processo de destruição da sua vida.

Da mesma forma que a foto de Gianna viralizou pela cidade, a informação do responsável pela divulgação da foto teve o mesmo comportamento, o adolescente passou a ser ameaçado pela população, sua mãe, em entrevista concedida a um programa de TV, confirmou a história das ameaças, diz que foi chato o que o filho fez, que a família da vítima tem razão de querer justiça, mas agora o filho vive impedido de sair de casa por medo de ser linchado ou morto pela população, além das ameaças on-line que passou a receber também, a vida dele agora só tem dois caminhos: ou fica dentro de casa pelo resto da vida, ou vai embora para algum lugar longe de Veranópolis. O jovem se recusou a falar com o repórter, mesmo esse insistindo, tampouco demonstrou qualquer arrependimento pelo que fez. Atualmente, ninguém da cidade sabe informar o seu paradeiro.

Vale acrescentar que, após toda a investigação, a polícia chegou à conclusão que não tinha elementos suficientes para indiciar os acusados por indução ao suicídio, nem o jovem, tampouco os colegas que receberam a foto dele e compartilharam. O Ministério Público pediu o encerramento do caso. Os acusados não foram enquadrados nem pelo Estatuto da Criança. Infelizmente, em 09 de setembro de 2014, o processo do caso Gianna foi arquivado pela justiça, para decepção da família.

O pai comentou o assunto em uma entrevista a uma rádio local, ele falou da revolta e decepção com a justiça, que acreditava que os responsáveis pagariam pela morte da sua filha. Ele tinha confiança porque, no mês seguinte ao suicídio da filha, portanto em dezembro de 2013, a Polícia Civil apontou dois adolescentes de 16 e 17 anos, como responsáveis pelo compartilhamento das fotos. Logo, o resultado da justiça causou mais tristeza ainda para a família.

O jovem não teve como negar o *print* da foto, seu nome aparecia gravado, já que eles conversavam via *Skype*, aparecem os nomes nas telas dos computadores. Ele disse à polícia que jamais imaginaria que o desfecho final fosse dessa forma.

Segundo a mãe do jovem, ele sempre foi uma criança tranquila, viveu a infância na zona rural, morava com os avós, numa fazenda, mas que nunca teve afinidade com os estudos. Ela ficou, também, chocada com o que houve, e que descobriu, quando ouviu a notícia da morte trágica da garota no rádio, que ela era aluna da mesma escola que o filho estudava. Ligou para o filho, para saber se ele

estava sabendo de algo, e ele pediu para ela voltar para casa porque pessoas da cidade queriam matá-lo.

Ao chegar em casa, o jovem conta à mãe como tudo aconteceu, que fez a imagem meses atrás quando eles conversavam via internet e agora tinha mandado para três amigos e uma amiga. Ele diz para a mãe que não foi ele quem compartilhou a foto na internet. A mãe diz que o filho era um garoto tranquilo, que até trabalhava em uma empresa na cidade, mas ela acredita que a justiça precisa ser feita, que o filho, se for condenado, deverá responder pelo que fez.

Durante o período que durou o inquérito, o pai de Gianna só esperava que a justiça fosse feita, que outras jovens não fossem vítimas dessas atrocidades, que a história da sua filha servisse de alerta para os pais, que estes conheçam mais os seus filhos, que saibam o que se passa nos seus computadores. Para ele, as redes sociais têm um lado bom, os jovens adoram, mas que ela tem também um lado muito ruim, o que sua filha conheceu.

A família tenta seguir a vida, tentam amenizar a dor da perda de Gianna, o seu pai diz que até o caminho de ir ao trabalho mudou, para não ter que passar em frente à escola que Gianna estudava, para não ficar relembrar suas memórias tristes. Ela frequentava o 2º ano do Ensino Médio e prestaria vestibular no final do ano seguinte, sonhava em ser secretária executiva, informa seu pai.

5.14 Como Gianna experienciou o *bullying* e o suicídio

A história de Gianna Fabi provocou muita comoção na cidade em que vivia, conhecida pela longevidade da população, uma morte precoce espanta, e da forma como ocorreu, foi extremamente chocante para a cidade.

Gianna foi submetida ao *cyberbullying* por um curto período de tempo, mas as consequências desse ato levaram-na a finalizar com a sua vida. Ela foi enganada pelo amigo, que a induziu a mostrar os seios durante uma conversa no computador, ele traiu a confiança dela, ela jamais imaginaria que ele fosse capaz de um ato dessa natureza. Ela agiu por impulso ao atender ao pedido do amigo. Mas só soube que isso aconteceu seis meses depois, quando a foto viralizou.

Sua história foi contada por sua família e pela prima Charline, que vivenciou os últimos momentos com ela, além de informações retiradas das suas redes sociais, que continuaram abertas. Os pais nunca falaram da intenção de não mexer

nos perfis. Eles informaram que, ao contrário de casos dessa natureza, Gianna nunca havia sofrido *bullying*, não tinha problemas psicológicos, nem familiares, nem escolares, nada de depressão. Era uma garota muito feliz, andava rodeada de amigos e era bastante ativa nas redes sociais. Tinha sonhos e planos para o futuro.

Ao se deparar com a situação da viralização da foto, Gianna saiu de si, desesperou-se, sentiu revolta, medo de encarar as pessoas, vergonha dos amigos e da família. Ela sofreu ao ver os comentários que postaram na internet, ela não era aquilo que estavam dizendo, ela sabia que tinha sido enganada pelo colega. Como ela era bem ativa nas redes sociais, tinha perfis nas redes que estavam sendo mais utilizadas pelos jovens, os comentários também pulverizaram por essas redes, ela não conseguia combatê-los.

Gianna teve medo de passar por todo o julgamento moral da cidade, medo de ser julgada, mesmo sendo a vítima, as pessoas imputam a culpa sem conhecer como a situação foi provocada. Ela se descontrolou, não conseguiu enxergar outro caminho, estava acuada, não conseguiu pedir ajuda. A sua postagem de desistência somente foi bem interpretada pela prima, que a conhecia, e sabia que Gianna não estava bem ao postar a mensagem, que acabou sendo a última. Ela sofreu em poucas horas todos os estragos que o *cyberbullying* pode provocar, o seu sofrimento foi muito intenso e desesperador, ela só queria fazer parar o seu sofrimento.

Gianna não tinha depressão, ela teve desespero, estava submetida a um intenso estresse e pânico, ansiedade, medo, não conseguia enxergar nenhum caminho, a sua percepção do que estava acontecendo era negativa, estava extremamente tensa. Emocionalmente abalada, ela potencializava o que estava acontecendo, via a situação absurdamente problemática, logo, não conseguia pensar em um caminho, exceto, desaparecer, parar o seu sofrimento, não precisar prestar esclarecimento a ninguém.

5.15 Videoreportagem: descrevendo a história de Vítor Augusto Gomes de Santana

Imagem 26 – VR6 Vítor Augusto Gomes de Santana



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XJusng121fA&t=33s>

Vítor Augusto Gomes de Santana, um adolescente de 14 anos, que cometeu suicídio por conta do *bullying* que sofria na escola em que estudava. Ele se projetou de cima da caixa d'água de uma altura de cerca de 30 metros, na Escola Estadual Rocca Dordall, região de Guaianazes, zona leste de São Paulo, na noite do dia 21 de agosto de 2019. Vítor estava em companhia de um colega que também era vítima de *bullying* e haviam combinado de cometerem o ato juntos. Este colega, contou à polícia como tudo aconteceu.

Ele informou à polícia que o combinado era cometerem suicídio juntos, que Vítor era constantemente xingado, humilhado e zoado porque era estrábico, quem fazia isso com ele não eram seus colegas de sala, mas alunos de outra turma. Vítor era aluno do 8º ano, o colega era do 9º ano, eles eram conhecidos, moravam próximos e já se conheciam há cerca de seis anos. Esse colega sempre se encontrava com Vítor no final da aula, eles conversavam e Vítor falava que não aguentava mais ser humilhado pelos outros garotos, esse colega também reclamara dos assédios que sofria.

Ele contou à polícia que Vítor propôs que eles se suicidassem juntos, foram até o topo da caixa d'água, e ficaram por lá conversando sobre os assédios, em um determinado momento, ele diz que é chegado a hora e se joga, o colega, ao ver a cena, fica paralisado e arrependido, desiste de cometer suicídio.

Um operador de rede que passava minutos antes, percebeu os dois jovens no alto, chegou a gritar para eles descerem que era muito perigoso, mas eles não

ouviram, era muito alto. Uma moradora próxima da escola informou à polícia que esses garotos foram vistos pela vizinhança durante todo o dia, e que quando foi por volta das 18h45, um dos adolescentes pulou de cima da caixa d'água da escola, que fica a cerca de 50 m de altura.

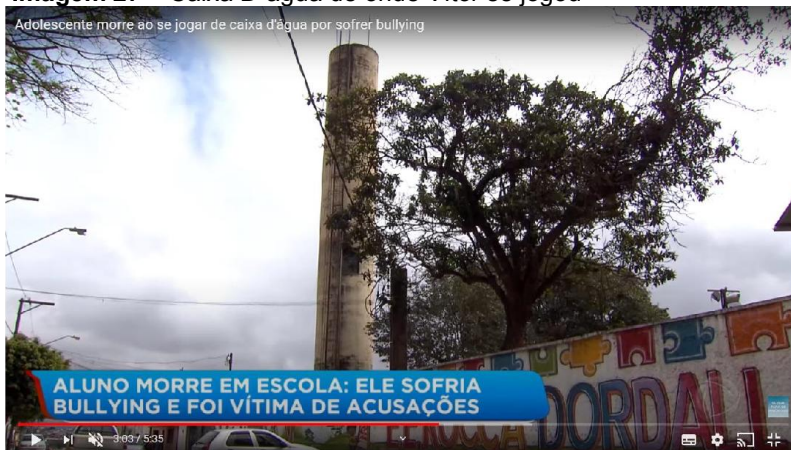
Os moradores do entorno da escola informaram que Vítor ainda tinha sinais vitais quando caiu, que o Corpo de Bombeiros foi chamado por vários moradores e pela escola, mas eles só chegaram 30min depois do ocorrido. Devido à quantidade de chamadas, chegou ao local três equipes do Corpo de Bombeiros, mas Vítor não apresentava mais sinais vitais, e foi declarado a sua morte.

O Corpo de Bombeiros rebate as falas que dizem que demoraram de chegar ao local, considerando que as primeiras equipes saíram da base às 18h50 e às 19h05 a primeira equipe já estava chegando ao local da ocorrência.

Na hora do ocorrido, a escola contava apenas com os funcionários e a direção, não estavam acontecendo aulas, não tinha nenhum aluno presente, exceto, os dois envolvidos.

Os moradores relataram que esse local oferecia perigo, apesar de ter um portão de acesso, o mesmo ficava constantemente aberto, além de existir um buraco pelo qual os alunos passavam sempre que queriam.

Imagem 27 – Caixa D'água de onde Vítor se jogou

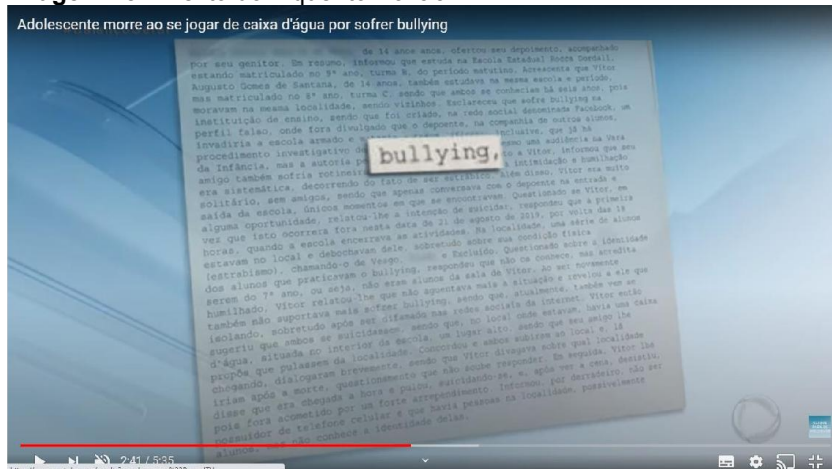


Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XJusng121fA&t=86s>

A polícia instaurou inquérito e ouviu o outro menor que estava com Vítor, sua mãe, e a direção da escola. No depoimento do colega, ele conta que Vítor vinha sendo ameaçado, que fizeram um perfil falso com o nome dele no *Facebook* e colocaram que ele e alguns garotos estavam planejando um ataque à escola, uma

matança. Esse colega disse que era tudo falso e Vítor estava muito revoltado com aquilo. A polícia identificou a página e tentava descobrir a autoria.

Imagem 28 – Texto do Inquérito Policial



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XJusng121fA&t=86s>

A mãe de Vítor tomou conhecimento dessa história na própria delegacia, ela confirmou que ele era zoadado pelos colegas porque era estrábico, chamavam ele de vesgo, ela sabia das zoações que o filho passava. Ela disse também que o filho sofria em silêncio, não reclamava de nada, ele era solitário, não andava com ninguém. Ela também falou que o acesso à caixa era aberto, qualquer criança poderia subir.

A Secretária da Educação ao ser contatada, falou que lamentava o ocorrido e que disponibilizou equipe da secretaria para acompanhar o caso e colocou-se à disposição das famílias para o apoio necessário, e à polícia para prestar qualquer esclarecimento a investigação.

5.16 Como Vítor Augusto Gomes de Santana experienciou o *bullying* e o suicídio

Vítor foi um adolescente brasileiro que sofreu *bullying* e *cyberbullying* em uma escola pública, parte da sua história foi relatada por um amigo da escola. A sua vida escolar sempre foi marcada por muitas intimidações. Sua vida era uma verdadeira agonia por conta das intimidações que sofria, ele foi sistematicamente agredido humilhado e caluniado por outros alunos na escola e nas redes sociais, que culminou no seu suicídio.

Vítor sofria calado, não expressava seu sofrimento para muita gente, ele viva muito triste com tudo que estava acontecendo, alegava não escolher nascer com um problema físico, além de ter que lidar com a sua aceitação, ainda havia virado alvo dos colegas. Ele conseguia desabafar com o único amigo que fez na escola e declarava que ficava muito chateado com as gozações dos colegas.

Vítor tentava sobreviver se isolando, era um garoto de poucas palavras, apresentava baixa autoestima, só andava cabisbaixo. A situação se agravou quando ele descobriu que os alunos que o maltratavam na escola, criaram um perfil falso com seu nome e foto de perfil no *Facebook* e colocaram informações dizendo que ele faria um ataque à escola e mataria muitos alunos. Ele se desesperou, não tinha conhecimento de como agir, não confiava em nenhum adulto, não acreditou que haveria alguma saída para ele, tinha medo de ser comparado àqueles atiradores conhecidos por suas tragédias em escolas. Sua mãe era conhecedora das intimidações na escola, mas nada fez, possivelmente por achar que isso sempre aconteceria e ele se isolava. Parece que existia uma distância entre ele e sua mãe, e nenhum material publicado sobre seu suicídio, fez menção a seu pai.

Vítor premeditou tudo, tinha certeza do que queria fazer, parar de ser chacota na escola e não ser conhecido como matador. Como também sabia das agressões que o colega sofria, achou que seria a solução para os dois. Todo o tempo que circulou nas imediações da Caixa D'Água, era para ter a convicção do que queria, ele escolheu um lugar específico dentro da escola, não por acaso, era o ponto mais alto da escola, pela altura, acreditava que atingiria seu objetivo, e o resultado ficaria visível a todos.

Ele espetacularizou a sua morte, o local dava a visão do ocorrido para a escola e a vizinhança, ofereceu aos seus agressores um cadáver no chão para que todos vissem e soubessem sobre o *bullying* que ele sofria, seus agressores e todos os adultos da escola que nunca se importou com ele. Que eles carregassem a partir daquela cena, a culpa por ter provocado o seu suicídio. Vítor pune os seus agressores, tira deles a possibilidade de continuarem as agressões.

Não foi mencionado um aluno específico que assumia o papel principal nas agressões, mas um grupo da escola. A escola apenas se pronunciou nos autos e apenas sua mãe. Sua morte foi declarada como suicídio, ninguém foi responsabilizado. Se Vítor deixou transparecer em sua casa quando as agressões ficaram insuportáveis, sua mãe não percebeu, ao que parece, ele morava apenas

com ela, que se fechou no seu luto, concedeu apenas uma entrevista pelo telefone a um repórter, mas não acrescentou muito a história do seu filho, ao que pareceu, o amigo da escola foi o único que compreendeu o sofrimento de Vítor, porque passava por situação igual, ele também não conseguiu pedir ajuda. Não houve nenhum relato se os professores sabiam dos maus-tratos que ele sofria na escola e de alguma medida adotada pela escola para prevenir o *bullying* e o suicídio dos alunos.

5.17 O Círculo do Bullying e do Cyberbullying

O que verificamos nessas histórias relatadas, fictícias ou verdadeiras, é que o Círculo do *Bullying* é completado em todos os casos em que a vítima sofreu *bullying* tradicional, com base nos estudos de Olweus (2003), e adaptação realizada por Meier e Rolim (2013), mas percebemos que na manifestação do *cyberbullying*, alguns elementos precisaram ser incorporados a essas propostas, para demonstrar as fases de desenvolvimento dessa modalidade de intimidação.

Quadro 13 – Fases do *bullying* tradicional

Etapas do Círculo do <i>bullying</i> (The <i>bullying</i> circle)	
Vítimas	Sofre todas as ações;
Agressores diretos	Demarca a liderança, inicia e dirige o processo de agressão, é quem escolhe a vítima;
Seguidores	Os que aprovam as ações do líder e estão relacionados na prática dos atos;
Apoiadores ou agressores passivos	Apoia as ações, rindo ou chamando público para assistir, não cometem os atos, mas vibra com a sua ocorrência;
Apoiadores passivos ou possíveis agressores	Aprovam os atos, mas não verbalizam, demonstram imparcialidade;
Espectadores desengajados	São os que vivem no contexto da escola, mas não se envolvem, por achar que não é seu o problema;
Possíveis defensores	Condena os atos, demonstram interesses em ajudar a vítima, fica indignado com as ocorrências, mas não fazem nenhum ato de defesa da vítima;
Defensores	Condena os atos, promovem ações em defesa da vítima para ajudá-la.

Fonte: Adaptado do Olweus *Bullying* Protection Program, 2013

Quadro 14 – Fases do Cyberbullying

Etapas do Círculo do Cyberbullying	
Vítimas	Sofre todos os atos via internet;
Agressor direto	Escolhe a vítima, inicia o processo da agressão fazendo as postagens e liderando o processo de intimidação na rede. Pode ser alguém do círculo de convivência da vítima ou uma pessoa desconhecida. Geralmente usa um perfil falso, usa variados aplicativos de comunicação e e-mails;
Seguidores	São os inscritos no perfil vítima e os inscritos no perfil do agressor, mas não se manifestam, demonstram imparcialidade;
Apoiadores	Os que curtem as postagens e os comentários;
Apoiadores Ativos	Os que curtem as postagens, os comentários de outros apoiadores e fazem seus próprios comentários ofensivos e marcam pessoas para ampliar a divulgação das ofensas;
Espectadores	São os que não são seguidores nem da vítima nem do agressor, mas sabem da ocorrência das intimidações, porque segue algum apoiador e se mostram indiferentes;
Possíveis defensores	Reprova as ações do agressor e dos apoiadores e demonstra interesse em ajudar a vítima, oferece apoio, reage aos comentários negativos e posta comentários de defesa da vítima;
Defensores	Reprova as ações do agressor e dos apoiadores, faz denúncias aos organismos competentes e promovem ações em defesa da vítima e podem fazer denúncias via internet.

Fonte: Elaborada pela autora - Inspirado no Olweus *Bullying* Protection Program, 2013

Esses círculos só conseguem envolver a vítima porque operam com o medo, é ele que paralisa, que não deixa a vítima contar a alguém, pedir ajuda, ela envolta a uma tensão nervosa muito grande. Na sua condição além do medo, desenvolve a fobia social, por isso buscam o isolamento, a fobia seria o medo de estar entre outras pessoas, o medo de estar no mesmo lugar que seu agressor, envolve situações de medo intenso. A fobia social leva a vítima a abandonar a escola, abandonar os amigos restantes, abandonar a vida.

6 A EXPERIÊNCIA DAS FAMÍLIAS E DAS ESCOLAS COM O *BULLYING*, *CYBERBULLYING* E SUICÍDIO

O ambiente de relacionamento familiar, a maneira como as mães e os pais se relacionam com seus filhos refletem e interferem no modo como eles se comportarão no ambiente escolar e fora dele. A participação da família na vida escolar dos filhos é determinante para que eles incorporem comportamentos aprendidos e passem a reproduzi-los na escola, que podem ser instituidores de vítimas ou de agressores.

Cada vez mais os comportamentos que os estudantes jovens demonstram em sala de aula preocupam as famílias, a insegurança e o medo ganham lugar nas preocupações tanto dos filhos quanto das mães e dos pais. Considerando que muitos agressores vivenciam ou vivenciaram episódios de violência dentro de suas próprias casas, é justamente o espaço escolar que é utilizado para aumentar sua autoestima, impor poder sobre os demais alunos, descontar a opressão que vive em seus lares. Ao passo que a vítima, que foi orientada de maneira bastante diferenciada, possivelmente dentro de uma perspectiva de respeito às diferenças e ao próximo, passa a experimentar todas as consequências que os atos de *bullying* podem provocar.

Acreditamos que tanto as mães como os pais nunca conheceram integralmente seus filhos, sendo ele vítima ou agressor, é comum nessa fase da vida, os adolescentes não gostarem de se abrir com seus genitores, preferem os amigos, desabafam nas redes sociais, os membros da família não servem para ser seus confidentes, por mais tolerante, amigável e respeitosa que seja a relação, é muito difícil que isso seja diferente.

Mas é fundamental, mesmo com o distanciamento imposto pelos filhos, que a família consiga desenvolver a escuta e o diálogo com eles, somente assim conseguirão identificar sinais de que algo não vai bem. Situação que se apresenta mais difícil para pais de agressores, o distanciamento existente entre eles, não apareceu na adolescência, sempre fez parte da vivência, logo, não saberão identificar os sinais que o agressor também revela, possivelmente não existe aproximação, companheirismo, logo são estranhos entre si.

Cada vez mais, os pais desconhecem quem são e o que fazem seus filhos na escola e fora dela, alguns, por terem maior aproximação, percebem quando algo está fora do controle. Quando os pais são referências negativas, não ensinaram

regras e limites para a convivência com o outro, jamais conseguiram identificar traços de que alguma coisa está errada, tampouco o filho confiará algum segredo.

Parte do sucesso da escola se deve ao trabalho conjunto com a intermediação da família. No entanto, cada vez mais verificamos o distanciamento da relação entre família e escola, esta, cada vez mais, sem tempo, e sem querer permitir essa participação. Tanto a escola, quanto a família não conseguem penetrar no universo de seus alunos adolescentes, e o ciclo do *bullying* só poderá ser rompido com a união dessas duas forças.

6.1 A vivência da família com o *bullying* e o suicídio no filme *Bullying: provocações sem limites*

No filme *Bullying: provocações sem limites*, Jordi vive apenas com a sua mãe, eles estão chegando numa cidade nova, justamente para recomeçar por conta da morte do seu pai. Sobre o pai, o filme não explora, aparece apenas em uma foto numa cena, mas o olhar de saudade e carinho que é mostrado no rosto do protagonista nos faz deduzir que tiveram uma relação amorosa.

O bairro escolhido ou que tiveram condições de morar, aparentemente, era simples e agregava uma população pertencente à classe trabalhadora. A moradia ficava em um prédio antigo, com pouca circulação de pessoas, e a escola ficava nesse bairro e atendia aos adolescentes dessa região. Jordi ia andando para a aula.

A mãe de Jordi demonstrava ter uma relação muito amorosa com o filho, e a educação e o respeito com que ele tratava as pessoas, refletiu o processo de criação que teve, ao longo da sua infância.

Nessa mudança de vida que tiveram que vivenciar, uma das maiores preocupações da mãe era a escola para o filho, a sua adaptação. No primeiro contato, ouvir da escola que acreditava no potencial de seu filho e que ele teria condições de se adaptar à nova escola, foi muito importante para aquela mãe, significou esperança. Ela acreditou, naquele momento, que seu filho estaria em boas mãos, portanto, ela poderia trabalhar com mais tranquilidade.

O filme mostra diálogos do cotidiano entre filho e mãe, sinalizando uma relação estabilizada, comentam sobre as mudanças que cada um deles estaria tendo que enfrentar, adaptação à nova vida, mas nenhum dos dois relata as dificuldades enfrentadas neste início.

Aquela mãe representa o que muitas mães são mundo afora, a mulher que trabalha muito fora de casa, cria o filho e cuida da casa. Sua jornada é intensa, logo, é obrigada a ficar muito tempo no trabalho, com uma carga horária elevada, tendo poucas chances de estabelecer uma rotina que inclua a sua participação na vida escolar do filho. Mesmo na adolescência é importante e necessário o acompanhamento dos pais, para que esses possam perceber situações que possam prejudicar a vida escolar e social do filho. A participação da mãe de Jordi na sua vida escolar acontecia, apenas, em momentos críticos.

Ficar a maior parte do tempo na escola e sozinho em casa, demonstrar responsabilidade, isso não fazia de Jordi um adulto, e para não criar preocupações para a mãe, ele omitia tudo o que acontecia na escola. Como não tinha amigos, sofria sozinho toda a angústia dos maus-tratos que sofria na escola. A ausência, mesmo justificada, tirou daquela mãe a possibilidade de identificar traços de mudanças no comportamento do filho.

Jordi encontra no vizinho Bruno, o seu confidente, talvez por ser um homem mais maduro e ele ter perdido o pai recentemente, estabeleceu com ele uma relação de confiança e amizade, para se abrir, para falar dos seus problemas. Na realidade, Bruno percebeu que Jordi andava muito cabisbaixo e triste, aproximou-se dele, que inicialmente resistiu, mas acabou se abrindo com a única pessoa que percebeu que algo não ia bem e foi solidário com a situação em que ele vivia. Esse vizinho passou a ser seu único amigo, e mesmo sem muita relação com a família, aproximou-se e ofereceu ajuda.

Em casa, Jordi conseguia esconder bem os problemas ocorridos na escola, sua mãe não percebia, e ele nada revelava sobre o *bullying* do qual era vítima. Na realidade, só comentava sobre as intimidações que sofria, quando seu vizinho insistia.

O episódio de ingestão do álcool em demasia, o flagrante que estava cabulando aula, a recomendação do médico, foram momentos que seriam necessários à participação da família na escola. Sua mãe, mesmo com tempo escasso, ao tomar conhecimento de situações como essas, procurava a escola, mas, não havia acompanhamento dos episódios, nem pela escola, nem pela mãe, a situação se encerrava na reclamação.

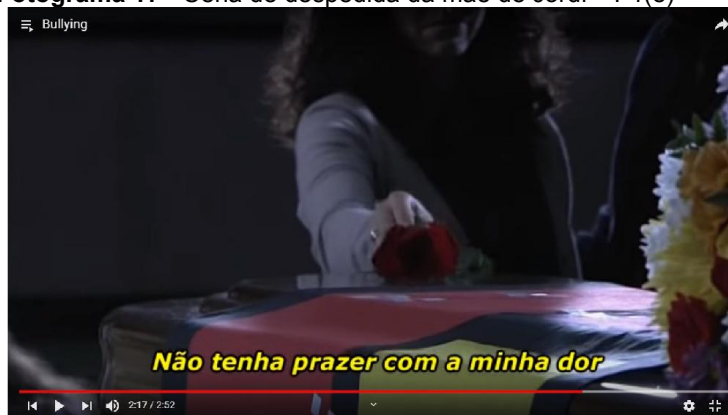
Mesmo tendo uma relação amigável, respeitosa e de confiança com o filho, esta mãe não conseguiu perceber quando se agravou a situação de *bullying* que o

filho vinha sofrendo na escola. O tempo que passavam juntos não foi suficiente para ela reconhecer as mudanças que ocorriam na vida do filho, e este, como a maioria dos adolescentes, não relatava os abusos para a mãe. Jordi não queria dar para ela mais uma preocupação, ele reconhecia as dificuldades que a mãe precisava enfrentar para garantir o sustento dos dois.

Jordi não escolheu a mãe como confidente, isso porque adolescentes não elegem a mãe para essa função. A mãe de Jordi não tinha conhecimento dos diversos episódios de *bullying* sofridos por ele, pois não entendia como um processo de *bullying* se iniciava. Por isso não conseguiu perceber os sinais dos abusos vivenciados pelo seu filho. No entanto, ao ter conhecimento da situação através do seu vizinho, ela age, zela pela saúde do filho, busca explicação e intervenção da escola. Por desconhecimento, acreditou que essas eram as providências que deveriam ser tomadas.

As consequências de processos intensos de *bullying* foram sendo reveladas pouco a pouco: o isolamento, a tristeza profunda, a depressão, o desencanto pela vida, o suicídio como forma de estancar o sofrimento. Talvez quem mais tenha se aproximado e percebido esses traços em Jordi foi o vizinho, Bruno, o último a ter contato com o jovem. Sua tentativa de explicar que haveria solução para o sofrimento de Jordi não deu certo, no fundo ele percebeu o que se passava na cabeça do jovem, mas, por desconhecer que essas tragédias na escola podem findar com o suicídio da vítima, acreditou que ainda haveria tempo para reflexões. A mãe custou a acreditar no que aconteceu, a tristeza tomou conta do que restou da sua vida, ela ficou só.

Fotograma 17 - Cena de despedida da mãe de Jordi – F1(8)



Fonte: *Bullying*: Provocações sem limites

O filme não mostra mais nenhuma ação da mãe, mas fica subtendido que toda a história de *bullying* sofrido, pelo filho, foi revelada por ela às autoridades, porque as últimas cenas mostram um vazio nos lugares em que os agressores sentavam e o pronunciamento da escola falando de crimes e responsabilizações desses atos pelos culpados.

Já em relação à vivência familiar do agressor, isso pouco é revelado, porque a proposta do filme foi mostrar a experiência da vítima. Mas, uma cena revela que desde criança Natcho tinha contato com armas, isso é mostrado em uma foto dele com o pai numa caçada. Outra cena evidencia a péssima convivência dele com o pai, com quem mora sozinho, pois sua mãe já era falecida e a postura do pai era extremamente grosseira e violenta. Dessa forma, presume-se que todas as humilhações vivenciadas no contexto familiar eram externalizadas na escola, na forma de imposição, como forma de demonstração de poder e liderança. O agressor, em sua maioria, tem um pretexto justificando para suas agressões.

Fotograma 18 - Contato com armas em casa – F1(9)



Fonte: *Bullying: Provocações sem limites*

6.2 A vivência da família com o *cyberbullying* e o suicídio no filme **Silêncio Rompido**

No filme “O Silêncio Rompido”, Dina Vancouver vive apenas com sua mãe, elas moram em uma casa confortável num bairro de classe média alta, têm boas relações com a vizinhança. Nesse bairro há uma escola que tem como sua clientela, os filhos dessas famílias, alunos com poder aquisitivo relativamente alto. Mesmo a escola sendo no mesmo bairro, Dina vai de carro, todo dia, com sua mãe, em

seguida, a sua mãe vai para o seu trabalho, ela é uma corretora de imóveis e trabalha com imóveis naquela mesma região. Em relação à figura paterna, o filme não explora, em nenhum momento aparece qualquer referência ao pai de Dina. O foco do filme, em termos familiares, é a relação de convivência de mãe e filha.

O filme retrata uma mãe atuante e comprometida com a criação da filha, a história de Dina é contada pela mãe, descreve toda a trajetória desempenhada em busca de responsabilizar as pessoas que contribuíram para o suicídio da filha. Por mais destruída e abatida que Rachel tenha ficado, o amor pela filha a fez derrubar barreiras para conhecer e responsabilizar os culpados.

Essa mãe retratada nesse filme é bastante próxima da vida da filha, ela se faz presente nas reuniões escolares, nos eventos esportivos, preocupa-se e orienta a filha em relação a festas, namorado e vida sexual. Sinaliza a sua preocupação com estupros, já que possivelmente é conhecedora da existência de casos de jovens abusadas nesses eventos. Rachel nunca demonstrou ser uma mãe mandona, mostra-se bastante próxima e amiga da filha. Mas não conseguiu evitar a tragédia que levou a vida da sua filha.

Fotograma 19 - Participação na vida cotidiana da filha – F2(10)



Fonte: Silêncio Rompido

Dina, por mais próxima que fosse da mãe, não tinha nela a sua confidente, ela era rodeada das amigas, tinha um namorado, um garoto disputado pelas meninas da escola, eles pareciam formar um casal perfeito. Foi a partir daí, que iniciou a destruição da sua vida. A paixão juvenil, as atitudes impensadas levaram-na a cometer atos por impulso, que provocaram a sua morte. A mãe de Dina entendia tudo isso como parte das experiências da vida dos adolescentes e sempre esteve ao lado da filha dando força para superar tudo.

O ato impensado da jovem transformou-a numa vítima do *cyberbullying*, situação que só foi descoberta por sua mãe, após a sua morte. Mesmo tendo participação intensa na vida da filha, existia um espaço em que a mãe não entrava, o cyberspaço, as suas redes sociais, isso era algo compartilhado apenas pelos adolescentes, nos combinados entre eles, família não entrava e foi nesse espaço que sua filha não teve a sua proteção. A cena que mostra Dina voltando da festa de formatura retratou bem o momento em que sua mãe tenta ser sua confidente, por ter estranhado que a filha havia voltado muito cedo de uma festa em que os jovens adoram extrapolar o horário. Mas a filha deixa claro que não quer conversar, inventa algo banal, ela enquanto mãe sabe que alguma coisa aconteceu, mas a filha prefere ficar sozinha.

Fotograma 20 - Tentativa de diálogo com a filha – F2(11)



Fonte: Silêncio Rompido

O ato de enviar para o namorado as suas nudes, mostra que os jovens agem, muitas vezes, por impulso, tendo ou não uma boa convivência familiar, sabendo ou não dos riscos, porque nesses cyberspaços, onde ocorre a espetacularização da juventude, o *cyberbullying*, não é terreno que família é bem-vinda. Como qualquer adolescente, Dina também tinha seus segredos, não deixava a mãe ciente da totalidade da sua vida, não é possível uma mãe conseguir cobrir todos os espaços, o filho cresce longe dos olhos da família.

Rachael era uma mãe superprotetora, isso deixou a filha vivendo numa espécie de redoma, sem conseguir se defender muitas vezes, e avaliar os riscos de determinadas atitudes. Por mais que ela conhecesse a filha, não conseguiu perceber o processo do *bullying* se instaurando, talvez porque uma mãe nunca imagina que determinadas situações possam acontecer com os seus filhos. E Dina, por mais

instruída que fosse, não conseguiu se defender dos assédios ou pedir a ajuda de um adulto.

A experiência que essa mãe vivenciou foi extremamente dolorosa, a sua vida perdeu o sentido com o suicídio da filha, ela vivia para ver a filha feliz, ela tentava ser uma boa mãe, zelosa, preocupada, presente, amiga, mas ela não entendia como isso aconteceu, porque, aparentemente, a filha tinha acesso a tudo que gostava e era feliz. Ser uma garota realizada, não impediu Dina de se tornar vítima.

Rachael viveu o luto necessário e estabeleceu para si mesma a obrigação de desvendar aquele pedaço do mundo da filha que nunca havia adentrado. Todo o processo de investigação feito por conta própria, suas ações para forçar a escola a reconhecer a existência do *bullying* e os assédios que a filha sofreu, assim como as leituras e escritas realizadas sobre o tema, que antes não fazia parte das suas rotinas, a tentativa de sensibilização dos colegas, tudo isso foi feito sem medir esforços.

A sua obstinação em descobrir culpados pelo que aconteceu com Dina não a transformou numa pessoa vingativa e nem injusta, pois aqueles foram acusados que por ela, ao serem eliminados como suspeitos, recebiam, prontamente, suas desculpas. Isso demonstra que no seu sofrimento existia justiça.

Rachel esperava se libertar da dor, entretanto, ao descobrir a responsável por compartilhar a foto da filha isso não lhe trouxe alegria, pelo contrário, a decepção de se deparar com alguém conhecida, uma amiga, uma pessoa adulta, a fez viver a frustração, o desapontamento, a desilusão com o ser humano, ao imaginar que era íntima da pessoa responsável pelo seu sofrimento, por a filha não estar mais com ela, pelas intimidações que sofrera durante a sua busca, isso não fez o bem que ela imaginou sentir. Isso é mostrado nas últimas cenas do filme. Aquela paz que ela almejava atingir, não aconteceu, a dor de uma mãe pelo suicídio da filha não sara.

6.3 A vivência da família de *Megan Taylor Meier* com o *bullying*, *cyberbullying* e o suicídio

Megan Taylor Meier vivia com seus pais e uma irmã mais nova, sua família sempre esteve presente e acompanhou o seu desenvolvimento. *Megan* ao longo da sua infância apresentou problemas em relação à aceitação do seu corpo, por conta do seu peso, manifestava sempre uma baixa autoestima. Por conta disso, seus pais

procuraram ajuda profissional para tratar o seu problema, e acompanhavam o uso da medicação recomendada para tratar seus problemas com ansiedade e depressão.

Como seus pais eram atuantes na sua vida, a sua mãe percebeu que algo não estava bem porque *Megan*, ultimamente, chorava muito. Ao investigar, ela tomou o conhecimento sobre os xingamentos que a filha andava recebendo nas redes sociais, solicitou que a filha desligasse o computador. Pela preocupação que seus pais tinham com *Megan*, acreditamos que o problema foi minimizado, talvez porque não conhecessem as consequências que intimidações configuradas como *cyberbullying* pudessem se desdobrar em histórias trágicas. *Megan* sempre foi bem acolhida e cuidada pelos seus pais, eles sempre foram presentes e atuantes em todas as situações em que foi necessária uma maior atenção.

O suicídio de *Megan* foi uma tragédia que se abateu sobre a família, eles jamais imaginaram que aquelas conversas via internet fossem ser determinantes para a decisão de a filha cometer suicídio. Ficaram desesperados, arrasados, sofridos, mas precisavam suportar tudo e recomeçar, porque eles tinham uma filha mais nova, que precisava ser cuidada.

Após o luto, os pais de *Megan* resolveram buscar explicações sobre os motivos que levaram a filha cometer suicídio, mesmo sofrendo, começaram a investigar a partir do computador pessoal da garota, e descobriram que o perfil da pessoa que a filha andava conversando foi deletado, acharam estranho. Depois de muitas buscas junto a colegas da escola e vizinhança, recolheram informações suficientes para iniciarem um processo na justiça, implicando uma vizinha amiga que descobriram estar envolvida.

Tina e Ronald Meier passaram a contar a história da filha em muitas entrevistas para programas de televisão e jornais, conseguiram atrair a atenção da mídia, travaram uma verdadeira batalha, pressionando o Estado a criar leis para punir e coibir o uso da internet para assediar pessoas.

A família de *Megan* se entristeceu e revoltou-se com o resultado do julgamento da agressora, já que ela não foi responsabilizada por incentivar o suicídio de *Megan*, pagou apenas por crimes mais simples, ficando pouco tempo reclusa. Ficaram revoltados com a maneira como foi finalizado o caso, mas resolveram seguir em frente, combatendo novos casos e acolhendo vítimas.

Ronald e Tina Meier ficaram muito conhecidos por conta da divulgação da história de *Megan*, eles criaram a Fundação *Megan Meier* em memória da filha,

visando à prevenção e intervenção de casos de *bullying*, *cyberbullying* e suicídio. Não é que venceram a dor, mas a transformaram em luta, *Megan* não voltaria, mas outras jovens deixariam de morrer, seriam acolhidas e defendidas.

6.4 A vivência da família de *Amanda Michelle Todd* com o *bullying*, *cyberbullying* e o suicídio

Amanda vivia com sua mãe, seus pais eram divorciados, mas ela tinha contato com o pai com frequência, não há nenhum material que indique divergências familiares entre eles. O seu suicídio trouxe para a família a dor da perda, dessa vez, definitiva, já que a família já havia vivenciado outras duas tentativas feitas por ela. Por mais próxima e boa relação que tinha com seus pais, haviam segredos da idade que só foram revelados quando postado na internet.

Os pais de Amanda eram conhecedores dos processos de *bullying* e *cyberbullying* que a filha estava sofrendo, e, na medida do possível, tomaram diversas providências para parar, foram diversas trocas de escolas, cidade, apoio psicológico e psiquiátrico, aquilo que julgaram possível e necessário fazer para recuperar o bem-estar da filha, eles fizeram. Essa família viveu a dor da perda, o luto, mas precisou se fortalecer para buscar o culpado.

Em consequência da publicação feita por Amanda poucos dias antes de se suicidar, o caso teve muita repercussão internacional. Sua mãe recebeu apoio de pessoas de vários países, ela criou uma página no *Facebook* em memória da filha, contou com a solidariedade de estranhos. Houve muita crítica também, por o vídeo de Amanda significar um pedido de socorro que não foi interpretado pela família e conhecidos. A família passou a viver com muito sentimento de culpa, preconceito, angústia, mas também esperança, pois usaram a história de Amanda para conscientizar outros pais e jovens.

Sua mãe, Carol Todd, compareceu a muitos eventos em homenagem à filha, isso incentivava ela a seguir na luta. Criou o *Amanda Todd Legacy Society Official*, uma organização sem fins lucrativos para angariar fundos para a luta no combate ao *bullying* e ao suicídio.

A família tomou conhecimento que a pessoa que assediou Amanda já era acusado por outros crimes, ficaram surpresos em saber que o criminoso pedófilo era de outro país, seus pais acompanharam o andamento do processo e viram, com

esperança, quando esse criminoso foi condenado a vários anos de prisão, em um outro processo similar ao de sua filha.

Os pais de Amanda tinham esperança que o caso de Amanda não ficasse impune. Transformaram o luto em ações em prol de ajudar outras vítimas, reaprenderam a viver, mesmo sabendo que a ferida não fecharia nunca.

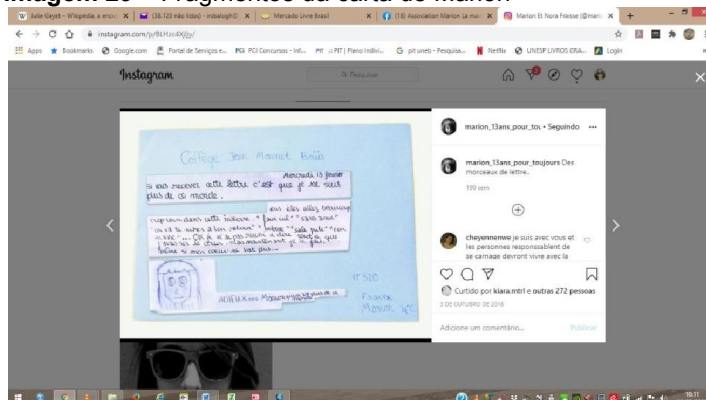
Carol Todd acreditava que a condenação de Aydin Coban na Holanda e sua possível extradição, para ser julgado no Canadá, trouxesse justiça para mais de 39 vítimas, a sensação que a luta não era em vão. “Espero que essa sentença ajude a curar as fendas das vítimas. Foi uma longa jornada conseguir justiça para Amanda.” Carol Todd

6.5 A vivência da família de Marion Fraise com o *bullying*, *cyberbullying* e o suicídio

Os pais de Marion tiveram conhecimento da gravidade do *bullying* que a filha sofria após a sua morte, através da carta que ela deixou. Eles sabiam de algumas intimidações que ela sofria, inclusive já haviam intermediado junto à escola para mudá-la de turma, tentavam acompanhar a vida escolar da filha.

Nora Fraise, sua mãe, ficou em choque ao se deparar com o corpo da filha, ela tentou socorrê-la, mas era tarde. Sua vida desabou em segundos. A gravidade do *bullying* e *cyberbullying* sofrido por Marion estava na carta, divulgada pela imprensa, que havia sido encontrada pela polícia, no momento em que tentaram reanimá-la. Abaixo fragmentos publicados por Nora:

Imagem 29 – Fragmentos da carta de Marion



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BLHzc4Xjljy/>

Após o luto vivenciado pela família, os pais de Marion precisavam entender o que aconteceu com a filha, buscaram respostas na escola, mesmo passando por um sofrimento profundo: descobriram a verdadeira história da filha, o que a levou a cometer suicídio. Para eles era como se fosse uma obrigação, a última coisa possível a ser feita pela filha.

A família se surpreende com a escola, que se nega a ajudar, além de proibir professores e funcionários de terem contato com a família de Marion, além disso, recomendaram aos outros pais que mantivessem distância da família, sob a alegação de que eles não queriam ser incomodados no seu luto.

Mas a família continuou tentando entender o que aconteceu, de fato, com a filha, mesmo sem a colaboração da escola. Nora virou uma mãe obstinada por respostas, era como se ela devesse isso à filha. Na sua luta, Nora conseguiu pressionar governos para solidificação de políticas contra o *bullying* nas escolas.

A história de Marion acabou por gerar muitas discussões sobre *bullying* e o suicídio, depois de muitas entrevistas dadas por Nora, ela foi convencida por uma editora, a colocar a história da filha em um livro, escrito por ela. Para Nora, essa foi a forma encontrada para homenagear a filha, ela afirma que o livro é um tributo a Marion.

Além do livro e do filme, a família ainda criou a Associação: Marion Fraise, a mão estendida, com o objetivo de lutar contra o *bullying* e o suicídio.

6.6 A vivência da família de Roliver de Jesus dos Santos com o *bullying*, *ciberbullying* e o suicídio

Roliver pertencia a uma família composta por seus pais e três filhos, ele era o filho mais novo. As cinco pessoas viviam de maneira bem humilde, mas com muito amor entre eles, conforme declarações de sua mãe. Na sua casa, as questões ligadas à escola dos filhos eram resolvidas pela sua mãe e o seu pai ficava com o compromisso do sustento da família.

Sua mãe já era conhecedora do *bullying* que o filho sofria, fazia intervenções junto à escola, orientava sempre o filho sobre essa questão. Ela se desespera por não ter estado na escola para salvar o filho, quando os garotos o colocaram numa roda para assediá-lo. Ela se culpa por isso. O pai também questiona se ele não teve culpa por trabalhar demais e conviver pouco com os filhos.

A família falou do desespero em tentar salvar o filho, que quando foi encontrado, ainda tinha batimentos cardíacos, e do quanto foi difícil e humano consentir a doação dos órgãos do filho, mesmo passando por um sofrimento profundo. Eles acreditavam que por Roliver ser um bom menino, poderia salvar outras crianças, um pedaço dele viveria em alguma outra pessoa.

Sua mãe diz que custou a acreditar no que aconteceu, que nenhuma mãe imagina que isso um dia aconteceria com um filho seu. Para ela nada pode suprir a falta de um filho, que é uma dor que não passa nunca, pelo contrário, ela cresce todo dia, e que para diminuir o seu sofrimento, ela apenas acreditou que ele vive em outra dimensão e um dia estarão juntos.

Não houve processo, não houve, sequer, identificação dos responsáveis pelos menores que assediavam Roliver, tampouco a escola foi responsabilizada.

6.7 A vivência da família de Gianna Laura Fabi com o *bullying*, *ciberbullying* e o suicídio

Gianna morava com seus pais e um irmão, como não houve processo de *bullying* anterior, a família dela foi tomada pela mais absoluta surpresa, quando foi avisado que algo não estava bem, pelo que ela tinha falado à prima e postado nas redes sociais, seu pai e irmão, ao retornar para casa, já se depararam com Gianna enforcada. A família declarou que essa foi a cena mais espantosa que já viram ao longo de suas vidas.

Sua família diz não saber quantificar a dor que é ter uma filha morta nas circunstâncias em que aconteceu o suicídio de Gianna, porque ela nunca demonstrou nenhuma instabilidade psicológica, nunca havia falado em suicídio, nem a prima, sua confidente, nunca tinha ouvido nada a respeito, ela era extremamente feliz.

Como toda família que perde filhos nessas circunstâncias, os pais de Gianna, após o sepultamento, tentam entender e descobrir o que motivou aquela atitude da filha, ela não deixou nenhuma mensagem para a família. Eles acreditam que ela, como tinha muito amor e respeito pela família, pode ter ficado com medo, vergonha, apreensiva em decepcionar a todos, com a revelação da foto, ou seja, aquela foto revelava que ela fez algo errado, algo que a família reprovava.

Seus pais, mesmo em luto, acreditavam que haveria justiça pela morte da filha, considerando que a polícia identificou a autor da foto e das postagens iniciais. Mas a família viveu a segunda tristeza relacionada à morte de Gianna, quando o processo foi arquivado sem que ninguém fosse responsabilizado, nem mesmo foi enquadrado no Estatuto da Criança e do Adolescente, considerando que os responsáveis eram menores.

Para essa família restou a tristeza profunda, acrescida de revolta e decepção com a justiça brasileira. Eles ficaram inconformados. O pai de Gianna declarou que mudou o caminho de ir ao trabalho para não passar em frente à escola em que a filha estudava, para não ficar revivendo as memórias, também falou que eles têm muita vontade de um dia se mudarem daquela casa, que não conseguem esquecer a cena, que é uma dor muito forte, que não cicatriza nunca. Após o encerramento do inquérito, a família de Gianna se recolheu na sua mais profunda tristeza, não deletaram nenhum dos perfis das redes sociais que a filha tinha, estão acessíveis até hoje.

6.8 A vivência da família de Vítor Augusto Gomes de Santana com o *bullying*, *ciberbullying* e o suicídio

O caso de Vítor foi pouco noticiado na mídia, no material disponível não há informações sobre sua família, sabemos apenas que ele morava com a mãe, eram pessoas humildes, não acessamos nada referente a sua convivência em casa. Sua mãe, em uma entrevista a um jornal, por telefone, fala da solidão que o filho vivia, das humilhações pelas quais passava na escola, mas diz que ele sofria calado, que não contava o que se passava na escola.

A mãe não quis aparecer, tampouco dar nenhuma informação adicional sobre Vítor, o sofrimento é percebível apenas pela voz engasgada via telefone, durante a entrevista. Prestou seu depoimento conforme foi solicitada pela polícia e, recolheu-se na sua dor.

6.9 A reação das escolas diante dos casos de *bullying*, *cyberbullying* e suicídio nos filmes e videorreportagens

A escola representa o espaço onde o *bullying* se manifesta, reconhecer a incidência ou não do fenômeno refletirá na maneira como ela se estrutura para combatê-lo. A maneira como trabalha as condutas agressivas, como otimiza seus espaços, capacita o corpo docente e administrativo, o distanciamento ou aproximação da família, como acolhe os alunos nas suas emoções e carências, tudo isso contribuirá para o sucesso ou não das ações adotadas no combate às violências que arruínam as escolas.

A função da escola nesse contexto é de reconhecer a existência do problema, somente assim conseguirá formatar possibilidades de combate. O *bullying* não tem fronteiras, também não seleciona por classe social, pode acontecer em qualquer instituição de ensino e com qualquer aluno. Na realidade, as escolas deveriam coibir desde cedo, qualquer prática de violência, inclusive na educação infantil, orientar os alunos para não se tornarem vítimas, nem agressores, tampouco espectadores.

O *bullying* hoje representa um dos maiores prejuízos para a aprendizagem escolar dos alunos. “Libertar uma criança ou um adolescente do medo provocado pelo *bullying* não garante, por óbvio, o sucesso do aprendizado, mas será, muitas vezes, condição para ele” (ROLIM, 2010, p. 21).

Já o *cyberbullying*, de mais difícil combate, estando ou não ocorrendo dentro do espaço escolar, a sua dimensão está além das estruturas escolares, a disseminação e impossibilidade de retirar da internet aquilo que foi postado, geralmente conteúdos comprometedores ou depreciativos, compromete toda a estrutura psicológica e social do aluno, causando prejuízos à aprendizagem.

No *cyberbullying* a escola tem dificuldade em agir, ela nem sempre é envolvida no processo, mas, como atinge o seu aluno, ela tem por responsabilidade informá-lo da sua gravidade, evitar que a escola se torne a plateia necessária na potencialização desse fenômeno, reconhecê-lo, também, como um problema atual de grande gravidade para as escolas.

6.9.1 As escolas retratadas nos filmes pesquisados

No filme: *Bullying*: provocações sem limites, a escola reconhece, tarde demais, a existência de *bullying*, Jordi já havia sido vitimado. A mãe dele, por incansáveis vezes, comunicou e pediu providências em relação às intimidações e agressões sofridas pelo filho. O que se viu foi apenas uma palestra sobre o tema, sem debate, e um cartaz referenciado o perigo desse fenômeno.

A direção da escola sempre negou, logo, não seria possível traçar nenhuma alternativa, pois, para ela, esse problema não existia lá. As iniciativas tomadas foram tímidas, até porque, com a negação da existência do fenômeno, as medidas tomadas foram simples, pensar na gravidade do problema e as consequências só começou a fazer parte do projeto da escola, após ser acometida pela tragédia do aluno Jordi.

Com esse final trágico do aluno, a escola precisou repensar a maneira como lidava com o fenômeno. Foi visível a punição dos envolvidos, não se sabe se por iniciativa da escola, família ou justiça. Alguém precisou morrer para que o *bullying* passasse a ser um problema que estava instaurado naquela escola.

No filme *Silêncio Rompido*, a escola retratada está num contexto de classe média alta, por conta disso, tenta a todo custo manter uma imagem que agrada a sua clientela. Após a morte de Dina e descobrimento que a filha era vítima de *bullying* na escola, provocado por conta do vazamento de uma foto íntima, que passou a sofrer *cyberbullying* dentro e fora da escola, esta negou qualquer relação com essa morte.

Sem demonstrar nenhuma solidariedade, visto que, a escola tentou, a todo custo, manter e proteger a sua clientela. Portanto, admitir alguma relação com o suicídio de Dina, mesmo que fosse acreditar na participação dos seus alunos, poderia respingar na imagem da escola. A escola se tornou inimiga da família, a midiaticização que o caso atingiu, não surtiu um bom efeito para ela. Por muitas vezes, tentou desestimular a mãe que buscava respostas. Admitir a ocorrência do suicídio de uma aluna poderia criar elementos que colocassem em cheque a sua credibilidade pedagógica.

A escola não foi parceira, não teve compaixão, ignorou a dor da mãe, mas precisou admitir tudo o que houve, porque os alunos fizeram companhas para parar

o *bullying* e homenagear a vítima, obrigando a escola a reconhecer a existência do problema e pensar em caminhos para combatê-lo.

6.9.2 As escolas retratadas nas videorreportagens pesquisados

Na história de *Megan Meier* não houve a contextualização na escola, como ela foi vítima do *cyberbullying* fora da escola, não houve referências a intimidações dentro da escola nesse episódio. Mesmo que na relação de pessoas que promoveram os xingamentos a *Megan* tivessem colegas, naturalmente, nas redes sociais dela existiam colegas de escolas, mas não há uma participação direta da escola nos atos que a levaram ao suicídio. A situação envolveu, inicialmente, um jovem externo à escola, que posteriormente foi reconhecido como uma pessoa adulta, do seu círculo de vizinhança.

A situação se desenvolveu fora dos muros da escola, mas os prejuízos refletiram dentro do contexto escolar. *Megan* voltou ao processo depressivo já contornado e, portanto, sua aprendizagem ficou comprometida. O material disponível sobre a sua história não nos permite fazer inferências quanto à participação da escola.

No caso da *Amanda Todd*, apesar de, no início do processo de assédio ela ser vítima de *cyberbullying* praticado por um pedófilo transfigurado em adolescente, o espaço usado por este para envergonhá-la foi justamente o espaço escolar, a partir disso, ela passa a sofrer as outras formas de *bullying* praticadas pelos colegas da escola, incentivadas pela divulgação de fotos feita pelo agressor.

Amanda foi constantemente mudada de escola pelos seus pais, significa que as escolas não conseguiam dar conta do processo de agressão que ela sofria, e a mãe procurava amparo em outra escola. O agressor fornecia todo o material necessário para que seus colegas cometessem *bullying* com a garota, ela se tornava vítima de agressões, humilhações, desprezo e sofria novos assédios de *cyberbullying* na escola.

As escolas por onde *Amanda* passou se mostraram incompetentes e despreparadas para lidar com casos de *cyberbullying* e *bullying*. Não tivemos nenhuma informação de intervenção de alguma das escolas no caso de *Amanda*. Ela sofreu e se isolou, desconhecemos ações de integração ou de sensibilização de alguma das escolas pelas quais ela tenha passado.

As reportagens mostraram a luta da mãe para criminalizar o pedófilo, mas em nenhuma delas há histórico dessa mãe buscando apoio ou responsabilização pelas intimidações que Amanda sofria dos colegas nas escolas. É como se a escola se redimisse da culpa.

Já a história de Marion Fraisse, ela foi vítima de *bullying* e *cyberbullying* na escola, mesmo a mãe sinalizando o problema, solicitando mudança de turma da filha, a escola não ficou sensibilizada com os assédios que Marion sofria, e sempre ignorou a existência de *bullying* nos seus espaços, logo, não havia uma preocupação com a temática, pelo contrário, mesmo com a morte de Marion, a divulgação da carta contando toda a problemática do *bullying* do qual era vítima e do desdobramento para o *cyberbullying*, praticado por colegas da escola, nunca houve o reconhecimento do problema.

A escola sequer foi sensível à dor da mãe, pelo contrário, mostrou-se bastante insensível ao proibir o contato dos funcionários com a família e desencorajar os demais pais a serem solidários com eles. Foi uma das atitudes mais desumanas e inesperadas que se espera de uma escola, ela foi cruel e insensível com o suicídio de uma de suas alunas.

No caso de Roliver, ele foi vítima de *bullying* dentro da escola, mas ela não quis reconhecer o sofrimento do garoto, foi omissa na sua função. As escolas precisam estar preparadas para reconhecer quando seus alunos estão sofrendo intimidações no seu contexto, a escola que Roliver estudava já tinha um histórico de muitos casos de *bullying*, os irmãos maiores dele já haviam sido vítimas lá, a mãe já tinha informado à direção da escola e solicitado a sua transferência, mas não houve solidariedade da escola em entender os motivos que levaram aquela mãe a pedir a transferência do filho.

Durante as investigações, a Secretaria de Educação prestou esclarecimento, mas ninguém foi responsabilizado pela morte de Roliver. Sua história, ao ser revelada pela mídia, comoveu algumas mães, que sinalizaram que seus filhos também sofriam *bullying* na mesma escola e não sabiam o que fazer. Mais uma vez a omissão e o silenciamento da escola prevaleceu.

Já Gianna Fabi foi vítima de *cyberbullying* fora da escola, a sua foto adquirida por um colega, via invasão da sua privacidade, viralizou e a escola toda teve acesso, ela não teve coragem de encarar os colegas, os amigos, as pessoas da cidade e sua família, foi tudo instantâneo, não houve tempo para aconselhamentos, no

mesmo dia que a foto foi postada, Gianna optou pelo suicídio como forma de parar o seu sofrimento. Ela teve medo de encarar seus colegas, professores, a família, enfim, a cidade. Sequer tentou explicar aquilo que nem ela sabia direito como tinha acontecido. A escola em que estudava, não foi envolvida no seu caso, não tinha uma relação direta com o suicídio de Gianna, também não há notícias de campanhas de combate ao *bullying* virtual e suas consequências promovidas por essa escola.

Sobre o *bullying* sofrido por Vítor Augusto, como o suicídio foi cometido dentro da escola, o corpo pedagógico precisou ser ouvido no inquérito, no entanto, nenhuma declaração foi dada à mídia. Considerando que a escola deixava uma área perigosa acessível para quem se aventurasse subir, ela tem responsabilidade com o que aconteceu, acrescentamos que Vítor era constantemente hostilizado dentro da escola, os professores e a direção da escola tinham por obrigação lidar com o problema, comunicar às famílias envolvidas, da vítima e agressores, cuidar de maneira responsável do problema que estava presente no seu cotidiano. Sobre esse caso, a Secretaria de Educação apenas prestou esclarecimento e disponibilizou uma equipe para atendimento a questões ligadas a esse acontecimento. Não há nenhum relato sobre a responsabilização de alguém pela morte de Vítor.

O que se espera da escola são medidas de combate a qualquer tipo de agressão aos estudantes, é prepará-los para lidar com frustrações, é mostrar que os alunos não estão sozinhos. As atitudes de respeito às diferenças, o exercício da tolerância são valores necessários aos jovens de hoje.

7 A RELAÇÃO ENTRE O *BULLYING* E O SUICÍDIO EXPERIENCIADOS PELOS ESTUDANTES

Ao falar do ato voluntário perpetrado por uma pessoa que atenta propositalmente contra a própria vida, estamos falando de suicídio, difícil de ser abordado no passado e no presente, uma questão rodeada de tabus. Essa ação voluntária em que a pessoa era conhecedora do resultado, o matar-se a si próprio, foi objeto de estudo de Émilie Durkheim, conforme já discorreremos nas discussões teóricas dessa pesquisa. Ele trata do descontentamento com a vida como um sinal de morbidade.

Mesmo sendo um ato cometido por uma pessoa, os fatores sociais explicam com mais propriedade a sua ocorrência, mas ele não nega a existência dos fatores individuais. A sociedade é instável e o indivíduo busca no suicídio a saída para situações que não consegue suportar. Instituições frágeis, como a escola, favorecem a ocorrência do fenômeno. Nesse ato de dar fim a própria vida, Durkheim (2000) percebeu que existem determinações sociais que influenciam ou provocam esse ato, por isso ele diferenciou os tipos de suicídio.

Nos ateremos, agora, a um tipo específico de suicídio, o egoísta, aquele em que a individualização está incomensurável, onde há um distanciamento entre a sociedade e o indivíduo, de tal forma, que o indivíduo não vê mais sentido em continuar existindo. Ele passa a viver as frustrações com a sua própria vida, é acometido por um sentimento de não pertencimento à sociedade. O suicídio egoísta é caracterizado pela falta da coesão coletiva, pela ausência de objetivos e significados, onde a integração com a sociedade se apresenta bastante fragilizada.

Agora imaginemos como todos esses fatores, essas ausências, essas fragilidades, esse sentimento de não pertencimento ecoam na cabeça de um adolescente, que ao olhar em volta não consegue enxergar um caminho, uma saída para os seus dramas, que estão dominados pelo desespero, e interrompem suas próprias vidas, ou seja, buscam no suicídio cessar o seu sofrimento. É difícil, é sofrido, mas é real e acontece cada vez mais com essa parcela da população mundial.

Os adolescentes, vitimizados pelo *bullying* e o *cyberbullying*, tornam-se pessoas com poucas conexões com a sociedade, com grande possibilidade de desenvolverem problemas psicológicos, como a depressão. Esses adolescentes

procuram meios para acabar com a sua dor, diante dos processos de exclusão que sofrem na escola e dos ataques nas redes sociais. O cenário vivenciado por eles é de individualismo extremo, muito próprio das sociedades modernas, onde os indivíduos não estão integrados, vivem situações de isolamento dos grupos sociais. Os casos analisados nessa pesquisa mostram que os adolescentes abordados experienciaram esse processo de exclusão dos seus grupos, uns mais outros menos, mas a angústia provocada pelo isolamento proposital dos seus pares trouxe àquelas vítimas, muita dor e sentimento.

Neste estudo fenomenológico, a pessoa vê o suicídio como único caminho para parar o sofrimento, buscam satisfazer sofrimentos existenciais. A pessoa que comete suicídio vive uma grande angústia, possui um vazio interior acentuado, um não existir no mundo, tudo depende dos fatores externos que influenciam a vida dos indivíduos: isolamento, solidão, angústia e melancolia. A experiência de vida desses adolescentes revela que se encontravam mergulhados em um grande sofrimento emocional, marcados pela exclusão, pelo isolamento. *Amanda Todd, Megan Meier, Marion Fraisse*, Gianna Fabi, Roliver dos Santos e Vítor Augusto Santana estavam mergulhados nesse sofrimento no mundo real, e mesmo que a história de Gianna tenha sido breve, o seu sofrimento foi muito intenso e avassalador. Nos filmes estudados: *Bullying: provocações sem limites* e *Silêncio Rompido*, percebemos a retratação, com riqueza de elementos, no sofrimento experienciados por Jordi e por Dina, submetidos a situações de isolamento social intenso. No caso de Jordi, ainda conviveu com o falso acolhimento pelo grupo de Natcho na escola, para depois ser excluído e maltratado, repetidas vezes, pois Jordi voltava a acreditar no colega, numa tentativa de ter paz na escola. Já com Dina, no segundo filme, a personagem que tinha uma vida social intensa na escola é, sumariamente, excluída, inclusive de rotinas escolares com as colegas. Deixando-a sem norte.

Já é de conhecimento por parte de estudiosos do assunto que existem fatores de risco que levam a pessoa ao suicídio, esses fatores se encontram em grupos definidos como: sociodemográficos, transtornos mentais, psicossociais e algumas outras particularidades. O *bullying*, em todas as suas formas de manifestação, está situado no grupo dos fatores psicossociais, portanto, a população vítima do *bullying* tem propensão ao suicídio, especificamente o tipo egoísta, porque a pessoa busca o suicídio, em um momento em que está com pouca conexão com a sociedade, passa a desenvolver, na maioria das vezes, casos de depressão. Elas procuram meios

para acabar com a sua dor, o individualismo é extremo, os indivíduos não estão integrados à sociedade, estão vivenciando situações de isolamento dos grupos sociais. Eles sentem a dor da vida, uns não estão dispostos a viver com ela, preferem a morte, outros se dispõem a viver, mesmo com a dor, os que lutam contra.

Ainda sobre os fatores de risco, o uso de álcool e drogas por adolescentes representa um grande risco, eles buscam nessas drogas o conforto, mas encontram o agravamento da situação. Outro ponto a ser salientado é a reincidência de quem já tentou o suicídio, existe uma falsa ideia de que após a crise, o risco de suicídio é eliminado, isso é um grande equívoco, muitos casos acontecem em um período que a vítima aparenta estar melhor, passando a falsa ideia de que abandonou o desejo de suicidar-se. O caso de Amanda representa bem esses argumentos, após algumas tentativas, ela estava em momento, supostamente, bem melhor, gostou do resultado da publicação do seu vídeo, a mãe percebia que ela estava se estabilizando, mas ela não havia desistido.

Quando avaliamos os casos reais, percebemos a repetição da prática excludente nos episódios de *bullying* sofrido por Amanda Todd, ela declara isso nos seus cartazes que compõem seu vídeo, eles contêm toda sua história, fala da ausência de amigos, que senta sozinha no horário do almoço, e também quando está na biblioteca, e mesmo quando se muda de escola, continua excluída, não por timidez, mas por ser discriminada por conta do vazamento da imagem íntima do qual foi vítima. Esse processo de isolamento forçado foi praticado, também, pelas colegas de escola de Marion Fraise, apesar dela tentar quebrar o círculo do isolamento, o poder que sua principal agressora exercia sobre as demais colegas era muito forte. As situações eram montadas para que ela percebesse claramente que estava sendo recusada. No caso de Megan Meier, ela foi atraída, difamada e excluída por seu agressor nas redes sociais. Não houve isolamento físico, porque aconteceu no *cyberespaço*. Mas Megan já havia sofrido *bullying* em outras ocasiões, ela, naturalmente, tinha um contato mais reduzido com colegas.

No caso de Roliver dos Santos e Vítor Augusto, também foram vítimas da exclusão dos colegas, não tinham amigos, viviam solitários na escola, quando eram contatados, era para serem humilhados e xingados. Essa questão do isolamento não foi referenciada no caso de Gianna Fabi, porque sua experiência com o *cyberbullying* foi imediata e avassaladora, ela tinha medo de sofrer as retaliações por conta do vazamento da imagem íntima, do qual foi vítima. Na sua história não

houve um tempo para viver o definhamento que a tristeza intensa provoca, ela foi bastante impulsiva ao decidir terminar com seu sofrimento rapidamente, em menos de 24 horas.

Podemos inferir que essas vítimas de *bullying*, de qualquer tipo, quando buscam o suicídio, não estão querendo, de fato, morrer, mas pretendem acabar o seu sofrimento, e, muito provavelmente, ao longo do processo de sofrimento intenso, liberam sinais de que algo não está bem, que poderiam ser compreendidos como pedidos de socorro que não foram interpretados.

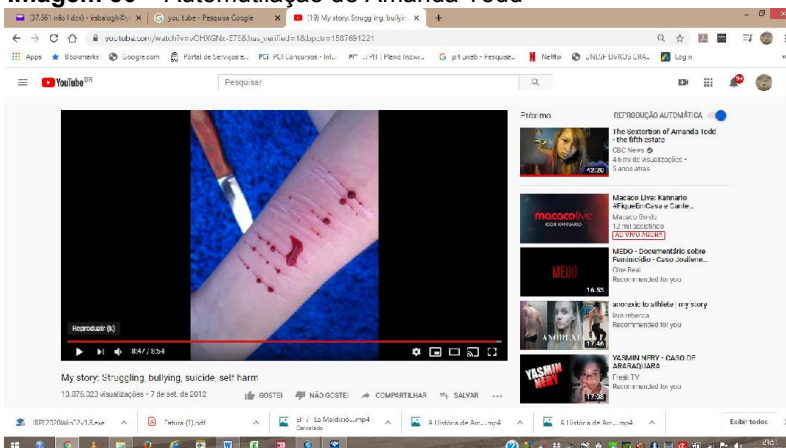
Quando os suicídios são ocasionados pelo *bullying*, decorrentes de fatores relacionados à convivência escolar, precisam ser reavaliados, pois esse convívio provocou sofrimento intenso, levando o indivíduo a parar uma determinada situação. Na luta de uma vítima de *bullying* para encerrar uma situação de sofrimento, o suicídio é o último caminho, a situação pode ser manifestada em forma de doenças psicossomáticas que já trazem um componente suicida, trazem fatores autodestrutivos.

Esse adoecimento foi bem representado no mundo ficcional do cinema, como também nas histórias das vítimas no mundo real, mesmo considerando a imediaticidade do caso de Gianna, que demonstrou uma situação de transtorno imediato, como um surto, são situações de adoecimento com elementos suicidas.

Para esses adolescentes que vivenciaram processos de *bullying* ou conseguem lutar e sobreviver a experiência e crescer com ela, ou podem se entregar e sofrer todas as consequências, mas isso não é questão de escolha, alguns saem fortalecidos desses processos, outros sucumbem a ele, não conseguem lidar com as adversidades. Para conseguir superar é fundamental acreditar na possibilidade de renascimento, que ainda existem caminhos.

O suicida pretende matar a parte que dói, a que ele não consegue suportar. A automutilação usada, por alguns, antes do suicídio, faz parte dos impulsos destrutivos diante das frustrações, quando não conseguem resolver as situações de *bullying*, deslocam sua própria revolta para ele mesmo. A imagem de Amanda reflete bem isso.

Imagem 30 – Automutilação de Amanda Todd



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=vOHXGNxE7E&has_verified=1&bpctr=1594255604

A prática da automutilação, geralmente só é descoberta pela família, quando o adolescente já está habituado a fazer, mesmo sendo escondido, algumas famílias conseguem descobrir. Alguns jovens podem parar sozinho, por ser uma prática dolorosa, outros dão continuidade, isso significa que estão passando por uma dor emocional muito intensa, sendo assim, é recomendado que a família procure ajuda de profissionais, para que se possa desenvolver estratégias adequadas de intervenção. Situações graves de automutilação podem indicar afinidades com ideias suicidas.

Nessas situações de *bullying*, desdobradas em suicídio, a vítima retira do agressor aquilo que precisa para concretizar seus atos: meu corpo, minha vida. É a retirada do agressor da sua capacidade de continuar aquilo que ele usava para externalizar seu ódio ou poder, no último ato, a vítima toma de volta. Impede ele de continuar as crueldades.

O suicídio é um ato consciente, e o suicida vitimizado pelo *bullying*, tem a consciência de querer apagar a sua existência, fazer desaparecer a violência da qual é vítima. É possível que essas pessoas, em um momento de raiva, imaginem como seria a reação dos seus agressores, com a sua morte. É uma forma da vítima se vingar do seu agressor, cometer o ato suicida para provocar remorso e sofrimento pelo que ele fez.

A morte de uma vítima de *bullying* ou *cyberbullying*, pelo suicídio, representa a morte do bom, daquele que sofreu muito nas mãos do seu algoz, e quem fica, o provocador e seus seguidores, o mau. É a vítima punindo, vingando-se em morte, do

seu agressor. O suicida coloca, em morte, o seu agressor na condição de rejeitado, da mesma forma que foi, é uma punição, uma forma de castigo pelo sofrimento que causou à vítima, é a sua execração pública: a maneira como o possível intimidador de Amanda foi hostilizado; a agressora de Megan sofreu ataques da população comovida e revoltada com seus atos; de igual forma se comportou a população da cidade que vivia Ginna, ao tentar linchar o responsável pela sua difamação.

Isso acaba por se estender a pessoas próximas, por não terem percebido e ajudado a diminuir ou evitar as agressões físicas e psicológicas sofridas pela vítima, não é um ato intencional, mas a culpa acaba também sendo projetada nos familiares próximos e em pessoas do seu círculo de convivência.

Tanto as vítimas ilustradas na ficção, como as presentes nos casos pesquisados, não buscavam a morte de fato, elas pretendiam ter uma outra vida, uma vida diferente da que viviam, uma vida onde não existisse seus intimidadores, onde não existisse as agressões que as faziam sofrer, uma vida de acolhimento e amor.

Quando o evento suicida acomete uma família, possivelmente, o motivo alegado ou justificado para o ato nunca é, de fato, o real motivo, ele representa apenas o estopim, a ponta do iceberg, o verdadeiro motivo consome a vítima durante um período que antecede o evento. Ela manifesta desânimo, desamparo, desencanto, desesperança, muito sofrimento que demandaria ajuda profissional, mas se as pessoas do seu círculo de convivência não conseguirem perceber isso, que seria mais facilmente identificável, por desinformação, o amparo necessário à vítima, não é procurado.

Para esses pais, é como se o mundo em que viviam, de repente, mudasse, a readaptação é muito difícil, a aceitação, a vivência do luto. É frequente que os pais, principalmente a mãe, mantenham os filhos vivos em suas mentes, porque não conseguem aceitar a ideia de que ele não existe mais, tendendo à melancolia e depressão. Eles, muitas vezes, ficam acometidos de culpa, por não terem percebido, por não terem tido uma boa convivência, por não terem realizado um desejo, um pedido, o remorso é real, podem buscar a autopunição. Na realidade, identificam-se com o filho morto, podem repetir o sofrimento vivido por ele, é possível desenvolver ideias suicidas, para alguns seria a única forma de se reencontrarem em outro plano.

A culpa vivenciada pelos pais pode se estender até amigos próximos, por não terem reconhecido o pedido de ajuda. Essas pessoas próximas podem ser atingidas por um luto patológico, pais e amigos precisam de ajuda profissional para compreenderem e aceitarem o fato daquele ente não estar mais presente. Os grupos de apoio também surtem efeito. Essas pessoas ficam tão traumatizadas com a situação que, muitas vezes, familiares trocam acusações entre si, famílias são desfeitas por conta da culpa. O luto patológico ocorre quando qualquer membro da família não consegue se desligar do morto, passa a viver de recordações, objetos e hábitos são mantidos para deixar vivo a pessoa que já morreu, e isso pode durar um período extenso.

É comum vítimas de *bullying* procurarem informações sobre seu problema através de ajuda na internet, em sites ou redes sociais, algumas contam suas histórias reais para o mundo virtual. O que nem sempre resolve, porque da mesma forma que contatos via internet podem ajudar, há conteúdos escritos por profissionais, disponíveis para esse público, mas existe também, muitos indivíduos, de prontidão, para incentivar o contrário, para desencorajar a vítima em procurar ajuda, para desafiar a vítima ao ato. Prova disso foram os diversos incentivos ao suicídio vivenciados por Marion, Amanda, Gianna e Megan, e também representados nas mensagens recebidas por Dina Vancouver em Silêncio Rompido. Jordi encontrou Ânia numa situação similar, onde ele buscava saber sobre o *bullying*, porque era uma vítima, e acabou acessando a história de Ânia, e culpou-se por não ter conseguido ajudá-la.

Na internet é possível encontrar explicações sobre todas as formas de suicídios, da mesma forma que também encontramos como fazer, com riqueza de detalhes. Mas o fato é que, informações postadas por instituições e por profissionais habilitados a lidar com o problema não crescem na mesma proporção que notícias sensacionalistas, com uso de informações exageradas que causem a sensação de choque, muitas vezes acompanhadas de fotos manipuladas para garantirem a espetacularização. Infelizmente, numa busca inocente, por um adolescente angustiado e depressivo, ele será muito mais propenso a acessar uma matéria que traga tragédia na sua manchete, que seja sensacionalista do que artigos científicos. Mais grave ainda é quando essas matérias direcionam a *chats*⁵⁰, os comentários e a

⁵⁰ Chats são salas de bate-papo virtuais.

possibilidade de se conectar com pessoas estranhas pode agravar a situação. Mas o fato é que os jovens têm acesso a todo tipo de informação na internet, podendo ser vítima da espetacularização das notícias.

O aumento de tempo de acesso à internet torna o adolescente cada vez mais vulnerável a se tornar uma vítima de *cyberbullying*, a possibilidade de conversar com estranhos agrava essa situação. Vejamos o caso de Amanda Todd, ela foi contatada por um estranho, que ela alimentou a conversa, imaginando ser um garoto da sua mesma faixa etária. O adulto, manipulador do perfil, era um pedófilo internacional, que lidava muito bem com a questão do tempo e a pressão para conseguir o que queria, sabia o que a jovem queria e precisava ouvir para ceder ao seu pedido. No caso da Megan, também foi atraída via *chat*, para conversar com desconhecido, que também sabia o que dizer para agradar a jovem, em seguida, poder humilhá-la, mas a maneira de cativá-la se deu, por conhecer seus pontos fracos, já que o agressor era uma vizinha do círculo de amizade da sua mãe.

Existe uma falsa ideia, de que o que se faz na internet não será descoberto, para jovens que têm o hábito de se comunicar via *chat*, Amanda não imaginou que sua imagem pudesse ser capturada, muito menos Gianna, num curtíssimo intervalo de tempo em que se arriscaram mostrando partes íntimas. O fato de não saberem que foram fotografadas fez com que levassem uma vida normal, talvez lembrassem daquele momento apenas como uma peraltice. Mas o fato é que tudo que é feito no mundo on-line pode voltar, independentemente do tempo, e cujos reflexos são reais.

Essas duas adolescentes viram suas vidas desmoronarem por conta do retorno dessas imagens. Enquanto Amanda conviveu com as consequências desse ato por anos, virando vítima de *cyberbullying* e *bullying* na escola, Gianna se mostrou bastante desesperada, buscando uma fuga da realidade, não teve coragem de encarar seus pais e familiares, seus colegas da escola, seus amigos, só enxergou o suicídio como caminho. A sua história foi avassaladora, aconteceu tudo no mesmo dia. O susto pelo descobrimento da imagem, o desespero, a revolta, humilhação, tristeza e o ato suicida, em menos de 24 horas. No caso de Gianna, em um curto período de tempo, com pouca chance ajudá-la, pois ela se desesperou ao imaginar ter que encarar as pessoas, e também pelo que alguns comentários diziam em relação ao fato.

O abuso emocional que é praticado no *bullying* físico ou virtual é extremamente grave e pode proporcionar suicídio, o poder das palavras, a força de

um xingamento, de um comentário irresponsável no mundo virtual pode levar adolescentes a mergulharem em estados depressivos com muitos agravamentos. Essas vítimas não encontram no seu repertório comportamental as soluções para problemas, nenhum que sirva para se livrarem do sofrimento ocasionado pelas intimidações. Essas vítimas tendem a desenvolver doenças mentais, depressão, transtornos diversos relacionados ao fator emocional, que têm relação com o suicídio, atingem um estado de melancolia, beirando a desintegração psicológica, perdem todas as suas referências, o sofrimento é intensificado e passam a enxergar no suicídio uma fuga.

O *bullying* e o *cyberbullying* precisam ser vistos como fatores estressantes na vida de adolescentes na escola e fora dela, essas vítimas passaram por acontecimentos que as levaram ao estresse e depressão, à mudança brusca, pois elas tinham um tipo de vida e passam a outra, de maneira abrupta, sem escolher, sem se preparar, sem saber lidar com essa nova vida. Essas vítimas não procuravam, na realidade, a morte, mas uma vida diferente da que estão vivenciando, acabar com a vida sofrida. Não é uma romantização do ato, o suicida tem pleno conhecimento do resultado do seu ato, mas, caso no último instante surgisse uma solução que parasse o seu sofrimento, algo mágico, possivelmente hesitaria diante do suicídio. “[...] o suicida não está procurando a morte, mas fugindo de algo aterrorizante” (CASSORLA, 2017, p. 52).

A cena final do personagem Jordi observando o horizonte, antes de se projetar do alto do prédio, repensando em tudo que aconteceu com ele, todas as vezes em que ele imaginou que aquela situação ia acabar, quando o seu agressor dizia que não mais zoaria dele, a imagem do seu bicho de estimação, da sua mãe, ele não hesitaria em desistir.

Nas experiências analisadas nessa pesquisa, todos os envolvidos passaram por situações traumáticas, cada um na sua singularidade, e estudos sobre o suicídio sinalizam há tempos, que as pessoas que vivenciaram situações traumáticas estão mais vulneráveis a concretizarem o ato, eles demonstram incapacidade de superar a situação. O *bullying*, nas suas mais variadas formas, provocam situações traumáticas nas vítimas, essas vítimas têm propensão ao suicídio, cabe a escola fazer o mapeamento dos alunos vitimizados e dos agressores, como medida de prevenção.

É necessário que as escolas reconheçam a existência do problema, que evite o agravamento das suas consequências, para isso, é preciso capacitar o corpo docente para que esses tenham condições de reconhecer quando o problema está instaurado nas suas turmas. Em todas as histórias estudadas, as escolas não reconheceram a ocorrência dessas violências com seus alunos, e, geralmente ignoram as denúncias dos pais.

O poder público precisa ser pressionado, para que sejam criadas políticas públicas adequadas ao combate e prevenção do *bullying*, *cyberbullying* e suicídio de adolescentes, pois é nesse grupo populacional que tem apresentado um aumento do número de casos de suicídios. As histórias de Megan, Amanda e Marion foram casos em que houve muita comoção social, seus pais tinham conhecimento de como pressionar e provocar o poder público, inclusive no sentido de criarem leis que criminalizassem os agressores envolvidos. Mas, no caso dos brasileiros, as famílias de Roliver e Vítor, integrantes da população de baixa renda, com pouca escolaridade, sem nenhuma assessoria, os casos não causaram comoção social, apenas se recolheram na sua dor. A família de Gianna ainda tentou processar o colega da filha, responsável por tirar a foto, mas a justiça para eles falhou, o processo foi encerrado e, como as outras duas famílias brasileiras, recolheram-se, também, na sua dor.

As situações de violência que os alunos são submetidos na escola provoca neles revolta e frustração, é a violência institucional, que nega a existência de violências no seu âmbito. O aluno busca conhecimento, socialização, preparação para lidar com as coisas do mundo, e encontra muita humilhação e abusos, naquele contexto escolar, quem poderia parar o seu sofrimento nada faz. A escola não admite e não consegue falar sobre a gravidade dos casos *bullying* e suas consequências, ela passa por desajustamentos, não consegue intervir em algo que não admite a existência. Na literatura, não há muitas pesquisas que relacionem esse público jovem com o suicídio derivado de sofrimento na escola. O contato da família de Marion Fraise com a escola foi considerado pela escola, o cinema revelou a mesma situação em *Silêncio Rompido*, com a mãe de Dina Vancouver, Raquel sofreu várias negativas da escola em colaborar com o esclarecimento do suicídio de Dina.

A sociedade tem um importante papel em situações de suicídios de adolescentes vítimas de *bullying* e *cyberbullying* na escola, porque ela coloca esses

jovens em situação de risco, a partir do momento em que aceitam o discurso de negação da escola, no que diz respeito à existência do problema e ignora os casos concretos, tira desses adolescentes a possibilidade de crescer, de ter um futuro, de ficar adulto e de envelhecer findando com uma morte natural, eles têm o futuro ceifado.

Quando se fala em suicídio, a própria Organização Mundial da Saúde (OMS), admite que há uma deficiência muito grande do setor público direcionado para a saúde mental, um descaso dos profissionais nas unidades de atendimento, o preconceito muito carregado nesses atendimentos. Acredita e defende que a mudança social só viria gerada pela educação, através de estratégias sociais para aflorar a vontade política para esses fins na sociedade. A educação poderia ser utilizada para desenvolver abordagens coerentes e responsáveis no sentido de lidar com o preconceito, promovendo e estimulando campanhas de intervenção. Os profissionais da educação precisam ser capacitados para reconhecerem componentes suicidas nos seus alunos.

Falar de prevenção ao suicídio está muito além de falar e tratar problemas mentais, as condições em que se vive, as oportunidades, o direito à moradia, alimentação, educação, trabalho, interfere na saúde mental, logo, depende muito da sociedade. As condições de sobrevivência que a sociedade oferece aos indivíduos, reflete nas melhores ou piores condições de vida. Ter acesso à prevenção social, a um sistema de saúde que acolha, que cuide, que trate dos indivíduos.

Pode-se inferir que qualquer profissional, que lida com a manutenção da vida, precisa estar apto a reconhecer os sinais de desistência dela, valorizar os aspectos emocionais. Mas, principalmente, os profissionais de saúde e de educação, é necessário que essas duas áreas tenham condições de identificar nos jovens, ideias suicidas, quadros de indivíduos que demonstrem pouca vontade de viver. Os profissionais de educação precisam saber reconhecer esses traços, para que, imediatamente, encaminhem a pessoa, a um profissional de saúde. Isso seria o idealizado, mas, como existem com poucas políticas de combate ao suicídio e invisibilização do problema, como pensar em formação? Uma vez que a escola nega a existência de manifestações suicidas entre seus alunos, como pensar em preparação do quadro docente?

Sempre foi questionado e divulgado que não é recomendável a midiaticização, a espetacularização de suicídios, a preocupação é que isso estimule novos casos, a

glamorização do ato. No entanto, não publicar, não falar sobre o suicídio não trouxe nenhum benefício, camuflar ou esconder o problema, é negar a sua existência. Se nego a sua existência, então os casos pesquisados não aconteceram ou não são relevantes, não podemos falar sobre eles, não é um problema de saúde pública. Se assim procedermos, estaremos negando às vítimas, o direito de conhecerem suas histórias e tirarem lições delas. Estaremos negando o direito de famílias buscarem possíveis culpados. Escondendo o problema e a sua gravidade, contribuiremos para a inibição da criação de políticas voltadas para esse fim, o que não é visto, o que não incomoda, não precisa ser revelado, não é necessário investimento em políticas de prevenção.

Defendemos e acreditamos na intervenção de profissionais de outras áreas no estudo do suicídio, apoiamos a participação da mídia, ela é pouca incluída nessas discussões, nas ações, tem um importante papel a desempenhar no que diz respeito à comunicação responsável. A ausência dessa comunicação deixa espaços para informes amadores e sensacionalistas, que são voltados para o escárnio dos casos, a espetacularização do suicídio, o que é muito mais grave.

Mas compreendemos com base em diversos estudos do psicanalista Botega (2015), que esse silenciamento não reduziu em nada a ocorrência de suicídios, ele defende, e concordamos com ele, que é preciso sim falar de suicídio, mas com responsabilidade, com cuidado, com zelo, isso é diferente de fazer reportagens sensacionalistas para prender a atenção dos espectadores, detalhar atos, descrever o método é desnecessário e incentivador. É possível falar do suicídio enquanto um problema social em ascensão. As campanhas de prevenção falam do problema, as notícias sensacionalistas falam de tragédias de pessoas.

O suicídio precisa ser visto dentro de variáveis que contribuam para a ocorrência desse fenômeno, as variáveis sociais são de extrema importância para os casos oriundos de *bullying* e *cyberbullying*. Essas vítimas cometem suicídio de maneira pública, não querem ser ignoradas, na realidade, aquela morte significa sua última mensagem, com ou sem carta. O caso de Vítor marca bem isso, o local escolhido ser dentro da escola. A mensagem do suicida não é apenas para a família, é para a sociedade, o pedido de ajuda é para a sociedade, mas a agressividade do ato retira qualquer possibilidade de ajuda. Quando externam nas redes sociais, estão postando sua dor.

8 CAMPANHAS E PROGRAMAS DE COMBATE AO *BULLYING* E AO SUICÍDIO: FICÇÃO E REALIDADE

O suicídio avança silenciosamente mundo afora, e cada vez mais atinge uma parcela da população jovem, em idade escolar, associado a consequências do *bullying* e do *cyberbullying*, acometem esses jovens no contexto dos conflitos escolares dentro e fora da escola. O enfrentamento desses conflitos através da conscientização de toda a comunidade escolar e famílias poderá representar uma estratégia oportuna para evitar casos de suicídios na população escolar.

8.1 Filmes ficcionais e o cinema como agente de prevenção ao *bullying* e ao suicídio

A Organização Mundial da Saúde (OMS), nesta última campanha anual de combate ao suicídio (setembro/2019), reconhecendo as possíveis contribuições que a produção cinematográfica pode trazer para a redução dos casos de suicídio, recomendou aos diretores que produzissem uma imagem diferente do problema, explicando que a demanda é que diferentes visões pudessem ser oferecidas, evitar mostrar detalhes do ato para reduzir o efeito imitação. Mostrar personagens que superaram os problemas e desistiram da ideia, provoca um efeito positivo para as campanhas de combate, assim como, jamais mostrar na tela, o ato cometido. Exibir jovens na escola superando as situações estressantes também surte efeito positivo.

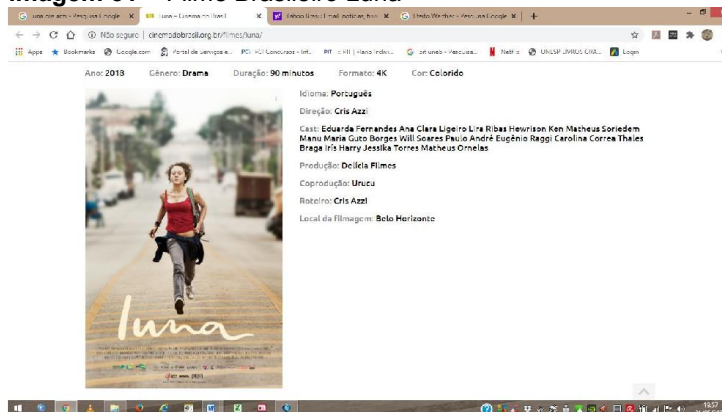
Essa ideia de que a divulgação do suicídio poderá influenciar novos casos remontam desde 1774, quando o romance: “Os sofrimentos do jovem Werther”, do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe foi considerado como inspirador de inúmeros casos de suicídio cometidos por jovens naquela época, a partir de então, preservou-se a crença de que a divulgação do suicídio pela mídia passou a ser desencadeador de efeitos em massa, o “Efeito Werther”⁵¹. Mas para Durkheim a determinação do suicídio é social, ele não entende o fenômeno como uma imitação, mas que cada sociedade possui, em cada momento histórico, uma propulsão ao suicídio.

⁵¹ Efeito Werther - Ocorre quando um caso de suicídio é largamente divulgado e decorre dele um aumento do número de suicídios, é quando um suicídio relatado pelos variados meios de comunicação é copiado e passa a haver números recorrentes inspirados no caso evidenciado. Esse termo foi cunhado pelo americano David Phillips, em 1974.

Nos dois filmes analisados, fica claro a decisão dos personagens de tirarem a própria vida, tiveram como determinante os aspectos sociais centrados no *bullying* e *cyberbullying* que sofreram na vida escolar. Os cineastas tentam situar esses filmes no contexto da vida social e escolar dos adolescentes, esses filmes que remetem a essas temáticas, podem ser aproveitados para inaugurar o debate com os alunos, aliado a uma estratégia pedagógica que permita discutir temas silenciados como esses. A maneira como os filmes expõem o suicídio, pode servir para reduzir ou alavancar o número de casos.

O suicídio derivado do *bullying* ou *cyberbullying* é oriundo de problemas de relacionamento entre pares, nos filmes, os protagonistas assumiram a maior parte da trama revelando como se constitui o *bullying*, o desenrolar sucessivo do tempo refazem o sofrimento da vítima. Os filmes expressam o ponto de vista do cineasta, então percebemos, pelo levantamento inicial de produções, que muitos cineastas já se mostram comprometidos com a divulgação da temática mundo afora. No caso do Brasil, isso não é representativo, somente tomamos conhecimento de um filme específico sobre a temática, ao final dessa pesquisa e ele não está hospedado na Plataforma YouTube: “Luna”, um longa metragem que foi apresentado no 51º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, é um drama do diretor brasileiro Cris Azzi. Conta a história de duas adolescentes amigas, Luana e Emília, que pertencem a classes sociais diferentes, e estão em busca de autoafirmações. Uma das garotas tem um vídeo íntimo vazado na internet, ela passa a sofrer *cyberbullying* e ser perseguida na escola. Ela não revela sua história à família e pensa em cometer suicídio para resolver seu sofrimento. (cinemadobrasil.org.br, 2019).

Imagem 31 – Filme Brasileiro Luna



Fonte: <http://www.cinemadobrasil.org.br/filmes/luna/>

O filme foi exibido no circuito alternativo e, segundo o cineasta, será hospedado em uma plataforma de streaming⁵². Portanto, ainda é de difícil acesso, o que acaba por engavetar uma proposta, o início da discussão da temática a partir de filmes brasileiros.

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) defende a retomada do debate cuidadoso, seguindo as orientações da OMS, considerando que o número de casos vem aumentando consideravelmente. A própria OMS já recomenda matérias cuidadosamente verificadas, por veículos de comunicação responsáveis e sérios, como medida de prevenção a novas perdas de vida.

Casos que são muitos relatados, normalmente são de pessoas famosas ou que aconteceram de maneira bastante trágica, não falam do suicídio enquanto problema de saúde pública, mas do efeito midiático que ele produz por ter tido repercussão. O suicídio de Amanda Todd (VR2) se encaixa nesse contexto, por ter um vídeo produzido por ela mesma circulando nas redes sociais, com um pedido de socorro implícito nas mensagens, o seu suicídio gerou muita especulação. A repercussão desse caso foi tamanha que até fotos da autópsia da jovem foram “vazadas” para o público. O grupo Anonymous (que se envolveu na investigação), acusou o adolescente Alex Ramos como responsável por postar as fotos, ele negou, e em postagens no Twitter, alegou que as encontrou disponíveis na internet. Por conta disso, teve o perfil haqueado e trocaram seu nome para “Bicha furiosa que adora postar nus de vítimas de suicídios”, depois teve a conta encerrada. Esse suicídio foi muito divulgado e explorado negativamente.

De igual forma, os suicídios de Megan Meier e Marion Freisse também foram muitos especulados, mas, associadas às notícias espetacularizadas, houve muito debate sobre este problema social, houve avanço nas políticas públicas de combate ao *bullying* e ao suicídio. Logo, a espetacularização em torno dos casos não impediu que eles fossem discutidos e tratados como um fenômeno social. O suicídio dessas vítimas começou muito antes da morte de fato, ele foi constituído no dia a dia de sofrimento das vítimas. No Brasil, nenhum dos casos estudados teve repercussões tão midiáticas, se comparado aos casos estrangeiros, aqui, o tema ainda há de ser desmistificado.

⁵² Informação prestada pelo diretor via aplicativo Messenger, numa tentativa de ter acesso ao filme.

Em relação ao acesso a filmes comerciais que abordam a temática, verificamos uma quantidade representativa de opções, existem, inclusive, vários blogs que relacionam uma série de produções que tratam da temática. Não há carência de material para trabalhar com alunos nas escolas, a partir do cinema ficcional.

No filme *Bullying: provocações sem limites*, a escola, mesmo negando a existência de *bullying*, promoveu algumas ações corriqueiras, após a denúncia dos pais de Jordi. Programou uma palestra com um especialista do tema e espalhou alguns cartazes cuja essência da mensagem era sempre o óbvio: diga não ao *bullying*! Mas a forma como esse não deveria ser operacionalizado, não foi evidenciada. Em relação ao suicídio, também não foi revelada nenhuma campanha de conscientização que antecedeu a morte de Jordi, após esse fato, novamente um especialista volta a falar sobre o tema e associá-lo como uma consequência do *bullying* e penalização dos agressores.

Em *Silêncio rompido*, a negação à existência de *bullying* também é percebido, a escola chega a dizer que a mãe de Dina estaria prejudicando a escola, ao revelar que a filha cometeu suicídio por conta do *cyberbullying* que sofria das colegas de sala. A discussão sobre suicídio só aconteceu após a morte de Dina, e por iniciativa de uma aluna, fizeram uma campanha interna na escola contra todas as formas de *bullying* e *cyberbullying*, falando do suicídio como consequência e da responsabilização de todos aqueles que conheceram a história e nada fizeram para ajudar. Mas isso tudo aconteceu após muita insistência da mãe, que acreditava que em casos de suicídio proveniente de *bullying* existem culpados e esses devem ser responsabilizados. Mesmo que a responsável por iniciar o processo estivesse fora do ambiente escolar, as humilhações e constrangimentos foram potencializados pelos colegas na escola.

O cinema pode ser utilizado como um caminho para se chegar ao público adolescente, ele representa um novo ambiente educativo, no qual é possível produzir conhecimento quando o uso se dá de maneira adequada, é um espaço para formação e informação para as novas gerações. O cinema, através de histórias criadas e recriadas, com roteiros direcionados sobre o tema, possibilita a discussão sobre a prevenção do bullying, *cyberbullying* e suicídio que assola as escolas mundialmente. Essa visão permite reconhecer a possibilidade de utilizar a arte cinematográfica como instância produtiva de conhecimento.

Nos filmes em que a abordagem apresenta e discute o *bullying* e todas as suas manifestações, assim como o suicídio ocorrido com o público adolescente, não há uma romantização da mocinha ou mocinho, o sofrimento deles não tem final feliz, se voltam para a retratação de dilemas escolares.

Os filmes: *Bullying: provocações sem limites* e *O Silêncio Rompido*, são produções que enfatizam fatores sociais envolvidos na ocorrência do suicídio egoísta, tem como determinantes sociais o *bullying* e/ou *cyberbullying*, envolvem questões de relacionamento entre pares, entre colegas de escola.

No primeiro filme, o cinema traz Jordi, um adolescente tímido, recém-chegado à cidade, sendo um *outsider*⁵³ na nova escola, é o primeiro elemento para colocá-lo na zona de risco do *bullying*, é ter chegado com o ano escolar já em curso, todos o notam, associado a sua aparência física comum, franzino, inteligente e educado. Ao demonstrar que é um garoto estudioso, causou nos professores boa impressão, entretanto, Jordi, sem querer, desperta a ira e a inveja do seu agressor, e por isso, vivencia os mais cruéis maus-tratos na mão do grupo liderado pelo seu agressor.

Na segunda produção, temos Dina, representando uma garota de classe média, dentro dos padrões estéticos cobrados por aquela sociedade: possuía todo o aparato de uma adolescente que se encaixava no modelo perfeito, a garota branca, magra, com o padrão de beleza exigido para as garotas daquele contexto, boa aluna, excelente filha, boa amiga, enfim, totalmente fora dos padrões da vítima de qualquer forma de *bullying*. Mas ela foi, o cinema trouxe algo diferente do que se acreditava saber, durante muito tempo, sobre as possíveis vítimas de intimidações na escola, nada nela correspondia aos padrões das possíveis vítimas. Ela foi vítima de *cyberbullying*, em que esses padrões não funcionam, essas regras ocultas que direcionam o adolescente para o contexto de vítima ideal, no *cyberbullying* não ocorre dessa forma, não há um padrão estético, mas atos impensados feitos pelos jovens que são levados ao conhecimento público como resultado de ameaças ou ridicularização, execração pública, e a escola aparece como o espaço visto para a concretização das ameaças.

Os dois filmes mostram que os assédios não escolhem classes, nem gênero, qualquer estudante está passível de se tornar uma vítima, outros, a depender da sua história de vida, podem vir a se tornar agressores. Esses filmes analisados não são

⁵³ Outsider é aquele que não se sente pertencente a um determinado grupo social.

do circuito alternativo, apesar de discutirem uma temática séria, encaixam-se como dramas do circuito comercial, são produções ficcionais, mas isso não reduz a possibilidade de serem utilizados como material pedagógico, mesmo voltado para o entretenimento, podem estimular a atenção do estudante, motivar a busca por outros materiais referentes ao tema. Pode ser visto pelo público adolescente, utiliza uma linguagem do dia a dia, vocabulário dominado por essa faixa etária. Não requer nenhum conhecimento prévio para o entendimento do conteúdo fílmico, mesmo sendo comercial, a temática está lá incutida e pode provocar o debate na escola.

Esse primeiro filme, é espanhol, apresentado inicialmente no Festival de Cinema Espanhol, onde o foco é mais direcionado a filmes alternativos, mas este, após esse evento, foi direcionado ao circuito comercial. As cenas são bem realistas, é um filme tenso e mexe muito com as emoções, as situações estarrecedoras que o protagonista vivencia nos faz questionar se um ser humano é capaz de tamanha crueldade. O que é confirmado ao analisar casos reais citados ou aqui analisados. O *bullying* físico e psicológico é muito bem construído, desde a primeira abordagem do agressor, o desenvolvimento de como esses casos tomam proporções alarmantes e como o suicídio foi sendo aos poucos constituído.

O segundo, tem o padrão americano, apresenta os fenômenos *bullying* e suicídio de maneira mais espetacularizada, mas não perde a sua essência porque consegue revelar o fenômeno do *cyberbullying* vitimizando uma adolescente, mostrando o sofrimento que são típicos dessa idade. Mostrou que o fenômeno não escolhe a aparência da vítima, escolhe o ato cometido e possível de ser constituído em chantagem.

A leitura fílmica dessas películas não requer nenhuma bagagem de conhecimentos cinematográficos, mas eles permitem desenvolver uma curiosidade pela temática. Com as devidas intervenções pedagógicas, é possível intermediar o desenvolvimento da capacidade de análise dos alunos, para que eles não se tornem apenas consumidores passivos. A maneira como esses filmes foram produzidos, a sequência de imagens, os sons, tudo foi muito bem construído e consegue apreender o sentido de quem assiste, a situação apresentada permite que os alunos se vejam na pele dos protagonistas.

Além dos filmes analisados, registramos aqui produções que fizeram parte do levantamento da pesquisa, compõem uma relação de produções que abordam o *bullying* e suicídio como temática e que permitem iniciar a discussão das temáticas

no ambiente escolar, eles não foram produzidos com a finalidade de se tornar um material didático, mas conseguem evidenciar os referidos fenômenos com riqueza de detalhes, as experiências vivenciadas pelos protagonistas vítimas são similares aos que aqui foram analisados.

Título no Brasil Bang, Bang! Você Morreu!
 Ano Lançamento 2002
 País de Origem Canadá / EUA

Título no Brasil O Silêncio de Melinda
 Ano Lançamento 2004
 País de Origem Estados Unidos

Título no Brasil A Classe
 Ano Lançamento 2007
 País de Origem Estônia

Título no Brasil Covardes - Qual o seu medo?
 Ano Lançamento 2008
 País de Origem Espanha

Título no Brasil *Bullying* Virtual
 Ano Lançamento 2011
 País de Origem Canadá

Título no Brasil Um Grito de Socorro
 Ano Lançamento 2013
 País de Origem Países Baixos

Título no Brasil Depois de Lúcia
 Ano Lançamento 2013
 País de Origem México, França

Título no Brasil A Girl Like Her
 Ano Lançamento 2015
 País de Origem EUA

Fonte: <http://www.interfilmes.com>
 Mídia disponível em: <http://www.youtube.com>

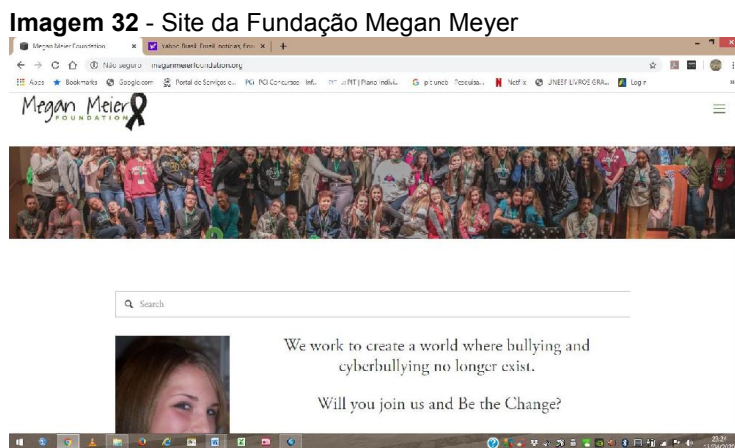
8.2 As medidas tomadas contra o *bullying* e o suicídio pelas famílias atingidas

Em 2007, Tina Meier criou a Fundação Megan Meier (Megan Meier Foundation), com sede na cidade de Chesterfield, Missouri (EUA). Essa fundação atende a jovens estudantes vítimas de *bullying* e famílias de vítimas, atua em diversos países e já ultrapassou mais de 10 milhões de jovens atendidos.

Tina Meier é diretora da fundação, na sua equipe tem profissionais de várias áreas que atuam na missão da fundação. Ela viaja pelo mundo falando da triste história da filha, do seu final trágico, mas da esperança de contribuir para mudar o destino de muitos jovens estudantes. Ela recomenda, nas suas palestras, que os pais e os educadores escutem as vítimas, porque elas acreditam que ninguém se importa com elas, que estão só, que seus sentimentos não têm importância para ninguém. A família de Megan passou a viver para alavancar as obras da fundação, hoje prestigiada e respeitada. Seu pai também trabalha na fundação.

Tudo que a família faz não trará a filha de volta, mas outras vítimas não se sentirão abandonadas, terão a chance de lutar contra o *bullying* e evitar os casos de suicídio. Tina transformou seu sofrimento em luta.

O objetivo sempre foi impedir que tragédias como a de sua filha acontecessem com outros jovens estudantes, e também atuar junto às famílias, às escolas, à comunidade, no combate a todos os tipos de *bullying*, principalmente o *cyberbullying* e o suicídio. O público impactado pela fundação chega a 13 milhões de crianças e adolescentes por ano. O foco do trabalho são as questões ligadas à prevenção e intervenção, apoio a causas e administração de recursos.



Fonte: <https://meganmeierfoundation.org/>

A respeito da Fundação Megan Meyer, verificamos que trabalham para evidenciar os valores fundamentais que defendem em termos de compromisso, educação e diversidade, dentre outros, além de valorizar e acreditar no trabalho feito por equipes.

Sobre compromisso: Procuram acolher as necessidades de alunos, pais e educadores que vivenciam os problemas que envolvem o *bullying*, *cyberbullying* e o suicídio, pautados numa perspectiva ética.

Sobre educação: Trabalham visando a ampliação de conhecimentos sobre as discussões atuais e as pesquisas desenvolvidas relacionadas a questões de conscientização sobre *bullying*, *cyberbullying* e suicídio.

Sobre diversidade: Defendem e encorajam o respeito e aceitação da diversidade em todos os aspectos.

Destacamos, ainda, dentre as ações promovidas, que existe uma celebração todo 17 de outubro, dia de aniversário de morte da Megan, criado por estudantes australianos como um dia para lembrar as circunstâncias do *bullying*, *cyberbullying* e suicídio, para ampliar a conscientização sobre os efeitos devastadores desses fenômenos que assolam o mundo dos alunos nas escolas em todo o mundo. Esses estudantes promovem e incentivam a realização de atos de solidariedade pelo mundo, usam as redes sociais para divulgarem e marcam as publicações com as *hashtag*⁵⁴: #ChangeStartsWithMe, #ChangeStartsWithMe e #MeganMeierDay.

A história da Megan não é diferente das histórias fictícias mostrada nos filmes, é uma história real, de uma menina real. Megan era americana, mas depressão, *bullying*, *cyberbullying*, suicídio e internet existem no mundo inteiro. E injustiças em casos como o da Megan são recorrentes, Lori não pagou pelo que fez, não foi presa, ela não foi responsabilizada por incentivar o suicídio, sob a alegação de que não existia nenhuma lei que tipificasse o que ela fez como crime.

Sobre a família de Amanda Todd, sua mãe Carol Todd criou o Amanda Todd Legacy Society Official, uma organização, sem fins lucrativos, para receber doações e apoiar ações anti-*bullying*, pressionar o governo para a criação de políticas mais duras, mais segurança nas redes sociais, além de acolher vítimas e pais de vítimas.

⁵⁴ Hashtag é um termo associado a assuntos ou discussões que se deseja indexar em redes sociais, inserindo o símbolo da cerquilha (#) antes da palavra, frase ou expressão. Quando a combinação é publicada, transforma-se em um hiperlink que leva para uma página com outras publicações relacionadas ao mesmo tema.

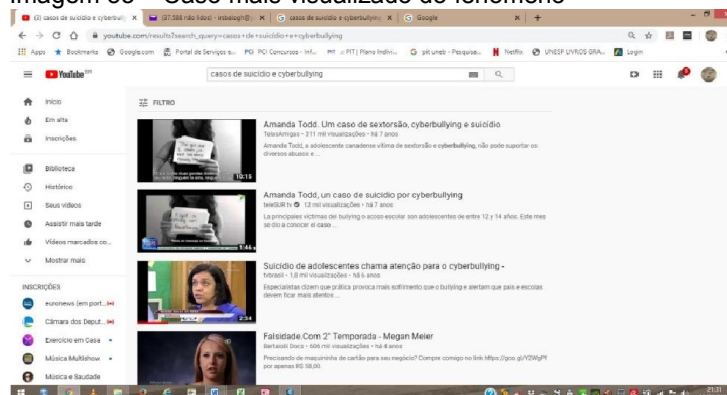
“Eu não quero ver nossas crianças vitimizadas novamente por perder os direitos de privacidade.” Carol Todd

Além dessas ações, esse suicídio causou muita repercussão, a sociedade se envolveu na luta por justiça no caso da Amanda, diversas vigílias e manifestações foram realizadas no Canadá e em algumas cidades dos Estados Unidos, para lembrar a tragédia passada por Amanda e por outras vítimas de *bullying*, solicitavam que fossem implementadas políticas mais duras e firmes contra o *bullying*. Já no Parlamento canadense, os deputados tentavam aprovar uma moção que permitisse espaço para se criar estratégia para evitar a ocorrência do *bullying*.

Uma emissora de TV, a CTV informa à família Todd, sobre um projeto apresentado pelo deputado Dany Morin, para criar um comitê com diversos partidos para estudar o problema do *bullying* no país. O pai de Amanda diz que não vê isso como uma grande ação, ele diz que o país não precisa de mais estudos sobre o *bullying*, mas sim de mais ação.

Mais atos foram realizados em outros países, em Toronto, estudantes da Toronto District School Board prestam homenagem com um minuto de silêncio. Ainda nesse dia, Carol Todd foi convidada para receber as homenagens a sua filha, o "We Day 2012" em Vancouver e assistir uma palestra proferida por Magic Johnson, Demi Lovato, e a primeira ministra da Colúmbia Britânica, a Christy Clark, cujo tema foi sobre assédio e intimidação na escola. O caso de Amanda chocou muitos países, e, até hoje, quando fazemos uma busca no YouTube pelo tema: "Casos de suicídio e *cyberbullying*", é o primeiro caso listado, devido ao número de visualizações da sua história.

Imagem 33 – Caso mais visualizado do fenômeno



Fonte: https://www.youtube.com/results?search_query=Casos+de+suic%C3%ADdio+e+cyberbullying

O suicídio da Marion Fraisse também levou sua família a lutar por justiça, Nora Fraisse, assim como a família Meier e Todd, também escolheu contar a história da filha. Além da luta pela responsabilização da escola e dos alunos envolvidos, aceitou contar toda a história de *bullying* e suicídio vivenciada pela filha em um livro.

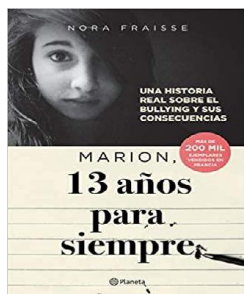
Nora foi convencida pela editora Clarisse Cohen, para que sua história não ficasse esquecida e pudesse servir de alerta para outros jovens vítimas como Marion. Nele, ela alerta para os perigos que essa violência nas escolas pode provocar. Para ela, a questão da violência nas escolas deve ser uma preocupação de todos, é urgente educar os alunos a respeitarem uns aos outros. Esse livro representou também uma quebra de tabu em torno do *bullying* nas escolas, foi publicado em francês, espanhol e português.



- Edição lançada na França - Editora: CALMANN-LEVY, janeiro de 2015



- Edição lançada em Portugal - Editora: Bertrand Editora, janeiro de 2017



- Edição lançada na Espanha - Editora: Planeta Publishing, fevereiro de 2019

Nora diz que escrever o livro foi uma forma encontrada para lidar com a tristeza do que aconteceu e com o sofrimento de saber que não teriam um futuro juntas. Nora diz que o início não foi fácil, revisitar as memórias da filha, tudo isso foi muito angustiante e doloroso. O livro teve cerca de 141 mil exemplares vendidos na França, no período do lançamento. Na dedicatória do livro Nora expõe os motivos que a levaram a escrever o livro e destaca que escreveu que foi forma de homenagear a filha, como maneira de lidar com a tristeza de não ter um futuro juntas. Para que a morte da filha sirva de alerta para outras pessoas, que tirem lições dessa tragédia, que as famílias consigam evitar que seus filhos se tornem vítimas ou agressores, que o corpo gestor das escolas saiba ouvir, identificar e acolher esses jovens, e orientá-los no seu sofrimento, que a leitura desse livro sirva para orientar os jovens a nunca optar pela desistência da vida.

Escrevo este livro para te prestar homenagem, para te falar da nostalgia que sinto perante um futuro que não vais partilhar comigo, conosco. Escrevo este livro para que cada pessoa retire lições da tua morte. Para que os pais evitem que os seus olhos se tornem vítimas, como tu, ou agressores, como aqueles que te levaram ao desespero. Para que as direções das escolas se esforcem por vigiar, por escutar, por estender a mão às crianças em sofrimento. Escrevo este livro para que levem a sério o problema do assédio na escola, o *bullying*. Escrevo este livro para que nunca mais uma criança tenha vontade de enforcar o seu telemóvel, nem de suspender a sua vida para sempre. (NORA FRAISSE, 2015).

Com o sucesso do livro e a repercussão que este caso teve em alguns países, tornou-se um grande sucesso de vendas, um *best-seller*, na França vendeu, nos primeiros meses, cerca de 141 mil exemplares. Foi lançado na Espanha e Portugal, por esses países terem números elevados de casos de suicídio provenientes do *bullying* na escola e o caso de Marion foi bastante divulgado lá. Houve palestras de psiquiatras e pesquisadores sobre o tema, com a divulgação do livro nesses países.

Em Portugal, o livro foi tema de debate na FNAC do Centro Comercial Colombo, organizado pela editora Bertrand, que teve como palestrantes o psiquiatra Daniel Sampaio, Tito Morais, o representante do projeto MundosSeguroNa.Net e a professora Vanessa Limpo. Nessa palestra, o que mais chamou a atenção do psiquiatra, foi a maneira omissa e silenciosa que a escola adotou, argumenta também sobre o *cyberbullying*, que mesmo Marion tendo, simbolicamente, atribuído alguma culpa ao celular, ou seja, ao que ele fez chegar até ela, coisas que ferem, não ver como solução o recolhimento do dispositivo móvel dos jovens, mas o uso

constantemente aconselhado, não devemos demonizar a internet. Já Morais, falou da maneira como as escolas escondem esse assunto “embaixo do tapete” para manter a imagem.

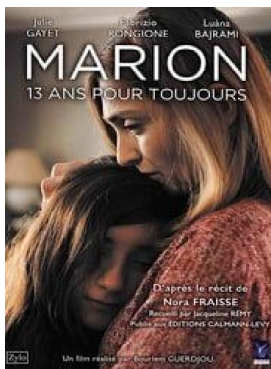
No livro, Nora traz mensagens para que pais reconheçam quando seus filhos estejam sendo vítimas de intimidações, ou se estão praticando. É dirigido também para as escolas, para que seu corpo gestor e professores tenham condições de identificar sinais de que seus alunos estejam sendo agredidos ou agredindo, que consigam reconhecer com mais propriedade os sinais deixados pelos jovens, que tenham condições de escutar o sofrimento de crianças que sofrem como sua filha sofreu. É um livro para tentar evitar que qualquer jovem que sofre intimidações na escola não pense em enforçar seu próprio celular, nem tampouco, cometer suicídio. Ela diz numa das passagens do livro que os pais que amam os seus filhos, são ingênuos, logo, não conseguem perceber o que está acontecendo a sua frente.

Com toda a comoção que teve a história de Marion, em 2014, a França criou uma Campanha Nacional de combate ao assédio, para conscientizar os jovens sobre o *bullying* e o *cyberbullying*. Foi criado também uma central telefônica, com um número (3020) para que as vítimas pudessem ligar gratuitamente, funcionando de segunda a sexta. E em casos específicos de cyberstalking⁵⁵, o número 0 800 200 000 "net écoute" (escuta na rede) estava também disponível. Foi estabelecido o dia 05 de novembro de 2015 como o dia de dizer não ao assédio, o dia de combate ao *bullying* em todas as escolas na França.

Nora fica agradecida com o sucesso do livro, e aceita ceder a história da filha para uma produção cinematográfica. Com isso, ela diz que a história da filha passa a atingir mais pessoas, as que foram leitoras do livro e aquelas que não tiveram acesso, o filme pode atingir muito mais pessoas, servir de apoio para quem vivencia o problema.

Em 2016, a história de Marion foi contada em um filme, dirigido pelo diretor Bourlem Guerdjou, produzido pelo canal France, a partir do livro. No filme, novamente a história de *bullying* e o suicídio de Marion, para que essa história chegasse ao maior número possível de estudantes, escolas e família, para que jovens não cometam suicídio.

⁵⁵ É usar ferramentas tecnológicas com o intuito de perseguir ou assediar uma pessoa na internet.



Quadro 15 – Filme Marion 13 ans pour toujours

Ficha Técnica	
Direção	Bourlem Guerdjou
País de origem	França
Ano	2016
Roteiro	Lorraine Lévy
Produção	Roman Turlure
Produtoras	France 3, TV5Monde e EuropaCorp
Gênero	Drama
Premiações	Laurier Fiction, Lauriers de la Radio et de la Télévision de 2016.
Classificação	Não recomendado para os menores de 10 anos
Elenco	
Julie Gayet	Nora Fraise
Luána Bajrami	Marion Fraise
Fabrizio Rongione	David
Alice Perez-Malartre	Clarisse
Xavier Robic	Le principal Leroy
Tatiana Rojo	Zahia
Marie-Anne Mestre	Senhora Moretti
William Dechelette	Romain
Yann Tregouet	Senhor Mathis

Fonte: <https://filmow.com/marion-13-ans-pour-toujours-t218502/>

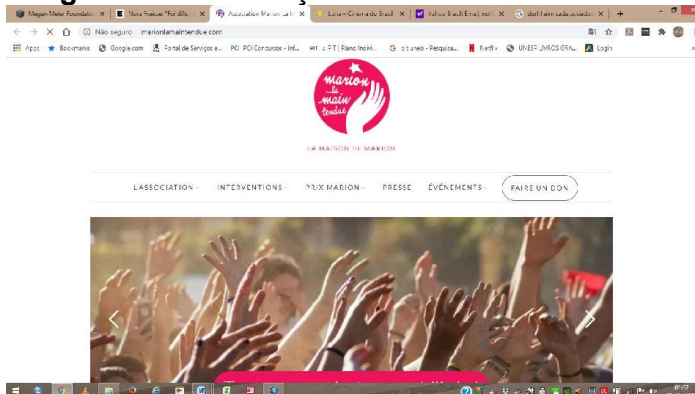
O filme revela como o sofrimento de Marion foi crescendo gradativamente, iniciando pelo isolamento devido a piadas na sala de aula, foi considerada a boazinha da turma e por isso passou a sofrer *bullying*. Com a evolução dos insultos, ela vai perdendo as amigas, fica só e depressiva, acabando por buscar no suicídio o fim para a sua dor.

Nora diz que ao liberar a produção de um filme, a história de Marion deixa de pertencer à família e passa a ser algo de acesso a qualquer pessoa, mais pessoas podem conhecer a história e compreender como ocorre o assédio na escola e como as vítimas podem agir. O filme tem a duração de 90 minutos, mostra o sofrimento que Marion experienciou, foram retratados pelos escritos deixados por ela e por sua

mãe, foi exibido pela televisão francesa e visto por mais de quatro milhões de pessoas.

Nora Fraise ainda fundou a Associação: *Marion Fraise, a mão estendida*, voltada para combater o *bullying* e qualquer outra forma de violência que impeça as crianças de viverem um futuro. Um trabalho voltado para prevenção e acolhimento das vítimas e famílias atingidas. Ela passou pelo sofrimento profundo, a angústia e saudade da filha para lutar, para que novas vidas de crianças não sejam ceifadas pela violência que assola as escolas.

Imagem 34 - Associação Marion La Main Tendue



Fonte: <https://www.marionlamaintendue.com/>

A associação criada por Nora seguiu à frente das iniciativas no combate ao *bullying*, a Associação Marion La Main Tendue combate qualquer forma de violência, declarando que essa violência a que crianças e jovens são submetidos, impedem que eles cresçam com saúde mental, física e emocional em boas condições, logo, todo o seu potencial será comprometido, será afetado. Essa associação tem por objetivo trabalhar com a prevenção e o combate ao assédio e ao *cyberbullying* na escola, com a missão de contribuir para que os alunos tenham a oportunidade de viver a juventude e crescer durante a sua vida escolar, que essas violências não os impeçam de galgar um futuro sadio.

Na metodologia de trabalho utilizada, os representantes da associação participam de muitas conferências sobre o tema, realizam oficinas com crianças e adolescentes sobre como se proteger da violência na escola, desenvolvem ações em escolas no dia que foi estipulado como marco para a conscientização do problema e também têm um trabalho de apoio às famílias das vítimas dessa violência.

Uma análise que se faz das ações implementadas no combate ao *bullying* é que elas avançam de maneira muito lenta. E, mesmo tendo criado um canal de denúncias de *bullying* na escola, a linha só funcionava em horário escolar, sendo de difícil acesso conseguir agendar horário para o atendimento de estudantes, chegava a demorar semanas e meses.

Nos casos brasileiros, o suicídio de Gianna Fabi levou a família a procurar justiça, o agressor era conhecido, um colega da colega, menor de idade, que apenas prestou depoimento. Receber a notícia do encerramento do inquérito sem ninguém ter sido responsabilizado representou a maior decepção para a família de Gianna, eles se recolheram em seu luto e seguiram adiante. Para eles, não havia mais nada a ser feito pela filha, em memória de Gianna.

Em relação à família de Roliver dos Santos, não há nenhuma notícia de inquérito para responsabilizar a escola ou responsáveis dos alunos. Seus pais apenas compareceram a um programa de televisão para contar a história do filho, mas, somente, porque Roliver havia escrito uma carta para um apresentador de um programa que tinha um quadro em que apareciam famílias pobres sendo ajudadas. Ele acreditava nessa possibilidade, única forma de ajudar a sua família. Houve uma comoção dos espectadores do programa, pela história triste daquele menino pobre que se suicidou e nada mais. A sua família se recolheu em seu luto e tiveram que seguir apenas com suas lembranças.

Também não houve responsabilização no caso do suicídio de Vítor Augusto, mesmo tendo cometido suicídio dentro da escola, devido à instituição não ter isolado uma área perigosa aos estudantes, o suicídio do Vítor foi apenas noticiado por uma emissora de TV. Nada foi divulgado da sua vida familiar, exceto, por uma entrevista dado por telefone, pela mãe, apenas lamentando o ocorrido.

Todas as atitudes tomadas pelos pais retratados nos filmes e vídeos estrangeiros pesquisados, revelam que, mesmo a dor de perder um filho para o suicídio, eles reagiram e transformaram suas dores em luta, em amparo para novas vítimas. No Brasil não aconteceu este tipo de movimento, acreditamos que pelo grau de escolarização dessas famílias, de origem humilde, por desconhecimento, e nada saberem sobre suicídio, aceitaram que seus filhos se mataram, sendo eles seus próprios homicidas. Até mesmo na família de Gianna, que demonstrava ser um pouco mais esclarecida, a dor ocupou o lugar da luta. Ficou a tristeza e a revolta com as leis brasileiras.

Acreditamos que falar de suicídio aqui no Brasil ainda é um grande tabu, o luto e a vergonha da família impedem qualquer ação em busca de justiça. Já conseguimos, atualmente, ver uma ampliação das discussões, mas ainda se concentram no meio acadêmico, o debate ainda não se popularizou enquanto assunto de saúde pública, tampouco como assunto de interesse geral e social.

8.3 Campanhas e programas de prevenção ao *bullying* e ao suicídio no contexto atual

As campanhas de prevenção objetivam, em termos gerais, o reconhecimento pela sociedade desse problema social com o intuito de alertar e aceitar que se trata de uma questão de saúde pública. São esforços de instituições, órgãos públicos e sociedade civil, com a finalidade de falar da ocorrência de uma situação ainda invisibilizada. As campanhas são realizadas através de ações diversificadas em variadas áreas da sociedade, fazendo uso de diversas táticas possíveis de serem utilizadas como estratégias, são empregadas diversas mídias para atingir um número significativo do público.

A adequação da linguagem e o tipo de mensagem escolhida é muito importante, já que se trata de conscientizar uma população leiga, que necessita de prevenção, desconhecem ou sabem pouco sobre o problema, o sucesso está atrelado a que tipo de texto será empregado, logo, exige engajamento na elaboração. Com estratégias bem construídas nessas campanhas, amplia-se a procura por informações sobre o problema, procura-se mais por diagnósticos e por ajuda profissional. A população, com isso, tem mais oportunidades de saber como se prevenir e se tratar, aonde procurar ajuda.

Numa outra fase, pensamos nos programas de prevenção, que também vão na mesma direção, visam atuar diretamente na prevenção e intervenção de situações já instauradas. A necessidade de campanhas e programas contra o *bullying* e o suicídio representa um chamamento para falar sobre temas que contribuem para a deterioração da vida escolar, são questões ignoradas e estigmatizadas que provocam prejuízos incontáveis, que se agravam, quando invisibilizamos a sua existência. Pensar nesses caminhos é ter compromisso com a manutenção da vida e garantias que nossos adolescentes terão um futuro.

Dar visibilidade a problemas de saúde pública para a população escolar, possibilita a identificação de perfis agressores e perfis suicidas, possíveis de serem tratados. Mobilizar a população, despertando o interesse em conhecer e discutir o problema é extremamente necessário, é preciso tirar a discussão fixada nos consultórios e conduzi-la a outros espaços da sociedade.

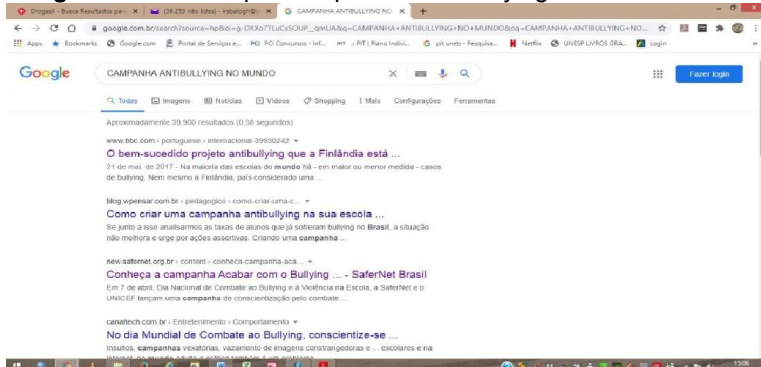
8.4 Destacando algumas campanhas

São muitas as campanhas de combate ao *bullying* escolar e ao *cyberbullying*, no entanto, elas estão fragmentadas, as ações pulverizadas, cada instituição elabora a sua estratégia de prevenção e executa, e nem sempre avalia os resultados. Em outros países, temos, além de escolas e poder público, muitas Organizações Não Governamentais (ONGs) e associações atuam para reduzir a incidência do *bullying* na vida escolar, as entidades criadas pelas famílias das vítimas de suicídio pesquisadas são exemplo de como muitas ações surgem.

No Brasil não é diferente em termos da fragmentação, nas escolas, alunos e professores elaboram propostas e executam, com ou sem resultados, principalmente após a aprovação da Lei nº13.185/2016, que versa sobre o *bullying* nas escolas brasileiras e orienta que as escolas criem alternativas. Cada escola, cada prefeitura, cada estado pensa em combater as violências na escola, mas não existe uma campanha unificada.

Numa busca por campanhas de combate ao *bullying* desenvolvidas mundialmente, o destaque foi para uma experiência na Finlândia, que já vem sendo praticada em outros países.

Imagem 35 – Busca por campanhas antibullying no mundo



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=campanha+antibullying+no+mundo>

Essa experiência de combate ao *bullying* na Finlândia advém da criação de um programa antibullying que apresentou resultados significativos. Após várias pesquisas e estudos, financiado pelo Ministério da Educação e da Cultura, a Universidade de Turku, em 2007, desenvolveu um método chamado KiVa (contra o *bullying*), esse método já foi exportado para mais de 20 países na Europa e América Latina (Argentina, Chile, Colômbia e Peru). O nome vem da sílaba inicial do termo que usam para se referirem ao *bullying*: Kiusaamista Vastaa, que significa, “contra o *bullying*”.

Imagem 36 – A experiência com o KiVa



Fonte: <http://www.kivaprogram.net/>

O sucesso se deve ao fato do programa focar também nas testemunhas, os espectadores do *bullying*, a plateia. Considerando que em muitos programas, o foco é apenas na vítima e no agressor, nesse caso, os espectadores formarão o grupo que dá sentido à existência do *bullying*, são as crianças e adolescentes que assistem tudo, as vezes dão risada ou comentam, outras não sabem o que fazer, ficam incomodadas e intimidadas, às vezes têm medo de se tornarem novas vítimas e sofrem caladas. Esse programa propõe, em termos gerais, retirar a plateia do agressor, este perderá a visibilidade, sem isso, suas ações tendem a perder a graça.

O KiVa tanto lida com casos de *bullying* já configurados, como previne para inibir novos casos. Na escola, envolve todos os alunos, determinam as iniciativas que influenciarão a criação de normas do grupo escolar. Os alunos são levados a se comportarem construtivamente e com responsabilidade, eles deixam de ser espectadores ou incentivadores de *bullying*, alguns conseguem, inclusive, ajudar

algumas vítimas. Quase todas as escolas finlandesas inseriram o método, num total de 90% delas.

A implantação na escola, implica na capacitação de uma equipe específica para atuar no programa, que terá condições de detectar qualquer situação de *bullying* na escola, ela está sempre em atenção e atuante. Também é responsável pelos diálogos travados com os envolvidos, de maneira individual e no grupo maior, além de ser capaz de identificar no grupo, alunos com potencial de sociabilidade para intervirem quando um colega está sendo vítima.

Esse grupo atua tranquilizando a vítima, sensibilizando o agressor, ao mesmo tempo em que os espectadores são conscientizados a entender a necessidade e importância de não se tornarem plateia. Orienta-se que o método possa ser implantado desde a educação infantil, para que as crianças aprendam a não participarem ativamente, tampouco passivamente de comportamentos agressivos, com isso apreendido, tende-se a mudar a mentalidade diante dessas situações.

Na metodologia do programa, o trabalho de prevenção conta com conversas e exposições duas vezes ao mês, com a duração 45 min cada encontro, o grupo discute conhecimentos específicos sobre *bullying*, mas nunca casos reais.

O programa ao ser implantado na escola, passa a fazer parte continuamente das ações de combate a esses comportamentos, não é anual, trata-se de um processo contínuo, pensado para combater o *bullying* físico, verbal e *cyberbullying*, cujos resultados são bem significativos nas escolas em que tiveram a implantação. Em 2009, o Programa KiVa ganhou o Prêmio Europeu de Prevenção a Criminalidade.

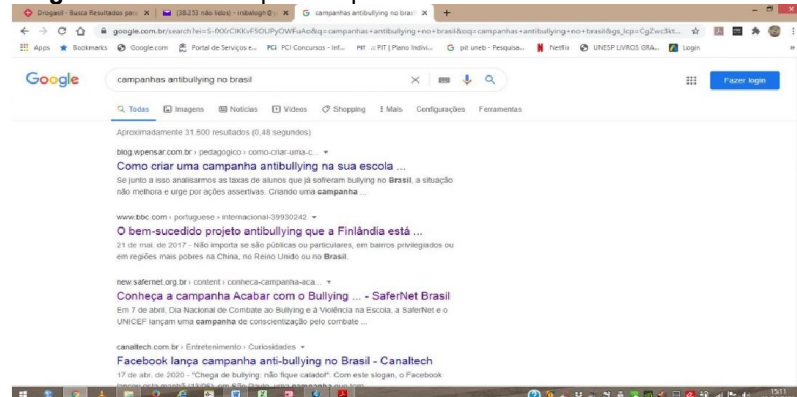
Utiliza como recursos: livros específicos, games, palestras instruídas pelos professores, além do correio virtual, permitindo que as vítimas ou testemunhas denunciem situações de *bullying* de maneira anônima.

A implantação do programa na América Latina passou por adaptações, considerando a participação da família, que foi incluída, e as especificidades da nossa sociedade e da nossa cultura.

8.5 A campanha da Unicef

Numa busca, realizada da mesma maneira, para conhecer as campanhas desenvolvidas no Brasil e noticiadas na internet, o destaque inicial foi para uma experiência praticada em colaboração de algumas instituições.

Imagem 37 – A busca por campanhas no Brasil



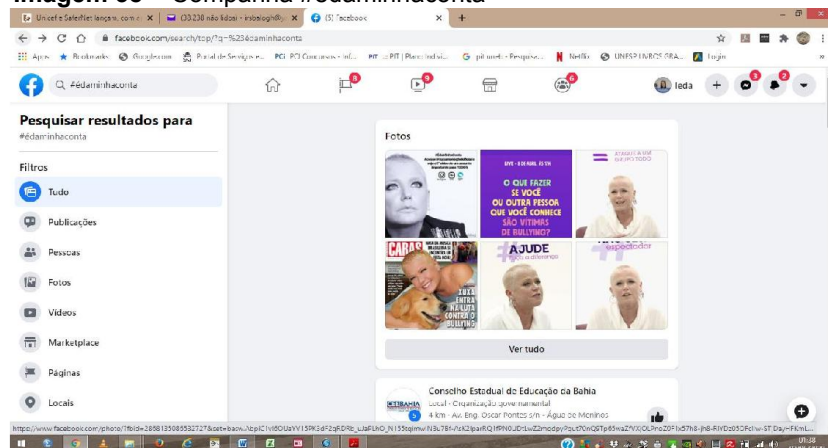
Fonte: <https://www.google.com.br/search?source=campanhas+antibullying+no+brasil&oq>

Em 2009 foi lançada no Brasil uma campanha de prevenção e combate ao *bullying* pela UNICEF, *SaferNet*, e com a colaboração do *Facebook* e do *Instagram*. A ideia foi que os usuários das redes sociais contassem nessas redes as suas histórias de *bullying*. Considerando que o universo dos adolescentes são as redes sociais, a campanha decidiu usar o mesmo cyberspaço para combater o *bullying*.

Acompanhamos a evolução das agressões que antes eram praticadas nas escolas, e que foram potencializadas nas redes sociais, ainda mais perigoso porque não há retroceder, não há pedido de desculpas, o “eu” se publica, definitivamente.

Nessa campanha, as histórias seriam contadas pelos próprios internautas e marcadas com *hashtags* e colocadas nas publicações e nos *stories*: #édaminhaconta. Visando lidar com a empatia das pessoas, parte da indagação: “O conteúdo da brincadeira te faz sentir mal, humilha ou discrimina?” A resposta sendo “não”, a campanha fornece uma orientação de como agir, e se for “sim”, a campanha busca mais detalhes como: idade da vítima; frequência das brincadeiras, etc. A proposta é dar um lugar de fala para os internautas, porque eles conversam muito mais entre si, do que com um adulto.

Imagem 38 – Companhia #édaminhaconta



Fonte: <https://www.facebook.com/>

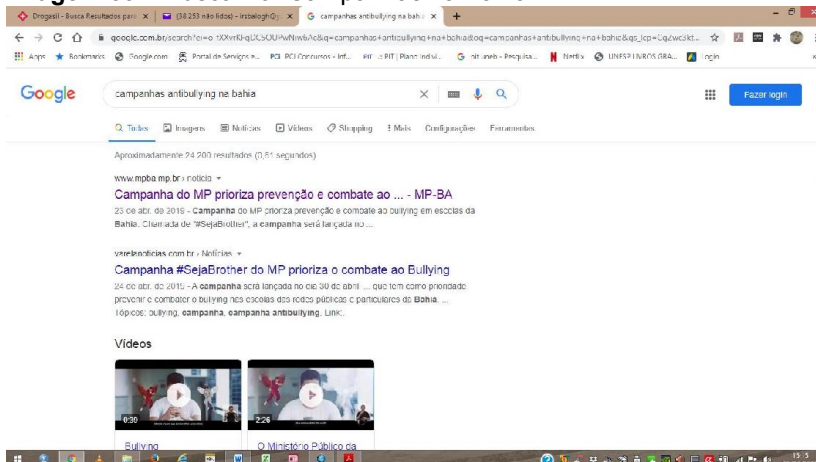
O Facebook monitora os conteúdos por 24 horas todos os dias, o Instagram possui filtros de conteúdos e recomenda a partir de 13 anos para a criação de perfis. Uma das metodologias empregadas nessa campanha são as *lives*⁵⁶ falando do tema, com a presença de jovens como expositores, pessoas do meio artístico que tenham acesso a esse público. A apresentadora Xuxa Meneghel assumiu a propaganda da campanha e inaugurou um espaço virtual para que as pessoas pudessem contar suas histórias falando das experiências com o *bullying*.

8.6 A campanha antibullying do Ministério Público da Bahia

O destaque para essa campanha é por apresentar as ações desenvolvidas no estado da Bahia, especificamente em Salvador, de onde originou essa pesquisa, numa tentativa de ver no âmbito local, as iniciativas institucionais tomadas em relação ao fenômeno. A campanha que apareceu em destaque, foi uma experiência encabeçada pelo Ministério Público da Bahia, em abril de 2019.

⁵⁶ Live é uma transmissão ao vivo de áudio e vídeo na Internet, geralmente feita por meio das redes sociais: Instagram, YouTube, Twitter, Facebook e TikTok. E os usuários podem fazer comentários e deixar curtidas, além de acompanhar as atividades dos demais espectadores.

Imagem 39 – Busca Por Campanhas na Bahia



Fonte: https://www.google.com.br/search?ei=3L0HX_WVVBemy5OUPi9ku&q=campanha+antibullying+na+bahia

O Ministério Público (MP) lançou essa campanha de prevenção e combate ao *bullying* nas escolas baianas, que recebeu o nome de “#SejaBrother – juntos contra o *bullying*”, voltada para a redução dos espectadores, considerando que onde não há plateia, não há *bullying*. Falam da necessidade de não estimular e nem achar engraçado um ato de violência como o primeiro caminho para a redução. Além de defenderem o apoio à vítima e o atendimento ao agressor.

Imagem 40 – #SejaBrother Campanha do MP Bahia



Fonte: <https://sejabrother.mpba.mp.br/>

Conforme o MP da Bahia, um dos objetivos da campanha é criar um banco de dados com práticas de enfrentamento ao *bullying* e fiscalizar o uso da internet pelos jovens. Justifica a necessidade dessa ação, considerando os dados da última edição da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PENSE), de 2015, realizada fruto da

parceria entre o Ministério da Educação (MEC) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apontou um índice elevado de casos de *bullying* sofridos e praticados pelos estudantes. Essa pesquisa não ouviu todos os estudantes brasileiros, trabalhou por amostragem.

Essa campanha, segundo o MP, está fundamentada na Lei nº13.663/2018, que promoveu modificações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), e na Lei nº 13.185/2016, que versa sobre o *bullying*, recomenda às escolas a criação de medidas de combate a todas as formas de violência escolar, principalmente o *bullying*.

O MP pretende trabalhar conjuntamente com o Centro de Apoio Operacional de Defesa da Educação (CEDUC), O Centro de Apoio da Criança e do Adolescente (CAOCA), Centro de Apoio Operacional Criminal (CAOCRIM), que além de acolher a vítima e atender o agressor, desestimula a plateia. O MP declara que pretende conhecer as situações do *bullying* e suas formas de manifestações em instituições de ensino público e particular, trabalhando com a escuta dos participantes do processo educacional.

No tocante ao trabalho de prevenção ao suicídio, vamos destacar aqui a experiência do Centro de Valorização da Vida (CVV) e a Campanha Setembro Amarelo, que são trabalhos de grande alcance e de expressivo reconhecimento.

8.7 O trabalho da CVV: como vai você?

O Centro de Valorização da Vida (CVV) é uma associação sem fins lucrativos e filantrópica, criada em 1962, portanto, tem 58 anos de existência, cuja sede principal fica na cidade de São Paulo, e tem por objetivo dar apoio emocional e trabalhar na prevenção ao suicídio. Possui um número telefônico de atendimento, o 188, para qualquer pessoa que sinta a necessidade de conversar com alguém, funciona como um apoio emocional. E com a ampliação das novas tecnologias, a CVV atende também via *chat*, e-mail. Existe também a possibilidade de atendimento presencial. Trabalha com o slogan: “Como vai você? ”, para iniciar o contato.

Abaixo, a captura de tela mostra o site e principais redes sociais da CVV, seus canais de comunicação.

Imagem 41 – Site da CVV

Fonte: <https://www.cvv.org.br/>

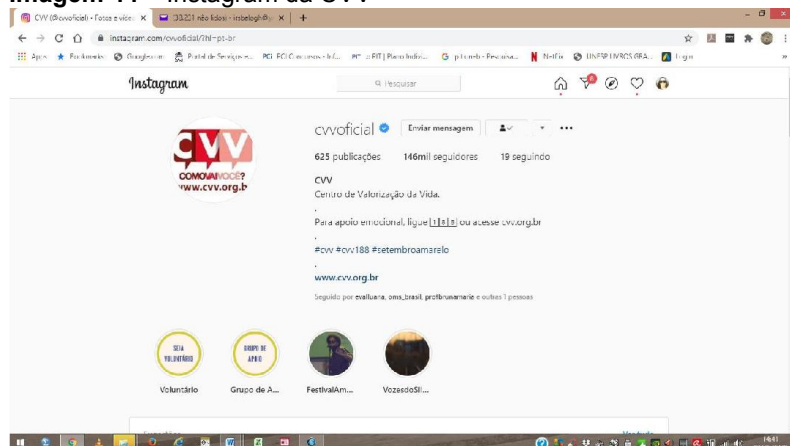
Imagem 42 – Twitter da CVV

Fonte: <https://twitter.com/search?q=cvv&src>

Imagem 43 – Facebook da CVV

Fonte: <https://www.facebook.com/cvvoficial>

Imagem 44 – Instagram da CVV



Fonte: https://www.instagram.com/cvv_oficial/?hl

A CVV é associada a uma instituição que agrupa várias entidades com o mesmo perfil, de diversos países do mundo, a *Befrienders Worldwide*, que foi fundada em 1974, é uma instituição de caridade que trabalha no combate ao suicídio e pensamentos suicidas, está presente em 32 países com 349 centros e atende cerca de sete milhões de pessoas por ano.

A CVV participou da elaboração da Política Nacional de Prevenção do Suicídio no Ministério da Saúde, e mantém termo de cooperação com esse ministério para a manutenção da linha telefônica nacional e gratuita de prevenção ao suicídio. Além dos atendimentos, essa associação realiza atividades de apoio emocional à comunidade, prega o autoconhecimento e a convivência pacífica entre grupos e consigo mesmo, ademais, sustentam o Hospital Francisca Júlia para atendimento a pacientes com transtornos mentais e também com dependência química, fica em São José dos Campos, estado de São Paulo.

A associação CVV produz o próprio material de campanha e está aberta a estabelecer novas parcerias com a imprensa, empresas e instituições. Em 2019 produziram três séries de vídeos, direcionados para os jovens, para pais e educadores e para auxiliar na formação de facilitadores para atuar em grupos de apoio aos sobreviventes do suicídio, além de cartilhas, cartazes, etc.

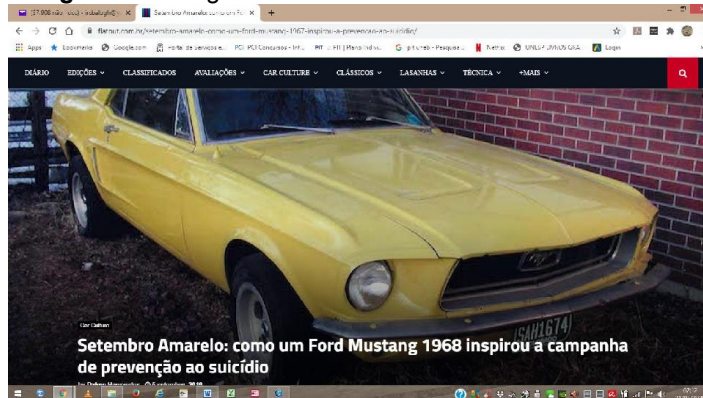
Dentre os programas desenvolvidos, destacamos aqui o CVV Comunidades, voltado para ajudar emocionalmente pessoas que necessitam desse apoio e em situações de risco emocional. Desenvolve uma série de atividades de risco emocional, e atividades pautadas no sentimento de solidariedade, atua também de forma presencial. Destacamos desse programa, o Cine-CVV que é uma atividade

desenvolvida a partir do cinema, promove a exibição de filmes e o momento das reflexões e comentários.

8.8 Setembro Amarelo: uma campanha de prevenção ao suicídio

O Setembro Amarelo surgiu nos Estados Unidos em 1994, foi organizado pela Fundação *Yellow Ribbon* (Fita Amarela), inspirado em um *Ford Mustang* 1968, que pertencia ao jovem Mike Emme, que morava em Westminster no Colorado. Mike era muito querido na comunidade, tinha muitos amigos, e era fã do carro Mustang. Gostava tanto que alguns amigos o apelidaram de “Mustang Mike”. Ele, como tinha domínio de mecânica automotiva, comprou um Mustang 68, reformou e pintou de amarelo. Ainda não tinha permissão para dirigir, mas preparou o veículo para ser o seu primeiro carro.

Imagem 45 – Origem do nome Setembro Amarelo



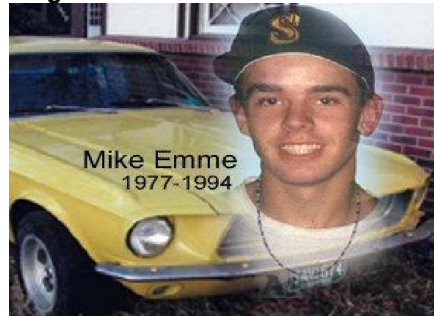
Fonte: <https://flatout.com.br/setembro-amarelo-como-um-ford-mustang-1967-inspirou-a-prevencao-ao-suicidio/>

No dia 08 de setembro de 1994, seus pais, Darlene e Dale Emme chegaram em casa e encontraram Mike morto dentro do carro, estacionado em frente à sua casa, Mike estava dentro, já sem vida, ele havia cometido suicídio, deu um tiro em si mesmo. Ao lado do corpo, havia um bilhete deixado por ele, com pedido de perdão aos pais: “Mãe e pai, não se culpem. Eu amo vocês”. “Com amor, Mike. 11:45 pm”. Os pais o encontraram às 11:52pm, por questão de poucos minutos, eles o perderam.

Comentaram na época que Mike andava muito cabisbaixo, profundamente triste, havia terminado um namoro, por isso, algumas pessoas falaram não estranhar o comportamento dele porque, acreditavam ser comum um jovem ficar triste quando

encerra um relacionamento. Após a tragédia, suspeita-se que ele sofria de depressão e seus pais e amigos nunca desconfiaram.

Imagem 46 – Mike Emme e o Ford amarelo

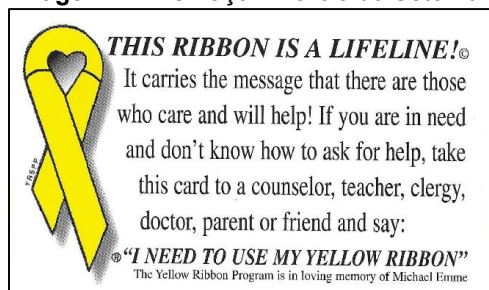


Fonte: <https://www.flatout.com.br/setembro-amarelo>

A notícia do suicídio de Mike se espalhou rápido e sua casa se encheu de amigos prestando solidariedade aos seus pais. Eles quiseram fazer algo para que a morte do filho não passasse em vão, decidiram, juntamente com seus amigos, fazer algo lembrar a memória do filho. Pegaram fitas amarelas, por conta da cor do Mustang, prenderam em cartões contendo a mensagem: “Se você está pensando em suicídio, entregue este cartão a alguém e peça ajuda! ”. O intuito era evitar que outros jovens cometessem suicídio como Mike, sem pedir ajuda.

Fizeram 500 cartões, que foram colocados em um cesto e ficaram à disposição de quem quisesse, durante o funeral de Mike. A surpresa para seus pais e amigos, foi que, após a cerimônia, não sobrou nenhum cartão. Decorridas algumas semanas, seus pais passaram a receber notícias de pessoas que haviam recebido o cartão como pedido de ajuda, esses cartões começaram a se espalhar por todos os cantos do país, os jovens estavam pedindo ajuda.

Imagem 47 – O Laço Amarelo do Setembro Amarelo



Fonte: <https://www.flatout.com.br/setembro-amarelo>

No ano de 2003, a Organização Mundial de Saúde (OMS) estabeleceu o dia 10 de setembro como o Dia Mundial da Prevenção ao Suicídio e a escolha da cor amarela para representá-lo, em homenagem ao Mustang amarelo de Mike.

No Brasil, essa campanha foi criada em 2015, idealizada pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), o Conselho Federal de Medicina (CFM) e o Centro de Valorização da Vida (CVV), tem por objetivo prevenir e diminuir o número de suicídios e de tentativas no Brasil, mas é baseada na campanha mundial, que acontece anualmente todo mês de setembro e adota o dia 10 de setembro como o Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio.



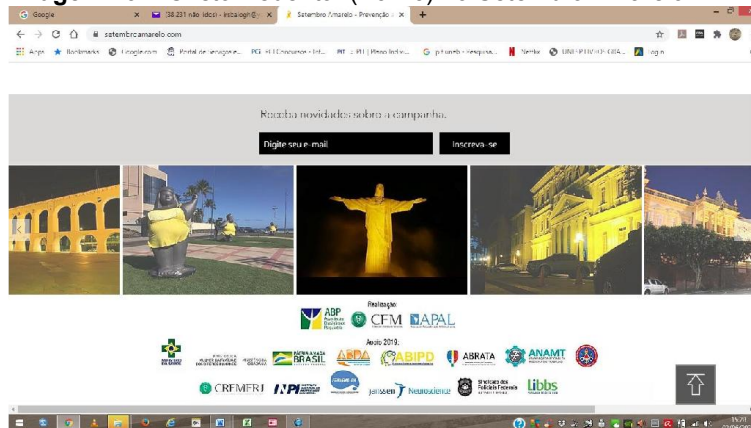
Essa campanha se justifica, pois, estudos comprovam que, a cada ano, o número de casos de suicídio é ampliado, cerca de 12 mil pessoas no Brasil cometem suicídio todos os anos, enquanto mundialmente são mais de um milhão de vidas ceifadas pelo suicídio. Ao contrário de acreditar que não se pode falar sobre suicídio por conta do “Efeito Werther”, a defesa, aqui, é justamente falar em todos os canais de comunicação, em todas as instituições, para toda a sociedade civil, sobre o suicídio enquanto um problema de saúde pública, não de forma espetacularizada. (SETEMBRO AMARELO, 2019).

A campanha vem crescendo e adquirindo visibilidade, a cada ano, mais instituições, empresas e sociedade civil se engajam na divulgação e elaboração de eventos sobre a temática, no mês de setembro. Nesse mês, é possível ver o material da campanha dispostos em espaços públicos e privados. Destaque, também, para a iluminação de monumentos históricos em amarelo no dia mundial de combate ao suicídio. A campanha é fixada em setembro, mas nos demais períodos do ano as

instituições envolvidas seguem na discussão e combate, mas projeção em termos de divulgação só é percebida em setembro.

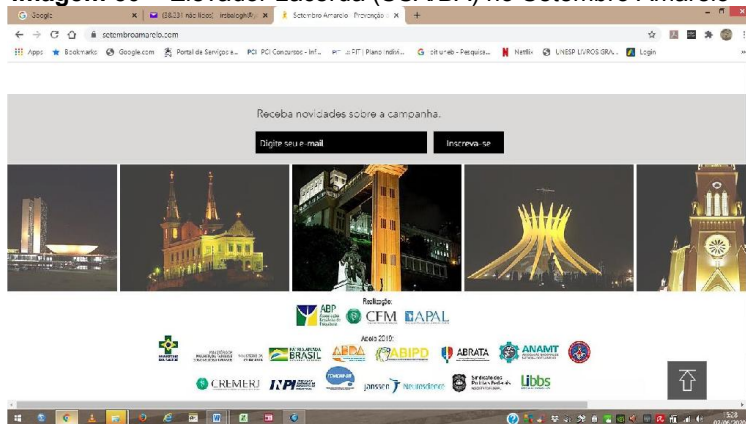
A seguir, destacamos na captura de tela, sinalizando alguns monumentos que foram iluminados de amarelo Brasil a fora, para dar maior visibilidade à campanha:

Imagem 49 – Cristo Redentor (RJ/RJ) no Setembro Amarelo



Fonte: <https://www.setembroamarelo.org.br/o-movimento/>

Imagem 50 – Elevador Lacerda (SSA/BA) no Setembro Amarelo



Fonte: <https://www.setembroamarelo.org.br/o-movimento/>

Na última campanha, em 2019, o material para dar visibilidade ao Setembro Amarelo foi bastante expressivo: cartazes, panfletos, cartilhas, filmes e diversos outros materiais de campanha espalhados pelas cidades brasileiras, inclusive cidades do interior, porque no passado, a campanha ficou sempre muito concentrada nas capitais. Houve muitos debates com a participação de variadas instituições e sociedade civil, tornou-se visível a ampliação da campanha.

Imagem 51 - Setembro Amarelo em municípios (RR)



https://folhahv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Campanha-Setembro-Amarelo

Imagem 52 - Setembro Amarelo em municípios (ES)



Fonte: https://www.acspmbmes.com.br/acs-prepara-acoes

Imagem 53 - Setembro Amarelo Salvador-Ba.



Fonte: http://www.saude.ba.gov.br/2019/09/04

Imagem 54 - Setembro Amarelo em municípios (BA)



Fonte: http://luanravick.com.br/2019/09/palestras-de-conscientizacao

Em Salvador, a campanha de 2019 foi bastante divulgada, aconteceram muitas palestras em diversas instituições. O metrô da cidade serviu de veículo de muita divulgação, por conta da intensa circulação de pessoas diariamente, tanto nas estações, quanto dentro dos vagões, foram colocados diversos materiais, cartazes e mídia eletrônica.

Uma curiosidade, enquanto eu fazia algumas fotos, houve a percepção de que as pessoas não olhavam para as mensagens diretamente, talvez para não serem identificadas como pessoas suicidas, tabu com o tema, por vergonha ou para não revelar que se enquadravam no perfil de quem precisa de ajuda. Pelo contrário, me olhavam estranhamente, outras comentavam entre si, mas ninguém se aproximou, eu poderia ser uma pessoa precisando de ajuda e estaria ali fotografando o número da CVV. Significa que as pessoas, por mais que a campanha tenha atingido grande visibilidade, não estão preparadas para a abordagem ou para falar sobre o suicídio, ainda é um tema estigmatizado.

Fotografias da campanha da CVV, de 2019, no Metrô de Salvador e, outdoors colocados em avenidas de grande circulação por empresas ligadas à saúde mental.

Imagem 55 - Setembro Amarelo 2019 Metrô I



Fonte: Produzida pela pesquisadora

Imagem 56 - Setembro Amarelo 2019 Metrô II



Fonte: Produzida pela pesquisadora

Imagem 57 - Setembro Amarelo 2019 Av.I



Fonte: Produzida pela pesquisadora

Imagem 58 - Setembro Amarelo 2019 Av.II



Fonte: Produzida pela pesquisadora

Em relação aos resultados da campanha, é um trabalho realizado como conscientização para prevenção das pessoas, para a valorização da vida, não são estratégias para reduzir estatísticas, mesmo que isso possa acontecer. Sentimos falta de informações em relação à avaliação das campanhas anualmente, dos avanços ou retrocessos. Outro dado que precisaria ser revelado, seria o número de suicídios ocorridos no mês da campanha.

Instituições, empresas e sociedade civil, para se engajarem na campanha, a ABP, o CFM e a CVV, elaboraram diretrizes para serem seguidas a partir de 2017. A campanha traz, também, um material direcionado para profissionais da imprensa, combatendo a ideia de “Efeito de Werther”, falam, justamente, da divulgação necessária por esses profissionais, por isso um material específico para a imprensa, com os cuidados que se deve ter ao divulgar conteúdos de suicídios. A cartilha contém informações para prevenção, aborda desde a definição do suicídio, até questões relacionadas à qualidade de vida como forma de prevenção.

Na cartilha, os fatores de risco são destacados, inclusive os fatores sociais, estes estão relacionados ao afrouxamento ou rigidez dos laços sociais, inspirados na obra “O Suicídio” de Emilie Durkheim (1897), a campanha transporta para o contexto atual, “este conceito sociológico pode ser transposto para o nível individual, quanto menos laços sociais tem o indivíduo, maior o risco de suicídio” (SETEMBRO AMARELO, 2014, p. 22).

A cartilha evidencia as três características psicopatológicas que podem ser percebidas nos estados mentais de suicídio: ambivalência, impulsividade e rigidez. E descreve a mente do suicida como girando em torno do: intolerável (não suportar); inescapável (sem saída) e interminável (sem fim).

Quadro 16 - Características psicopatológicas suicidas

Características	
Ambivalência	Quando o desejo de morrer e viver se confundem na mente da pessoa. Querer morrer para sair do sofrimento, uma fuga dos problemas que atormenta, mas se for acolhida emocionalmente, o risco de cometer suicídio é reduzido.
Impulsividade	O suicídio, mesmo planejado, é gerado de um ato negativo, o impulso para realizar o ato tende a diminuir minutos ou horas depois. Eventos negativos do dia a dia podem desencadear suicídios, rejeição, recriminação, fracasso, perda de ente querido, dentre outros. Se a pessoa for acolhida durante a crise, de maneira adequada, o impulso pode ser interrompido.
Rigidez	O suicídio de apresenta como uma única maneira de resolver os problemas da vida. A pessoa se apresenta limitada, no sentido de pensar em caminhos, demonstra inflexibilidade. Sozinho não tem condições de encontrar outro caminho, sequer pensa na existência de alguma outra alternativa.

Fonte: Adaptado da Cartilha de Prevenção ao Suicídio, 2019, p.25

Essa cartilha traz informações necessárias para que os profissionais de imprensa possam trabalhar com a divulgação da temática, além de contribuir para desmistificar a ideia de que é proibido falar sobre suicídio, evitar o “efeito Werther”, com o cuidado que se deve ter ao abordar o assunto.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS PARA O MOMENTO

Considerações possíveis para o momento porque, fechar um trabalho que versa sobre uma temática tão delicada, que fala de muita dor e sofrimento, em um momento em que o mundo real, verdadeiro e que vivenciamos, também se encontra em um momento delicado, enfrentando a pandemia da Covid19, por conta de um vírus pouco conhecido, momento carregado de interrogações e cravado de muitas mortes diárias mundo afora, é por deveras angustiante, nós fragiliza, sensibiliza, humaniza. Ao mesmo tempo, sabemos da responsabilidade que é fazer uma investigação sobre variadas manifestações do *bullying*, tendo como consequência mais grave o suicídio das vítimas em idades escolares. Isso revelou a espinha dorsal de um problema gravíssimo que acomete as escolas em todo o mundo. Os alunos são atingidos em suas vidas para sempre, eles são exemplos tristes de como os desdobramentos desse problema pode impedir a existência de um futuro para nossos adolescentes.

Nessa pesquisa, as variadas manifestações do *bullying* e do suicídio foram constituídas a partir de análises de filmes ficcionais e videoreportagens apresentando os casos reais. Percebemos que os elementos presentes nas manifestações do *bullying* mostrados nesses filmes, também foram percebidos e retratados nas histórias verídicas mostradas nos vídeos. As histórias pesquisadas indicaram, que no contexto escolar, muitas situações de pequenos atos de violência praticados pelo agressor são despercebidas pela possível vítima, às vezes, um comentário ou uma brincadeira pode se configurar como espécie de testagem feita pelo agressor, para verificar se aquela pessoa reage ao ser intimidado ou demonstra medo. Se uma postagem ou comentário nas redes sociais intimidando ou depreciando sutilmente a vítima, for percebido por ela, é possível denunciado à política de privacidade do aplicativo. Pois nisso reside o ponto chave do *bullying*, demonstrar que não tem medo, denunciar ou contar para adultos, significará se tornar vítima ou não.

Nessas histórias pesquisadas, o medo foi posto como a primeira reação sofrida pelos adolescentes, após a primeira intimidação do agressor, seja via contato físico ou virtual. Acreditamos ser este o primeiro sentimento sentido pelas vítimas, isso foi percebido em todas as histórias, ficcionais ou verídicas. Com esse

sentimento, surge o questionamento: por que eu? Eu não acredito que isso esteja acontecendo comigo.

Muitas vezes, o agressor já fez a sua sondagem para ter a certeza de quem escolher e como agir, essa seleção inicial é o processo de escolha da vítima, a verificação de quem se encaixa no padrão estabelecido pelo agressor. Nesse primeiro momento, as vítimas sentiram medo das retaliações, de serem expostos diante da escola, família e amigos, no espaço real e/ou virtual. O medo paralisa, logo, não conseguiram revidar, as que tentaram, desistiram por perceber que não teriam sucesso.

Tanto no cinema como nas reportagens, todo o círculo do *bullying* e do cyberbullying foi concretizado, a constituição desse fenômeno foi apresentada com riqueza de detalhes. A maneira como as vítimas vivenciaram o *bullying* e o suicídio foram iniciadas pela demonstração do medo das perseguições, de sofrer mais agressões, de atizar a ira do agressor, dos colegas e da família descobrir, temor de se sentirem e ficarem humilhadas e envergonhadas. Omitir de todos quando as agressões se acentuaram, a crença de que ninguém acreditaria neles, na certeza de que o agressor negaria, foram amplamente vistos nesse material.

Após a etapa do medo, a pesquisa revelou a do sofrimento dessas vítimas, este foi tomado como aquele sentimento que acometeu as vítimas quando o processo do *bullying* já estava instaurado, é nessa fase que as intimidações de todas as formas ficam mais acentuadas, para em seguida se instaurar a fase da desistência, de lutar contra e de não acreditar que existe um outro caminho, restando apenas o suicídio.

Os adolescentes são seres agregados, precisam conviver em grupo, a própria sala de aula é uma constituição desses grupos, e foram nesses grupos que eles vivenciaram o sentimento negativo que acometeu suas vidas, física e mental. Todas as situações ocasionadas pelo processo intenso de *bullying* instauraram neles o sentimento de medo, tristeza, ansiedade, desencanto, revolta, frustração e depressão, desembocando também no sofrimento do corpo físico. Essas vítimas passaram a ter uma percepção distorcida deles próprios, uma visão negativa de si e do futuro, a crença na impossibilidade de um futuro faz com que não tenham planos, o tempo presente é doloroso, e as perspectivas futuras não têm chances de ocorrer. Eles buscaram com o suicídio matar a realidade, o sofrimento em que viviam, a vida para eles se tornou insuportável. Na realidade, as vítimas se descobrem

desarmadas diante da realidade vivenciada, não possuem estoque de conhecimento capaz de lidar com aquela situação específica, mas o agressor, ao contrário, se sente fortalecido por qualquer atitude de fragilidade demonstrada pela vítima.

É como se ao findar a dor dos filhos, ativa-se a dor dos pais, como uma forma de transferência, o suicídio da vítima passa a dor para a sua família, um legado de sofrimento. Essa sensação caracterizada pela angústia e tristeza é sentido por filhos e pais, numa espécie de sequência, ao encerrar o processo em um, inicia o novo ciclo em outros.

Do ponto de vista da família, no processo de sofrimento das vítimas e das famílias, o sofrimento é experimentado em forma de um turbilhão de emoções negativas, passam por verdadeiras provações. O sofrimento pode se apresentar em forma de: suplício, ansiedade, tormento, angústia, preocupação, martírio, tristeza, pesar, suplício, agonia, desgosto, amargura, aflição. Essas vidas vivenciaram verdadeiros calvários em momentos distintos. O suicídio encerra o sofrimento físico e mental da vítima e dá início ao ciclo da família.

O luto vivenciado por essas famílias é diferente das demais mortes, a elas acrescenta-se a culpa e a vergonha por aquela morte. Esse suicídio pode ser interpretado, para alguns, como uma falha e incompetência dessa família em lidar com os problemas do seu ente. Elas ficam em agonia ao tentarem entender o que motivou aquele ato, sentem raiva de si mesmas por não terem percebido o problema. Das famílias apresentadas nas videorreportagens tivemos um grupo que vivenciou o luto da maneira esperada e outro que criou no luto, espaço de luta.

As famílias em luto pelo suicídio entram em uma crise, precisam viver o luto e viver as implicações da vida normal, o mundo não parou, o seu mundo que sofreu mudança abrupta. São pessoas que demandam tempo para processarem a experiência dolorosa do suicídio e aprenderem a conviver com esse rompimento. Os familiares do suicida são vistos como sobreviventes, o suicídio foi um ato que marcou a vida familiar. Essa dor prolongada coloca essas famílias em situação de vulnerabilidade para a ocorrência de novos casos de suicídios. Elas precisam construir uma nova identidade familiar sem a presença física da pessoa que morreu, é um rearranjo familiar.

Nessa nova forma de ressignificar o contexto familiar, as famílias estrangeiras pesquisadas resolveram tornar a morte de seus entes como bandeira de luta, a tristeza virou grito clamando por justiça, não aceitaram que aquelas histórias fossem

encerradas com o suicídio, na realidade, o suicídio inaugurou uma nova fase. Mesmo consternadas, pensaram em proteger outros jovens, tomaram as histórias de seus filhos como exemplos que não deveriam ser seguidos, fizeram rearranjos em suas vidas para acolherem outras vidas, criam fundos e lutam.

Nos casos brasileiros, talvez essas famílias acreditassem que o suicídio fosse de fato, o fim, ou por constrangimento que seria revelar a história de seu ente, preferiram viver sua dor em silêncio. Admitir e lutar, omitir e se isolar, são caminhos possíveis de serem tomados, qualquer que seja o caminho encontrado pelas famílias, viverão com uma dor estigmatizada, carregada de preconceito no seu sofrimento prolongado.

Diante dessas situações, mesmo o papel da escola tendo mudado na contemporaneidade, ela ainda não conseguiu atender as demandas surgidas com a intensificação das tecnologias da informação, continuam voltadas para ensinamentos de conteúdos, desconhecem quem são seus estudantes, quem compõe suas salas de aula. Ainda não apresentam estratégias de combate à violência na escola que sejam condizentes com a realidade, que possam surtir algum efeito na vida desses jovens.

Em relação à incidência de *bullying* e suicídio, o que se espera da escola é que elas promovam a discussão e o debate desses temas com seus alunos, que tenham mecanismos de escuta para que eles possam se expressar, que sejam capazes de reconhecer um comportamento de risco manifestado pelos alunos, que não esperem a ocorrência de casos para tomarem providências, fato que aconteceu em todas as histórias pesquisadas.

A vivência das escolas nesses casos foi a de negação da ocorrência dos fenômenos ou a invisibilização. Muitas vezes, algumas medidas são tomadas, mas de forma fragmentada, apenas para pontuar que naquela escola o *bullying* é tratado, e o suicídio é um assunto proibido. Ações desse tipo não conseguem dar conta do problema maior, a necessidade de medidas mais abrangentes no contexto brasileiro é recorrente, que deem conta dos adolescentes e não apenas alunos da escola “a” ou “b”. É necessário e urgente restaurar a empatia e autoestima entre os pares na escola.

Acreditamos que a escola resiste a discussão da temática suicídio, pelo tabu que é envolto ao tema, a falsa ideia de que não se deve falar para não provocar repetição de casos, a questão da imagem da escola, algo como falar sobre suicídio

pode significar que ela vivencia o problema, portanto, afastaria a clientela, além da falta de preparo do corpo docente em discutir a questão. Portanto, discutir suicídio não faz parte da agenda da escola, mesmo com o aumento expressivo do número de casos de pessoas em idade escolar, são jovens que ficam a maior parte do seu tempo na escola, não existe a socializar com jovens na rua onde moram, com os parentes, devido a várias questões, então eles extravasam na escola e nas redes sociais.

A sociedade precisa reconhecer que esses problemas que podem ocorrer dentro e fora das escolas, que afeta os alunos em idade escolar, impedindo o processo de aprendizagem, impedindo que tracem trajetórias de vida. A partir desse reconhecimento, passaria a etapa de encaminhamentos, de colocar em prática as leis de combate já existentes. É urgente a necessidade de criar ações que consigam transformar os valores dos alunos, recuperar a compaixão, a solidariedade, a empatia, o respeito às diferenças com o outro, um trabalho conjunto da escola e família.

Não é uma batalha fácil, já que foi potencializada com a elevação do *bullying* tradicional ao *cyberbullying*, tudo que existia nos moldes tradicionais, ficou ainda muito mais grave no ambiente virtual. As escolas, nesse contexto, não conseguem agir com o problema ocorrendo dentro dos seus espaços, com a extrapolação dessas barreiras, apenas acumulam mais uma demanda.

No *cyberbullying*, mesmo não tendo sido ocasionado na escola, agressores e vítimas podem ser membros da escola, as consequências refletirão no ambiente escolar, atinge seus alunos, remete às consequências do problema para dentro da escola. O aluno vitimizado, com baixa autoestima, depressivo, não tem condições psicológicas de acompanhar o processo de aprendizagem, perde a capacidade de aprender aquilo que o professor apresenta.

Outra demanda é envolver as famílias nas ações, por mais difícil que seja (ausência de agenda, tempo escasso, omissão, etc.), saber que apenas uma pequena parcela estará disponível para os chamamentos da escola, mesmo sabendo que os pais nem sempre conseguem legitimar os sentimentos dos filhos, muitas vezes, não os conhecem.

O avanço que tivemos com as leis de combate ao *bullying* não se refletiu nos resultados, delegar às escolas a função de garantir a criação de medidas de conscientização e prevenção no combate ao *bullying* e não municia-la de

possibilidades de organização dessas ações, acaba por ser apenas um deslocamento do problema de uma esfera para outra. Não há dados que comprovem a efetividade das leis, uma avaliação.

Quando imaginamos que ainda estamos na fase de implantação de campanhas de conscientização do *bullying* e do suicídio, sabemos que ainda não avançamos, o reconhecimento da existência do problema pela sociedade é o primeiro ponto para se pensar na gravidade da ocorrência desses fenômenos. Isso revela o nosso atraso, portanto, nossas escolas não se encontram preparadas para elaborar programas com ações de combate que tenham, de fato, resultados positivos. Outra questão que remetemos é a falta de avaliação das campanhas existentes, não há divulgação de dados, não tivemos acesso a nenhuma avaliação realizada por nenhuma das campanhas sinalizadas aqui.

A luta é para que o *bullying* e o suicídio não se tornem casos de *bullying* e de suicídio. O problema precisa ser atacado ainda na esfera coletiva. O programa desenvolvido pela Finlândia mostrou a evolução de como já ultrapassaram a fase do reconhecimento do problema, já são ações realizadas, eles não resolveram ainda o problema definitivamente, mas estão reduzindo significativamente, têm o controle sobre ele.

Nas histórias pesquisadas, as ações protagonizadas pelas famílias representam o caminho que ainda precisamos percorrer, as ações existentes aqui são pulverizadas. E se falarmos especificamente do combate ao suicídio, ele só acontece no mês da campanha, a impressão que temos é que só se fala em suicídio na sociedade pela campanha “Setembro Amarelo”, é uma discussão mais geral do problema, vez ou outra é falado dele enquanto consequência do *bullying* e/ou *cyberbullying*, mas sem aprofundamento. Também não há dados disponíveis para avaliar os resultados da campanha.

Nos mecanismos utilizados para impulsionar a discussão, o cinema desempenha um importante papel, a riqueza de detalhes percebida nos dois filmes analisados em comparação com os casos verídicos foi inegável, falar de histórias ficcionais é menos doloroso do que de pessoas verídicas. Até porque, a intenção é a de discutir o tema social não a história de uma pessoa.

Ao concordarmos que o ato educativo ocorre de variadas formas e numa variedade de espaços sociais, ele não está restrito à sala de aula, logo, as maneiras de difusão do conhecimento imprimem novas formas de aprender e entender o

conhecimento. O cinema pode ser tomado como outra instância atrelado às transformações sociais, nele é possível reproduzir e reconstruir realidades do próprio mundo.

Oportuno dizer ainda que, assim como um filme pode ser carregado de mensagens que estão implícitas ou explícitas, concepções de racismo, sexismo, homofobia, etc., também pode trazer denúncias de problemas sociais. Como é o caso dos filmes analisados nessa pesquisa, trouxeram denúncias de casos de *bullying* e *cyberbullying* terminando em suicídios de adolescente.

Nessa pesquisa, o *bullying* foi constituído enquanto problema social grave, nas suas mais variadas formas de aparecimentos, quando se manifesta em forma do *cyberbullying*, a gravidade tende a aumentar, ultrapassam questões escolares, tanto em países ricos como em países pobres. Tanto o *bullying* quanto o suicídio não são restritos a estratos sociais baixos, a manifestação desses fenômenos não escolhe classe social, basta ter acesso a internet para que as possibilidades de revelação do fenômeno possam ser instauradas. O uso intenso de redes sociais torna o adolescente vulnerável, dentro e fora da escola, por desconhecer ou ignorar os perigos que uma postagem inocente pode provocar, não percebem que o espaço virtual é ilimitado e permanente, está sempre disponível. É isso que faz movimentar e potencializar essas comunicações, o jovem se expõe e não sabe lidar com as consequências dessas exposições.

Dentre essas implicações, o crescimento de casos de *bullying* entre adolescentes pode refletir no aumento de suicídios nesse mesmo grupo. A pesquisa revelou que o suicídio aparece como sendo uma das decorrências mais graves do *bullying*, ele é estabelecido como um problema social grave e de saúde pública, lidar com a questão é delicada, mas a necessidade de conhecimento e conscientização é urgente, as campanhas desenvolvidas pelos países colocam como prioridade coibir mortes que possam ser evitáveis.

Dessa forma, fazemos o seguinte exercício de reflexão que evidencia a nossa tese levantada inicialmente nessa pesquisa, a necessidade de reconhecimento e admissão da incidência e gravidade de *bullying* e *cyberbullying* ao público juvenil foi evidenciada nas histórias pesquisadas fora do Brasil, a busca por campanhas e programas de combate e prevenção foram demandados por aquelas famílias. Em relação aos casos brasileiros, percebeu-se um preconceito muito maior em admitir o problema, por vergonha, medo ou culpa, escolas e famílias se esquivam da

responsabilidade em admitir e discutir a gravidade desse problema. Isso reflete o estágio inicial em que nos encontramos, para essas famílias e escolas, o caso se encerra com o suicídio da vítima.

Reafirmamos a necessidade urgente de lutas contra todas as formas de incidência dessas violências, que vitimiza os jovens em idade escolar, para evitar que os suicídios ocasionados por esse problema, continuem ceifando vidas. Agindo na causa do problema, é possível colher resultados positivos, a redução da incidência do suicídio de adolescentes, as mortes praticadas por conta do *bullying* podem ser evitadas. Isso foi revelado pelas histórias pesquisadas. As famílias precisam construir processos para identificação de incidência de *bullying* com seus filhos, sendo vítimas ou agressores, considerando que ela exerce profunda importância na formação da personalidade dos filhos, precisa ser aliada da escola, esta, por sua vez, necessita reconhecer a importância da participação da família nessa batalha, e sobretudo, admitir a existência do fenômeno, para conseguir implantar medidas não apenas pontuais, projetos isolados, mas que façam parte da sua rotina anual. A escola precisa organizar um sistema de ações que contemplem resolver o problema da convivência entre os pares.

O não reconhecimento da relação do suicídio derivado do *bullying* deixa o agressor impune. A conduta desse provoca resultados na vida da vítima, o projeto de *bullying* aviado pelo agressor é fundamentado naquilo que ele valoriza e que tem interesse. As histórias apresentadas ratificam a existência do suicídio decorrente do *bullying* e *cyberbullying*, uma vez que provoca confusão mental na cabeça da vítima, levando-a à morte.

Ao longo dos estudos do suicídio, os homens adotaram meios mais letais e as mulheres, que culturalmente sempre tiveram seus impulsos reprimidos, usaram métodos menos agressivos. Com as vítimas de *bullying* não segue essa lógica, é muito comum o uso de meios mais letais, principalmente o enforcamento, o método que predominou nas histórias estudadas. Essa forma pode representar o momento da espetacularização daquela morte, onde é dito simbolicamente ao agressor, que aquela vítima estava liberta, ela impediu definitivamente qualquer possibilidade de suas práticas agressivas continuarem.

A escolha pela morte é a abolição do sofrimento na sua última possibilidade. A experiência revelada nos filmes e vídeos nessa pesquisa, expressa o que esses jovens são no momento em que escolhem o suicídio para acabar com o seu

sofrimento, vivenciam o sentimento de não serem aceitos e reconhecidos enquanto pessoas no grupo em que convivem, a sua existência não é reconhecida. São jovens descrentes da possibilidade de a vida ser vivida de outra maneira, com outro sentido, ao sair da vida, deixam de ser responsável por ela. Na condição de responsável pelo próprio destino, existe a possibilidade de escolhas, a vida é um processo permanentemente de escolhas, visando uma completude que é impossível de ser atingida.

É preciso dar visibilidade ao problema do *bullying* e *cyberbullying* sofrido por adolescentes em todas as suas formas de manifestações e ao suicídio ocasionado por ele. São pessoas que vivem um vazio existencial preenchido no mundo virtual, mostram-se frustrados com o mundo real, e, esse mundo virtual, não está disponível para acesso da família e de professores. Adulto não entra!

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. das G. (Coord.). **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.

_____. **Violência nas escolas** – versão resumida. Brasília: UNESCO Brasil, 2003.

_____. **Cotidiano das escolas**: entre violências. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, MEC, 2005, 404 p.

ABRAMOVAY, M. (Coord.). et al. **Conversando sobre violência e convivência nas escolas**. Rio de Janeiro: FLACSO - Brasil, OEI, MEC, 2012, 83p.

ABRAMOVAY, M. (Coord.). **Juventudes na Escola, Sentidos e Buscas: Por Que Frequentam?** Brasília: Flacso – Brasil – OEI – MEC, 2015, 346p. Disponível em: http://flacso.org.br/files/2015/11/LIVROWEB_Juventudes-na-escola-sentidos-e-buscas.pdf. Acesso em: 05 mai. 2019.

ADOLESCENTE confirma ter divulgado foto íntima de jovem no RS, diz polícia. **G1**. 20 nov. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/11/adolescente-confirma-ter-divulgado-foto-intima-de-jovem-no-rs-diz-policia.html>. Acesso em: 06 out. 2017.

ADOLESCENTE é encontrada morta após ter sua foto seminua publicada na Internet. **JCNET**. 20 nov. 2013. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/nacional/2013/11/394360-adolescente-e-encontrada-morta-apos-ter-sua-foto-seminua-publicada-na-internet.html>. Acesso: 06 out. 2017.

Adolescente morre ao se jogar de caixa d'água por sofrer bullying. **TV Minas**. 24 ago. 2019. Disponível em: https://tvminas.com/noticia-info/18396/Adolescente_morre_ao_se_jogar_de_caixa_dagua_por_sofrer_bullying. Acesso: 14 dez. 2019.

ALBUQUERQUE, P. P. de. Efeitos Tardios do Bullying e Transtorno de Estresse Pós-Traumático: Uma Revisão Crítica. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**. UNB, Brasília/DF, V.09, n.1, p.91-98, Jan-Mar-2013

ALMEIDA, M. A. de A. O Rito: Antropologia e Fenomenologia da Ritualidade. **Oráculo Revista de Estudos do Cristianismo Primitivo**, v., n.6, 2007. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/oracula/issue/view/347>. Acesso em: 20 jun. 2020.

ALMEIDA, A. F. **Efeito de Werther**. **Aná. Psicológica**. Lisboa, v. 18, n. 1, p. 37-51, 2000.

AMADO, João (Coord.). **Manual de Investigação Qualitativa em Educação**. Coimbra: Imprensa Universitária de Coimbra, 2014.

AMERICANA é condenada por trote na internet que provocou suicídio. **BBC Brasil**. 27 nov. 2018. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/11/081127_internetabusoml.shtml. Acesso: 28 mar. 2019.

ARENDR, Hannah. **Sobre a Violência**. Trad.: André Duarte. 7ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, 168p.

ARIOS830328. **Falsidade.com** – Megan Meier – Dublado. 2083. (01h21m14s). Postado em 25/01/018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UUoqPIJHZZo>. Acesso em: 28 mar. 2019.

ARON, R. **As Etapas do Pensamento Sociológico**. 5ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2000, 539p.

BALANÇO GERAL. Adolescente morre ao se jogar de caixa d'água por sofrer bullying. **Rede Record**. 2019. (05m36s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XJusng121fA&t=32s>. Acesso em: 14 dez. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BORGES, A. P. Megan e Josh: Um caso de veridicção. **Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre**. SEMIOTEC/FALE/UFMG. Belo Horizonte. 2011, v.3, n.2. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/2368/2323>. Acesso em: 20 mar. 2017.

CORRÊA, Alessandra. "Massacres geram efeito imitação, atiradores querem fama", diz psicólogo americano. **BBC BRASIL**. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43092981>. Acesso: 25 abr. 2018.

BERENCHTEIN NETTO, N. **Suicídio: Uma análise psicossocial a partir do Materialismo Histórico Dialético**. 182p., Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, PUC. São Paulo, 2007.

BERNARDES, Nara Mª. G. Análise compreensiva de base fenomenológica e o estudo da experiência vivida de crianças e adultos. **Educação**: Porto Alegre, v. 14, nº20, p. 15-40, 1991.

BÍBLIA, A. T. Juízes. In: **Bíblia On-line**: Antigo e Novo Testamento, v.13-16. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/>. Acesso em: 18 dez. 2019.

BÍBLIA, A. T. Hebreus. In: **Bíblia On-line**: Antigo e Novo Testamento, v.32-4. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/>. Acesso em: 18 dez. 2019.

BICUDO, M. A. V. Sobre a Fenomenologia. In: BICUDO, M. A. V.; ESPOSITO, V. H. C. (Orgs). **Pesquisa Qualitativa em Educação: Um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: UNIMEP, 1994, p. 15-22.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BOHNSACK, R. A interpretação de imagens segundo o método documentário. In: WELLER, W.; PFAFF, N. **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992. ed. 1999. p.15-20.

BOTEGA, N. J. Taxa de suicídio pode ser 20% maior do que mostram os dados oficiais. Mai.2017. VIANA, J. **Revista Galileu**. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/05/taxa-de-suicidio-pode-ser-20-maior-do-que-mostram-os-dados-oficiais.html> Acesso em: 15 ago. 2019.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **PORTARIA Nº 1.876, DE 14 DE AGOSTO DE 2006**. Institui Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio, a ser implantadas em todas as unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão. Brasília, ago. 2006. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt1876_14_08_2006.html. Acesso em: 13 dez. 2015.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei Nº13.185/2015, 06 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília, nov. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm. Acesso em: 13 dez. 2015.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei Nº13.663/2018, 14 de maio de 2018**. Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. Brasília, 14 de maio de 2018. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/14285938/do1-2018-05-15-lei-no-13-663-de-14-de-maio-de-2018-14285934/. Acesso em: 08 jul. 2018.

BRASIL, Presidência da República. Comissão de Assuntos Especiais. 03 abr. 2019. **Lei Nº1.819, de 26 de abril de 2019**, Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios; e altera a Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/30920297/publicacao/30920455>. Acesso em: 25 ago. 2020.

BULLYING: Provocações Sem Limites. Josetxo San Mateo. Espanha: Filmax, 2009. Disponível em: <https://youtu.be/xSk7-Whc0Y>. Acesso em 17 de jan. 2017.

Bullying: Happy Slapping. **Portal Educação**. 04 fev. 2013. Disponível em: portaleducacao.com.br/conteudo/artigo/educacao/bullying-happy-slapping/1789. Acesso em: 28 ago. 2020.

BURATTO, Emeelly. **Gianna Fabi**. 2014. (04m01s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vmCZecVQv-E>. Acesso em: 06 out. 2017.

CÂMARA, A. da S. et al. A Sociologia da Arte e as Representações Sociais no Cinema Documentário. In: **XV Congresso Brasileiro de Sociologia**, Dez/2009. Disponível em: www.olhodahistória.org/n13/artigo. Acesso: 28/09/2014.

CÂMARA, A. da S.; JESUS, A. de. O marxismo e a arte cinematográfica. **Anais do 5º Colóquio Internacional**. Novembro/2007. Disponível em: http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt6/sessao3/Antonio_Camara.pdf. Acesso em: 28 set. 2014.

CARMO-ROLDÃO, I. C. do. et al. O espaço do documentário e da vídeoreportagem na televisão brasileira: uma contribuição ao debate. **Contracampo**: PPGCOM-UFF, n.17, 2007.

CBA002NEWS. Menina se enforca após ter foto íntima divulgada na internet. **Cidade Alerta**. 2013. (03m48s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K2c0hI8i5hg&t=29s> Acesso: 06/10/2017.

CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA (CVV). **Campanha Setembro Amarelo**, 2016. Disponível em: <http://www.setembroamarelo.org.br/>. Acesso em: 23 maio 2017.

CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da violência - 2017**. Rio de Janeiro: IPEA; São Paulo: FBSP, 2017. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/artigo/26/armas-de-fogo-e-suicidios>. Acesso em: 06 jun. 2017.

CHARLOT, Bernard; ÉMIN, Jean-Claude (Coords.). **Violences à l'école . état des savoirs**. Paris: Masson & Armand Colin éditeurs, 1997.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber – elementos de uma teoria**. Porto Alegre: Artemed, 2000.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

CHESNAIS, J. C. **Histoire de la violence em Occident de 1800 a nos jours**. Paris: Robert Laffont Editor, 1981.

DAIRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, 2007, vol. 28, n.100, p. 1105-1128. Disponível em: www.cedes.unicamp.br/. Acesso em 05 mai. 2019.

DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia?** São Paulo: Centauro, 2005.

DEBORD, G. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Disponível em: <http://www.geocities.com/projetoperiferia>. Acesso em: 14 mai. 2018.

DURKHEIM, É. **O Suicídio**. Tradução: Andréa Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os Outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

Estudante de 12 anos comete suicídio em Vitória após sofrer bullying na escola. **UOL**. 02 mar. 2012. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2012/03/02/estudante-de-12-anos-comete-suicidio-em-vitoria-apos-sofrer-bullying-na-escola.htm>. Acesso em: 05 abr. 2018.

EUROPE1. **“Aujourd” hui, les bons élèves sont stigmatisés**. 2013. (12m42s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k2uaPAKW53E>. Acesso em: 10 nov. 2017.

FACULDADE LATINO-AMERICANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - FLACSO. **Estável, suicídio entre jovens ainda é quarta causa de morte no Brasil**. Brasília, 10 de maio de 2018. Disponível em: <http://flacso.org.br/?p=21350> Acesso em: 21 jul. 2018.

FACULDADE LATINO-AMERICANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS -FLACSO. **Violência atinge 42% dos alunos da rede pública**. Brasília, 26 de março de 2016. Disponível em: <http://flacso.org.br/?p=14965> Acesso em: 14 jul. 2017.

FARAH, Marise Helena Silva. O corpo na escola: mapeamentos necessários. **Paidéia**. Ribeirão Preto/SP, V.20, n.47, p.401-410, set-dez., 2010.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 7ª ed. Campinas: Verus Editora, 2012.

_____. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.

FANTE, C; PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FBSP – FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/9o-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/>. Acesso em: 20 out. 2016.

_____. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2017**. São Paulo: FBSP, 2017. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/11o-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/>. Acesso em: 05 mai. 2018.

FRAISSE, N. **Marion; 13 Ans Pour Toujours**. França: Calmamm-Levy, 2015.

_____. Foi difícil quebrar o tabu em torno da violência escolar e da ciberviolência. Entrevista concedida a Carolina Morais. **Revista Estante-Fnac**. Fev.2017. Disponível em: <http://www.revistaestante.fnac.pt/13-anos- sempre-marion-historia-bullying/> Acesso em: 11 dez 2019.

FREAK TV. **Amanda Todd – Muitos Culpados**. 2018. (10m29s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6DILq4ZHEP4>. Acesso em: 13 dez. 2018.

FRICK, L. T. **Estratégias de prevenção e contenção do bullying nas escolas: as propostas governamentais e de pesquisa no Brasil e na Espanha**, Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2016. 272p.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Pesquisa do UNICEF**: Mais de um terço dos jovens em 30 países relatam ser vítimas de bullying online. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/mais-de-um-terco-dos-jovens-em-30-paises-relatam-ser-vitimas-bullying-online/> Acesso em: 27 out. 2019.

_____. **A cada 7 minutos, uma criança ou um adolescente morre vítima da violência**. 01/11/2017. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/pt/media_37371.html. Acesso em: 10 fev. 2018.

GARDIES, R. **Compreender o Cinema e as Imagens**. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2008.

GAUER, R. M. C. (Org.). **A fenomenologia da Violência**. Curitiba: Juruá, 2011.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GLASSNER, B. **Cultura do Medo**. Trad. Laura Knapp. São Paulo: Francis, 2003, 44p.

GROPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes moderna**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000, 308p.

HUSSERL, E. **A Ideia da Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1986.

_____. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

HACKERS localizam responsável por suicídio de adolescente que sofria bullying na internet. **R7 NOTÍCIAS**. 17 out. 2012. Disponível em: <http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/noticias/hackers-localizam-responsavel-por-suicidio-de-adolescente-que-sofria-bullying-na-internet-20121017.html?question=0>. Acesso em: 13 jun. 2017.

JUCÁ, J. Adolescente morre ao se jogar de caixa d'água por sofrer bullying. **Notícias - R7**. 22 ago. 2019. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/adolescente-morre-ao-se-jogar-de-caixa-dagua-por-sofrer-bullying-22082019>. Acesso em: 14 dez. 2019.

KAWABE, A. L. Japão registra 3 suicídios de menores e uma tentativa com fim das férias escolares. **Revista Alternativa**. 02/09/2017. Disponível em:

<http://www.alternativa.com.jp/Noticia/View/71177/Japao-registra-3-suicidios-de-menores-e-uma-tentativa-com-fim-das-ferias-escolares>>. Acesso em: 17 dez. 2017

KENPACHI. **A história de Amanda Todd**. 2012. (08m51s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gikbgGOE5II&t=434s&bpctr=1593922878>. Acesso em: 16 nov. 2017.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003, 240p.

_____. **Antropologia da dor**. São Paulo: Unifesp, 2013, 248p.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2003, p.137-155.

LUKACS, G. **Estética I**. Barcelona: Grijalbo, 1982.

MARION, 13 ans pour toujours. Direção: Bourlem Guerdjou. França: Zyllo Producteur, 2016, 89min. Disponível em: <https://www.filmsonline.stream/filmes/523387-marion-13-ans-pour-toujours>. Acesso em: 11 dez. 2019.

MARQUES, M. Entenda o caso de Amanda Todd, a adolescente que cometeu suicídio por sofrer bullying. **UOL**. 26 out. 2012. Disponível em: <https://todateen.uol.com.br/amanda-todd-suicidio-por-sofrer-bullying/>. Acesso em: 13 jul. 2017.

MARTINS, Jose de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MEGAN MEIER FOUNDATION. We work to create a world where bullying and cyberbullying no longer exist. Disponível em: <https://meganmeierfoundation.org/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

MEIER, M.; ROLIM, J. **Bullying sem blá-blá-blá**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2013.

MENEGON, E. N. **Imagens e Narrativas Midiáticas**: Análise de Vídeos do You Tube. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, Marília-SP, 152 p., 2013.

MENUCELLI, Giovanna. **The Sextortion of Amanda Todd**. 2014. (45m). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RkOYcMrI4o&t=2259s>. Acesso: 16 nov. 2017.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MICHAUD, Y. **A violência**. Tradução L. Garcia. São Paulo: Editora Ática, 1989.

Ministério da Educação. **Brasil no PISA 2015**: análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros / OCDE-Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. São Paulo: Fundação Santillana, 2016. Disponível em :http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa2015_completo_final_baixa.pdf>. Acesso em: 05 maio 2018.

MORAES, A. C. **A Escola Vista Pelo Cinema**. Porto, Videtur, v.1, p.35-8, 2003. Disponível em: http://www.filmes.seed.pr.gov.br/arquivos/File/Aescola_vistapelocinema.pdf. Acesso em: 07 set. 2016.

MORAN, J. M. Os Novos Espaços de Atuação do Professor com as Tecnologias. **Revista Diálogo Educacional**, v. 4, n. 12, p. 13-21, jul. 2004. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/6938>. Acesso em: 11 jan. 2020.

MORIN, E. **O cinema ou o homem imaginário**. Lisboa: Moraes, 1970.

NASCIMENTO, Guta. O caso Megan Meier. **Migrante Digital Blog**. 30 nov. 2008. Disponível em: <http://migrantedigital.blogspot.com/2008/11/o-caso-megan-meier.html>. Acesso em: 20 mar. 2017.

NASSIF, L. Bullying leva estudante a cometer suicídio. **Jornal GGN**. 08 mar. 2012. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/politicas-sociais/educacao-politicas-sociais/bullying-leva-estudante-a-cometer-suicidio/>. Acesso em: 05 abr. 2018.

NICHOLS, B. A voz do documentário. In: RAMOS, Fernão Pessoa (Org.). **Teoria Contemporânea do Cinema**: Documentário e narrativa ficcional. São Paulo, SP: Editora Senac, 2005.

NUNES, E. D.. O Suicídio: reavaliando um clássico da literatura sociológica do século XIX. **Cad. Saúde Pública**. 1998, vol.14, n.1, pp.7-34. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1998000100002> Acesso: 20 jun. 2020.

OLWEUS, D. **Aggression in the Schools: Bullies and Whipping Boys**. Washington: Hemisphere Pub. Corp.; New York: Halsted Press, 1978.

_____. Bully/victim problems among schoolchildren: Basic facts and effects of a school based intervention program. In: PEPLER, D. J.; RUBIN, K. H. (Eds.). **The development and treatment of childhood aggression**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1991.

_____. **Bullying at school**: What we know and what we can do. Maiden, MA: Black-Well Publishing, 1993, 140 p.

_____. **Conductas de acoso y amenaza entre escolares**. 3ª ed. Madrid: Ediciones Morata, 2006.

_____. **Olweus Bullying Protection program**: The bullying circle, 2013, Disponível em: <https://antibullyingsabad.eu/wp-content/uploads>. Acesso em: 10 mar. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: OMS, 2002.

Organização das Nações Unidas (ONU). **OMS: Suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos no mundo**. Brasília; 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/oms-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo/>. Acesso: 19 nov. 2016.

_____. **Pesquisa da ONU mostra que metade das crianças e jovens do mundo já sofreu bullying**. Brasília; 2017. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pesquisa-da-onu-mostra-que-metade-das-criancas-e-jovens-do-mundo-ja-sofreu-bullying/>. Acesso em: 10 ago. 2018.

_____. **UNICEF: um terço dos jovens em 30 países relata ser vítima de bullying online**. Brasília; 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/unicef-um-terco-dos-jovens-em-30-paises-relata-ser-vitima-de-bullying-online/>. Acesso: 27 out. 2019.

ORNELLAS, M. de L.; RADEL, D. C. (coord.). **Violência na escola: grito e silêncio**. Salvador: EDUFBA, 2010.

ORPINAS, P.; HORNE, A. M. **Bullying prevention: creating a positive school climate and developing social competence**. Washington, DC: American Psychological Association, 2006.

PENAFRIA, M. Análise de filmes – conceitos e metodologia (s). **VI SOPCOM**. Lisboa, abril de 009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf> .Acesso em: 24 mar. 2019.

PERFEITO, R. S. et al. Caso Amanda Todd: uma oportunidade de refletir o cyberbullying na escola. **Educação Física em Revista**. 2015, v.9, n.1, p.3-53. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/view/5436>. Acesso em: 22 mar. 2017.

PORTO, M. S. G. **Sociologia da Violência do Conceito às Representações Sociais**. São Paulo: Editora Francis, 2010.

QUEM é o culpado do suicídio da garota de Varenópolis? **Carta Capital**. 21 nov. 2013. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/midiatico/o-suicidio-da-adolescente-de-veranopolis-e-nossa-culpa-6036/>. Acesso em: 06 out 2017.

RADOMETV. **Megan Meier Story**. 2013. (01h45m01s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0IVUI5R3xxA>. Acesso em: 13 jul. 2017.

RAMOS, F. P. **Mas afinal... O que é mesmo Documentário?** São Paulo, SP: Editora Senac, 2013.

ROSE, D. Análise de imagem em movimento. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2003, p.343-364.

SBT ONLINE. Menina no RS comete suicídio após invasão de privacidade. **Conexão Reporter**. 2015. (07m20s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nWXLsw33mxQ>. Acesso em: 06 out. 2017.

SCHUTZ, A. Bases da fenomenologia. In: WAGNER, H. (org.). **Fenomenologia e relações sociais**: textos escolhidos de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **Sobre Fenomenologia e Relações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SILÊNCIO Rompido. John Stimpson. Estados Unidos: MarVista Entertainment, 2012. Disponível em: <https://youtu.be/zZwh2K5cnsU>. Acesso em 17 de jan. 2017.

SILVA, A. B. B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, M. M. da. **As Representações Sociais do Suicídio na Trama da Comunicação**. 1992. 135p. Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, PUC-SP, São Paulo, 1992.

SOUZA, S. R. M. (org.). **Fenomenologia e Educação**. Salvador: EDUNEB, 2012.

SPÓSITO, Marília P. A instituição escolar e a violência. **Cadernos de Pesquisa: Revista de Estudos e Pesquisas em educação**. São Paulo, n. 104, 1998.

SUICÍDIO abre debate sobre cyberbullying no Canadá. **G1**. 16 out. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/10/suicidio-abre-debate-sobre-cyberbullying-no-canada.html>. Acesso em: 13 jul. 2017.

SUICÍDIO entre crianças e adolescentes no Japão atinge maior número em três décadas e alarma autoridades. **BBC Brasil**. 07 nov. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-46117074>. Acesso: 25 ago. 2020.

TAUSSIG, Michael. **Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem**: um estudo sobre o terror e a cura. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

TEIXEIRA, C. M. F. da S. A escola como espaço de prevenção ao suicídio de adolescentes: relato de experiência. **Revista da Faculdade de Educação da UFG**. V.27, N.01, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/1509/1496>. Acesso em: 21 maio 2016.

TER SUCESSO. Antes de se matar, garoto deixa carta para GUGU realizar seu sonho. **RedeTV**. 2013. (04m15s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OdMo0tcFe_k. Acesso em: 05 abr. 2018.

TOGNETTA, L. R. P. Violência na escola: os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos. In: PONTES, A.; LIMA, V. S. de. **Construindo saberes em educação**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2005.

TOKARNIA, Mariana. Um a cada dez estudantes no Brasil é vítima frequente de bullying. **AGÊNCIA BRASIL**. PISA. Abr.2017. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-04/um-em-cada-dez-estudantes-no-brasil-e-vitima-frequente-de-bullying>. Acesso em: 09 jun. 2017.

VALWEX. **Hommage à Marion**. 2016. (03m16s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vMyHMXssu1Y>. Acesso: 10 nov. 2017.

VELASQUEZ, Lizzie. **Mãe fala sobre sua filha que cometeu suicídio por sofrer bullying**. 2017. (03m17s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lxw5VFIZWrU>. Acesso: 10 fev. 2018.

VIANA, Júlio. Taxa de suicídio pode ser 20% maior do que mostram os dados oficiais. **REVISTA GALILEU**. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/05/taxa-de-suicidio-pode-ser-20-maior-do-que-mostrar-os-dados-oficiais.html>. Acesso em: 06 dez. 2017.

ZALUAR, A.; LEAL, M. C. Violência Extra e Intramuros da Escola. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol.16, nº45. São Paulo, fev. 2001.

ANEXOS

ANEXO 1 – Lei Nº 13.185, de 6 de novembro de 2015

Presidência da República

Casa Civil

Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015.

Vigência Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (**Bullying**).

A **PRESIDENTA DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º Fica instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (**Bullying**) em todo o território nacional.

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (**bullying**) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

§ 2º O Programa instituído no **caput** poderá fundamentar as ações do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, bem como de outros órgãos, aos quais a matéria diz respeito.

Art. 2º Caracteriza-se a intimidação sistemática (**bullying**) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda:

- I - ataques físicos;
- II - insultos pessoais;
- III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos;
- IV - ameaças por quaisquer meios;
- V - grafites depreciativos;
- VI - expressões preconceituosas;
- VII - isolamento social consciente e premeditado;
- VIII - pilhérias.

Parágrafo único. Há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (**cyberbullying**), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.

Art. 3º A intimidação sistemática (**bullying**) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como:

- I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente;
- II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;
- III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;
- IV - social: ignorar, isolar e excluir;
- V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;
- VI - físico: socar, chutar, bater;
- VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem;
- VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social.

Art. 4º Constituem objetivos do Programa referido no **caput** do art. 1º :

- I - prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (**bullying**) em toda a sociedade;
- II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;
- III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;
- IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;
- V - dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;
- VI - integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo;
- VII - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua;
- VIII - evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil;
- IX - promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (**bullying**), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por

alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar.

Art. 5º É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (**bullying**).

Art. 6º Serão produzidos e publicados relatórios bimestrais das ocorrências de intimidação sistemática (**bullying**)

) nos Estados e Municípios para planejamento das ações.

Art. 7º Os entes federados poderão firmar convênios e estabelecer parcerias para a implementação e a correta execução dos objetivos e diretrizes do Programa instituído por esta Lei.

Art. 8º Esta Lei entra em vigor após decorridos 90 (noventa) dias da data de sua publicação oficial.

Brasília, 6 de novembro de 2015; 194º da Independência e 127º da República.

DILMA ROUSSEFF

Luiz Cláudio Costa

Nilma Lino Gomes

ANEXO 2 – Lei Nº 13.663, de 14 de maio de 2018

www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13663.htm 1/1

Presidência da República**Secretaria-Geral****Subchefia para Assuntos Jurídicos****LEI Nº 13.663, DE 14 DE MAIO DE 2018.**

Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O **caput** do art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido dos seguintes incisos IX e X:

“Art. 12.

IX - promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (**bullying**), no âmbito das escolas;

X - estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas.” (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 14 de maio de 2018; 197º da Independência e 130º da República.

MICHEL TEMER

Rosseli Soares da Silva

Gustavo do Vale Rocha

ANEXO 3 – Portaria Nº1.876, de 14 de agosto de 2006

Ministério da Saúde

Gabinete do Ministro

PORTARIA Nº 1.876, DE 14 DE AGOSTO DE 2006

Institui Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio,

a ser implantadas em todas as unidades federadas,

respeitadas as competências das três esferas de

gestão.

O MINISTRO DE ESTADO DA SAÚDE, no uso de suas atribuições, e

Considerando a Constituição Federal, no capítulo saúde, em seus artigos 196 a 200 e as Leis Orgânicas da Saúde nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, e nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990;

Considerando que o fenômeno do suicídio é um grave problema de saúde pública, que afeta toda a sociedade e que pode ser prevenido;

Considerando a importância epidemiológica do registro do suicídio e das tentativas de suicídio em todo o território nacional;

Considerando a importância epidemiológica e a relevância do quadro de co-morbidade e transtornos associados ao suicídio e

suas tentativas, em populações vulneráveis, tais como: indivíduos com transtornos psíquicos, especialmente as depressões;

indivíduos que já tentaram suicídio; usuários de álcool e outras drogas; populações residentes e internadas em instituições

específicas (clínicas, hospitais, presídios e outros); adolescentes moradores de rua, gestantes e/ou vítimas de violência sexual;

trabalhadores rurais expostos a determinados agentes tóxicos e/ou a precárias condições de vida; indivíduos portadores de

doenças crônico-degenerativas; indivíduos que convivem com o HIV/AIDS e populações de etnias indígenas, entre outras;

Considerando o aumento observado na frequência do comportamento suicida entre jovens entre 15 e 25 anos, de

ambos os sexos, escolaridades diversas e em todas as camadas sociais; Considerando o impacto e os danos causados pelo

suicídio e as tentativas nos indivíduos, nas famílias, nos locais de trabalho, nas escolas e em outras instituições;

Considerando a possibilidade de intervenção nos casos de tentativas de suicídio e que as mortes por suicídio podem ser

evitadas por meio de ações de promoção e prevenção em todos os níveis de atenção à saúde;

Considerando a necessidade de organizar uma rede de atenção à saúde que garanta linha de cuidados integrais no manejo dos

casos de tentativas de suicídio, com vistas a reduzir o dano do agravo e melhorar o acesso dos pacientes ao atendimento

especializado, quando necessário;

Considerando a importância do suporte oferecido pelas organizações da sociedade civil na área de Prevenção do Suicídio,

como os Centros de Crise e outros;

Considerando os custos elevados dos procedimentos necessários às intervenções após as tentativas de suicídio;

Considerando a necessidade de promover estudos e pesquisas na área de Prevenção do Suicídio;

Considerando o papel importante dos meios de comunicação de massa por intermédio das diversas mídias no apoio à

prevenção e no tratamento humanizado dos casos de tentativas;

Considerando os Pactos pela Saúde, em suas três dimensões: Pela Vida, em Defesa do SUS e de Gestão, estabelecidos pela

Portaria nº 399/GM/MS, de 2006 e a recomendação da Organização Mundial da Saúde de que os Estados-Membros

desenvolvam diretrizes e estratégias nacionais de prevenção do suicídio; e

Considerando a Portaria nº 2.542/GM, de 22 de dezembro de 2005, que instituiu Grupo de Trabalho com o objetivo de

elaborar e implantar a Estratégia Nacional de Prevenção ao Suicídio, resolve:

Art. 1º Instituir as Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio, a ser implantadas em todas as unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão.

Art. 2º Estabelecer que as Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio sejam organizadas de forma articulada entre o

Ministério da Saúde, as Secretarias de Estado de Saúde, as Secretarias Municipais de Saúde, as instituições acadêmicas, as

organizações da sociedade civil, os organismos governamentais e os não-governamentais, nacionais e internacionais,

permitindo:

I - desenvolver estratégias de promoção de qualidade de vida, de educação, de proteção e de recuperação da saúde e de prevenção de danos;

II - desenvolver estratégias de informação, de comunicação e de sensibilização da sociedade de que o suicídio é um problema de saúde pública que pode ser prevenido;

III - organizar linha de cuidados integrais (promoção, prevenção, tratamento e recuperação) em todos os níveis de atenção, garantindo o acesso às diferentes modalidades terapêuticas;

IV - identificar a prevalência dos determinantes e condicionantes do suicídio e tentativas, assim como os fatores protetores e o desenvolvimento de ações intersetoriais de responsabilidade pública, sem excluir a responsabilidade de toda a sociedade;

V - fomentar e executar projetos estratégicos fundamentados em estudos de custo-efetividade, eficácia e qualidade, bem como em processos de organização da rede de atenção e intervenções nos casos de tentativas de suicídio;

VI - contribuir para o desenvolvimento de métodos de coleta e análise de dados, permitindo a qualificação da gestão, a disseminação das informações e dos conhecimentos;

VII - promover intercâmbio entre o Sistema de Informações do SUS e outros sistemas de informações setoriais afins, implementando e aperfeiçoando permanentemente a produção de dados e garantindo a democratização das informações; e

VIII - promover a educação permanente dos profissionais de saúde das unidades de atenção básica, inclusive do Programa Saúde da Família, dos serviços de saúde mental, das unidades de urgência e emergência, de acordo com os princípios da integralidade e da humanização.

Art. 3º Determinar à Secretaria de Atenção à Saúde do Ministério da Saúde (SAS/MS), em conjunto com outras áreas e agências do Ministério da Saúde, que adote as providências necessárias para a estruturação das Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio instituídas por esta Portaria.

Art. 4º Determinar à Secretaria de Atenção à Saúde que constitua um Grupo de Trabalho, a ser instituído por portaria específica, para propor a regulamentação dessas diretrizes no prazo máximo de 120 (cento e vinte) dias.

Art. 5º Determinar que a regulamentação dessas diretrizes seja apresentada e pactuada no âmbito da Comissão Intergestores Tripartite - CIT.

Art. 6º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

JOSÉ AGENOR ÁLVARES DA SILVA
Saúde Legis - Sistema de Legislação da Saúde

ANEXO 4 – LEI Nº1.819, de 26 de abril de 2019

**Presidência da República
Secretaria-Geral
Subchefia para Assuntos Jurídicos**

LEI Nº 13.819, DE 26 DE ABRIL DE 2019

Vigência

Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios; e altera a Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Esta Lei institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, pelos Estados, pelos Municípios e pelo Distrito Federal.

Art. 2º Fica instituída a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, como estratégia permanente do poder público para a prevenção desses eventos e para o tratamento dos condicionantes a eles associados.

Parágrafo único. A Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio será implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, e com a participação da sociedade civil e de instituições privadas.

Art. 3º São objetivos da Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio:

- I – promover a saúde mental;
- II – prevenir a violência autoprovocada;
- III – controlar os fatores determinantes e condicionantes da saúde mental;
- IV – garantir o acesso à atenção psicossocial das pessoas em sofrimento psíquico agudo ou crônico, especialmente daquelas com histórico de ideação suicida, automutilações e tentativa de suicídio;
- V – abordar adequadamente os familiares e as pessoas próximas das vítimas de suicídio e garantir-lhes assistência psicossocial;
- VI – informar e sensibilizar a sociedade sobre a importância e a relevância das lesões autoprovocadas como problemas de saúde pública passíveis de prevenção;
- VII – promover a articulação intersetorial para a prevenção do suicídio, envolvendo entidades de saúde, educação, comunicação, imprensa, polícia, entre outras;
- VIII – promover a notificação de eventos, o desenvolvimento e o aprimoramento de métodos de coleta e análise de dados sobre automutilações, tentativas de suicídio e suicídios consumados, envolvendo a União, os Estados, o Distrito Federal, os Municípios e os estabelecimentos de saúde e de medicina legal, para subsidiar a formulação de políticas e tomadas de decisão;

IX – promover a educação permanente de gestores e de profissionais de saúde em todos os níveis de atenção quanto ao sofrimento psíquico e às lesões autoprovocadas.

Art. 4º O poder público manterá serviço telefônico para recebimento de ligações, destinado ao atendimento gratuito e sigiloso de pessoas em sofrimento psíquico.

§ 1º Deverão ser adotadas outras formas de comunicação, além da prevista no caput deste artigo, que facilitem o contato, observados os meios mais utilizados pela população.

§ 2º Os atendentes do serviço previsto no caput deste artigo deverão ter qualificação adequada, na forma de regulamento.

§ 3º O serviço previsto no caput deste artigo deverá ter ampla divulgação em estabelecimentos com alto fluxo de pessoas, assim como por meio de campanhas publicitárias.

Art. 5º O poder público poderá celebrar parcerias com empresas provedoras de conteúdo digital, mecanismos de pesquisa da internet, gerenciadores de mídias sociais, entre outros, para a divulgação dos serviços de atendimento a pessoas em sofrimento psíquico.

Art. 6º Os casos suspeitos ou confirmados de violência autoprovocada são de notificação compulsória pelos:

- I – estabelecimentos de saúde públicos e privados às autoridades sanitárias;
 - II – estabelecimentos de ensino públicos e privados ao conselho tutelar.
- § 1º Para os efeitos desta Lei, entende-se por violência autoprovocada:
- I – o suicídio consumado;
 - II – a tentativa de suicídio;
 - III – o ato de automutilação, com ou sem ideação suicida.

§ 2º Nos casos que envolverem criança ou adolescente, o conselho tutelar deverá receber a notificação de que trata o inciso I do caput deste artigo, nos termos de regulamento.

§ 3º A notificação compulsória prevista no caput deste artigo tem caráter sigiloso, e as autoridades que a tenham recebido ficam obrigadas a manter o sigilo.

§ 4º Os estabelecimentos de saúde públicos e privados previstos no inciso I do caput deste artigo deverão informar e treinar os profissionais que atendem pacientes em seu recinto quanto aos procedimentos de notificação estabelecidos nesta Lei.

§ 5º Os estabelecimentos de ensino públicos e privados de que trata o inciso II do caput deste artigo deverão informar e treinar os profissionais que trabalham em seu recinto quanto aos procedimentos de notificação estabelecidos nesta Lei.

§ 6º Regulamento disciplinará a forma de comunicação entre o conselho tutelar e a autoridade sanitária, de forma a integrar suas ações nessa área.

Art. 7º Nos casos que envolverem investigação de suspeita de suicídio, a autoridade competente deverá comunicar à autoridade sanitária a conclusão do inquérito policial que apurou as circunstâncias da morte.

Art. 8º (VETADO).

Art. 9º Aplica-se, no que couber, à notificação compulsória prevista nesta Lei, o disposto na Lei nº 6.259, de 30 de outubro de 1975.

Art. 10. A Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 10-C:

“Art. 10-C. Os produtos de que tratam o inciso I do caput e o § 1º do art. 1º desta Lei deverão incluir cobertura de atendimento à violência autoprovocada e às tentativas de suicídio.”

Art. 11. Esta Lei entra em vigor após decorridos 90 (noventa) dias de sua publicação oficial.

Brasília, 26 de abril de 2019; 198º da Independência e 131º da República.

JAIR MESSIAS BOLSONARO

Sérgio Moro

Abraham Bragança de Vasconcellos Weintraub

Luiz Henrique Mandetta

Damara Regina Alves

André Luiz de Almeida Mendonça